

Alphonse Daudet

A Evangelista

Tradução de
José de Sousa

Edição de
Beatriz Saraiva
Beatriz Mazzeti
Érica Abraços
Marco Monteiro
Ronaldo Neves

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2017
1

ÍNDICE

Nota editorial

I - A avó

II - Um funcionario

III - Elina Ebsen

IV - Horas Matinaes

V - O Palacio Autheman

VI - A Eclusa

VII - Porto Salvador

VIII - O Testemunho da Watson

IX - No Alto da Costa

X - O Retiro

XI - Um Rapto

XII - Romão e Sylvanira

XIII - Ricos de mais

XIV - Ultima Carta

XV - No Oratorio

XVI - O banco de Gabriella

**XVII - Amemo-nos muito... e nunca mais
nos separemos**

Nota editorial

O autor

Alphonse Daudet nasceu em Nîmes, em França, numa família pertencente à burguesia francesa, cujo sustento era o comércio de tecidos, até este falir quando Alphonse tinha 17 anos. Lecionando inicialmente em Alès, partiu em 1857 para Paris onde iniciou a sua carreira de escritor.

Em 1858, publicou uma compilação de poemas denominada *Les Amoureuses*, influenciado pelo grupo de escritores do *Le Félibrige*, fundado em 1854, de que fez parte. Entre 1860 e 1865 desempenhou a função de secretário do Duque de Morny, no jornal *Le Figaro*, escrevendo, na mesma altura, poesia e teatro. A obra que lhe garantiria o sucesso literário, *Lettre de Mon Moulin*, foi publicada

em 1869. A convivência com escritores naturalistas de Paris, como Émile Zola e Goncourt, entre outros, influenciou-o a produzir um conjunto de obras satíricas baseadas em aspetos quotidianos da vida parisiense.

Dedicou a vida à literatura até 1882, ano em que a saúde começou a abandoná-lo. Morreu prematuramente aos 57 anos, em Paris, no ano de 1897, vítima de uma «ataxia incurável».

A obra

A obra *A Evangelista* foi publicada no contexto de uma rápida propagação em França do protestantismo, que se estendeu um pouco por todo o século XIX. Pouco conhecida em Portugal, esta obra assume a crítica a todo o processo de evangelização, mas de um ponto de vista pouco habitual, ou seja, o ponto de vista

protestante. Embora na atualidade as questões religiosas sejam diferentes, elas têm um lugar crescente na nossa atenção. Por isso nos pareceu pertinente reeditar este livro.

O livro-fonte

O livro-fonte desta reedição encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, com a cota L. 99257 P. É um livro pequeno, de capa verde escura, onde o título e o nome do autor foram escritos a letra dourada. No interior, a primeira página tem três carimbos que indicam a propriedade da Biblioteca Nacional, bem como outras informações relativas à localização dentro da biblioteca. Foi aqui também lançada a lápis a data em que provavelmente foi adquirido pela biblioteca: 1927. Na margem inferior da página 65, encontra-se impresso o número 3, e em outras margens noutras páginas,

torna-se recorrente uma numeração, provavelmente relacionada com a organização dos cadernos.

No final da página 201 do livro-fonte, encontra-se um carimbo indiscernível, tal como na página 202, embora bastante mais esbatido. Na página 255, é possível ver um vago contorno incompleto, de um possível carimbo redondo. Já na página 256 existe a marcação de dois carimbos redondos, que mostram ser marcas de pertença — Um dos carimbos diz *Biblioteca Popular de Lisboa* e o outro diz *Biblioteca Nacional*.

A editora desta tradução é a *Parceria António Maria Pereira*, uma editora portuguesa, fundada em 1848 por *António Maria Pereira*, na época sob o nome *Livraria António Maria Pereira*. A edição contém a informação de que a livraria editora,

oficinas tipográficas e de encadernação, foram movidas a eletricidade, na Rua Augusta, n.º 44 a n.º 54 — Lisboa. Este livro foi traduzido por José de Sousa, sobre o qual não encontramos nenhuma informação biográfica. Também não encontramos nenhuma outra tradução que lhe fosse atribuída.

Normas de transcrição

Na transcrição do livro-fonte, observaram-se as normas que se seguem. Conservaram-se todas as características ortográficas do livro-fonte, os tamanhos de letra relativos do corpo do texto, títulos e subtítulos (incluindo gralhas); mantiveram-se os itálicos, negritos, versaletes e versais. Conservou-se igualmente a marcação de parágrafo com avanço da primeira linha; manteve-se o tipo de aspas («xxx»); os acentos e notas de rodapé, exatamente como se

encontram no livro-fonte; e a alternância entre maiúsculas e minúsculas.

Não se conservaram a mudança nem a numeração de páginas nem as páginas em branco. O índice do livro-fonte foi substituído por um índice inicial com hiperligações. Também não se mantiveram as páginas de guarda, nem os espaços entre as palavras e os sinais de pontuação; nem as informações sobre onde o livro-fonte foi impresso.

Começámos cada capítulo do livro numa página nova, o que não acontece no livro-fonte, mas eliminámos o apontamento gráfico com que é assinalado o fim de cada capítulo.

Normalizámos o espaçamento irregular entre palavras e substituímos a sequência de capitular e maiúscula pela sequência de maiúscula e versalete. Não reproduzimos os títulos correntes.

Bibliografia

Alphonse Daudet - Estante de Livros.
Consultado a 30 de outubro de 2016.

Brunetière, Ferdinand, (1883). Revue littéraire - L'Évangéliste de M. Alphonse Daudet. Revue des Deux Mondes, 55, 916-929.
Consultado a 30 de outubro de 2016.

I

A avó

ERA n'uma casa pequena da rua Val-de-Grâce; voltára-se do cemiterio, ao declinar do dia. Fôra o enterro da avó; e, agora que se fechára a porta sobre os amigos, que se retiraram, as duas, madame Ebsen e sua filha, sentem mais fundamente todo o horror de sua mágoa, agora que se viam sós na modesta casinha, onde o mais insignificante objecto lhes recorda a ausente. Formára-se um como vacuo.

Além mesmo, em Montparnasso, quando a terra, escancarando-se, lhes roubava tudo, a noção do irreparavel e a angustia da separação eterna não haviam sido tão vivamente sentidas, como agora, n'aquelle vão da janella, junto da poltrona sem ninguem.

Era como se a avó tivesse morrido segunda vez.

Madame Ebsen cahira para cima d'uma cadeira; e alli estava sem se mexer, acabrunhada no seu lucto de lã, sem animo até para tirar o chale e o chapéu.

O veu de crépe, eriçado de pontas rijas, cobria-lhe a physionomia ampla, sulcada pelas lagrimas. E, assoando-se com estrondo e enxugando os olhos inchados, enuméra em voz alta as virtudes da finada, a sua bondade, a sua alegria, a sua coragem; entrecortado tudo por episodios de sua propria vida e da de sua filha.

Era um desabafo enorme, a ponto de qualquer estranho que fosse admittido a este *vocero* burguez, ficar conhecendo a fundo a historia d'estas tres mulheres. Saberria que mr. Ebsen, um engenheiro de Copenhague, arruinado por amor dos seus inventos, viera para Paris, havia vinte

annos, a fim de obter o privilegio de invenção de um relógio electrico.

Não correram as coisas de feição, e o inventor morreu, deixando a mulher na hospedaria só com a velha mamã, e pobre a ponto de não saber como haver-se no proximo parto.

Ah! o que succederia então, se não fosse a avó e seu valente pequenino crochet. Trabalhava com ardor de dia e de noite, em toalhas, em guipuras feitas á mão, obra pouco conhecida em Paris, ao tempo, e que a velha dinamarqueza ia corajosamente offerecer aos armazens de obra miuda.

E conseguiu assim manter a casa, e arranjar ama para a pequenita Elina. Mas quanta obra não foi precisa, quantas d'aquellas rendas finissimas em que se lhe ia perdendo a vista. Querida, querida avó... E o *vocero* desenvolveu-se, cortado

por soluços, por palavras infantis que ocorrem á boa mulher, na dôr da sua orphandade.

A pronuncia estrangeirada, o seu francez pesado de Copenhague, não corrigido por vinte annos de Paris, dão ás suas expressões uma nota ingenua de profundo enternecimento.

A magoa da filha é menos expansiva.

Pallida, com os dentes cerrados, gira activamente pela casa. O seu aspecto é calmo, os gestos firmes e um tanto lentos, e a sua estatura ampla e flexivel no seu triste vestido preto, onde se destacam bastos cabellos loiros; e tudo envolto na frescura dos seus dezenove annos. Sem ruido, como habil dona de casa, ateou o lume, que se apagára quasi, durante a sua ausencia; correu as cortinas, accendeu o candieiro, desentorpeceu a pequena sala do frio e da escuridão que alli encontraram, ao entrar. Em seguida, e sem que a mãe cessasse de fallar e de soluçar, tirou-lhe o

chapeu e o chale; calçou-lhe umas pantufas bem quentes, a substituir as botas ensopadas e pesadas, ainda, com a terra dos mortos.

E, pela mão, como a uma creança, foi-a levando e sentou-a á mesa; a terrina, pintada de flores, fumegava ao centro, entre dois pratos trazidos do restaurant. Madame Ebsen resiste. Comer, isso, sim! Não tem vontade; e, á vista d'aquella banquinha, d'aquelle terceiro talher que falta...

— Não, Lina, não posso, não posso.

— Sim, sim, é preciso.

Lina quiz jantar alli desde a primeira noite, e não mudar em coisa alguma os seus habitos, sabendo como no dia seguinte seriam mais crueis de retomar. E como ella andou ajuizadamente, esta meiga e rasoavel Lina. O ar tepido da casa que se reanima com a dupla claridade da luz e do fogo, infiltra-se n'aquelle pobre coração de madame Ebsen transido e amedrontado. Como

sempre acontece depois das crises que anniquilam, a mãe come com appetite feroz; e a pouco e pouco, as suas idéas, sem mudarem d'objecto, vão-se modificando e dulcificam-se. Resta a plena certeza de tudo se ter feito, para que avó fosse feliz, e que nada lhe faltasse até ao ultimo dia. E que allivio não é, n'estes momentos terriveis, o ver-se rodeada de sympathias! Que de gente no modesto enterro! A rua parecia negra de gente. Das suas antigas discipulas, Leonia d'Arlot, a baroneza Gerspach, Paula e Luiza de Lostande, nem uma faltára.

Teve-se até o que os ricos hoje não obteem nem por oiro nem por prata, um discurso do pastor Aussandon decano da faculdade de theologia, Aussandon, o grande orador da Egreja reformada, e que, havia quinze annos, Paris não ouvia. Como era bello o que elle então disse da familia; como era commovedor ao fallar d'esta corajosa avó,

expatreado-se, vergando já ao pezo dos annos, para acompanhar os filhos e não os deixar um só dia.

«Ah! nem um dia...» suspira M.^{me} Ebsen, no seu mau francez. E as palavras do pastor arrancam-lhe novas lagrimas, e, estendendo os braços para a filha, que se approximava d'ella diligenciando tranquillisal-a, apertou-a n'um grande abraço, e diz-lhe com força: «Amêmo-nos muito, Linasinha, não nos separemos nunca...»

Muito chegada a ella, encostando-se-lhe aos cabellos grisalhos, Elina, n'uma longa caricia, responde com ternura, mas baixinho para não chorar: «Nunca! tu bem sabes que nunca...»

O calor, a refeição, tres noites sem dormir, e tantas lagrimas!

Ei-la que dorme agora, a pobre mãe. Elina gira d'um lado para o outro, sem bulha, levanta a mesa, e arruma um pouco a casa, revolvida por esta partida terrivel e inesperada. E' este o seu modo

de entorpecer a dôr, n'uma actividade maternal. Mas quando chegou áquelle vão de janella, com a cortina constantemente erguida, e onde costumava estar dia e noite a pobre velha, faltou-lhe a coragem para guardar todos estes pequenos objectos que conservam o vestigio d'um habito, e como que meio gastos pelos dedos trémulos que os manejavam: a tesoura, os oculos fóra do estojo, marcando a pagina de um volume de Andersen, o crochet ás avessas n'uma obra começada, a sahir para fóra da gaveta da pequena meza, e a touca de renda, collocada no fecho da janella, com as fitas côr de malva desatadas e pendentes.

Elina pára e medita. Toda a sua infancia está ligada áquelle canto. Foi alli que avósinha lhe ensinou a lêr e á cozer: Emquanto M.^{me} Ebsen andava por fóra a dar as suas lições de allemão, a pequena Lina ficava alli sentada, n'aquelle banquinho, aos pés da velha dinamarqueza, que

lhe falava do seu paiz, e lhe contava as lendas do norte e lhe cantava a canção do «rei Christiano», pois seu marido fôra capitão de navios. Mais tarde, quando Elina soube por sua vez ganhar a vida, era ainda alli que ella se sentava, ao entrar. A avó, vendo-a no seu logar de pequenita, continuava a fallar-lhe com a mesma protectora ternura; e nos ultimos annos, tendo-se enfraqucido um tanto o espirito de anciã, acontecia-lhe confundir a filha com a neta, chamar a Elina «Isabel» era o nome de Madame Ebsen, e fallar lhe do seu defuncto marido, misturando assim ambas as personalidades, que no coração não eram mais do que um e o mesmo affecto, uma dupla maternidade. Uma palavra fazia-a reconhecer o engano; ella então punha-se a rir. Oh! acabára-se; Elina não o veria mais, aquelle riso angelico, riso de creança, entre as pregas da pequena touca.

E esta idéa tira-lhe toda a coragem. As lagrimas, que ella retém desde manhã, por causa de sua mãe e tambem por pudor, por delicadeza, por que a opprimia toda esta compaixão que a rodeava, as lagrimas escapam-se-lhe violentamente, com soluços, com suspiros, e, suffocando, foge para o quarto do lado.

Aqui, a janella está aberta de par em par. Entra a noite, cortada por lufadas de vento molhadas, que sacodem o luar claro de março, como que fragmentando-o, muito branco, por sobre a cama desmanchada, e as duas cadeiras ainda em frente uma da outra, e sobre as quaes se alongava de manhã o caixão, durante a allocução do pastor, feita no domicilio, segundo o rito lutherano. No quarto murtuario não ha desordem, nenhum d'estes preparativos que revelam que o doente esteve por longos tempos de cama, que nos fallam dos horrores da doença. Sente-se a surpresa, o

anniquilar do ente em algumas horas; e a avó, que apenas lá entrava para dormir, encontrou alli um somno mais profundo, uma noite mais extensa, nem mais nem menos. Não gostava ella d'este quarto, «muito triste» dizia, cheio de silencio, que os velhos detestam e d'onde apenas se viam arvores, o jardim do sr. Aussandon, em seguida e por detraz o dos surdos mudos, e o campanario de S. Jayme do Alto Passo; nada; verdura apenas por cima das pedras, o verdadeiro encanto de Paris. Mas a dinamarqueza preferia o seu cantinho, com o movimento e vida, da rua. Aqui, Elina já não chora. A sua dôr como que sobe por esta janella, que se dilata e se acalma. Parece-lhe o caminho tomado pela vida querida que desapareceu; olha lá para cima, procurando, nas nuvens algodoadas, nas pallidas abertas que rasgam o céu.

«Mãe, estás ahi? Vês-me?» Chama-a por muito tempo, baixinho; falla-lhe, com intonações

de prece... Em seguida, dão horas em S. Jayme. No Val-de-Grâce, as arvores sussurram, sacudidas pelo vento da noite; ouve-se um silvo de comboio, e a corneta do tramway que passam por sobre o ruído continuo de Paris... Elina retirou-se da varanda, onde, encostada, murmurava a oração; fecha a janella, e torna a entrar na sala, onde a mãe continúa dormindo o seu somno de creança; que suspiros profundos a sacodem. E, diante d'esta physionomia honesta, onde se destacam rugas de bondade, e uns olhos que as lagrimas haviam diminuindo, Lina pensa na abnegação d'esta excellente creatura tão delicada, no pesado encargo de familia que ella sobre si tomou e que cumpriu com tanta valentia como jubilo: a pequenina a crear, a casa a sustentar, responsabilidades de homem, e nem uma colera, nem uma queixa. O coração de Lina trasborda de ternura, de reconhecimento; tambem ella se dedicará

completamente a sua mãe, e mais uma vez lhe jura «ama-la muito, e nunca mais a deixar».

N'isto batem devagarinho á porta. E' uma pequenita de sete a oito annos; trazia um avental preto de collegial, os cabellos corredios atados muito á frente, por uma fita clara.

— E's tu, Fanny — diz Elina, no limiar da porta, receiosa de acordar madame Ebsen, — esta noite não ha lição.

— Ah! bem sei, menina, — diz, e vae lançando os olhos curiosos para o logar da avó, a fim de vêr como é, quando se está morto. E accrescenta que bem sabia não haver lição, mas o papá quizera ainda assim, que ella subisse, e que as viesse abraçar, por causa do grande desgosto.

— Oh! como és delicada, minha joia!

E tomou entre as mãos a cabeça da creança, e estreitou-a com verdadeira ternura: «Adeus,

minha Fanny, vem amanhã, sim? Espera que te allumie, que a escada está escura».

E, debruçando-se com o candieiro alto para guiar até á porta a pequenita que móra lá em baixo, viu alguém que estava esperando, na sombra.

— E' o senhor Lorie?

— Sim, menina, sou eu que estou aqui... Avia-te, Fanny. E com timidez, erguendo os olhos para aquella mulher joven e bella, de cabellos loiros, que irradiam com a luz, elle explica n'uma phrase longa e polida, preparada como um ramilhete de lucto de primeira classe, que não ousára vir elle mesmo trazer-lhe outra vez o tributo... das suas condolencias; depois, bruscamente, e rompendo com toda esta banalidade solemne:

— Creia, menina Elina, que de todo o coração me associo á sua dôr.

Tomou a creança pela mão; Elina entra para casa. E as duas portas, a do rez-do-chão e a do

primeiro andar, fecham-se, com movimento igual e com emoção idêntica.

II

Um funcionario

HAVIA já uns quatro ou cinco mezes que os Lories habitavam a casa. E na rua do Val-de Grâce, uma rua de provincia com os seus mexericos de porta de rua, com os seus muros conventuaes galgados por grandes arvores a sua calçada onde os cães, gatos e pombos retouçam sem receio dos carros, o abalo de curiosidade, motivado pela instalação d'esta familia estranha, não se acalmara ainda.

Por uma manhã de outubro, debaixo de fortes cordas d'aguas, um verdadeiro dia de mudança, tinham-nos visto chegar. O pae, alto, de lucto carregado, fumo no chapéu, e, apezar de moço, envelhecido pelo seu ar serio, a bocca apertada entre suissas administrativas. Vinham com elle duas creanças; um rapazito dos seus doze annos,

que trazia na cabeça um bonet á marinheira com ancoras e galão dourados, e uma menina, pela mão da criada, queimada do sol como os amos, vestida de lucto e com uma toca á moda do Berry.

Seguia-os uma carroça do caminho de ferro, carregada de caixas, de mallas e de fardos empilhados.

E os moveis? perguntou o guarda-portão, ao installar os inquilinos. A creada respondeu mui tranquillamente que não havia.

Foi necessario contentarem-se com esta informação, porque o quartel estava pago adeantadamente.

Mas onde dormiam elles?

Onde comiam? E para se sentarem? Eram outros tantos enigmas difficeis de decifrar, porque a porta mal se entreabria; e se as janellas não tinham cortinas, as portas estavam sempre fechadas para o lado da rua e do jardim. De certo

não era do dono da casa, severo e apertado até ao pescoço na sua longa sobrecasaca, que havia a esperar pormenores; além d'isso, nunca lá estava; sahia de manhã muito azafamado, levando uma pasta de coiro debaixo do braço. E só voltava á noite. Emquanto ao raparigão, com ares de ama de leite, que os servia, dava um certo geito lateral ás saias, e voltava tão bruscamente as costas ás indiscripções, que toda a gente se mantinha a distancia. Na rua, o rapaz caminhava na frente d'ella, e a pequena ia-lhe agarrada ao vestido.

Quando ia ao lavadouro, com uma trouxa de roupa sobre os robustos quadris, deixava as creanças em casa, dando duas voltas á chave. Visitas não as recebiam elles. Apenas duas ou tres vezes por semana apparecia por lá um homemsito de chapéu preto, de palha, assim uma especie de marinheiro, ou vagabundo da borda-d'agua, amarellento, d'olhos scintilantes e sempre com

um grande cabaz na mão. N'uma palavra, nada se sabia d'elles, a não ser que o dono da casa se chamava Lorie Dufresne, como o testemunhava um cartão de visita pregado na porta:

Carlos-Lorie Dufresne

Sub-prefeito em Cherchell Provincia d'Alger

em parte riscada á penna, como que de má vontade.

Fôra com effeito demittido nas seguintes circumstancias. Nomeado para a Algeria em fins do Imperio, Lorie-Dufresne devêra ao estar tão afastado o conservarem-n'o sob o novo regimen. De resto, não tinha convicções bem solidas, como a grande maioria dos nossos conviccionarios, e estava disposto a dar á Republica as mesmas provas de zelo que dera ao Imperio, uma vez que o conservassem no emprego. A vida barata n'um

paiz admiravel; para a sub-prefeitura, um palacio, onde, n'um terraço, sobranceiro ao mar, havia pomares de laranjeiras e bananeiras ás suas ordens, toda uma nuvem de chaouchs, spahis, cujos mantos, longos e vermelhos, pareciam tomar o vôo, a um gesto seu, abertos e incendiados como azas de flamingos; cavallos de sella e de tiro fornecidos pelo Estado, por causa das grandes distancias que tinha de percorrer; confessemos que tudo isto valia bem alguns sacrificios de opinião.

Mantido no cargo, no Dezeseis de Maio, Lorie não viu a sua posição ameaçada senão depois da sahida de Mac Mahon, mas foi ainda escapando graças ao seu novo prefeito, Mr. Chemineau. Este Chemineau, antigo advogado de Bourges, finorio e frio, muito malieavel, dez annos mais velho que Lorie-Dufresne, então conselheiro de prefeitua, fôra para Lorie-Dufresne o typo ideal, adoptado pela gente moça no começo da vida, que, sem o

saber, se molda por elle, n'uma idade em que se torna preciso copiar alguém ou alguma coisa. Afeiçãoou a sua bella figura pela d'elle; tornou-se, como elle, impertigado, aspecto pretencioso; imitou-lhe o sorriso discreto, o talhe das suissas, e até o saltitar da luneta na ponta do dedo. Quando, passado muito tempo, se tornaram a encontrar na Algeria, pareceu a Chemineau rever a imagem da sua mocidade, mas com alguma coisa de ingenuo e de sincero no olhar, que elle, prefeito, não tivera nunca; foi a esta mui lisongeira similhaça que Lorie deveu, sem duvida, a protecção d'este solteirão, tão secco, tão aprumado e inexoravel como o papel sellado dos seus antigos processos.

Infelizmente, depois de estar algum tempo em Cherchell, madame Lorie cahiu doente, uma d'estas crueis feridas de mulheres, que as ferem nas proprias origens da vida; feridas que se desenvolvem rapidamente n'aquelle clima

excessivo, onde tudo fermenta e cresce terrivelmente. Sob pena de morrer dentro d'alguns mezes, era necessario voltar a França, onde uma atmospherá humida poderia prolongar, salvar mesmo aquella existencia tão preciosa a uma familia inteira. Lorie queria pedir a transferencia; obstou a que o fizesse o prefeito.

O ministerio esquecia-se d'elle; escrever era extender o pescoço «Tenha paciencia... Quando eu atravessar o mar, leva-lo-hei comigo».

A pobre senhora partiu sósinha, e foi hospedar-se em Amboise, na Touraine, em casa de uns primos afastados. Não pôde mesmo levar os filhos consigo. Os velhos Gailletons nunca haviam sido paes, detestavam as creanças, receando que ellas, similhantes a uma nuvem de gafanhotos ou a qualquer horda malfazeja, lhes invadissem a casa pequena e aceiadinha. Foi necessario resignar-se e separarem-se; a occasião

era propicia, pois assim se obtinha um bom sitio, sob um céo maravilhoso; estaria como que em familia, e o dispendio era menor que n'um hotel.

Além d'isso, seria por pouco tempo, pois não era Chemineou homem que desejasse envelhecer na Algeria. «E eu atravessarei o mar com elle» dizia Lorie Dufresne, que ruminava as palavras do chefe.

E assim se passaram mezes; a doente ia perdendo as esperanças, sem o marido, sem os filhos, entregue ás rabugices idiotas dos donos da casa, e aos tormentos surdos do seu mal. Todas as semanas escrevia cartas que despedaçavam o coração; e sempre os mesmos queixumes, «meu marido... meus filhos...»

Todas as quintas feiras, dia de correio, a carta que atravessára o mar, ia fazer estremecer profundamente, até ás extremidades da Suissa, ao pobre sub-prefeito, que, d'oculo em punho, estava espreitando do terraço do club o paquete que

vinha de França. A um ultimo apello, mais pungente que os outros, tomou uma grande deliberação: embarcou para ir ter com o ministro, parecendo-lhe que tal passo era menos perigoso que uma carta. Ao menos, uma pessoa falla e defende-se; além do que, é mais facil assignar de longe uma sentença de morte, do que pronuncia-la em frente do condemnado. Lorie racionára bem. Por acaso, o ministro era um bom homem, que a politica não corrompêra ainda por completo, e que se commoveu ao ouvir a pequena história de familia, perdida entre montões de papellada ambiciosa.

«Volte para Cherchell, meu caro senhor Lorie... Na primeira occasião, creia que o seu negocio está certo.

Como não ia contente, o sub-prefeito, ao transpôr a grade da praça Beauveau, e saltando para o trem que o conduzia á gare para tomar o expresso de Touraine! Foi menos alegre a chegada a casa dos

Gailletons. Sua mulher recebeu-o sentada na chaise-longue, d'onde nunca se tirava, passando os dias a olhar tristemente para a enorme torre do castello de Amboise, que, arredondada e massiça, se erguia, negra, em face da sua tristeza de captiva. Havia algum tempo que já não estava em casa dos Gailletons, mas ao lado, com os seus «rendeiros» encarregados de tratar da vinha, junto ao jardim.

Como se aggravasse a doença, madame Gailleton receiara, pelo sobrado e pelos moveis, o vae-vem dos cuidados, os remedios que põem nodoas, o azeite da lamparina. O facto é que, de manhã á noite, a boa da mulher não largava o espanejador, nem a escova, nem o pedaço de cera, e passava a vida limpando os soalhos, sempre esbotada, desgrenhada, e, com uma saia verde, horrorosa, alli a viam de gatas a limpar a sua querida casa, verdadeiro typo de pequena propriedade provinciana, muito branca e garrida,

tendo em cada janella o cocár vermelho de um geranio. O homem era quasi egualmente soffregado pelo seu jardim; e, guiando o sub-prefeito ao logar onde estava a doente, ia-lhe fazendo admirar o alinhamento militar das orlas de plantas, e as flores tão luzidias como se por ellas tivesse passado o espanejador da dona da casa: «E o primo bem comprehende, que não tinha geito nenhum andarem creanças por aqui... Mas chegámos a casa da prima...»

«Vae encontra-la bem mudada».

Oh! sim, e muito pallida, as faces encovadas, como que desbastadas á faca, e adivinhando--se, emmagrecido e sem feitio, por baixo do grande e largo vestido, o seu corpo coroido pela chaga; Lorie, todavia, não deu logo por isso, porque a alegria de vêr o esposo estremecido a fizera córar, rejuvenescendo-a e vivificando-a, como aos vinte annos. Como ambos se abraçaram calorosamente,

quando se viram sós, pois Gailleton voltára para a sua jardinagem. Emfim, ella o tinha, alli, alli o via com os seus proprios olhos, e não morria sem abraçar um dos seus. E as creanças, Mauricio, Fanny? A Sylvanira, a ama, tinha bastante cuidado n'ella? Deviam estar crescidos. Aquella malvadez, de não lhe consentirem ter comsigo ao menos a pequenita Fanny.

E depois, mui chegada e baixinho, pois ouviam o ancinho de Gailleton por baixo da janella:

«Oh! leva-me, leva-me d'aqui! Se tu soubesses quanto me aborreço aqui, sosinha, e quanto aquella grande torre me atabafa! Parece-me ser ella que me não deixa vê-los». E o egoismo miudinho d'aquelles velhos maniacos, o seu sobresalto quando a mezada chegava um dia mais tarde, o assucar e o pão por conta, os dedos grossos da «rendeira» que a magoavam quando a levava para a cama, tudo ella contava e

desabafava os rancores da sua consumição de um anno. Lorie tranquillisava-a, respondendo-lhe com raciocinios muito sensatos, mas no fundo bem agitado, e profundamente dolorido estava elle com o que lhe ouvia. E repetia-lhe as palavras tranquillisadoras do ministro:

«Na primeira remodelação de pessoal...»

E, havia certo tempo a esta parte, que as reformas não eram raras. Dentro de um mez, de oito dias, ou talvez mesmo no dia seguinte, veriam a sua nomeação no *Diario*. E então choviam os projectos de installação, uma completa miragem de felicidade, de saude, de engrandecimento, de fortuna, como a sabia imaginar este extraviado na administração, que de Chemineau não tomára senão a bocca desaffrontada de barba, e a mascara d'importancia. E ella ouvia-o, com a cabeça enconstada ao hombro d'elle, embalava-se n'aquellas perspectivas risonhas e esforçava-se

por acreditar, não obstante os embates surdos da molestia, que minavam lá por dentro.

No dia seguinte, por uma d'estas ligeiras e claras manhãs das margens do Loire, almoçavam elles, com a janella aberta, a doente ainda na cama, e deante d'ella os retratos dos filhos, quando a escada de madeira da casa rustica rangeu com o pezo dos sapatos ferrados do primo. Trazia na mão o *Diario* que recebia por habito de velho escrivão do tribunal de commercio, e que lia respeitosamente da primeira á ultima linha:

«Pois é verdade! houve o tal movimento e o primo foi demittido».

E disse isto brutalmente, não tendo já a deferencia da vespera por um empregado superior do Estado. Lorie agarrou no jornal e logo o largou para correr para junto de sua mulher, cuja physionomia tomára uma côr terrosa de agonia.

— Não, não... houve engano, é um erro.

Ia passar o expresso. Dentro de quatro horas estaria no ministerio e tudo se explicaria. Mas ao vê-la tão transtornada, com a morte pintada no rosto, elle assustou-se e quiz esperar a visita do médico. «Não, parte já...» E, para o decidir, jurou achar-se melhor, abraçou o com ancia á despedida, tranquillizando-o mais um pouco com o vigor de seus braços.

N'aquelle dia Lorie Dufresne chegou muito tarde á praça Beauvau. No dia seguinte, s.ex.^a não recebia. Admittido ao terceiro dia, depois de esperar duas horas, achou-se em presença, não do ministro, mas de Chemineau, installado, de fraque, tal qual como se estivesse em sua casa.

— Oh! sim, meu amigo, sou eu. Cá estou desde esta manhã... E tambem cá estaria se tivesse dado ouvidos ao que eu lhe dizia... Mas não, o sr. preferiu vir entregar-se... que isto ao menos lhe sirva de lição.

— Mas eu cuidava... Tinha-me promettido...

— O ministro foi obrigado a isso. O senhor era o ultimo sub-prefeito do Dezeseis de Maio... e veiu metter-se na bocca do lobo.

Conservavam-se de pé, um em frente do outro, com as suas grandes suissas face a face, talhadas do mesmo modo e do mesmo comprimento, as suas lunetas saltando nas extremidades do mesmo dedo, conservando entre si a distancia que vae de uma copia a um quadro de auctor. Lorie pensava na mullher e nos filhos. Era o seu unico recurso, aquelle logar. «Que devo agora fazer»? perguntava elle a si mesmo como se o estrangulassem. Chemineau quasi teve dó d'elle, incitou-o a que viesse, uma vez por outra, ao ministerio. Haviam-lhe dado a direcção da imprensa. Talvez que um dia o podesse collocar na sua repartição.

Lorie entrou no hotel, com o desespero no fundo d'alma. Esperava-o alli um telegramma datado de Amboise: «Venha dopressa... está moribunda».

Por mais depressa que andasse, alguém se lhe antecipou; e quando chegou, sua mulher já estava morta; morrêra sósinha, entre os dois Gailletons, longe de tudo quanto amava, e com a agonia do dia de amanhã, para aquelles pobres entes adorados e foragidos. O' politica sem entranhas!

Retinha-o em Paris a promessa de Chemineau. Além d'isso, que ia elle fazer á Africa? Trazer as creanças? A creada se encarregaria d'isso, bem como de regularisar algumas contas miudas, acondicionar os papeis pessoaes, os livros, o vestuario, visto que o restante, quasi tudo, a mobilia, roupas, baixella pertencia ao Estado. Sylvanira merecia esta confiança, estando, havia doze annos, ao serviço da familia; quando Lorie,

recem-casado, era apenas conselheiro de prefeitura, haviam-n'a tomado como ama do primeiro filho, apesar de victima recente da triste aventura commum ás raparigas do campo. Um alumno da escola de artilheria seduzira-a e abandonou-a, deixando-lhe um filho, que morreu. Caso raro: aquella caridade humana e singela teve a sua recompensa. Os Lories tiveram na sua creada a dedicação ingenua e absoluta de uma robusta e bella rapariga, d'ahi para o futuro ao abrigo de surpresas, e descontente do amor — ah! sim, o amor... uma maca e o hospital; — além d'isso, orgulhava-se de servir alguém do governo, um patrão que usava farda bordada e chapéu de pasta.

Com aquella apparencia de facilidade e solidez com que fazia todas as coisas, Sylvanira desempenhou-se d'aquella grande viagem, complicada demais a mais com uma liquidação

mais difficil do que Lorie julgava, pois foi necessario a creada sacrificar as suas economias.

A' sahida do wagon, quando ella emergiu da multidão, trazendo pela mão os dois orphãos vestidos com o seu lucto novo, houve um d'estes pungentes e pequeninos dramas, como a toda a hora os ha nas gares, por entre o barulho dos carrinhos e os empurrões dos carregadores e dos homens da alfandega.

Quer-se um homem fazer torre deante de gente, sobretudo quando tem um bom par de suissas á Chemineau, finge occupar-se de musicas materiaes; mas as lagrimas correm da mesma fórma, e molham as palavras mais banaes.

— E as bagagens? perguntou Lorie a Sylvnira, soluçando; e Sylvanira, mais commovida ainda, respondia espaçadamente «que eram muitas, que Romão as mandaria... pela pequena velocidade...

«Oh! então, sim, se é Romão...» Queria elle dizer que «sendo elle, seria bem feito...»

Mas as lagrimas embargaram-lhe a voz. As creanças, essas, não choravam, aturdidas ainda com a longa viagem, e, além d'isso, muito novas para avaliarem o que tinham perdido, e como é triste não poder mais dizer «mamã» áquella que tudo perdôa.

Pobres pequenos algerianos; como Paris lhes pareceu sinistro, a elles, que passavam do azul, do sol, e da vida livre d'além, para o quarto de um hotel, n'um terceiro andar na Rua do Passeio Publico, quarto entenebrecido pelo bolor das paredes e pobreza da mobilia! Em seguida, o jantar á meza redonda, onde não podiam fallar, e todas aquellas caras desconhecidas, e, por distracção, alguns passeios, sob o guarda chuva, com a creada, que, receiosa de perder os passos e o tempo não se aventurava nunca para além da

praça das Victorias. No entanto, o pae dava caminhadas sobre caminhadas, em busca d'um emprego, esperando entrar para o ministerio.

Mas que emprego?

Quando se tem passado vinte annos na administração, não se sabe fazer outra coisa, fatigado, banalisado pelo bombastico e vasto da existencia official. Ninguem melhor do que elle sabia arredondar uma carta administrativa, n'aquelle estylo bojudo, incolor, que se horrorisa deante do termo proprio e que deve apenas visar um unico fim: fallar sem dizer coisa alguma. Ninguem conhecia mais a fundo o formulario dos cumprimentos hierarchicos, nem como se escreve a um juiz, a um bispo, a um chefe de corporação, a um «prezado e antigo collega»; para manter bem alta a bandeira da administração em presença da magistratura, sua inimiga irreconciliavel, e pela paixão da burocracia, e da papelada, folhas de

inscrição, cartões verdes, registros do talão; para as visitas, á tarde, á mulher do juiz, á esposa do general, recitar, de pé — encostado ao fogão, e afastando as abas da sobrecasaca, — toda a especie de phrases dissimuladas, e jamais compromettedoras, de maneira a ser com entusiasmo, da opinião de toda a gente; louvar á queima roupa, contradizer com brandura, de loneta no ar: «Ah! permitta-me»; para presidir, ao som da musica e dos tambores, a um conselho de revisão, a um comicio agricola, a uma distribuição de premios, citar um verso de Horacio, uma malicia de Montaigne, modular a intonação conforme se dirigia a creanças, ou a mancebos recenceados para a vida militar, a padres, ou a operarios, a irmãs da caridade, ou a camponezes, n'uma palavra, para todos os clichés, attitudes e tregeitos da figuração administrativa, Lorie Dufresne não tinha equal senão Chemineau. Mas

de que lhe servia tudo isso, agora? E não era terrível, aos quarenta annos de idade, não ter para sustentar e vestir seus filhos, mais do que gritos de estrado e phrases ôcas?

Emquanto esperava que fosse empregado no ministerio, o ex-subprefeito viu-se reduzido a procurar trabalho n'uma agencia de copias dramaticas.

Eram doze, agrupados á roda de uma grande meza, n'uma sobre-loja da rua de Montmartre, tão escura, que o gaz estava acceso todo o santo dia. Escrevia-se sem dizer palavra, mal se conhecendo uns aos outros, n'uma falta de ligações, proprias de um hospital ou de um albergue nocturno; mas todos desempregados, famelicos, de olhar febril, cotovellos roçados, cheirando a pobreza, ou peor ainda. A's vezes apparecia entre elles algum velho militar, muito aceiado, bem nutrido, com uma fita amarella na botoeira do casaco, indo alli para

ganhar, em algumas horas da tarde, com que arredondar a sua magra pensão de reformado.

E com uma *caligraphia* uniforme, sobre papel do mesmo formato, muito liso, para que a penna corresse bem depressa, elles copiavam, sem descanso, dramas, vaudevilles, operettas, magicas, comedias, e tudo isto machinalmente, como o boi lavra a terra, de cabeça baixa e olhar vago.

Lorie, sobretudo nos primeiros tempos, interessava-se na tarefa, divertia-se com as mil extravagantes intrigas que iam sahindo dos bicos da pena, e as facecias do vaudeville cheio de surpresas, e as peripecias do drama moderno com o seu eterno adulterio, accommodado a todos os paladares.

«Mas onde vão elles desencantar tudo isto»? perguntava Lorie, ás vezes, a si mesmo, desvairado por tão infinitas complicações fóra das realdades communs. O que tambem o impressionava, era a quantidade de excellentes

refeições que mettiã nas peças, sempre champagne, lagostas, pasteis de *veado*, sempre pessoas a conversarem com a bocca cheia, de guardanapo debaixo da barba; e, enquanto elle transcrevia estas minucias de *mis-en-scéne*, elle almoçava um pãozinho de dois soldos, que esmigalhava, envergonhado, no fundo da algibeira. D'isto foi concluindo elle que o theatro e a vida são coisas absolutamente differentes.

N'este officio de copista, Lorie tinha dias em que apurava tres ou quatro francos, quantia que elle podia duplicar se trabalhasse de noite em sua casa. Mas não confiavam os manuscriptos para casa de ninguem, além de que, ás vezes escasseava o trabalho. E Chemineau adiando de dia para dia, e a conta do hotel a crescer medonhamente, e as bagagens que chegavam com trezentos francos de despeza de transporte... Trezentos francos de caixotes! Não o queria

acreditar, mas convenceu-se d'essa quasi inverosimil cifra, ao vêr debaixo d'um telheiro de Bercy aquella fiada de caixas e de fardos, e tudo dirigido a elle.

Na impossibilidade de fazer uma escolha, Sylvanira juntára tudo, roupas velhas, papelada, coisas de que os ambulantes de administração se desfazem de cada vez que são transferidos, tudo o que se accumulár em casa do sub-prefeito, inutilidades incommodativas dos dez annos que lá residira, alfarrabios de direito, desirmanados, brochuras sobre o *alfa*, o eucalyptus, o phylloxera, todos os vestidos da esposa — pobre senhora — até os velhos kúpis bordados, punhos de madreperola das espadas de recepção, emfim, com que abrir uma loja de bric-à-brac de *subprefeito demittido*, e tudo atado solidamente pelo Romão, pregado, lacrado, ao abrigo dos accidentes de terra e mar.

Como arrecadar tudo isto no hotel? Foi necessario procurar casa, descobrir aquelle pequeno rez-do-chão da rua Val de-Grâce, que tentou o sub-prefeito pelo socego, pelo aspecto provinciano da casa e da rua, pela proximidade do Luxemburgo, para onde as creanças podiam ir tomar ar.

A mudança fez-se alegremente. Vibrava a alegria das creanças ao abrir das caixas, por tornar a ver objectos conhecidos, os seus livros, a boneca de Fanny, o banco de marceneiro de Mauricio. Depois da indifferença banal da hospedaria, a distracção de um acampamento bohemio; tantas coisas inuteis por outras tantas que faziam falta, a vella n'um velho frasco d'agua de Colonia, jornaes servindo de pratos... um mixtiforio emfim.

Na primeira noite riram a bom rir; e, depois de um jantar frugalissimo, comido á pressa e de pé, desenrolados os colchões e empilhados os caixotes, Lorie Dufresne revistou solememente, com a vella

na mão, esta especie de bazar de mercadorias. Soltou então umas palavras que traduziam bem o intimo bem estar de todos: «Isto está um tanto só, mas ao menos estamos em nossa casa»!

O dia seguinte foi mais triste. Com as despesas da mudança, o pagamento adiantado da renda, acabara-se-lhe o dinheiro, muito dizimado já pela conta dos Gailletons, pelas viagens, pela residencia em Paris, e pela compra de um bocadinho de terreno no cemiterio d'Amboise.

Oh! um bocadinho bem pequeno, para alguém que não occupára nunca muito logar. E o inverno a approximar-se, inverno como não ha na Algeria, e para o qual as creanças não estavam sufficientemente vestidas nem calçadas. Felizmente havia Sylvanira. A corajosa rapariga chegava para tudo; ia ao lavadouro, cortava, concertava nos restos d'outros tempos, limpava as luvas de Lorie, arranjava-lhe a luneta com arame, porque o antigo

funcionario não desprezava a boa apresentação. Era ella tambem que negociava nos adellos da rua do Principe, e nos logistas da rua da Sorbonne, os cartapacios de direito, as brochuras sobre viticultura, e, reliquias mais preciosas ainda, o traje de cerimonia do sub-prefeito, as suas sobrecasacas bordadas a prata fina.

Uma d'estas antigas vestimentas administrativas, regeitadas pelos logistas, por estar muito estragada, servia a Lorie de robe de chambre, e assim poupava o unico fato de sahir. E era de ver, como elle, tiritando, mas digno nos seus farrapos bordados, caminhava pela casa para aquecer em quanto Sylvanira estragava a vista á luz de uma vella, e as creanças dormiam nos caixotes, transformados em caminhas, afim de evitar o frio do sobrado. Não, nunca, nas peças que elle copiava, apesar de tão

extravagantes e extraordinárias, Lorie Dufresne
vira coisa alguma tão extravagante.

III

Elina Ebsen

EM casa das senhoras Ebsens, a avó, do seu vão de janella, espreitava todos os movimentos da gente do rez-do-chão. A boa velha, com as mãos trémulas que deixavam fugir as malhas e faziam tremer o volume d'Andersen, não tinha outra distracção, além da rua; e como por alli não passava muita gente, apenas de tempos a tempos as dragonas brancas de um enfermeiro de Val, a golla bordada d'um alumno, duas irmãs da caridade, de toucas com azas, e tudo isto tão regular e automatico, como se foram personagens de Jacquemart, a chegada dos Lories variára um pouco o que era corrente e monotono.

Ella sabia qual a hora em que o pae ia para o escriptorio, as compras da creada e quaes os dias

em que vinha o homem do cesto. Sobretudo a pequenita interessava-a, chegadinha, a tremer de frio, á creada, saltitando por entre as poças d'agua, com as suas pernas delgadas, mal tapadas pelo vestido curto. A avó imaginava que aquella mulher era muito má; e, como conhecia minuciosamente a toilette da pequenita, os tacões cambados das botinhas, indignava-se sósinha horas inteiras: «Já se viu uma coisa assim? Mas é que a estropiam, coitadinha d'ella, como se fosse coisa muito difficil deitar-lhe tacões novos».

Attentava ella se a creança trazia a capa, ficava inquieta quando sabia que ella andava por fóra debaixo de chuva. E só ficava contente, quando avistava, á esquina da rua e do boulevard S. Miguel, entre duas revoadas de pombos, a creada postada á beira do passeio, com o pequeno seguro por uma das mãos e a menina pela outra,

esperando para atravessar, com um terror provinciano da carruagens.

«Vamos, agora... passem, passem!...» murmurava a avó, como se a podessem ouvir e por detraz da vidraça fazia-lhes signaes.

Mais romanesca e sentimental, madame Ebsen impressionava-se principalmente pelas maneiras finas do dono da casa, pelo grande fumo do seu chapéu, sem duvida lucto de viuvo, pois nunca se via a mãe das creanças.

E as duas senhoras tinham longas discussões a respeito dos visinhos.

Elina, que andava todo o dia nas suas lições, não se occupava de tão perto com a existencia dos Lories; mas aquellas creanças sem mãe, perdidas e sósinhas em Paris, emchiam-na de compaixão, e sorria para ellas todas as vezes que as encontrava, diligenciando travar relações apesar das resistencias da creada.

Na vespera do dia de Natal, noite d'aquella «Juleaften» dos dinamarquezes, que as senhoras Ebsen não deixavam jámais de festejar, desceu ella para convidar as creanças para virem com outros pequenos da sua idade comer o «risengroed» e outras goloseimas atadas aos raminhos de uma arvore de Natal, entre vellas accesas e lanternas minusculas.

Imagine-se qual não seria a pena das creancinhas, escondidas por detraz de Sylvanira que se conserva de pé, enchendo a porta, que dôr d'alma ao ouvirem-na responder que os meninos não saham, que o senhor o tinha prohibido cathegoricamente. Junte-se a isto ter toda a noite, por cima da cabeça cantos, piano, gritos de alegria, e o ruido surdo das botinhas fazendo estremecer o sobrado, á roda de um bello pinheiro do Natal. D'esta vez, porém, Mr. Lorie achou que Sylvanira exaggerava o respeito pelas recommnedações que

lhe fizera, e no dia seguinte, que era feriado, tendo mandado vestir os pequenos, subiu com elles a casa d'aquellas senhoras.

Estavam todas tres em casa; a entrada ceremoniosa de ex-sub-prefeito, as saudações curvadas em mesuras do rapazinho e de sua irmã, impressionaram logo aquella gente um tanto singela. Mas a gentileza de Fanny em breve *fez esquecer* a frieza da chegada. Estavam tão contente por ver de perto aquella menina com quem ella cruzava repetidas vezes o lindo sorriso, e a senhora edosa que, da sua janella, os espreitava quando entravam.

Elina sentára a creança nos joelhos, e enchendo-lhe as algibeirinhas de golosinas que tinham sobrado da vespera, fazia-a conversar: Já sete annos... mas que desenvolvida!... Então já vae ao collegio»?

«Oh! não, minha senhora, por enquanto ainda não» acudiu vivamente o pae, como se receiasse alguma ingenuidade da pequenita. Era fraquinha, não era conveniente apertar muito com ella, ainda. O rapaz, esse, ao contrario, tinha uma saude de athleta, e bem accentuado o temperamento da sua vocação.

«Que tenciona fazer d'elle?... perguntou madame Ebsen».

«Um marinheiro», disse o pae sem hesitar... »
Aos dezeseis annos entrará na Escola Naval...» E voltando-se para o pequeno, todo encolhido na cadeira, fe-lo aprumar com um gesto decidido: «Hein? Mauricio... o *Borda!*» Ao ouvir pronunciar o nome do navio escola, os olhos da pequena Fanny chammejaram com altivez, em quanto o futuro aspirante, que retorcia nas mãos as insignias do bonet e inclinava para o chão um d'aquelles terriveis narizes de creança que está crescendo, e que parecem dizer ao corpo: «Caminha sempre...

eu cá vou adiante» estremeceu ao falarem-lhe no *Borda* e deu um «Ah!» extático, e em seguida calou-se como esmagado.

«O aspecto de Paris impressiona-o alguma coisa...» disse Mr. Lorie para desculpar aquella postura de desalento; e em seguida contou que apenas estavam em Paris de passagem, afim de regularisarem alguns negocios; por isso não haviam feito mais do que meia installação, e, francamente, faltava-lhes, uma infinidade de bagatellas... Dizia tudo isto n'um tom mundano, com o chapéu apoiado no quadril, a luneta na ponta dos dedos, com phrases arredondadas, movimentos d'hombros, finos sorrisos adequados a deslizarem na solemnidade do rosto regular e altivo. Madame Ebsen e sua mãe estavam fascinadas.

Elina, apesar de achar Mr. Lorie um tanto palavroso, ficou impressionada com o tom commovido e singello com que fallou da morte de

sua mulher, baixinho, rapido, com a voz rouca; até não parecia o mesmo homem.

Deu ella tento, egualmente, de certas particularidades de toilette da pequena, a quem, no emtanto, haviam vestido o melhor que tinha. Reparou nas passagens da golla bordada, na fita retinta do chapéu, e concluiu que apesar das bonitas palavras do pae, não deviam ser muito ricos; e augmentava por elles a sua sympathia, á vista d'aquella miseria adivinhada, e que ella não tinha imaginado nunca, nem tão completa, nem tão profunda.

Alguns dias depois d'esta visita, vem Sylvanira desvairada, bater á porta d'aquellas senhoras; Fanny adoecêra e estava muito mal. Dera-lhe de repente e a creada, como o patrão estivesse ausente, dirigia-se, no meio do seu assombro, ás unicas pessoas que conhecia. Elina desceu rapidamente com a mãe e a ambas

impressionou fortemente o vasio lugubre dos tres quartos sem lume, sem cortinas e moveis, e onde todos os cantos estavam atulhados com rumas de livros esfarrapados, caixas de cartão arrombadas deixando sahir a papellada.

Por aqui e por alli alguns utensilios de cosinha, dois ou tres colchões enrolados, e grande quantidade de caixotes de todos os tamanhos, ou mostrando, n'uma confusão enorme, fatos safados e roupa velha, ou completamente despejados a substituir os moveis. Um d'elles, voltado, servia de mesa, e nos quatro cantos, por entre os pratos, o canto de pão, um naco de queijo do almoço recente, lia-se a palavra «fragil»; outro, servia de cama á pequenita que gritava entre aquellas taboas, pallida, com o nariz afiado como uma defuncta no seu caixão, em quanto ao lado d'ella soluçava o alumno do *Borda*, sob o seu bonet triumphante.

A divisão da casa era igual á do primeiro andar; e a comparação da sua salinha garrida, ornada, e os seus quartos bem agasalhados com aquella pocilga, affligia Elina como um remorso. Póde-se viver ao lado de miserias semelhantes sem as presentir. Ao mesmo tempo, recordava-se das maneiras distinctas do funcionario, e do tom despretençioso com que elle confessava brincando com a lunetta, que lhe faltavam muitas bagatellas. Sim, não ha duvida serem bagatellas, taes como lume, vinho, abafos, roupas, sapatos; mas as creanças morrem muitas vezes á mingua d'estes pequeninos nadas que lhes faltam.

«E' preciso um medico, quanto antes!»

Precisamenteⁱ o filho de Aussandon, medico militar, estava de licença em casa dos paes, havia

ⁱ A palavra *precisamente* com penúltimo "e" virado ao contrário (possivelmente um erro tipográfico, de colocação do tipo ao contrário, na impressão) corrigido.

alguns dias; madame Ebsen correu a buscal-o, enquanto, Elina se occupava em transtornar o pobre quarto, ajudada por Sylvanira que perdera a cabeça, esbarrava por toda a parte com um leito de ferro trazido á pressa para baixo, deixa cahir na escada as achas de lenhas com que a avó acabava de lhe encher o avental, e não cessava de repetir... «Que dirá o senhor?... Que dirá o senhor?...»

«E então»? perguntou Elina que esperára o fim da visita n'um quarto ao lado, e que só appareceu quando o képi agalado do filho de Aussandon desapareceu na bruma do quintalinho.

A boa madame Ebsen estava contentissima: «Nada de cuidado... uma febre biliosa... Alguns dias de repouso, cautella... Olha! parece que já vae melhor depois que está bem deitadinha». Depois, muito baixinho, inclinada para a filha: «Perguntou-me por ti com tanta cortezia... Parece-me que o doutor ainda não perdeu as esperanças».

— «Pobre rapaz! Elina, occupada em entalar a roupa da caminha, em que ella mesma tinha dormido, quando era pequenina; e em quanto sorriam para ella os olhos da creança, luzidios da febre, sentia na mão um calor molhado, como o da caricia de um cão enorme. Era Sylvanira que chorava de alegria e lhe agradecia com os labios, sem fallar. Decididamente, aquella rapariga não era tão má como a avó suppunha...

A' noite, quando chegou Lorie, a doentinha dormia, muito socegada, entre as alvas musselinas que tinham corrido, quando adormecêra. Um bom lume ardia no fogão. Havia cortinas brancas na janella, uma meza, uma poltrona, e no tecto o reflexo lacteo de uma lamparina; isto tudo no quarto da creança, mas só alli, como se n'elle passasse uma maternidade graciosa e previdente.

Desde aquelle dia, estabeleceu-se a intimidade entre as duas familias. As senhoras tinham

adoptado Fanny, chamavam-na a todo o instante, e nunca a deixavam descer sem algum mimo, *mitoines* bem quentes para agasalhar as mãosinhas tão pouco affeitas ao inverno, tamanquinhas, e para o pescoço, um bom lenço de lã. Elina, quando regressava das suas lições, estava com ella uma hora todas as tardes e entretinha-se a instruil-a a pouco e pouco. Entregue havia muito á companhia exclusiva d'uma creada, a creança tinha o espirito completamente povoado por contos da carochinha, fallando incorrectamente, como acontece ás creanças que estão demasiado tempo na ama.

Elina, deixando a sua mãe os cuidados materiaes, procurava principalmente desprender Fanny das saias rusticas da creada, collocal-a no seu logar de pequenina dama, sem todavia ferir as susceptibilidades da amavel e feroz Sylvarina.

O que não teria conseguido essa Lina, pela magia de sua graça e meiguice? Bastou-lhe dizer uma palavra em casa da baroneza de Gerspach, onde Chemineau era recebido, e desde logo houve para Lorie um logar vago na repartição do senhor director, até então inacessível. Duzentos francos por mez, menos os descontos. Podia-se esperar mais; mas emfim era um primeiro passo, para tornar a entrar n'aquella administração, de que o estar exilado o matava.

Oh! a alegria de remexer na papellada, abrir e fechar aquellas caixas verdes, que cheiram banalmente a bolor, sentir-se uma das engrenagens d'esta machina de Marly, augusta e complicada, d'esse tropeço decrepito que se chama a administração franceza... Lorie-Dufresne remoçou de alegria.

E que repouso, depois da fadiga do serviço, subir á noitinha com Fanny, a casa das senhoras

Ebsens, áquella sala modesta, onde alguns moveis pesados e antigos, o consólo Imperio, vindo de Copenhague, e o relógio electrico que não andára nunca, causa de todas as desgraças, contrastavam com uma linda cadeira de estofador de fama, uma jardineira de escaninhos, presentes de alumnas ricas. E por cima de tudo isto as rendas da velha dama, em toalhas, em tapetes, em pannos de poltronas, espalhavam uma alvura fóra da moda, uma tranquillisação para o olhar encantado já por aquellas tres edades da mulher: avó, filha e neta, tão digna e tão graciosamente representadas.

Emquanto Elina installava a pequenina Fanny e os seus livros, Lorie conversava com madame Ebsen, contando-lhe coisas dos seus dias de poder, de seus passados successos, como acontece a todas as magestades cahidas. Gostava de citar os altos feitos da sua administração, os serviços prestados á colonia pelas suas faculdades organisadoras; e, ao

lembrar-lhe certos discursos de inauguração, chegava mesmo á sinceridade de recitar passagens d'elles, com o braço estendido para os imaginarios ouvintes: «Muito logar e tudo por fazer!... eis a divisa dos paizes novos, meus senhores!...»

Mas alli, no canto onde estava a avó a dormitar por detraz dos oculos, o candieiro illuminava um grupo mais sereno; era Fanny, debruçada sobre o seu livro, com o gesto suavemente protector de Elina amparando-a, cingindo-a, enquanto lá fóra estrondeava e rugia, a vinte passos da pequena rua provinciana, a tempestade do boulevard S. Miguel, a subida dos estudantes para Bullier, de que se ouviam as cornetas, em noites de baile. Era com exactidão, a dupla corrente d'essa complexa Paris, tão difficil de comprehender.

Aos domingos á noite, havia animação na sala e accendiam-se as vellas do piano, para receber algumas pessoas d'amisade. Primeiramente,

como base, duas familias dinamarquezas que as senhoras conheciam desde a sua chegada, caras pouco finas, muito pronunciadas e mudas, alinhando-se, como figuras de pannos de Arrás, em volta da sala.

Em seguida Mr. Birk, joven pastor de Copenhague, enviado havia algum tempo a Paris para serviço do templo dinamarquez da rua Chauchat. Elina, que no tempo do antigo pastor, Mr. Larsen tocava o orgão do templo ao domingo, continuára a prestar este serviço gratuito com o recém-chegado; e, por sua vez, este julgava-se obrigado a algumas visitas de cerimonia, sem que entre elles houvesse verdadeira sympathia. Este rapagão de barba ruiva, cabeça regular e commum crivada pelas bexigas, um christo campesino roido dos bichos, affectava a maior austeridade nas attitudes e nas palavras; no fundo era um homem de negocios dos mais vulgares. E sabendo que os

pastores de Paris casavam ricos, tinha-se-lhe mettido na cabeça aproveitar a sua passagem por Babylonia para apanhar algum dote chorudo.

Não podia servir-lhe para isso a sala de madame Ebsen, frequentada por modestissimas pessoas, sem fortuna; por isso mesmo a sua barba bifurcada não se mostrava nunca alli, por muito tempo. Birk dava a entender que o meio não era sufficientemente orthodoxo para elle. Verdade seja que aquellas senhoras, mui tolerantes, pouco se occupavam da religião das pessoas que recebiam; o que não impedira que Mr. Larsen alli se encontrasse, annos a fio, com o pastor Aussandon.

O illustre deão, para vir a casa de seus vizinhos, não tinha senão que atravessar o pequeno jardim que os separava do seu pavilhão, e viam-n'o, com a tesoura de podar na mão, curvar o corpo alto, sobre as roseiras, em quanto que de

uma janella a pequena e arrebatada madame Aussandon, co'a toca de travez, como em batalha, vigiava o seu grande velhote, e chamava-o á primeira aragem: «Aussandon, é preciso entrar. — Sim, menina... » E elle obedecia, mais docil que uma creança. Graças á sua visinhança e ás traducções de que o pastor tivera muitas vezes necessidade para o seu curso de historia ecclesiastica, as duas familias haviam-se ligado; e algum tempo antes da chegada de Lorie, o mais novo dos filhos de Aussandon, aquelle a quem a mamã nunca chamava senão «o major» pedia Elina em casamento.

Infelizmente, a carreira de medico militar é uma vida de guarnição, sempre de um lado para o outro; e para não deixar a sua mãe e sua avó, Elina dizia immediatamente «não», sem deixar adivinhar a ninguem o esforço que lhe custava esse «não». Em seguida, as relações não

continuaram a ser as mesmas. Madame Aussandon evitava estas senhoras, cortejavam-se, mas já não se visitavam, e as soirées dos domingos perdiam com isso um tanto da sua animação; porque o velho deão era muito alegre, e sua mulher tinha uma voz estridula que estrugia aos ouvidos e todos os que estavam na sala, sobretudo quando Henriqueta Briss alli se encontrava e discutiam theologia.

Esta Henriqueta Briss era uma solteirona, dos seus trinta a trinta e cinco annos, norueguesa, catholica, a qual, depois de estar dez annos em um convento de Christania, teve de sahir d'alli por causa de sua má saude, e que desde então se esforçava por entrar no que ella chamava vida mundana. Habituada á regra claustral, á dependencia muda, tendo perdido todo o sentimento de iniciativa ou de responsabilidade, caminhava somnambula por entre as coisas e os

entes, esbaforida, aniquilada, soltando ais de lastima e de invocação, como ave cahida do ninho. Era todavia intelligente, instruida, fallava varias linguas, o que lhe proporcionára collocar-se como preceptora na Russia e na Polonia, em casa de familias ricas; mas ella não parava em parte nenhuma, atormentada, ferida pelas realidades da existencia, de que os veos brancos, offuscantes, envolventes da sua ordem á Virgem, a não defendiam já.

«Sejamos praticos»! repetia a cada instante, para se firmar e guiar a si mesma. Mas ninguem era menos pratica do que esta desequilibrada, com as feições devoradas pela gastralgia, os cabellos meios soltos sob um chapéu redondo de viagem, vestida com as suas compras de pobre, por cima d'antigas roupas das senhoras em cujas casas estivera; roupas opulentas e desbotadas; e assim acontecia usar pelles no verão, a cobrirem

vestidos claros. Tendo ficado muito catholica e cumprindo os preceitos religiosos, era ao mesmo tempo uma revolucionaria, misturava na mesma adoração enthusiastica Garibaldi e o padre Didon, emittia as idéas e as contradicções mais loucas, descontentando, ao fim de mui pouco tempo, as familias das suas discipulas e sempre muito grata, corria a Paris para gastar o pouco dinheiro que possuia, a Paris, o unico lugar do mundo onde se sentia bem, no ar excitante e respiravel.

De repente, quando a julgavam collocada em Moscow ou em Copenhague, Henriqueta apparecia mui prazenteira e livre, alugava um quartinho mobilado, seguia os grandes prégadores, visitava algumas religiosas nos conventos, ou padres nas sacristias, não deixava nunca de frequentar um curso na faculdade de theologia, tomava apontamentos que em seguida redigia, por quanto o seu sonho doirado era fazer

jornalismo catholico, e regularmente escrevia a Luiz Veullot que não lhe respondia nunca. Por fim de contas, em toda a parte onde ia, mas principalmente á rua Val-de-Grâce, por causa do meio lutherano, Henriqueta Briss gastava em palavras a sua veia polemista, contradictava, citava textos, e sahia extenuada, com a bocca secca, na fronte signaes evidentes de anemia, mas encantada por haver confessado a sua fé. Depois, quando se via sem dinheiro, o que lhe causava sempre grande espanto, empregava-se ao acaso, tornava a partir desesperada, e durante mezes e mezes não se ouvia fallar d'ella.

Quando Lorie a encontrou em casa de madame Ebsen, ella estava muito desanimada; e, como só muito tarde pensasse em collocar-se, e as respostas se iam demorando, viu-se na necessidade de entrar para um convento da rua de Cherche-Midi, especie de escriptorio para a

collocação de creadas de servir. Alli, as suas idéas democraticas e o seu amor pelo povo sofferam rija provação ao contacto da domesticidade hypocrita e viciosa, benzendo-se na capella, á entrada do parlatorio, ornado de phantasticas viassacras e arrombando mallas nos quartos, e cantarolando na sala de labor estribilhos infames da rua, e cobrindo com uma touca — para fallar aos clientes — os cabellos toucados com ganchos de aço e d'onde emergiam estrellas de um brilho reles. Todos os domingos, em casa das senhoras Ebsen, demasiadamente pequena para a receber, contava ella os seus desalentos n'aquelle meio baixo e trival; mas as suas amigas, apezar de a estimarem muito, recusavam-se a ajudal-a, pois o dinheiro destinado ao pagamento do quarto ou da hospedagem despendia-o ella sempre em phantasias, em caridades heroicas ou estupidas. Henriqueta comprehendia as desconfianças

d'ellas e lamentava-se unicamente por não ser mais pratica, «como Mr. Lorie, por exemplo, ou como a minha querida Lina».

— Não sei se sou prática, dizia Elina, sorrindo, mas faço a dilligencia por querer a mesma coisa por muito tempo e por fazer com satisfação tudo o que devo fazer.

— Pois sim! quanto a mim, devo ensinar creanças, ensino-as; mas nunca o farei com prazer... Em primeiro logar tenho horror a creanças. Tem uma pessoa que se dobrar ao meio para lhes fallar, e fazer-se tão pequeno como ellas. Embrutece a gente.

—«Oh! Henriqueta...» Lina olhava para ella com espanto. A ella, que estimava tanto a todos os pequeninos, de todas as edades, os que correm e começam a lêr, os que ainda são, apenas, uma carne tenrinha para acariciar e beijar; a ella, que ia de proposito ao Luxemburgo para lhes ouvir os

gritos, e parar, vendo-os brincar com a pá e a areia, e a vel-os dormir, extendidos, e tapadinhos com as romeiras das amas, ou abrigados sob o toldo dos carrinhos-berços; a ella, que sorria para todos os olhinhos pedinchões, e que, ao ver um d'estes debeis craneos expostos ao vento e ao sol, corria para a ama distrahida, a levantar-lhe o braço ou a sombrinha: «Ama, o seu menino», a ella parecia-lhe monstruosa aquella negação do sentimento materno em uma mulher.

Bastava, porem, vê-las ambas, para comprehender a differença dos seus temperamentos, uma nascida para a maternidade, cabeça pequena amplos quadris e physionomia tranquilla; a outra, mal feita, angulosa e desengraçada, compridas mãos chatas, duras, como se vêem juntas e estendidas, nos quadros primitivos.

Madame Ebsen ás vezes intervinha: «Mas para que continúa a minha boa Henriqueta com esse modo de vida, o de ensinar creanças, uma vez que lhe causa aborrecimento? Porque não volta para casa de seus paes. Estão já avançados de idade, segundo a Henriqueta diz, estão sós, a mãe doente, e assim a ajudaria no governo da casa... a roupa, a cosinha...

— Mas então isso era o mesmo do que casar-me, interrompeu vivamente Henriqueta... Ora muito obrigada! não tenho geito para dona de casa, e todos esses trabalhos baixos, que apenas occupam os dedos, me causam horror.

— «Sempre se póde pensar...» dizia Elina. Mas a outra, sem lhe dar ouvidos: «Além d'isso, a minha familia é pobre, e eu sobrecarregal-a-hia... e depois... aquillo são uns rusticos, incapazes de me comprehenderem.

Mas ao ouvir isto, Madame Ebsen indignava-se:

— Ora aqui os teem, estes senhores papistas, com os seus conventos. Então não é mais do que arrancar aos paes as suas filhas, os seus filhos, o natural arrimo da sua velhice, senão tambem é preciso extinguir n'elles a propria recordação da familia. Sim, senhor, são frescas, as suas prisões ao divino!

Henriqueta Briss não se exaltava, mas defendia a sua querida casa, com toda a especie de argumentos e textos. Passára lá onze annos deliciosos, vivendo sem dar por isso, irresponsavel, anniquilada em Deus, n'uma inconsciencia, cujo despertar lhe parecia bem duro e fatigante. «Vamos lá, madame Ebsen, n'este seculo de materia, não há outro refugio para as almas distinctas».

Mas a boa senhora suffocava:

— Já viram... já viram! Pois então volte lá para o seu convento... Uma corja de preguiçosas e de malucas...

N'este momento, um diluvio de notas, de arpejos, afogava e suspendia a discussão. As «talhas do Japão» animavam-se discretamente, aproximando-se do piano; e com a sua voz limpida, um tanto branda, Elina começava uma romanza de Chopin. Seguia-se a avó, a quem pediam alguma velha canção scandinava, que Lina ia traduzindo a Lorie. A avó erguia-se da cadeira, cantava em voz tremula uma aria heroica, a canção do rei Christiano, «de pé, junto ao mastro grande, todo envolto em fumo...» ou então a invocação melancolica á patria longiqua: «Dinamarca, com os teus campos e os teus prados esplendidos, fechados pela onda azul...»

... Agora já alli se não canta. O piano emmudeceu, apagaram-se as luzes da sala. A

velha dinamarqueza partiu para um paiz que coisa alguma fecha, campos e prados esplendidos, mas tão longinquos e vastos, que nunca ninguem de lá voltou.

IV

Horas Matinaes

Os filhitos de Lorie estavam sós em casa, alguns dias depois da morte da avó; o pae na secretaria, a creada no mercado, a porta fechada com duas voltas, sempre que Sylvanira sahia. Continuava ella a nutrir os medos e desconfianças que tinha quando chegou; acreditava, por exemplo, n'um vasto commercio de creanças roubadas, organizado em Paris para fornecer a grande cidade de pelotiqueiros da rua, tocadores de harpa, á porta dos cafés, e até, coisa horrivel só de pensal-a, de excelentes pasteis quentes. Em casa, Mauricio e Fanny ouviam sempre a mesma recommendação da cabra aos seus cabritinhos: Tomem sentido, fechem-se por dentro, não abram a porta a ninguem a não ser ao Romão».

Romão, o homem do cesto, aquelle que tanto dava que scismar á pobre avó, chegára d'Algeria alguns dias depois d'elles; demorára apenas o tempo de installar alli o seu successor; porque elle tambem era funcionario, porteiro jardineiro na sub-prefeitura, onde, além d'isso, accumulava os empregos de cocheiro, de mordomo e de marido de Sylvanira. Oh! mas consagrava-se tão pouco a este ultimo emprego, que nem vale a pena fallar n'isso. Custára muito á rapariga a resolver-se a este casamento. Depois do caso de Bourges, não lhe fazia cobiça o mais bonito homem do mundo; quanto mais aquelle Romão, atarracado, *fraca figura*, fallando atabalhoadamente, mais baixo do que ella, e com essa côr de omolette feita com azeite, que elle trouxera do Senegal, onde, ao deixar a marinha, servira de jardineiro em casa do governador. Mas os patrões insistiam. E d'ahi, elle era tão bom

rapaz, tão condescendente; dextro em tudo, arranjava tão bem os lindos ramos, como as arvores grandes; entretinha as creanças com historietas tão bonitas, deitava-lhe desde muito tempo uns olhos tão ternos, que, depois de ter empregado tudo para lh'o tirar da cabeça, a ponto de lhe contar a sua desgraça com o estudante de artilheria, Sylvanira acabou por ceder: «Então seja como quizer, meu caro Romão, mas realmente!...» e a mimica dos seus hombros robustos parecia dizer: «Que diabo de idéa que você havia de ter!...» A resposta de Romão foi um grunhido apaixonado, mas incomprehensível, havendo porém, no fundo, uma certa mistura de juramentos de eterna ternura e de furiosos projectos de vingança contra o corpo de artilheria «com a bréca!» Era a sua palavra para tudo: «com a bréca!» Era um tique que ninguem conseguia tirar-lhe, o grito d'alma resumindo todos os

sentimentos que não sabia exprimir. No dia em que o almirante Genouilly milagrosamente o salvava de um conselho de guerra, no dia em que a ama de Sylvanira resolvera a creada a casar, Romão agradecera assim: «Com a bréca, meu almirante!... Com a bréca, madame Lorie!» e n'aquella expressão resumia os mais bellos protestos de reconhecimento. Depois de casados, a sua vida continuou na mesma, elle na porta e no jardim e nunca juntos. De noite, Sylvanira velava a doente; e depois da senhora se retirar, continuou a dormir lá em cima, por causa das creanças, enquanto o marido tiritava de frio no cubiculo e na grande cama da administração. Em seguida a varios mezes d'este severo regimen, dulcificado por poucas venturas, sobreviera a derrocada do patrão, e a ordem para Sylvarina levar Mauricio e Fanny.

«E então eu?» perguntou Romão, atando as caixas.

«Faze o que quizeres, marido, que eu cá vou andando».

Mas o que elle queria, co'a fortuna, era viver com ella, estarem juntos! e desde o momento em que ella, lhe promettia que em Paris o patrão os tomaria a ambos, que viveriam lá como verdadeiros casados, elle resignava o seu logar sem saudade.

Mas quando elle chegou á rua do Val-de-Grâce, deante do gesto eloquente de Sylvarina, que lhe indicava as creanças, a miseria, o montão de caixotes, o pobre marido nada mais retrucou do que o seu habitual «com a bréca!» Estava decidido que não iam viver juntos. Aqui nem havia necessidade de cocheiro, nem de jardineiro, nem de mordomo. «Por emquanto basta-nos Sylvarina» disse M. Lorie com o seu ar imperial, e animou-o a que tratasse de arranjar alguma coisa por fóra, sendo tudo isto, é claro, apenas transitorio. Além d'isso, como ella dizia: «ha em Paris uma infinidade de casados, que estão a servir, e que são

obrigados a viver separados; vê-se a gente de vez em quanto, e não se fica estimando menos por causa d'isso».

E, sob a touca branca, tri-partida, abria-se um sorriso, bondoso e amavel. «Passa por cá muito bem, que eu vou vêr se arranjo alguma coisa...» disse Romão; e preciso é concordar que elle foi mais prompto em arrumar-se que o prefeito.

Bastou-lhe descer ás margens do Sena, misturar-se com aquella população de fura-vidas sustentados pelo bom rio, para escolher entre muitas profissões, como descarregar os barcos, andar na faina do carvão, ou moço dos açudes, nos lavadoiros. Afinal de contas entrou para a barreira da Moeda, porque era quasi um emprego do governo, e elle tinha, como Lorie, a paixão administrativa. Era espinhoso, o seu logar, onde tinha de estar sem descanso; mas assim que podia escapulir-se, ei-lo a correr para a rua de Val-de-

Grâce, sempre com alguma surpresa no seu grande cabaz, as pechinchas de moço de barreira. Umas vezes, no desmanchar de uma jangada, eram tres ou quatro bellas achas, ainda humidas de prolongada vegetação no alto Sena; outras, um quarteirão de maçãs, ou um pacote de café. O que elle trazia era para Sylvanira, mas todos de casa se iam utilizando, e muitas vezes achavam no farnel uma fritura, uma costelleta de vacca, e mais coisas absolutamente estranhas ao rio.

Havia algum tempo que as visitas de Romão eram mais raras. Acabava de ser promovido a capataz dos guardas do dique, na barreira de Petit-Port, a tres leguas de Paris; cem francos por mez, lume, luz e moradia á borda d'agua, com um jardim ao lado para as flôres e hortaliça. Uma fortuna! Todavia, nunca elle teria consentido em afastar-se de Sylvanira, se ella lh'o não tivesse absolutamente exigido. Eis que chegava a bella estação; ella viria

vêl-o com a pequenada, e passar alli alguns dias. Faria bem ás creanças, o campo. Quem sabe se não viriam, n'uma ou n'outra occasião, a viver alli todos juntos. Ella não quis explicar-lhe mais; e o guarda, louco de alegria, tinha ido tomar posse do seu logar, que lhe não permitia se não mui curtas visitas, e de longe em longe, entre duas jangadas.

E como Romão tivesse partido, haviam-se acabado as excepções; quando a creada sahia, era absoluta a prohibição de abrirem a porta, fosse a quem fosse. Mas, com uma encantadora ingenuidade, aquelles pequenos algerianos, affeitos ao ar livre e que por tanto tempo haviam vivido por detraz das janellas, fechadas para occultar a penuria da casa; abriram a janella, escancaravam-na, isto ao nivel da rua, sem pensarem que bastava uma pernada para se lhe entrar em casa. Que receio poderia haver, de uma rua tão socegada, onde os gatos dormiam ao sol, onde os pésinhos

vermelhos raspavam nas pedras da calçada? E, além d'isso, gostavam de mostrar-se, agora que já possuíam camas, cadeiras, um armario, e estantes para os cartões e para os livros.

Dos antigos moveis, transformados por Sylvanira em lenha para o fogão, apenas havia um ou dois caixotes, onde o alumno do *Borda* fazia barcos á vela e a remos. Era a maneira porque o rapaz se ia preparando para a Naval; e bem cedo, Lorie Dufresne, que queria vêr n'isto o indicio de uma vocação, tomára o habito, nas noites de recepção na sub-prefeitura, quando as creanças vinham á sala, de apresentar o filho: «Ora aqui têm o nosso marinheiro»! ou então dizer-lhe com ar triumphante: «Mauricio, o *Borda*!...»

A principio, a creança achou muita graça ao respeito que os seus camaradas tinham por esta vocação gloriosa, principalmente pelo seu bonet d'aspirante, uma idéa da mãe; depois, quando isto

se tornou a valer, quando viu chegar a *mathematica*, a trigonometria, tão pouco do seu gosto como o Oceano e as suas aventuras, a lenda estava formada, por toda a parte lhe chamavam o marinheiro e elle não ousava protestar. Desde então ficou envenenada a sua vida. Tomou aquelle aspecto digno de lastima, embrutecido, prostrado sob a ameaça do *Borda*, com que todos o bombardeavam; alongou-se-lhe o nariz sobre as equações, as plantas e redações de alçados, as figuras graphicas e geometricas dos grandes livros preparatorios, muito difficeis para elle, e ficou para todo o sempre o futuro alumno da Naval aterrorisado por tudo o que devia aprender para lá entrar, e mais espantado ainda pela simples idéa de que lá o poderiam admittir.

Apesar de tudo, o gosto da sua infancia subsistiu, e nunca estava tão contente como quando Fanny lhe dizia: «Faze-me um bote».

N'esta occasião, andava elle a fazer um, soberbo, uma chalupa, como ainda se não teria visto outra no lago do Luxemburgo; e trabalhava com ardor, com toda a ferramenta no parapeito da janella, o martello, a serra, a garlopa, que a irmansinha lhe ia passando á proporção que elle ia precisando d'ellas, em quanto a garotada da visinhança, com as calças esfarrapadas, e os suspensorios a cahir sobre as mangas rotas, olhava para elle da rua, com admiração.

De repente: «arréda! arréda!» A calçada resoa, ladram os cães, creanças e pombos dispersam-se para dar logar a um bello trem particular, cavallos brancos malhados e libré côr de castanha que veiu parar precisamente á porta dos Lories. Apeou-se uma senhora de idade, alta, magra, vestida de preto com uma especie de romeira da mesma côr, que dardeja sobre as duas creanças uns olhos maus,

embuscados por detraz de grandes sobranceiras, espessas como bigodes.

«Madame Ebsen mora aqui?» Com o queixo cerrado e o punho tambem, o alumno do *Borda* responde tão corajosamente que fez admirar a irmansinha: «Não é aqui, é no primeiro andar...» e rapidamente fechou a janella sobre aquella visão negra de mulher, como sempre as havia nas historias de Sylvanira. Fanny, baixinho, dizia, mal mexendo os beiços: «Olha que é uma dellas, com certeza».

— Parece-me bem que sim.

E depois, passado um momento, quando os passos se iam afastando, a subir a escada: «E viste como ella olhou para nós? Cuidei que nos entraria pela janella.

— Sempre queria vêr isso, respondeu o marinheiro, sem convicção. E enquanto sentiram aquella mulher no andar de cima, e aquella carruagem alli a atravancar a rua, elles

conservaram-se immoveis, não ousando fallar, respirar ou pregar um prego. Finalmente ouviu-se a voz de Madame Ebsen acompanhando alguém ao patamar da escada. Perpassou um vestido no corredor, roçando pela porta ao de leve. Vae sahir. O alumno do *Borda*, para se certificar, levantou uma pontinha da cortina, e baixou-a logo. A mulher estava alli, a olhar vorazmente para ele, por detraz do vidro, como se o quizesse levar comsigo. Em seguida, o bater da portinhola, os garbosos piaffés dos cavallos e a sombra que fazia o trem diante da janella, desapareceu como um sonho mau. «Não ha duvida», disse a pequenita Fanny, com um suspiro d'allivio.ⁱⁱ

ⁱⁱ Existe um espaçamento irregular entre estes parágrafos que marca uma mudança temporal. Mantido pois tem uma função essencial para o sentido da narrativa.

A' noite, quando Lorie subiu para a lição, encontrou Madame Ebsen ainda toda excitada e envaidecida pela sua bella visita.

— Mas então quem é que veio? Fallaram-me de uma carruagem...

Ela estendeu-lhe altivamente um cartão de visita largo e massiço:

Joanna Autheman

Presidente-fundadora da obra das damas evangelistas

Paris. — Port-Sauveur

Madame Autheman!... a mulher do banqueiro!

— Não era ella propria, mas alguém da sua parte, para pedir á Lina que traduzisse uma collecção de orações e de meditações.

E mostrava um livrinho doirado por folhas, collocado em cima da mesa: *Horas Matinaes*, por Madame***, com esta epigraphe: *Uma mulher perdeu o mundo, uma mulher o salvará*. Eram

precisas duas traducções, ingleza e allemã, que pagariam a tres soldos a oração, alto e malo.

— Tarefa singular, não é verdade? disse Lina, sem erguer a cabeça do thema de Fanny que estava corrigindo.

— Não Lininha, eu te digo... por aquelle preço, póde-se ainda fazer coisa de geito... respondeu no tom mais natural a boa Madame Ebsen, que nada tinha de mystica; e, baixando a voz para não perturbar a lição, fallou ao seu visinho da extraordinaria pessoa que lhe tinham mandado, mademoiselle... o nome estava no bilhete... *Anne de Beuil, no palácio Autheman...* Por minha fé! de Beuil em duas palavras; todavia mais lembrava uma camponia, ou uma dispenseira do que uma aristocrata. E sem cerimonia, e mettediça, e querendo saber com quem era que estas senhoras se davam, se conheciam muita gente, e vendo a

photographia de Lina, sobre o fogão, achou-lhe uma apparencia demasiadamente alegre.

— Demasiadamente alegre!... disse Lorie indignado, alegre, ella, que elle via sempre, desde a morte da avó com um traço de tristeza n'aquelles sorrisos de mocidade.

— Ah! ella ainda me disse muitas coisas... Que nós eramos umas almas frivolas, que não viviamos o bastante com Deus... emfim, parecia um prégador, um verdadeiro prégador, de gestos largos e de citações. Foi pena não estar cá a Henriqueta. Tinhamos um bello par de prégadores.

— Mademoiselle Briss já se retirou? perguntou Lorie, que se interessava por aquella dodivanas, sem duvida por ella o achar excessivamente pratico.

Madame Ebsen respondeu que sim, que havia oito dias que Mademoiselle Briss partira com a

princeza de Souvorine, que a levára como dama de companhia... Um logar soberbo... sem creanças...

— Deve estar contente?

— Está desesperada... recebemos carta de Vienna! Tem saudades d'aquella masmorra da Rua do Cherche-Midi... Ah! pobre Henriqueta... E, volvendo á sua visita da manhã, áquella censura que lhes fôra feita de não viverem sufficientemente com Deus: Em primeiro logar, quanto a Lina, não é exacto... Todos os domingos vae tocar o orgão na Rua Chauchat e não falta a uma conferencia. A meu respeito, tive eu já, por ventura, tempo de ser devota? Queria vêl-a aquella demoiselle Beuil, com a mãe velha e uma creança ás costas. Era preciso andar no giro das lições particulares, desde madrugada, com todo o tempo, e por todos os cantos de Paris. A' noite cahia como pedra em poço, sem força para resar ou para pensar. Porventura não era tambem uma acção

boa, grangear até ao fim, uma existencia feliz á mamã, e dar a Lina uma educação de que ella tira agora o resultado? Ah! querida filha, não terá de principiar tão duramente como eu principiei.

E animando-se com a recordação das suas miserias, contava as lições a vinte soldos, por traz da armação das lojas, a pessoas tão necessitadas como ella, a troca que ellas ás vezes faziam de uma lição de francez por uma hora do seu allemão, e as exigencias dos paes, e uma menina muito gorda que era necessario passeiar, quando se lhe ensinava as linguas, os verbos irregulares recitades ao ar livre, debaixo de chuva, desde o arco da Estrella até á Bastilha. E isto durante annos e annos, com todas as privações e humilhações da mulher pobre, com os vestidos desbotados, o almoço sacrificado aos seis soldos do omnibus, até ao dia em que ella entrou como professora no internato de Madame de Bourlou...

um internato muito chic, composto de filhas de banqueiros, de commerciantes de grosso trato, Leonia Rougier, hoje Condessa d’Arlot, Déborath Becker, a actual baroneza de Gerspach. Fôra lá tambem que conhecêra uma exquisita e linda creatura, a quem chamavam Joanna Châtelus, protestante exaltada, que trazia sempre na algibeira uma bibliasinha, e fazia ás companheiras, em todos os cantos do pateo de recreio, verdadeiras conferencias religiosas. Diziam que estava para casar brevemente com um moço missonario e que iriam juntos converter os Bassoutos. Com effeito, ella abandonou, de subito, o internato, e tres semanas depois chamava-se... Madame Autheman.

Lorie fez um gesto de surpresa.

— Pois é verdade, accrescentou Madame Ebsen, sorrindo...

— O senhor comprehende, entre um missionario sem vintem e o banqueiro mais rico de Paris... Realmente teve coragem... E' simplesmente horroroso, o tal marido... Uma das faces totalmente desfigurada por um enorme kysto que elle occulta com um pedaço de seda preta... São de familia, estes accidentes na pelle, nos Authemans. A mãe tinha d'isso nas mãos e nos braços, e, de dia e de noite, andava de luvas até ao cotovello... O mesmo acontece a seus primos, os Beckers... Mas o filho está ainda mais atacado, e é realmente preciso uma grande febre de ser rica para casar com aquillo.

Lina, do canto da avó onde acabava de dar a lição, e folheando as *Horas Matinaes*, protestou com a sua voz amiga: Como sabe a mamã que foi o desejo de ser rica?... Talvez tambem um sentimento de compaixão, a necessidade de se dedicar, de se sacrificar a uma pobre creatura... O

mundo é tão mau, e tão curto de vista! E fallando, inclinava para as paginas que tinha a traduzir, as suas pesadas madeixas d'um louro prateado, e as suas faces avelludadas, um tanto pallidas dos desgostos; e de repente, meia voltada para a mãe:

— Que te parece, mamã, creio que isto é comsigo, a donzella demasiadamente alegre... ora escuta: *O riso e a alegria são apanagios de um coração corrompido. Os nossos corações não carecem d'uma nem d'outra coisa, quando n'elles reina a paz do Senhor.*

Effectivamente disse a mãe, eu nunca vi rir aquella pequena, Châtellus; e tu comprehendes, como foi ella que fez o livro...

Mas Lina interrompeu-se repentinamente: Esta agora é que é mais forte... Levantou e leu toda trémula: «Um pae, uma mãe, um marido, os filhos desencaminham a affeição: em todo o caso

morrem. Prender n'elles o coração é fazer um calculo erroneo».

— Já é preciso ser asna, disse Madame Ebsen, a quem voltava a pronuncia estrangeirada, n'um accesso de colera.

— Mas oiçam a continuação. E continuou accentuando as palavras: *O bom calculo é amar Christo e a mais ninguem. Christo não engana, Christo não morre, mas é ciumento da nossa affeição e reclama-a por completo. E' por isso que fazemos a guerra aos idolos e expulsemos dos nossos corações tudo o que poderia rivalisar com elle...* Estás ouvindo mamã? é peccado amarmos... E' preciso que me arranques do teu coração, que o Christo esteja entre nós e nos separe com os seus dois braços crucificados... Isto são infamias e eu nunca as traduzirei...

Fez um gesto violento, tão extraordinario n'aquella natureza de meiguice e serenidade, que

a pequenita, que estava de pé, ao lado d'ella, sentiu uma repercussão nervosa, e um estremecimento pallido sobre a carinha enfezada.

— Mas não... mas não... Eu não estou zangada, dizia-lhe Elina, sentando-a no collo, estreitando-a n'um abraço que, sem ella saber porquê, fez corar Lorie de prazer. A mãe foi a primeira a tranquillisar-se:

— Ora vamos, Lina, fizémos mal em nos exaltarmos... Se tivéssemos de tomar a peito todas as tolices que se lêem e que se ouvem!... Verdade seja que é estúpida a oração d'essa senhora; mas não será isso que impedirá que nos amêmos.

E trocavam entre si um d'estes olhares de confiança, como só a têm os entes ligados pelo sangue.

— E' fóra de duvida, disse Lina, sempre irritada, que estas loucuras são contagiosas e

podem causar muito mal... em cabeças novas e espiritos fracos...

— Concordo um tanto com o que diz a menina, acrescentou Lorie, ainda que... Madame Ebsen encolhia os hombros. «Deixem lá... quem é que lê coisas d'aquellas»?

Não tinha mais importancia do que as pequenas brochuras anglicanas que distribuiam nos Campos Elysios, como se fossem prospectos de vestuario ou de restaurantes a preço fixo. E d'ahi a questão de mais uma verba de receita. A presença de Lorie não lhes tolhia a franqueza. Pois bem! a tres soldos por oração, tinham dinheiro a ganhar. Trabalhariam as duas; em seguida áquelle volume com certeza viriam mais, e, quando se não é rico, preciso não desprezar um accrescimo de ganho, com que pagar o enxoval de Lina, quando esta casasse.

Antes de terminada a discussão, levantou-se Lorie subitamente: «Vamos, Fanny, dá as boas noites...» Esta sala das Ebsens, o lugar mais agradável do mundo, e para elle e para os filhos o mais amigavel de todos, parecia-lhe agora lugubre, indifferente á sua vida. Sentia-se alli como um estranho, como visita; e isto muito simplesmente, porque a boa da Madame Ebsen o pozera no seu plano de homem já maduro, e diante de quem se podia falar, á vontade no casamento de Lina.

Ah, sim, casaria, aquella rapariga encantadora; casaria breve, e aquelle que a possuísse poderia ter d'isso orgulho. Como era instruida e corajosa! Que ordem, que bom senso, e que ternura indulgente! E' o mesmo: aquella idéa entristecia-o, perseguia-o até em sua casa, na sua acanhada alcova que dava para o jardim. As creanças dormiam no quarto ao lado; e ele ouvia o tagarelar da pequenita, contando a Sylvanira, que a ia

despindo, o que passára á noite, em casa d'aquellas senhoras. «A menina disse... a menina zangou-se...» Occupava, emfim, tão grande logar junto da orphãsinha, aquella menina. Mas, depois de casada, teria os seus filhos e não poderia occupar-se já dos alheios. E o pobre homem pensava em como Elina transformára a casa, entrando n'ella apenas em dia de amargura.

E então, para socegar, entrou, dizia elle, «a fazer um boccadinho de classificação». Classificar era a sua paixão dominante; era o supremo recurso para as suas inquietações e grandes tristezas. Consistia aquelle trabalho em pôr em ordem um montão de caixas verdes de cartão, com lettreiros de numeros e titulos de variada calligraphia; *Officios, Familia, Politica, Diversos*. Havia tempos que elle punha rotulos n'aquelles preciosos massos de papeis, que não se tinham renovado mais; limitava-se agora a trocar as classificações, a passal-os d'um involucro

azul para outro côr de castanha; e bastava isto á sua mania.

O embrulho em que elle, n'aquella noite, mexeu, tinha, ao centro da primeira pagina, como um nome gravado n'um tumulo: *Valentina*.. Era tudo quanto lhe restava de sua mulher, as cartas datadas do anno da doença, pois nunca, até alli, se haviam separado. Eram muitas e extensas. As primeiras não eram muito tristes, cheias de ternas recommendações ácerca da saude das creanças, da sua, e tambem de minucias domesticas dirigidas ao Romão e á Sylvarina; emfim, todos os cuidados da mãe ausente. Depois, e a pouco e pouco, vinham os queixumes, os abatimentos doentios. Em breve appareciam a colera, os desesperos, as revoltas contra o destino que ella sentia desapiedado, encoberto apenas pelas mentiras dos medicos.

No meio dos gritos dolorosos e dos soluços, sempre, sempre a preocupação da casa e dos

filhos; um post-scriptum para Sylvania: «Não te esqueças de mandar cardar a lã dos colchões.»

E a letra amarellecida, que ás vezes o papel embebia como se estivesse misturada com lagrimas, denunciava tambem, pelo tremido e hesitações, a fraqueza da mão, sobretudo nos grossos; em summa, os sinistros progressos da molestia. A letra da ultima carta parecia-se tanto com a da primeira, como o triste rosto magro e escaveirado, que lhe apparecêra no quarto de paredes caiadas do casal d'Amboise, com o da mulher que elle embarcára um anno antes, mal attingida ainda pelo mal, ainda anterior, e cujo viço, em plena maturidade, fazia voltar a cabeça aos marinheiros do porto.

Aquella carta escreveu-a Valentina, quando elle fôra para Paris, a instancias d'ella afim de salvar o seu emprego, e sem lhe dizer uma vez só que se sentia morrer.

«Bem o sabia eu, que não nos tornaríamos a vêr; mas era preciso deixar-te partir, por ti, por nossos filhos, afim de que immediatamente estivesses com o tal ministro... Ah! tristes dias contados, que não podémos passar juntos... Pensar que tenho marido e dois filhos e vou morrer sosinha!...»

E depois d'este supremo queixume, nada mais do que palavras de resignação. Voltava a ser aquella alma egual, paciente, dos tempos da vida de saudade; animava-o, aconselhava-o. Sem duvida que seria readmitido, e que o governo se não quereria privar de um administrador como elle. Mas a casa, a familia, a educação dos filhos, tudo o que um homem occupado com a sua carreira deve deixar a outrem, com tudo se inquietava a muribunda. Sylvanira, uma vez casada, não ficaria sempre alli; e depois, por mais dedicada que ella fôsse, sempre era uma creada de servir.

E lentamente, delicadamente, com palavras escolhidas por muito tempo, e que muito lhe deviam ter custado a escrever, pois toda esta passagem estava cheia de fragmentos, de falhas, ella fallava-lhe n'um casamento possivel, mais tarde, algum dia... Elle era ainda tão moço...

«Sobretudo, escolhe-a bem; e dá a nossos filhos uma mãe, que verdadeiramente o seja...»

Nunca essas ultimas recommendações, tantas vezes relidas depois da morte, haviam impressionado Lorie como n'aquella noite, em quanto escutava, no silencio da casa adormecida, os passos tranquilos de quem arranja a casa, ora para um lado ora para o outro, lá em cima. Fechou-se uma janella, sentiu-se o ranger dos cortinados nos varõesinhos de ferro; e, atravez das grossas lagrimas que embaciavam e alongavam as palavras, elle continuava a lêr e a relêr: «Sobretudo, escolhe-a bem...»

O Palacio Autheman

QUEM o tivesse visto, ha dez annos e no tempo da velha mãe, teria difficuldade em reconhecer o palacio dos celebres banqueiros, um dos mais antigos e dos mais bellos que ficaram no Marais, erguendo no canto da rua Pavée o seu torreão mosarabico, as suas altas paredes vermiculadas, as suas janellas deseguaes, toucadas de frontões, de capiteis, com grinaldas em volta das trapeiras, nos amplos telhados. N'aquella epocha, tinha, como as habitações principescas transformadas em casas de commercio, uma phisionomia viva, industrial, e via-se, no seu atrio vasto, um vae-vem continuo de carros, atravessando o immenso pateo, e fazendo o serviço entre a casa de Paris e as officinas metallurgicas do Petit-Port. Ao

fundo da escadaria de pedra, estava o irmão da dona da casa, o velho Becker, de penna na orelha, tomando nota das chegadas e expedições das barras de ouro, remetidas em caixotes de chumbo — pois, áquella data, os Authemans negociavam em ouro, e forneciam d'aquelle metal todas as joalherias de França — em quanto que nas vastas salas do rez-do-chão, cujas paredes eram vaporosamente adornadas com figuras mythologicas, a velha dama encarrapitada n'uma escrevaninha do feitio de um pulpito lavrado, empertigada, de chapéu, toda enluvada, com o poleiro d'um periquito ao lado, vigiava do alto os postigos, as balanças, tanto as compras como as vendas, e gritava a um ou outro caixeiro, com a sua voz dura e sibilante, dominando o ruido do ouro e as discussões do trafico: Moysés, torna a fazer a conta... tem dez centigrammas a mais.

Mas tudo mudou, depois que, com a morte da mãe, desapareceram de um e outro lado da porta as placas de marmore preto incrustadas de oiro: *Casa Autheman fundada em 1804. — Compra e vende oiro bruto*. Hoje a casa faz apenas negocios bancarios, amoedando as barras, removendo, fazendo circular a fortuna publica sem vagons e sem caixas de chumbo. Apenas o coupé de madame Joanna Autheman resôa no pateo, e na manhã em que Lina transpoz o portão do palacio para fazer entrega das suas traducções, impressionou-a o silencio magestoso d'aquellas paredes velhas.

O porteiro tinha a sobrecasaca comprida, e a gravata branca como se fôra guarda-portão de um templo. Quando ella penetrou pelo vestibulo da esquerda, na escadaria de pedra muito antiga, cheia de recantos, com a meia-luz de Cathedral, devido a irregularidades de construcção, a sineta

que a anunciava, tocando por duas vezes, despertou tantos ecos de vacuo, de solidão, e uma tal solemnidade religiosa, que o coração lhe batia com um sobresalto indefinivel.

Anna de Beuil, que a recebeu com seccura, os olhos pequenos occultos por grossas sobranceiras, disse-lhe com a voz encatharroada que a presidente não tardaria a falar-lhe... Traz as orações?... Dê cá... E desapareceu por uma porta alta, cujas pinturas haviam sido coloridas com uma tinta escura, mais em relação com os moveis e tapeçarias do locutorio.

Elina esperava sentada n'um banco de madeira, um banco de igreja similhante a outros enfileirados em volta da sala ou empilhados ao fundo, adeante de um harmonium, envolto em capa de sarja; mas as janellas, guarnecidas com vitraes de côr, espalhavam uma luz tão vaga que ella não distinguia bem este logar extraordinario,

nem tão pouco o que estava escripto por sobre os velhos fôrros de madeira que revestiam as paredes, onde outr'ora esvoaçavam grinaldas de amores semeando rosas, e Floras e Pomonas de Fresquissimos attributos.

Do quarto proximo vinham lamentos, soluços, e murmurio d'uma voz a ralhar. Afastando-se até ao fim do banco, para não ouvir este ruido triste que a impressionava, o seu movimento despertou alguém n'esta sala, onde se julga só, e uma voz gritou alli muito perto: Moysés... Moysés... torna a fazer a conta.

Um raio de luz, coado pela porta, que n'este momento se abria, deixou-lhe ver um periquito n'uma grande gaiola, um velho periquito de pennas emmaranhadas, bico desguarnecido, apropriado para augmentar a crença da longevidade d'aquellas aves. A presidente espera pela menina, disse n'esta occasião Anna de Beuil,

que atravessava o locutorio, acompanhada por uma creatura esguia, pallida, de aspecto desvairado, e com olhos vermelhos, sob o seu veu de virgem; e de repente, ao ver tambem o periquito que se assustava com a sua aproximação:

— Ah! bico immundo! Ah! grande heretico... ainda ahi estás!... E arremetteu contra a gaiola, levou-a, saccudindo-a com furor, fazendo saltar a agua, os grãos, o espelhito quebrado, em quanto o pobre animal, com a voz gasta e a teimosia da velhice, continuava a chamar... Moysés... Moysés... o mais alto que podia, ordenando-lhe que tornasse a fazer a conta.

Elina entrou para onde estava madame Autheman, que encontrou sentada á secretaria, n'um grande gabinete que fazia lembrar o de um agente de negocios. Tinha a testa curta, arqueada sob os bandós negros e lisos, o nariz aquillino, a

bocca retrahida; este conjuncto immediatamente a impressionou.

Sente-se, menina.

A voz era gelida como a sua tez, como a sua mocidade que acabava, como os seus trinta e cinco annos, cingidos, não sem uma certa graciosidade de mulher bonita, por um vestido liso, a murça religiosa como a de Anna de Beuil, de tecido mais rico, mas escuro tambem. Aprumada como um *clergy-man*, escrevia pausada e regularmente; e depois de acabar a missiva, lacrou-a, tocou, e entregou um masso de cartas ao creado, designando cada uma, breve indicação auctoritaria: Para Londres... Genebra... Zurich... Porto Salvador... Dir-se-hia a hora do correio, n'uma grande casa commercial. Em seguida, cansada de um esforço interior, recostou-se na dura poltrona, e cruzando as mãos por cima da romeira, olhou para Elina com um

sorriso terno, que lhe poz no olhar, em vez de brilho, um como reflexo azulado, de geleira.

Aqui temos, pois, esta pequena maravilha!...

E, a seguir, grandes cumprimentos pelas traducções que acabava de percorrer. Nunca tratado algum dos seus fôra comprehendido e traduzido, com tanta intelligencia e tanto rigor. Esperava que Elina trabalhasse repetidas vezes para ella.

Deixe-me pagar-lhe.

Pegou na penna, fez rapidamente a conta n'um canto do matta-borrão, com tanta certeza como um guarda-livros... Seiscentas orações a quinze centimos... Tanto pelo allemão... Tanto pelo inglez... E entregou a Elina um cheque da quantia, para receber do caixa, no rez-do-chão; vendo-a porém, levantar-se, fel-a sentar-se novamente, para lhe falar de sua mãe, que ella conhecêra, havia muito tempo, em casa de madame de Bourlon, e

d'aquella pobre avó fallecida ultimamente, de uma forma tão rápida e cruel.

Ao menos, perguntou ella a Elina, bem face a face, avivando e dardejando os olhos claros, ao menos conheceu o Salvador antes de morrer?

Lina, perturbada, não soube o que havia de responder-lhe, incapaz de mentir, ainda mesmo que a presidente se não mostrasse bem ao facto das minimas particularidades da sua vida. Era verdade que a avó não frequentava os actos religiosos. Principalmente no ultimo anno, quer fosse por indiferença, quer por supersticioso temor, nunca falava de religião, agarrada ao material de sua pobre existencia, prestes a fugir-lhe. Depois, aquelle subito desenlace, fulminante quasi, chegando o padre quando já tudo estava acabado, o ultimo adorno feito, os lençoes brancos lançados por sobre o corpo frio... Não, não se

podia dizer que a avó tivesse conhecido o Salvador antes de morrer.

Ah! pobre alma privada da gloria de Deus... e com a voz mudada, de mãos postas, madame Autheman levantára-se n'um movimento oratorio...

Onde estás tua agora, pobre alma? Como soffres, como amaldiçôas aquelles que te deixaram morrer sem soccorro... E continuou n'este tom prophético; mas Elina não ouvia, contrariada a principio, com o coração apertado, depois ao lembrar-se de que a avó podia estar soffrendo, e por sua culpa. Aquella Elina Ebsen, era, sob apparencias tranquillias, uma alma vibrante, onde dormia a mulher do Norte, sentimental e mystica. A avó está soffrendo... E o seu coração estalou, sahiu do seu involucro infantil, em soluços que a soffocaram, dilatando as suas fibras molles de loira e as linhas curvilineas do semblante.

Vamos, vamos... Socegue... Madame Autheman aproximou-se, pegou-lhe na mão. Sabia por Mr.Birk que Elina tinha bons sentimentos e que cumpria, segundo a maneira de ver do mundo, os seus deveres de christã; mas Deus exigia mais, principalmente d'ella, que vivia cercada de indiferença. Era-lhe preciso adquirir a fé por aquelles a quem faltava essa mesma fé, uma fé ampla, elevada e protectora, similhando aquella arvore enorme, em que as aves do céo constroem os seus ninhos. Qual a maneira de o conseguir? Procurar um meio espiritual, almas que apenas se reunam em Christo. Venha ter commigo a miudo, ou aqui, ou em Porto-Salvador, e terei a maior satisfação em recebê-la... Temos tambem em Paris boas reuniões d'orações... Brevemente uma das minhas *obreiras*, e sublinhou a palavra, — aquella que ha pouco sahia d'aqui, deve fazer um testemunho publico do Evangelho... A menina

vem, ha-de ouvil-a, e a voz della lhe inflammará o zelo... Agora vá com Deus, estou com pressa. Fez menção de a despedir, talvez de a abençoar. Recommendo-lhe principalmente que não chore mais... Eu a recommendarei áquelle que salva e perdoa... E falava n'um tom convicto, como de quem nada tinha a recusar-lhe.

Elina sahiu d'ali perturbada. Na sua commoção, esquecia-se de receber o dinheiro do cheque, e teve que voltar atraz, até á escadaria ampla, para onde se abriam tres altas portas envidraçadas, meio disfarçadas, com panno verde. Era o escriptorio, identico sempre ao d'uma casa bancaria, com os seus guichets, redes, gente que espera e circula, pilhas de escudos revolvidos; mas aqui, como lá em cima, o que quer que seja de glacial e austero, uma certa reserva nas maneiras dos empregados, as mesmas tintas escuras a cubrirem as allegorias do tecto e das

paredes, os nebulosos ornatos por cima das portas, que faziam a gloria antiga do palacio Autheman.

Dirigiu-se a um guichet especial, aberto por baixo de um letreiro: *Porto Salvador*. N'aquella especie de gaiola de rede, por detraz do caixa, e lendo por cima do hombro um homem levantou a cabeça, quando se apresentou timidamente o cheque e mostrou uma pobre cara escaveirada, olhos sumidos, a face entumescida e coberta por um pedaço de seda, preta, que apenas lhe deixava o perfil d'uma pungida expressão de amargura. Elina pensava: é Autheman... Mas como elle é feio! — Não é verdade?

Pareceu responder o sorriso do banqueiro, que olhava tristemente para ella...

Em quanto ía caminhando, perseguida pela magoa d'aquelle sorriso de travez, n'essa face de leproso, Elina perguntava a si mesma, como foi que uma menina se podéra resignar a um marido

d'aquelles. Por bondade, por esse compassivo amor das mulheres pelos desfavorecidos da natureza? Parecia muito inacessivel a estas fraquezas, a protestante rigida que ella acabava de vêr, e ao mesmo tempo muito altiva para descer ás questões aviltantes de dinheiro. Então porque seria? E' que, para explicar o mysterio d'este extraordinario character, d'este coração fechado como um templo, em dia de semana, entregue ao vacuo, ao silencio dos ermos logares de oração, era necessario conhecer a historia d'aquella Joanna Châtellus, a antiga alumna do Bournon.

Era leoneza, filha de um rico negociante de sedas, Châtellus e Treilhard, uma das mais importantes casas d'aquella cidade; nascêra em Bourdeaux, deante d'esse grande Rhodano, que de tão vivo e alegre que é, quando entra em Arles ou Avignon, ao estrugido vibrante dos campanarios e

das cigarras, se vae tornando de aguas baças debaixo das brumas leonezas, e d'um céu de chumbo ou rasgado de chuveiros, sem nada perder da sua violencia, e retratando essa raça arrebatada e fria, de genio tenaz e melancolicamente exaltado. O carecter de Joanna era o d'esta região, desenvolvido ainda mais pela acção do meio e das circunstancias.

Como lhe tivesse fallecido a mãe, mui nova ainda, o pae, entregue todo elle aos seus negocios, confiára a educação da creança á tia velha, de um protestantismo acanhado, exagerado e cheio de praticas miudinhas.

Nenhuma distracção a não ser os exercicios de domingo no templo, ou, no inverno, quando chovia — e chove muitas vezes em Lyão — um culto de familia no salão grande que apenas se abria n'esse dia e onde se ajuntavam, sobre os seus

moveis, resguardados por coberturas, o pae, a tia, a mestra ingleza e a creadagem.

Por muito tempo, a tia mascava orações, e leituras fanhosas, em quanto o pae escutava com a mão nos olhos, como absorto na contemplação divina, mas na relidade a pensar no movimento bolsista das suas sedas, Joanna, já séria, torna-se taciturna com as idéas da morte, de castigo, de peccado orginal, levantando os olhos do seu devocionario christão apenas para vêr, por detraz das vidraças alagadas, o grande Rhodano alvacento e ferroso, de encapelladas, ondas, que se agitavam como o mar depois da tempestade.

Esta educação tornou mui difficil o desenvolvimento d'aquella menina. Tornou-se enfézada, nervosa, receitaram-lhe então viagens nas montanhas, residir no Engadins, em Montreux, perto de Genebra, ou em uma d'aquellas verdes estações reflectidas na tristeza do escuro abysmo

do lago dos quatro Cantões. Installaram-se, quando Joanna tinha os seus dezoito annos, em Grindelweld, nos Alpes Bernezes. Era uma aldeola de guias, assente n'um planalto, ao pé de Wetterhorn do Silberhorn, do Jungfrau, de que se vê o cume deslumbrante, por entre a multidão de picos cobertos de neve e de geleiras.

Vae alli gente de passeio para almoçar, tomar um guia e cavallos; e durante o dia todo, na rua unica, em ladeira, é um tumulto, um pejamento, chegadas e partidas de excursionistas, de *alpenstock* em punho, ou formando longas caravanas que desapareciam á volta dos atalhos, cadenciadamente, ao passo lento das cavalgadas, ao passo pesado dos carregadores, com fluctuações de véus azues, por entre as fileiras dos viandantes. Mas a tia Châtellus descobriu, ao fundo do jardim da hospedaria, um chalet disponivel, afastado do ruido dos

excurcionistas, n'uma situação deliciosa, em frente de uma floresta de abetos, cujas frescas emanações se confundiam com outros aromas resinosos nos baixos das neves eternas, onde o arco iris se recortava, a certas horas, em filigranas subtis, de azul e côr de rosa.

Não se ouvia ruido algum, além do que produzia, ao longe, uma torrente despenhando-se sobre as pedras, o cachoar da espuma, e a cantilena, em cinco notas, da trompa dos Alpes, echoando por entre as flores e os rochedos; ou a surda detonação de avalanche misturando-se ao tiro de peça, disparado n'uma gruta, no caminho da pequena geleira. Às vezes, durante a noite, soprava a tempestade, do norte; e de manhã, sob um céu deslumbrante, uma poeira de neve branqueava ligeiramente n'uma alvura de renda, bordada, transparente, os declives abruptos, os abetos e as pastagens. E toda aquella roupagem

nevada se fundia ao sol do meio dia, espalhando-se n'um sem numero de riachos semelhando mercurio, que se precipitavam das alturas, perdendo-se mais tarde por entre as verduras e as pedras, ou formando cascatas no mover lento das aguas.

Joanna e sua tia não aproveitavam estas maravilhas da natureza alpestre; passavam as tardes no rez-do-chão do chalet, na companhia de velhas devotas inglezas e genebrezas, a organizar *meetings* de orações. Corridas as cortinas, accendiam-se vellas e entoavam-se canticos e liam-se orações. Depois, cada uma d'aquellas senhoras desenvolvia um texto da Biblia tão subtilmente, como um prégador de profissão. Por isso os padres não faltavam na hospedaria *Jungfrau*; tão pouco os estudantes de theologia de Lausania de Genebra; mas estes cavalheiros, socios, quasi todos elles, do Club Alpino, apenas se occupavam de ascenções. Logo de manhã os

viam desfilar ladeira acima com *piolets*, corda e guias; á noite descansavam jogando ao xadrez, lendo jornaes, e os mais moços, esses até dançavam ao piano, ou cantavam cançonetas comicas.

«E são estes os nossos padres!» diziam as beatas velhas, todas indignadas sacudindo os cabellos deslavados ou os laços das suas toucas antipathicas. Ah! se as encarregassem a ellas de espalhar o Evangelho, fazel-o-iam com outro ardor com uma fé communicativa, capaz de abraçar o mundo inteiro. Este sonho do apostolado da mulher entrava em todas as suas discussões. E porque não haveria mulheres que fossem padres, como as ha bachareis e medicas? O facto é que todas ellas podiam ser tomadas por velhos *clerygmen*, com as sus côres esquentadas ou baças, os seus vestidos escorridos, onde nada transpirasse do seu sexo.

Joanna Châtelus impregnava-se d'este mysticismo ambiente, transformado n'ella pelo ardor da mocidade; e para aquella bonita e encantadora rapariga de dezoito annos, de cabellos pretos, lisos, sobre a fronte saliente, de bocca endelgaçada pela vontade e meditação interior, não era das menores curiosidades dos *meetings* da hospedaria o commentario da Escriptura Sagrada, os viajantes faziam-se devotos para a ouvirem; e a creada do Chalet, uma robusta suissa, com uma touca semelhante a uma grande borboleta, de tulle, por fórma tal ficara perturbada com os seus sermões, que sahia d'elles como que fascinada, chorando os seus peccados no chocolate da manhã, fallando só, ou prophetisando enquanto varria os quartos e lavava os corredores.

Citavam-se mais exemplos da piedosa influencia de Joanna. Um guia da aldêa, por nome

Christiano Inebnit, apanhado no fundo de um barranco, depois de uma queda terrível agonisava havia dez dias de supplicios abominaveis, enchendo o casebre de urros e blasphemias, apesar das exhortações do pastor. Joanna foi vê-lo; instalou-se no banquinho, á cabeceira da cama; e, com brandura e paciencia, reconciliou este infeliz com o Salvador, e fez com que elle adormecesse na morte, com uma tranquillidade e inconsciencia taes, como a da marmota surprehendida na sua choupana de troncos — pelo entorpecimento usual de seis mezes d’inverno.

Estes successos acabaram de exaltar a joven leoneza. Julgou-se fadada para a missão evangelica, e á noite, no seu quarto, escreveu orações e meditações, affectou cada vez mais austeridade, falando sempre como n’um *meeting*, entremeiando os seus discursos com textos e fragmentos biblicos...

Uma mulher perdeu o mundo, uma mulher o salvará. Esta ambiciosa divisa, que ella devia adoptar mais tarde no seu papel de cartas, e até na parte interna dos seus braceletes e aneis, logar em que as outras mulheres põem uma recordação terna, um symbolo de amor, esta divisa formulava-se vagarosamente na sua juvenil cabeça, e a obra das Damas Evangelistas já alli ser agitada em germen, longiqua, indecisa, perdida entre os mil projectos confusos da sua idade de transição, quando um acaso lhe determinou a existencia.

Entre as damas do *meeting*, havia uma genebreza que a enchia de carinhos especiaes; era a mãe de um estudante de theologia, solido rapagão que se destinava ás missões estrangeiras, e enquanto não ia evangelisar os bassutos, ia-se divertindo com violencia, trepava aos picos, montava a cavallo e bebia de um trago o

champagne suíço e trinava, voz em grita, como um pegureiro de Oberland. A gnebreza viu em Mil.^e Châtelus, que sabia ser muito rica, um partido soberbo para o filho, e tratou de preparar mui habilmente o casamento, exaltando o heroísmo do futuro missionário, prestes a partir para o exílio por Jesus.

Que alegria não seria a sua se o seu pobre filho, antes de expatriar-se, pudesse encontrar uma esposa verdadeiramente christã, que o quizesse acompanhar na missão evangelica ajudal-o, e, mesmo em caso de necessidade, substituil-o! Que nobre existencia de mulher, que bella occasião de apostolado! Tenho penetrado esta idéa no espirito de Joanna, abriu alli caminho, só por si, como essas barbas de joio que as creanças mettem nas mangas, e que vão subindo á medida que se move o braço.

O acaso favorecia a finura materna, e os dois agradaram-se um do outro; e, por menos que Mll.^e Châtullus pensasse nas coisas terrenas, é provavel que a estatura elegante do moço theologo, a sua physionomia energica e trigueira, sob o bonésinho branco da Universidade de Genebra, a impressionassem favoravelmente. Habitava-se, a pouco e pouco, a pensar n'elle; fazia-o figurar nos seus projectos de futuro, inquietava-se com as suas frequentes e perigosas ascensões, e quando elle tardava em chegar, não se tirava á noite da janella, a olhar para uma luz n'essas alturas inaccessibleis, a pequena lampada de um d'aquelles refugios que o Club Alpino mandou construir sobre todos os picos, e onde os excursionistas encontram lume e uma cama de taboas duras.

E a fria donzella pensava com meiguice:

«Está ali... não lhes aconteceu nada...» e adormecia muito feliz, um tanto surprehendida, —ella, filha sem mãe e sem ternura, cujos sentimentos se limitaram até então a amar a Deus e a odiar o peccado por sentir agitar-se-lhe o coração sem que o fosse em Jesus. A paixão religiosa tinha ainda grande parte n'este amor.

E quando falaram sem testemunhas, para ajustar o casamento, as palavras que proferiam á beira do mar gelado, em presença d'aquelle horizonte coalhado no seu movimento de vagas, não eram descabidas no templo: protestos e promessas frias como a nortada trazida pelo inverno, e que sopravam já n'aquelles primeiros dias de setembro, com um sabor a neve, difficil de respirar.

Juraram pertencer um ao outro, a empregar-se no derramamento do Evangelho, da gloria e da palavra do verdadeiro Deus, enquanto os fragmentos das rochas lhes iam rolando por baixo

dos pés, manchando, com a sua poeirada alvacenta, os crystaes azues da geleira. Elle estudaria mais um anno, antes de ser pastor; e ella, durante esse intervallo, trabalharia em armar-se para a santa missão. E haviam de escrever todas as semanas. Combinado e promettido isto, ficavam, de mãos dadas, estreitados um contra o outro, sem falarem, o genebrez mais tranquillo do que a companheira, levantando a gola do casaco porque tiritava, em quanto ella ardia n'uma febre de proselyto, com as faces afogeadas daquella mesma côr ardente, que o sol no occaso lançava ainda por sobre os cumes solidos do Jungfrau, que a geada atapetava.

Escreveram-se por espaço de um anno, misturando o amor com a theologia, a correspondencia de Heloisa e de seu mestre, correcta e refrigerada pelo protestantismo; e como Joanna queria, muito a serio, consagrar-se á sua

missão, foi estudar o inglez e a geographia para Paris, em casa de Mll.^e de Bournon, onde devia passar os mezes que a separavam do casamento. Por mais original que Joanna Châtellus parecesse a todas aquellas parisienses ricas e tafulas, impoz-se pela convicção da sua fé, pelos seus modos sybilinos, pela curiosa lenda do seu noivado e pela proxima partida para as missões. Vivia, além d'isso, uma vida á parte, tendo, fóra das aulas, o privilegio de uma alcova na extremidade do dormitorio, onde duas ou tres das suas amigas, das grandes, vellavam com ella, de noite.

Alli, como sob os platanos do recreio, Joanna espalhava a boa nova, experimentava a força magnetica da sua palavra e dos seus olhos, e a sua indomavel vontade de proselytismo; formava verdadeiras cathechumenas, uma entre outras, Déborah Becher, grande judia de cabellos acobreados, sobrinha da viuva Autheman. Sobre a

sua tez opalina de ruiva, esta linda Déborah recebera uns salpicos do mal hereditario na familia dos negociantes de oiro. Nas mudanças de estação, esfolava-se-lhe de dartros sangrentos a cara, o pescoço, os braços, como se ella houvesse atravessado uma sarça de espinhos; e era obrigada a ficar por alguns dias na enfermaria, coberta de amido e de unguentos.

As outras pensionistas, invejosas da sua immensa fortuna, diziam: «Está a suar o oiro dos Authemans!» Mas Joanna considerava aquillo, e dizia-lh'o, um castigo providencial, a colera de Deus pesando sobre uma raça que teimava em o não conhecer; e atormentava aquelle debil espirito com sermões e longas controversias theologicas, até ás sombras do Petit-Post, em casa da viuva Autheman, onde Déborah levava muitas vezes a sua amiga. A filha de Israel sentia-se abalada, prompta a abjurar, a abandonar o pae e a mãe para

seguir Joanna, e ir viver em companhia d'ella e do marido, sob a tenda, como Paulo no deserto; tão aperfeiçoada estava já a Evangelista, no desviar as almas das suas naturaes affeições e a offerecel-as a Jesus, ainda palpitantes e magoadas pelo rompimento d'esses vinculos!

Mas, entretanto, uma crise commercial alcançou a praça de Lyão, arrasou completamente Chatellus e Treilhard, e mudou, por completo, os projectos de casamento do moço theologo. Buscou-se attenuar o facto do rompimento, mas este realisou-se com o pretexto de que a saude do missionario decididamente lhe não permittia supportar as grandes viagens projectadas, e tambem porque elle comprehendia com todas a nitidez que as virtudes de Mil.^o Chátellus não poderiam exercerse gloriosamente na modesta parochia do cantão d'Appenzell, a que elle se resignava.

Joanna, sem se queixar, sem deixar transparecer coisa alguma, recebeu d'este baixo e humilhante rompimento um terrivel abalo. Durante os dois mezes que ainda passou em casa de madame de Bourlon, ninguem, a não ser Déborah, soube d'esta mudança repentina do seu destino. Continuou a commentar a sua biblia, a edificar a classe das maiores, occultando, todavia, sob estas apparencias de serenidade, uma aversão profunda, um desprezo pelo homem e pela vida, o abysmo do rancôr, aberto n'esta alma pela sua primeira e unica decepção amorosa. Só a cabeça lhe sobreviveu ao desastre, e o fóco mystico ardendo sob aquella fronte de illuminada. Augmentou-se-lhe ainda mais a religiosidade, mas implacavel, feroz, preferindo os textos desesperados, as formulas de maldições e de castigo. E sempre aquelle sonho de evangelisar, de salvar o mundo, com uma colera surda contra

a impossibilidade em que a mantinha a falta de dinheiro. Como havia de partir sósinha, agora, para as regiões dos infieis?

Occorreu-lhe o entrar para as diacozinas da rua de Reuilly; mas conhecia o espirito e a regra da casa e que estas religiosas semi-civis, se occupavam principalmente em visitar enfermos e miserias. Ora, os cuidados pelo farrapo humano causavam-lhe tédio e a compaixão parecia-lhe irreligiosa, uma vez que as chagas, moraes ou physicas, são outras tantas provações abençoadas, que nos devem approximar de Dens.

N'uma quinta feira, chamaram-n'a o locutorio, onde achou a velha mãe Autheman, com o seu eterno manto branco e luvas claras, que, informada do rompimento com o missionario, vinha pedir a Joanna que casasse com seu filho. A lyoneza quis uma semana para reflectir. Vira ella, muitas vezes, em Petit Port, aquelle rapagão

taciturno, entristecido pela enfermidade da cara deligenciando á mesa occultar com a mão a faixa de seda preta que a terrível molestia lhe avolumava, e, como acontece aos rostos velados ou disfarçados, concentrando nos olhos uma agudeza e um ardor extraordinarios. Pensou n'isso, recordando-se d'elle, sem temor algum. Agora, para ella, todos os homens eram a mesma coisa. A fealdade intima ou visivel, attingira-os a todos elles. Mas a fortuna tentava-a, uma fortuna colossal, para pôr ao serviço de obras piedosas. Teria acceitado immediatamenteⁱⁱⁱ, se não fôra a idéia de esposar um judeu, um reprobó. Uma hora de conversação com Autheman, que estava loucamente apaixonado desvaneceu-lhe os escrúpulos; e o casamento realisou-se no templo e não na synagoga, não obstante os protestos de

ⁱⁱⁱ “e” invertido na palavra *imediatamente*, corrigido por ser originado por erro de tipografia

Israel em peso. Casada que foi, Joanna lançou-se á sua obra de evangelisação, em pleno Paris, como se estivesse entre os cafres ajudada por todos os recursos de uma fortuna enorme, porque o cofres dos Authemans ficaram á sua disposição, as altas chaminés de Petit-Port fumegavam de dia e de noite, o oiro derretia-se nos cadinhos; os wagons que rodavam cheios de barras dariam para resgatar todas as almas do Universo. Teve reuniões de preces no seu salão da rua Pavée, predicas, restrictas a principio, e de que a viuva Autheman ouvia os canticos e os acompanhamentos de harmonia, quando á noite subia para os seus aposentos. E igualmente lhe acontecia cruzar-se na escada com umas caras extravagantes e famelicis de alucinados, fatos coçados, waterpooft enlameados, a multidão triste e fiel dos catechumenos pobres. Admirava-se ella bastante d'esta vida austera, e de como renunciára

ao mundo uma mulher nova e bonita; mas como o seu filho era feliz, talvez que mesmo ella visse n'este beaterio uma garantia para o pobre enfermo, e, longe de ir á mão a sua nora, facilitava-lhe a missão. Ah! que se ella soubesse que um dos primeiros e mais ardentes convertidos era o marido de Joanna, e que elle apenas esperava que a sua mãe morresse para se fazer «receber» e abjurar publicamente!

A recepção do israelita Autheman, no templo do Oratorio, foi um dos acontecimentos do fim do Imperio. Desde então, e todos os domingos, viu-se no banco dos anciãos e dos diaconos, em frente do pulpito, a physionomia afilada, a face desfigurada e tapada do celebre negociante de oiro. A sua conversão deu a Joanna uma verdadeira influencia. Tornou-se a madame Goyon do protestantismo, correcta na sua vida, perseverante na sua obra, estimada até por

aquelles mesmos que haviam chamado loucura á sua exaltação. Para espalhar a boa nova nos quatro cantos de Paris, alugou nos bairros populosos grandes salas onde ella ia prégar em certos dias da semana, tendo apenas por acolyta e apóstolo, no principio, uma solteirona, antiga enfermeira e costureira em casa de madame Bournon, calvinista ferrenha, oriunda de uma familia de fidalgos de Charente, em decadencia por causa das perseguições e que volvéra ás suas origens aldeãs.

A religião d'esta Anna de Beuil, conservava o fanatismo feroz e escorraçado do tempo das guerras. A' mulher ficára-lhe o olhar prescrutador e desconfiado, alma prompta para o martyrio como n'uma batalha, o desprezo da morte e do ridiculo; junte-se a isto que ella era grosseira e conservára a pronuncia da sua terra, e assim entrava, nos dias de predica, nas fabricas, nas lavanderias, e até nas casernas, espalhando

dinheiro quando era preciso, com o fim de trazer gente ao Evangelho.

Ao mesmo tempo o palacio da rua Pavée mudou de aspecto. Joanna, conservando a casa bancaria, supprimiu o negocio do oiro, que cheirava demasiadamente a judeus. O tio Becker foi installar para outra parte o seu commercio, e demolidas as officinas do Petit-Port, ou melhor de Porto-Salvador, edificaram para substitui-las um templo e escolas evangelicas. Em breve, da antiga casa dos Autheman, apenas havia o velho periquito da mãe, e do qual o banqueiro gostava muito, mas que Anna de Beul detestava, maltratava e enchotava de quarto para quarto, como resto final d'essa raça de reprobos, imagem viva da velha mercadora de oiro, cuja voz o animal possuia, bem como a curva do nariz hebraico.

VI

A Eclusa

ROMÃO... Lá está o Romão!... Este grito de alegria da pequena Fanny, no momento em que o comboio parava na gare d'Ablon, fez chegar ás portinholas uma fila de cabeças escandescidas, ruidosas, cabeças de parisienses fóra da terra, dando na estação o seu primeiro passeio ao campo, ao ar vivo com o alegre sol da Paschoa. A apparencia patusca do homemsinho, o seu riso amacacado rasgando-lhe até ás orelhas, respondia ao bom humor geral. D'uma extremidade á outra do comboio, ouviu-se o mesmo chamar interjectivo, modulado em todos os tons: Lá está o Romão!... Bons dias Romão!... Eh!... ó Romão, olha lá, Romão!... que deram por um minuto, ao homem da eclusa, que estava de pé e flammante

no caes da gare, a ensurdecedora embriagez da popularidade.

Olha lá marido, que têm elles contigo? perguntou Sylvarina muito admirada, e saltando, primeiro que ningnem do wagon, com a pequenita Fanny nos braços.

Ora! Estão contentes e divirtem-se... mas, com a breea, eu ainda estou mais contente do que elles.

E, esticando-se até chegar ás faces vermelhas de sua mulher, pespegou-lhe um grande beijo, estridulo, o que fez redobrar as gargalhadas nas portinholas; em seguida precipitou-se para dar a mão a madame Ebsen e a sua filha; mas Lorie, que vinha no wagon, antecipára-se-lhe, e ajudava as senhoras a apearem-se, com o gesto respeitosaemente submisso, com que elle recebia outr'ora a Imperatriz Eugenia quando desembarcára no caes de Cherchell.

E o Mauricio!... perguntou Fanny, procurando o mano á beira do Romão.

O menino Maurício está na eclusa menina Fanny. Ficou lá com Baraquin para ajudar á manobra... A sahida é por aqui, sr.Lorie e minhas senhoras ...

Carregado de capas, e com os chapéus de chuva de todos, com um passo miudinho, vivo e apressado que deixava transparecer o desejo refreado de correr e pular, o marido de Sylvarina precipitou-se para a barreira, em quanto o comboio expellia a fumarada da partida, e de lá rompiam mil vozes agaiatadas:

O' Romão!... Adeusinho, ó Romão!

Era uma idéa de Sylvarina, em vista da cara embrutecido e lamentavel do alumno do *Borda*, sempre com o nariz em cima dos livros, o mandallo distrahir-se para o bom ar do campo; e Lorie consentira com tanta mais facilidade, quando elle via n'isso, com o seu senso utilitario da vida, excellente occasião para elle se adeantar nos estudos navaes, pelo lado pratico. Havia tres

semanas que Mauricio estava na eclusa quando, aproveitando um feriado, sem lições e sem ministério, tomaram a resolução de o vir visitar, todos juntos.

Que desvanecimento, para Romão o de receber o seu antigo prefeito e aquellas duas bellas damas, que alegria a de fazer a Sylvanira as honras d'este domicilio conjugal, onde em breve, talvez... mas, caluda!...

Isso lá era um segredo entre elles ambos.

De Ablon a Petit-Port não vão mais que uns tres kilometros, que um omnibus percorre á chegada de todos os comboios; mas Romão, para melhor fazer as coisas, tomára o seu barco de serviço, um grande batel verde, repintado de fresco, onde todos se accomodaram a pequenita á ré, entre Elina e madame Ebsen, Lorie no banco fronteiro; Sylvanira , na prôa, enchedo-a com o seu vestido azul de ama, parecido com uma libré,

e a coifa branca, encanudada, com palha. Romão, ligeiro como um rato, foi o ultimo a entrar, empurrando a talude com o pé e tomou os remos. A barca estava pesada e o Sena difficil.

— Você vae-se cançar...

— Não tenha medo sr. Lorie.

O bom do homem remava com alma, risonho, careteando ao sol, derrubando a cabeça lanzuda até sobre os joelhos de sua mulher, e, por uma singular manobra, guiando para o meio do rio, onde a corrente parecia muito mais forte.

Então Petit-Port é da outra banda, Romão?

— Peço desculpa, sr. Lorie, é por via do reboque...

Não comprehenderam o que elle queria dizer senão quando o viram largar repentinamente os remos, e com a extremidade do croque aferrar o ultimo bote de uma comprida fileira que, todas as manhãs e áquella hora, alli passava a reboque.

Navegação deliciosa, sem fadiga nem balanço. O arquejar da machina, o ranger do cabo do reboque, enovelado na coberta do rebocador apenas se ouviam muito ao longe, n'um sorriso monotono e suave, dilatado até ambas as margens do rio, com a espuma da esteira dos barcos.

Debaixo de um céu claro, animado alegremente por esta mocidade do dia e do anno, desenrolavam-se n'uma e n'outra margem, n'um bom vento de velocidade, os campos desertos, as casas brancas, espacejadas de verduras nascentes e de lilazes azulados.

Como se está bem! dizia Fanny, com o braço por debaixo do de Elina; e aquella vosinha de creança exprimia o sentir de todos. Achavam-se bem. Pela primeira vez depois da sua desgraça, a pequenita tornava a encontrar as côres da saude, o seu fresco sorriso de flôr entreaberta, ao contacto da natureza que embala e consola. Madame

Ebsen, como todas as pessoas, que tendo vivido muito, muito têm soffrido, gosava tranquillamente um dia de tregoa. Lorie olhava para os cabellos louros que esvoaçavam nas fontes, na testa e no pescoço de Elina, figurando-se-lhe que era um tanto o seu proprio coração que o braço da sua filha approximava do coração da boa menina. Mas o mais feliz de todos era o Romão, sentado á prôa, junto a sua mulher e falando-lhe baixinho, com um olhar finorio, que de tempos a tempos relanceava para a ré.

Alli está Petit-Port... disse elle passado um momento, e mostrando uma aldeia com os seus telhados vermelhos uniformes, disseminados pelas encostas pouco elevadas, hortas canteiros de flôres ou de legumes, que guarnecem, de Ablon para cima, a margem esquerda do Sena... n'um quarto de hora estaremos na eclusa...

Avistava-se na riba, um casarão apalaçado, de apparencia antiga e senhorial, com os seus telhados de balaustres, e as suas fileiras de persianas cinzentas, com as ruas dos jardins copadas e aparadas, com uma meia laranja coberta de relva, rodeada de marcos, ligados entre si por correntes, em frente do portão de entrada. Para além, um parque immenso marinhava pela encosta acima um ondular de arvores alterosas de diversas essencias, separadas, do centro, por uma velha escadaria de pedra, desconjunctada e picada de hervas, em rampa dupla, recurvando-se em arco. E como as verduras ainda estivessem em principio, via-se tambem, lá no alto, as paredes brancas, a cruz de pedra, pesada e nova, de um grande tumulo de familia ou de uma capella.

O castello dos Authemans respondeu Romão aos olhares que o interrogavam.

Mas então é Porto-Salvador?... observou Elina com vivacidade.

Exactamente, menina... E' assim que chamam ao castello, cá na terra...

E' uma gaiola bem exquisita, vamos lá com Deus... e na aldeia d'elles não falemos! Creio que seria preciso procurar longe em Sena-e-Oise, ao mesmo por toda a França, para achar um logar assim.

Um mau estar inexplicavel se apoderou subitamente de Elina; o bello sol da primavera toldou-se para ella, bem como a atmospherá pura saturada do aroma das violetas; era a recordação da sua visita á Rua Pavée, e as censuras de Madame Autheman pela morte impenitente da avó. Não podia tirar os olhos d'aquellas filas de persianas fechadas, d'aquelle parque profundo e mysterioso dominado pela cruz, funebremente. Que acaso a trazia alli? Seria realmente o acaso, ou talvez uma voz de mais alto, um aviso de Deus?

Mas já um cotovello do terreno, um grupo de arvores, o andamento do barco, concentrando toda a propriedade sobre a margem do rio, lhe tiravam o character fatal de apparição; e agora, viam a eclusa cortando o rio com uma espuma prateada, rugindo surdamente, e cada vez mais forte á proporção que se iam approximando das comportas da repreza, e do pequeno paredão branco da levada, que abria lentamente a porta, aos silvos do rebocador. Romão mostrou a Sylvanira, no caminho por onde são puxados os barcos á sirga, uma casita, que parecia mesmo um dado, cujas portas e janellas figuravam perfeitamente os pontos negros.

— Estamos em casa!... disse elle devagarinho, com os olhos humidos, desprendendo o seu da fila de barcos, indo atracar ao caes. Mauricio, muito occupado em cima do paredão, mais o rapaz do açude, viu-os de longe; correu dando gritos de

caráiba, e agitando no ar o bonnet cujos galões haviam perdido o doirado com a agua e com as soalheiras. Elle mesmo estava queimado, bronzeado, com o nariz avermelhado e grosso, um verdadeiro marítimo, dizia Romão, e ja muito desembaraçado na manobra.

E o pae, radeante, gritou-lhe: Hein, Mauricio?... *o Borda!* sem reparar na cara apavorada que o pobre rapaz fazia quando assim bruscamente lhe lembravam a vocação. Felizmente chegava-se á casa da eclusa, um rez-do-chão, para onde se subiam alguns degraus, por causa das grandes cheias, e cercada d'uma horta com seus talhões bem verdes e ordenados. Portas a dentro, um quarto grande com duas camas pequenas, de ferro, para o empregado da eclusa e para o seu moço; a um canto, o mostrador de madeira, agulha, manipulador, todo o apparelho telegraphico que liga entre si as eclusas do Sena.

Ao lado, era a cozinha, reluzindo-lhe os utensilios que nunca tinham servido.

— Comprehendem, dizia Romão, enquanto eu estou assim, como solteiro... e contou que comia no *Esfomeador*, no Damour, uma taberna de maritimos, a dois passos, afamada pela sopa de legumes e pelas tencas de caldeirada. Fôra alli que elle encommendára o almoço. Abriu ainda, em frente da cozinha, um grande quarto escuro porque as persianas estavam fechadas, e para onde fez entrar a todos com orgulho e mysterio; e quando a claridade jorrou pela janella aberta, soltaram-se exclamações, á vista de um bello leito de acajú, ao lado um pequeno tapete d'onde se destacavam rosas de côres muito vivas, a commoda e por cima um espelho que reflectia uma collecção de bugigangas que elle ganhára na feira, e o papel amarello, pintado de flôres, todo semeado de estampas, das que se dão nos

estabelecimentos aos freqüezes. Este quarto era uma surpresa. O quarto de Sylvanira, comprado inteiramente com as economias de Romão, que não disséra coisa alguma á mulher. Guardava-lhe a estreia para quando... para quando...

— Está bom... interrompeu Sylvanira, que receiava que elle dissesse de mais; e levou-o comsigo, deixando aquellas senhoras a comporem, deante do espelho novo, os seus chapéus que o vento do Sena amarrotára alguma coisa. Quando Fanny ficou sósinha com Elina e sua mãe, disse-lhes n'um tom de voz mysterioso:

— Eu bem sei porque é que o Romão está tão bem contente... E' porque elles vão viver juntos... assim que nós tivermos outra mamã.

Elina estremeceu.

— Outra mamã!... quem é que te falou n'isso?

— Foi Sylvanira, esta manhã, quando me vestia... Mas... caluda!... é um grande segredo. E correu para junto do irmão, que chamava por ella.

As duas senhoras entreolharam-se.

— Segredista... disse Madame Ebsen, sorrindo. Elina indignava-se: Que loucura!... casar com aquella idade... E a mão tremia-lhe, impressionada, quando ajustava nos cabellos o comprido gancho de azeviche.

— Mas Linasinha, M. Lorie não é velho... Tem apenas quarenta annos. Elina julgava-o mais velho. Era sem duvida o seu ar serio e os seus modos solemnes que o envelheciam a seus olhos. E de mais, era apenas por um ponto que a noticia imprevista d'esse casamento a impressionava, e vinha a ser pela sua afeição extrema por Fanny, que ella se habituára a tratar como se fosse filha sua, e que, bem claro está, a tal mulher lhe retiraria.

Mas qual mulher? Lorie não fallára nunca em nenhuma. Elle não sahia, não via ninguem.

— E' necessario fazel-o falar, disse a mãe...

Temos o dia todo para isso.

Quando vieram juntar-se, sobre o paredão, Romão explicava a M. Lorie, o systema da eclusa, as comportas que sobiam ou desciam com auxilio de uma alavanca, os grampos de ferro na pedra, pelos quaes elle descia mettido n'um escafandro, para ir concertar, debaixo d'agua, as portas do canal. E' uma grande invenção, co'a breca, isto das eclusas! Antigamente, durante os tres mezes de verão, os pobres maritimos não tinham trabalho; e, em calão do rio, áquelle tempo perdido, em que as mulheres e os filhos choravam com fome e os homens, com os estomago vasio, se embebedavam na taberna, chamava-se o *Esfomeador*; d'este facto provinha o nome da

estalagem visinha. Agora a agua corria todo o anno e com ella não faltava o trabalho.

Loria seguia a explicação com ar entendido e serio de um sub-perfeito a inspeccionar as obras da sua circumscripção administrativa. Elina não ouvia, pensando n'aquella creança, que viera muito a proposito na sua vida para lhe encher o vácuo e bastar áquelle instincto de maternidade que n'ella começava a agitar-se. Para Fanny tinha elle tudo o que uma mãe póde ter, paciencia infatigavel, inquietação, cuidados elegantes, não se occupando sómente dos estudos, mas de cortar-lhe os vestidinhos, da côr do chapéu e da fita presa nos cabellos. Isto tudo só ella dizia respeito, pois que Sylvarina, abdicára perante a sua graça e bom gosto. E agora...

Apitavam. Os marinheiros, acabado o jantar, voltavam para bordo; e em breve o rebocador, com a sua chaminé branca e preta, arquejante, em

flócos, os flancos pintados de vermelho, e roçando quasi com o costado na passagem, pelos dois lados, nas pedras do paredão, defilou vagorosamente, acompanhado pelo sequito dos barcos. As portas da repreza tornaram-se a fechar, recalçando a massa enorme de agua; e o ranger da corrente affastou-se com o reboque, adelgaçando até ao ultimo barquinho, como a cauda de um papagaio de papel.

Antes de se retirarem do paredão, Romão apresentou Baraquino, a quem elle chamava o seu rapaz, nome que respirava frescura, de mais attendendo á cara já curtida, gretada, cheia de rugas maliciosas do velho barqueiro do Sena e Oise, cheio de reumatismo e andando de esguelha, como um caranguejo. O velho grunhiu um cumprimento; que parecia sahir de dentro d'uma cuba de vindima; pouco tempo o ouviram.

Romão, lá por si, e era esse o traço característico d'este typo de antigo marinheiro, nunca bebia uma gotta de vinho ou de aguardente. Quando era novo, fôra, todavia, e dizia-o com certa prosapia, o maior borracho da armada; mas quando uma vez, levantou mão contra o capitão, n'um dia de brodio correu o perigo do conselho de guerra e suas consequencias, jurou não beber mais e cumpria a promessa, apesar dos gracejos dos camaradas, das apostas e das tentações. Agora bastava-lhe ver um copo de vinho para se lhe revolver o estomago; em compensação tomára o gosto aos refrescos, aos capilés, ao café com leite, e xaropes d'orchata. E não fôra grande fortuna para elle, o topar com um companheiro sempre de grão na aza.

— Então que querem?... dizia elle, conduzindo as suas visitas para o almoço...

— A culpa não é d'elle, pobre do velho... E' da gente do castello... Desde que o exorcismaram, tem sempre mais dinheiro do que precisa.

— Exorcismaram... o que vem a ser isso?

— E' certo... Sempre que elle vae ao templo e communga, a dama de Petit-Port dá-lhe quarenta francos e um casaco... E' isso o que deita a perder este rapaz.

A hospedaria do *Esfomeador*, um pouco acima da eclusa, vê-se de longe, empoleirada no seu terraço, em cada canto do qual havia caramachões de caniçado e uma exposição completa de jogos ao ar livre, tiro aos pucaros, jogos de argolinha, pim-pam-pum o portico verde de um baloiço, d'onde pendia o trapezio e a corda de nós. Quando entraram, lisongiou-lhes o olfacto o bom aroma da sopa de carne que todos os dias alli se arranjava para os homens do reboque. A patrôa, Madame Damour, tratava de pôr a mesa

para elles, n'uma salinha reservada, com as pedras caiadas e muito limpas. Madame Damour, muito asseieda tambem, muito seria, quasi austera, apenas desenrugava a fronte para Romão, o seu freguez favorito.

E, mui baixo, enquanto ella andava de cá para lá, Romão contava que d'antes não havia ninguem mais alegre que estes Damours; mas elles tinham perdido uma filha, uma rapariga esbelta e formosa, da idade de Mademoiselle Elina. Com o desgosto, o homem mettêra-se tanto pela bebida que lá estava acabando os seus dias em Vancluse, entre os doidos; e a mulher, que ficára sósinha, não tinha vontade de rir, co'a breca!

— Mas de que morreu essa pobre pequena? perguntou Madame Ebesn que acariciava com os olhos tremulos, os dezenove annos floridos e avelludados da sua Elina.

— Parece, disse Romão ainda mais mysterioso, parece que foi a dama de Petit-Port que lhe deu bebidas más... E como Elina fizesse um gesto de indignação, elle accrescentou: Oiçam!... eu digo o que a mãe me diz... O certo é que a cachopa morreu no tal castello e cá na terra ainda se falla n'isso, apesar de passados já uns poucos d'annos...

A patrôa trazia n'uma caçarola, uma tenca soberba, toda acerejada ao lume, e que Romão pescára na reserva regulamentar, nos duzentos metros acima e abaixo da sua eclusa; e o perfume agradável d'este prato rustico, as explicações de Romão, o apetite motivado pelo passeio no rio, desviaram a atenção d'aquella sinistra lenda local, evaporada bem depressa, pelo vento fresco vindo do Sena, arrepiando-o deante do terraço, em mil escaminhas prateadas, cujo movimento e claridade ondeavam de reflexos os copos, as garrafas e a toalha nova e aspera. Um vinho de

Borgonha, do que os maritimos dão em pagamento nas hospedarias ribeirinhas, acabava de alegrar a festa, animada já pelas risadas das creanças e a louca alegria de Romão, abancado no rebordo da janella, ao lado de Sylvanira.

Como era feliz, o bravo Romão, com este almoço em companhia de sua mulher, o primeiro talvez, havia dois annos, depois do seu casamento; eram umas bodas novas. Mas isto não impedia de olhar pelos petiscos, de andar n'um virote da cosinha para a meza onde elle não queria que faltasse coisas nenhuma aos seus hospedes; e mesmo, o querido freguez, quiz fazer por suas mãos à moda da Algeria, como o seu antigo amo gostava, com o pé todo no fundo da chavena. E poisava triumphantemente a bandeja em cima de uma mesa comprida que servia de aparador, quando a tal mesa ressoou, repentinamente, sob a tolha qua a cobria.

— Espera !... um piano. Era um velho cravo, comprado por ocasião da venda de um d'aquelles antigos palacios, como ainda os ha por aquella margem do Sena. Depois de haver dirigido gavotas e minuets donairosos, o cravo, que já passara de moda, servia para divertir os parisienses ao domingo, n'uma casa de comes e bebes, exhalando os ultimos sons no Amante de Amanda ou na Filha do enfardador. Mas, sob os dedos mimosos de Elina, achou por um momento o seu frouxo encanto, a sua voz melancholica e breve, em harmonia perfeira com a côr do marfim amarelado das teclas.

Quando Elina, que não tocava desde que vestira luto, começou o ritornello da velha aria nacional: *Dinamarca com teus campos e prados esplendidos...* dir-se-hia que a avó em pessoa, com a voz tremula e intermitente, evocava do

horrisonte fronteiro as verdes pastagens, os trigos movediços e a ampla e luminosa natureza.

Em seguida Elina tocou Mozart, trechos que faziam lembrar vivissimos gorgeios de aves encerradas no pequeno teclado do cravo, e às quaes as alveolas da praia e as toutinegras respondiam, saltitando nos canaviaes. Acabada a sonata, começou logo outra, e depois ainda outra, abandonando-se assim ao encanto do velho instrumento, quando, ao voltar a cabeça, viu que estava só com Lorie. Romão e Sylvanira tinham descido para a beira d'agua afim de distrahirem as creanças; Madame Ebsen descêra tambem, mas para alli chorar mais á vontade.

Elle deixava-se alli ficar, continuando a ouvir-a perturbado até ao intimo do coração, muito mais do que convinha a um funcionario administrativo. Era tão linda, animada pela musica, brilhando-lhe os olhos, com os dedos,

finamente delgados, borboleteando por sobre o teclado. Elle teria querido demorar este delicioso momento, e permanecer sempre assim, n'aquella contemplação... De repente um grito de creança, um grito de terror desvairado, interrompeu o socegado ambiente, a sonora atmosfera das aguas...

E' Fanny... disse Elina, precipitando-se muito palida para a janella. Mas estavam já a rir e a bandeiras despregadas. E Lorie, debruçando-se, compreendeu a causa de todo aquelle alvoroço. Era Romão, vestido com o seu escafandro, e dispondo-se a descer até abaixo da eclusa.

Que medo que eu tive!... Elina, a quem voltavam as côres com o arquejar da respiração, interrompida por um momento, encostou-se ao pequeno parapeito, com a mão sobre os olhos, córada, e como que envolta em um nimbo de luz.

— Como a menina é boa para aquella creança!.. mormurou Lorie.

— E' verdade, estimo-a como se me pertencesse... E entristece-me bastante a ideia de que vae ser preciso separar-me d'ella.

Assustava-se elle ao pensar n'estes projetos de casamento de que madame Ebsen lhe falára já, e, com timidez, receiando saber a verdade:

— Separar-se d'ella... e porquê? Ella hesitou um instante, e depois, continuando a olhar ao largo:

— Uma vez que o sr lhe vae dar outra mãe:

— Quem disse tal?... Nunca pensei n'isso...

Mas como resistir áquelle olhar limpido, que se encontrava com o seu? Sim, sem duvida, acontecia-lhe ás vezes... E' tão triste viver só, não ter pessoa nenhuma com quem desabafar, contando-lhe as alegrias e os desgostos que occorreram durante o dia... E' tão triste a casa aonde falta a mulher... Mais dia menos dia, Sylvanira ia-se embora; e mesmo ella não estava á altura de fazer de mãe das creanças. Elle mesmo,

confessava-o, apesar do seu espirito methodico, não se entendia com o governo da casa, ao mesmo tempo que se julgava competente para a direcção de toda a provincia d'Algeria.

Dizia isto com sinceridade, um tanto confuso, com um sorriso bom e ingenuo; e sem duvida que Elina mais gostava d'elle assim, desconcertado e inerme perante a vida, do que de o vêr na solemnidade dos duplex.

— E aqui tem porque eu tinha pensado em tornar a casar; mas de mim para mim e sem nunca falar nisso a pessoa alguma...

E pergunto a mim mesmo quem é que lh'o poderia ter dito...

Elina interrompeu-o...

— E ao menos tem bom coração, aquella em que pensou?...

E Lorie commovido:

— Boa, linda... a perfeição...

— E será amiga dos seus filhos?

— Já o é...

Elina comprehendera e ficou enleada.

Elle pegou-lhe na mão, e poz-se-lhe a falar, baixinho, sem saber bem o que estava dizendo; mas ella distinguia na sua perturbação, os estremecimentos e a musica do amor. E enquanto os ternos protestos e as promessas do futuro se multiplicavam nos lambios de Lorie, ella sonhadora sempre, e olhando ao largo, queria vêr desenrolar-se-lhe a vida serena e traquilla como aquella paisagem do Sena, cruzada de seculos pautados, direitos, onde mal despontava o trigo: e alternadamente, a luz e a sombra, atravessavamos, segundo os caprichos do céo.

Talvez que ella tivesse phantasiado outra coisa, mais amplos espaços e mais movimentados. Na mocidade gosta-se de vencer obstaculos, das perigosas florestas das historias phantasticas da

puerícia, da torre oscilante para onde sóbe a ave azul. Mas aquelle casamento, que lhe offerciam, em nada transtornava os seu affectos. Conservaria Fanny e não se separaria de madame Ebsen.

— Oh! Isso, nunca... Juro-lh'ó.

— Elina.

— Então, está dito... serei a mãe de seus filhos... Sem que soubessem mui bem como as coisas se haviam passado, acharam-se identificados, e n'uns minutos, unidos para toda a vida; e madame Ebsen, que ao momento apparecia no terraço, adivinhou tudo, ao vel-os ambos de mãos dadas, debruçados á janela, a vigiarem os filhos.

VII

Porto Salvador

DE todas as aldeias ou logares, dispersos pela margem esquerda do Sena, entre Paris e Corbeil, bellas villegiaturas, com designações que fazem lembrar os esplendores do sol, Orangis, Ris, Athis, Mons, — Petit-Port, não obstante da sua denominação mais burgueza, é o unico que possui um passado e uma historia. Como Ablon, como Charenton, foi, por fins do seculo XVI, um importante centro calvinista, um dos logares de reunião concedidos aos protestantes de Paris pelo Edito de Nantes. O templo de Petit-Port via todos os domingos os vultos mais importantes da religião, reunidos em volta do púlpito, Sully, os Rohans, a princeza d'Orange, cujos coches enormes, recamados de oiro, desfillavam por

entre os olmeiros da Estrada Real. Prégaram alli theologos de fama, e lá foram celebrados bellos baptisados, casamentos e adjurações notáveis; não durou, porém aquella gloria.

Ao ser revogado o Edito, foi dispersa a população calvinista e arrasado o templo; em 1832, quando Samuel Autheman veio estabelecer alli as suas officinas de acrisolar o oiro, encontrou um logarejo, onde se vivia do cultivo das hortas, obscuro, e sem outra lembrança mais da sua historia, enterrada no pó dos archivos, do que o nome dado a um terreno inculto, uma pedreira abandonada, a que chamavam «o templo protestante». Foi sobre esse mesmo lugar do antigo templo, que foram construidas as officinas no alto da grandiosa propriedade, comprada na mesma occasião pelo negociante, que, ao tempo, já era muito rico. A casa era historica, bem como a aldeia, pois tinha pertencido a Gabriella

d'Estrées; mas alli, tambem de outro tempo nada mais restava do que uma velha escadaria de pedra, carcomida pelos soes e pela chuva, arredondado a dupla rampa de ambos os lados do entablamento, completamente ennegrecido pela vinha virgem e pela hera, a escadaria de Gabriella, cujo nome écoava, na sua descida curva, grupos de senhores e damas, trajando setins deslumbrantes a destacarem na verdura.

Sem duvida que muitas das arvores do parque eram contemporaneas da favorita; mas as arvores não fallam como a pedra, nada contam e perdem a memoria com as suas folhas em cada movimento estacional. Tudo o que se sabe do antigo castello é que elle devia dominar a propriedade e que as cosinhas, cocheiras, cavallariças e outras dependências occupavam à borda d'agua o logar onde hoje se eleva a casa moderna, restaurada e augmentada por Autheman.

Infelizmente, alguns annos depois da sua installação, soffreram, como todos os logares marginaes do Sena entre Paris e Corbeil, a passagem do caminho de ferro, que ao longo do rio, atravessou tantas propriedades de outr'ora. A linha de Orleans passa exactamente deante da escadaria interior, separando-a com canteiros floridos, arrancando duas das quatro polonias que sombriavam aquella parte do jardim. E a toda a hora do dia, na esplendida propriedade aberta nos dois extremos, ligando por ligeiras pontes de ferro os troços cortados, os comboios atroavam tudo com o seu trabalho de ferragens, lançando por os ares os seus penachos de fumo, e emmoldurando nas janellinhas das carruagens a visão de um terraço gurnecido de lorangeiras arredondadas, onde a familia Authman ia tomar o fresco, recostada em cadeiras americanas. Mais ao longe, viam-se estabulos de tijolo vermelho, estufas de

vidro, a horta cortada ao meio pela via ferrea, mesmo ao comprido, como se fôra o jardim de qualquer chefe de estação.

Quando, por morte da sogra, Joanna Autheman se achou senhora da fortuna e da vontade de seu marido, permaneceu em Petit-Port, graças ás recordações calvinistas, uma predistinação para a sua obra. Transformou a casa de campo como a de Paris, restabeleceu o antigo templo, construiu escolas para raparigas e rapazes, e tendo-se retirado o tio Becker com os operarios do oiro para as officinas de Romainville, apenas em Petit-Port ficaram os camponios, os hortelãos, vinhateiros e alguns fornecedores d'uma terra pequena. Pois foi entre esta gente que Joanna, ajudada por Anna de Beuil, exerceu o proselytismo. A solteirona ia de porta em porta, promettendo a freguezia e a protecção do palacio a todos aos que fossem ao templo, aos que

mandassem os filhos ás escolas evangelicas, escolas gratuitas, com officinas annexas, á sahida das quaes os alumnos encontravam uma posição em conformidade com as sua aptidões.

Teriam sido necessarias convicções religiosas bem definidas, como absolutamente se não encontram já entre os nossos camponezes, para resistir a tantas vantagens. Primeiro, vieram algumas creanças, e os paes habituaram-se a acompanhá-las nos domingos, ás reuniões evangelicas: a principio madame Autheman bastava, sósinha, para um culto em familia; aggregou depois um pastor de Corbeil, edoso e timorato, que ministrava as cumunhões, celebrava os casamentos, os enterros, mas que nunca passou de um subordinado. Joanna, muito auctoritaria, conservava a direcção suprema da sua egreja e das suas escolas.

Quando aquelle velho morreu, decorridos alguns annos, teve ella muita difficuldade em o substituir, apezar da sua grande fortuna e da sua influencia junto ao consistorio parisiense. Os pastores succediam-se no Petit-Port, a breve trecho fatigados com o papel de leitor ou de sachristão a que os reduziam, até ao dia em que ella encontrou Mr. Birk, da igreja scandinava, um verdadeiro mercenario, prompto para tudo e de francez sabendo apenas o preciso para ler a biblia e fazer as cerimonias.

Joanna reservou para si a prégação, a interpretação dos versiculos; e pode-se calcular o pasmo dos camponezes, ao verem a formosa dama do palacio subir ao pulpito. E como ella falava bem! E por tanto tempo como o cura mais ladino. Accrescente-se a isto, aquelle bello templo novinho em folha, muito maior que a sua igreja, a severidade das altas paredes nuas, a autoridade do nome e da

fortuna do banqueiro... Sahiram admirados, impressionados contavam o que tinham visto, e a maneira porque a madame Autheman dizia a sua missa. Em seguida ao officio, a dona do palacio conservava-se na sachristia, recebendo quem lhes queria falar, fazendo com que lhes contassem os seus negocios, aconselhando-os, não já na linguagem mystica do pulpito, mas familiarmente, do modo mais pratico possível.

E por isso instituiu premios em dinheiro e fato, que se entregariam no dia da communhão, a todos os que acceitassem a religião reformada. Foi primeiro o carteiro, seguiu-se-lhe o cantoneiro e a mulher d'elle. A sua recepção fez-se com grande pompa; e quando os viram vestidos de panno novo, de boa lã de agasalho, e o bello dinheiro a tilintar-lhes na algibeira, e garantida a protecção do palacio, d'ahi para o futuro outros muitos lhes seguiram o exemplo.

Para resistir a esta desenfreada propaganda, havia apenas um Petit-Port o cura e a irmã da caridade. O cura, um pobre homem, vivia difficilmente da parochia, sem pé d'altar, e tambem, do producto do que pescava e que a creada ia vender, ás escondidas, nas tabernas d'Ablon. Além d'isso estava habituado a respeitar na aldeia o proprietario rico, a influencia preponderante, e não seria elle capaz de fazer frente aos Authemans. No emtanto, permitia-se fazer, ao domingo, no pulpito, umas allusões muito vagas, e mandava relatorio sobre relatorio ao bispado de Versailles, o que não impedia que a sua egreja se fosse despovoando, como de um vaso fendido foge a agua. E as turmas de catechismo a rariarem de anno para anno, deixando a logar das deliciosas partidas do jogo das escondidas, entre os bancos, aos raros rapazitos que ainda appareciam.

A irmã Octavia, directora da escola de raparigas, mais ardente, como o são todas as mulhoreas a quem a paixão domina, lançava-lhe em rosto a vergonha da sua fraqueza, defrontava-se abertamente, com o antagonista dos Authemans.

Agitava-se, pois ella tinha tambem horas vagas; percorria a aldeia, com a touca a dar a dar e com o ruido, rixoso, do seu comprido rosario. Diligenciava, á sahida das aulas evangelistas, tornar a apanhar as suas discipulas: «Tu não tens vergonha minha descarada.» Ia ter com as mães ao lavadoiro, com os paes aos campos invocava a Deus, a Virgem e os santos, apontava para o céo mystico onde o camponez, apenas vê agua ou sol para as suas colheitas, topando com piscadellas d'olhos e profundos suspiros hypocritas: «Pois sim, sim, irmã... com toda a certeza... seria muito melhor como diz.» O que era na verdade terrivel, era quando acontecia encontrar-se no mesmo

terreno com Anna de Beuil: as duas mulheres, em frente uma da outra, prototypos das duas religiões, uma d'ellas magra, esguia e amarellenta, transpirando — apesar dos annos já decorridos, a revolta e as persguições; a outra gorda, presença amavel, as bochechas sahindo-lhe para fóra das fitas da touca, as mãos papudas, segura á confiança no seu escapulario, de ordinario protegido pelos ricos. Acontecia, porém, que d'esta vez o palacio fazia guerra á irmã de caridade e não era igual a partida.

Na sua exaltação, soror Octavia não media as palavras, não se contentava com redicularisar madame Autheman e as suas prédicas mas fromulava tambem contra ella as mais graves accusações como a de roubar creanças, de praticar toda a casta de violencias, de drogas e maleficios, para as obrigar a abjurarem a sua religião. A morte subita d'uma rapariga, Felicia Damour,

empregada no palacio, tornou estas fabulas acceitaveis. Houve um principio d'inquerito, que teve por desfecho mandarem soror Octavia para outra residencia. Não a substituíram.

O cura, esse conservou o lugar, viveu no seu canto, prérgou n'uma egreja sem auditorio, e continuando apesar de tudo, em relações cortezes com os Authemans, que lhe mandavam alguma caça no tempo proprio. «Esta gente é muito poderosa... E' preciso andar com cautella...» dissera-lhe o bispo; e, desligado assim, pelo seu superior, de toda a responsabilidade, o bom do cura pescava os seus cabozes e deixava correr o marfim.

Era bem singular a aldeia, n'aquella epocha. Por entre as casas uniformes, de telhados vermelhos, que o velho Autheman mandára edificar para os seus operarios, por entre as alamedas de pequenos olmeiros, plantados por sua nora, circulava um enxame de creanças, trajando

todas blusa igual de lustrina preta acompanhadas por um mestre escola de grande sobre casaca, ou por senhoras novas, todas como Anna de Beuil, com vestidos de romeira.

Todos no palacio trajavam de preto, destacando-se-lhe as lhetras P. R. de metal, na golla. Dis-se-hia uma d'estas aldeias dos Irmãos moravios, Herrnhout ou Nieski, especie de communitades livres, de uma organisação tão curiosa; mas a devoção d'estes semi-religiosos é sincera, enquanto que os camponezes de Petit-Port não passavam de uns abominaveis hypocritas. De sobejo sabem elles que muito lhe apreciam as momices, o seu andar de constrictos, vergados ao peso do peccado original, e os trechos biblicos que misturam com a sua algaravia rustica.

Oh! a biblia... a athmosphera d'aquelles sitios estava impregnada de biblia. As paredes resumavam versiculos, no frontspicio do templo e

das escolas, bem como nas lojas de todos os fornecedores do palacio. No palacio lêem-se em grandes letras pretas, por cima do balcão: «Morre aqui para viveres além»; e o merceeiro escreveu na sua tenda: «Afeiçoae-vos ás coisas que estão lá em cima». Precisamente o que estava lá em cima, eram uns frascos de ameixas e de ginjas em agua-ardente. Mas os camponios não lhes davam gasto nenhum, com medo de Anna de Beuil e das suas espias; por isso, quando queriam beber a sua pinga, iam ao Athis, ou á casa do Damour, n'uma palavra, ao *Esfomeador*. Além d'isto eram ladrões mentirosos, verdadeiros camponezes de Sena-e-Oise, contendandose com accultar os seus vicios, e conservando-os como preciosidades.

O que distingue Petit-Port, esta aldeia da Reforma tão curiosamente resurgida de suas cinzas ao cabo de trezentos annos, das outras instituições protestantes dos arredores de Paris,

das escolas de Versailles, de Jouy-en-Josas, das colónias agrícolas de Essone, é que, em vez de ser mantido pelas collectas dos Reformados francezes, de Inglaterra e da America, apenas depende dos cofres dos Authemans, de quem são a casa, a propriedade, e póde subtrahir-se a toda e qualquer outra fiscalisação.

Joanna Autheman continúa a ser o summo pontifice, a influencia occulta acima da actividade de Anna de Beuil. Durante a sua estada de oito mezes no Petit-Port, nunca ninguem a vê lá na terra. De manhã á obra das Damas Evangelistas, a (Obra,) como ella e os seus lhe chamam; recebe os catechumenos, e á tarde encerrava-se no «retiro», aquelle pavilhão isolado no meio do parque e que dá origem a tantos e tão mysteriosos commentarios. Ao domingo, dedica-se inteiramente ao templo e ás escolas, o templo lugubre e branco, cuja cruz, pesada como a de

uma sepultura, domina a propriedade e a opprime, dando-lhe uma physionomia conventual, completada pela severa boa ordem das coisas, pelo aceio das avenidas desertas, pelo recolhimento religioso da casa fechada em toda a sua longa frontaria, com a sombra de uma romeira preta recortada sobre a areia do arruamento ou sobre as lages da escadaria; e, de longe em longe, rumores de canticos e de orgão atravessavam o torpor silencioso das compridas tardes de verão.

Ao cair da tarde a casa anima-se um tanto. Abre-se por completo o portão de grades, giram rodas na areia, e um canzarrão escocez, já velho, arrasta-se a ladrar á volta de uma carruagem. E' Autheman que regressa de Paris, no seu coupé, preferindo uma hora da jornada a expor a sua cara desfigurada á curiosidade de uma gare de arrabalde, fervilhando sempre de gente, pelas cinco horas. Ha um momento de agitação, portas

que batem, palavras breves trocadas a meia-voz, um ruído de um balde do lado das cavallariças, o assobio de um moço que dá de beber ao gado; em seguida, a comunidade recahe no seu melancolico silencio interrompido, a espaços, pelo estrepito de um comboio a toda a velocidade.

N'aquella manhã, uma esplendida manhã de maio, o palacio apresentava extraordinaria animação.

Cahira granizo durante a noite, em meio de um espantoso temporal, quebrando ramos, e desnudando as arvores, cujos despojos verdes e cheios de seiva, folhas e flores esfrangalhadas, em pedaços, juncavam a escadaria, misturados com pedaços de vidros de estufa. Os jardineiros manobravam apressadamente com os ancinhos e os carrinhos de mão, ouvindo-se o ruído de ramagens que se arrastam, de areia e de vidro partido.

De luvas calçadas, e chapéu na cabeça, Autheman, um dos que mais cedo se erguiam no

castello, como era tambem um dos primeiros a entrar na sua casa bancaria, passeava no terraço, medindo-o com passos febris, absorto, e n'uma agitação que se poderia attribuir ao destroço no arvoredo do jardim e dos magnificos viveiros dos caixotes. E a cada volta, detido pelos degraus, voltava automaticamente, lançando ás vezes os olhos para as persianas fechadas do quarto de sua mulher, informando-se, por uma ou outra criada, se a senhora se não tinha levantado ainda. Continuava a girar, atormentando e coçando, com a sua mão enluvada, e com um gesto nervoso que lhe era habitual nas suas horas de preocupação o terrivel mal, occulto pela faixa de seda preta. N'aquella manhã, limpida e côr de rosa, fazia o effeito de uma fantasma: e fôra assim que Elina Ebsen o vira pela primeira vez, por detraz de rede metallica, com aquelle mesmo olhar agudo, devorado com a amargura d'aquelle sorriso de

travez, erguendo o labio n'uma interrogação muda e dolorosa, a mesma sempre: «Hediondo; não é verdade?»»

Hediondo. Era o desespero d'esta existencia de rico, a idéa fixa que o torturava desde a infancia. O casamento, a posse da mulher amada, haviam-no melhorado por algum tempo. E como que tranquilizado por aquelle formoso braço sobre o seu, mostrava-se por toda a parte. Viam-no no templo, na Bolsa, nas cessões do concistorio, de que se tornava um dos membros mais altivos. Deixára-se até nomear maire de Petit-Port. Depois, subitamente, voltou a antiga hipocondria, mais forte e receiosa, que o affastava de tudo, que o encerrava no castello, na grade com cortinas azues do seu escriptorio, sem que, na apparencia, coisa alguma tivese mudado na prosperidade e edificativa concordia do lar domestico. Elle, apaixonado sempre por sua mulher cedendo a

todos os seus dispendiosos caprichos da (Obra); ella, meiga, affectuosa exacta — quando elle partia ou voltava — em approximar ás caricias a sua fronte alva e macia, em informar-se das operações, do movimento dos negocios, pois era leoneza a valer, ao mesmo tempo industrial e mystica.

Ella contava-lhe tudo: o thema do seu proximo sermão, o numero de almas arrancadas ao peccado durante a semana, e de que ella possuia um grande livro por Deve e Haver. Mas permanecia um mysterio entre elles, um como rompimento secreto, visivel ás vezes nas respostas distrahidas do pobre desgraçado, e de olhar fixo, suplicante, com o qual buscava, no fundo da risonha indifferença de sua mulher, um ponto sensivel em que tocasse. Coisa bem para admirar em uma pessoa tão exaltada, não lhe perguntava nunca porque abandonara elle as santas assembléas, e todas as mais devoções, inclusivé o banco dos

anciãos, até nos tres dias selemnes de communhão anual. Parecia evitar uma explicação, furtar-se e habilmente, com o seu duplo instincto de mulher e de padre, em quanto elle se callava por altivez, e tambem com o receio de annuiar aquelle bello rosto, unica luz da sua vida.

Mas, d'esta vez, Autheman tomára a resuloção de acabar com aquillo, de dizer o que havia tres annos o suffocava; e esperava, andando de cá para lá, ao longo do pavimento lageado, encostando-se á balaustrada, a olhar para os comboios que passavam...

O expresso da manhã... Annunciava-se este pelo estremecimento longiquo do solo, uma aspiração que fazia o vacuo sobre a via deserta e a direito, juncada toda de ramalhetes floridos, de ramos verdes cortados pelo vendaval. Deante das paulonias, era uma verdadeira cama primaveral, como seria bom estender-se alli... Oh! o sonho da

sua mocidade, dormir alli, com a face em cima do carril, aquella horriavel face que nenhuma coisa podia curar... E agora mesmo, todo o seu cotpo se estendia por sobre a rampa, attrahido por uma vertigem, por uma tentação suprêma. Mas já o comboio desaparecêra n'um furacão, urrando, apitando, com o aureo relampago da sua machina de cobre, todas as suas janellinhas parecendo uma só, e o turbilhão de poeira, de chispas e folhas soltas, impellidas pelo vento de sua narcha a todo o vapor.

Depois, houve nos ares um como espasmo, uma paralyisia de tudo enquanto á direita e á esquerda, a linha varrida ostentava, estreitando-a, a ferragem luzidia e negra dos carris...

— A senhora está esperando o senhor na saleta...

— Já vou... respondeu Autheman n'um tom de voz de homem a quem despertam, pallido ainda e a transpirar sob a impressão do seu pezadello.

N'um pequeno locutorio do rez-do-chão, cujos moveis, forrados de setim, já fóra de moda, datavam do casamento da velha Autheman, Joanna conferenciava com Anna de Beuil, ao mesmo tempo que ia almoçando uma grande chavena de leite frio, ao canto de uma banquinha carregada de livros. Fica... disse ella, em voz baixa, á sua acolyta, que fizera gesto de retirar-se á vista do marido; e, fitando este bem de frente com os seus olhos claros:

— Bons dias... Que temporal, esta noite!

— Terrivel, effectivamente... Estava com receio por si... Quiz mesmo ir tranquilliza-la; mas a porta do seu quarto estava, como sempre, fechada... acrescentou elle tristemente, e em voz baixa; mas ella já não ouviu e continuou a conversa começada, molhando a fatia no leite:

— Estais bem certa d'isso, Anna?

— A não ser que Birk me mentisse... respondeu Anna de Beuil. Mas o casamento não se realizará senão d'aqui a tres mezes, por causa do lucto...

— Tres mezes... Oh! então, nós a salvaremos...

E voltando-se para Autheman, que estava irritado com a presença de uma terceira pessoa:

— Desculpa meu amigo. Trata-se de salvar uma alma... Ebsen, aquella pequena em que lhe falei...

Bem se importava elle com Elina Ebsen.

— Joanna... disse elle baixinho, e com olhar suplicante; mas viu claramente que ella o não queria ouvir; e de remesso:

— Então, adeus... Vou-me embora...»

Mas ella deteve-o, com um gesto da sua mão fina, como se fôra um travão:

— Espere... tenho uma incumbencia para si... e voltando-se para Anna de Beuil perguntou-lhe: Watson está prompta?

— De mau humor ainda, mas lá chegará...

Ella então escreveu n'uma folha de papel, com o carimbo da Obra, um bilhete que leu em voz alta:

«Minha querida filha; é na proxima quarta feira que mistress Watson faz em publico a sua adhesão ao Evangelho. Teremos, por essa ocasião, uma boa assembléa na salla B, 59, avenida dos Ternos. Espero lá vê-la.

Sua afeiçoada em Christo.»

Em seguida assignou, entregou a carta ao marido, recommendando-lhe que a mandasse ao seu destino n'aquella manhã mesmo, encarregou-o de mais alguns serviços, provas para a imprensa, uma encomenda de trezentas biblias, e outro tanto de «*Pão Quotidiano*» e dar recado ao afinador

para o harmonio da salla B... Que mais ainda?...

Mais nada.

Ao transpor a porta, elle voltou-se magoado por lhe faltar a entrevista; quiz fallar, mas não se atreveu, e sahiu com passos furiosos; atirando com as portas.

— Que tem elle? Perguntou Anna de Beuil.

Joanna encolheu os hombros:

— A mesma coisa, sempre... E acrescentou:

«Has dizer a Gegu que ponha outro fecho no meu quarto... O que lá está não fecha bem.

— Por causa do temporal d'esta noite sem duvida, disse Anna de Beuil... a casa toda abalava.

E olhavam uma para a outra, com as faces impenetraveis e frias.

VIII

O Testemunho da Watson

NA Avenida dos Ternos, ao lado de uma estação de omnibus, M.^{me} Ebsen e a sua filha entravam, á noite, n'um páteo de uma rua de operarios; era a tal casa illuminada vagamente por uma frouxa luz avermelhada, de pharol de policia por detraz de um grande vidro, onde se liam estas palavras: *Salla Evangelica*. A' entrada, entre os batentes de uma porta dupla de baêta verde, um homem distribuia uns livrinhos, tratados, canticos, aos quaes juntava o programma da reunião d'aquella noite, que já começára quando ellas chegaram.

O local era vasto e alto, uma antiga officina transformada recentemente em uma sala de orações, e conservando por baixo da pintura das paredes, onde cahia, a espaços, a luz crua de um

bico de gaz, o vestigio negro das chaminés das forjas os buracos dos cabides das ferramentas. La dentro, n'uns quarenta bancos, de que apenas metade estavam occupados, havia o publico mais misturado que se póde imaginar: algumas velhas bem trajadas, algumas estrangeiras, depois os caixeiros da casa Autheman, curiosos, vadios do bairro, achando mais commodo ir dormir n'um banco d'aquelles do que n'um café, blusas d'operarios, lenços de cabeça de varredouras de officio, onde em Paris contam mais lutheranos, cinco ou seis militares, de cabello á escovinha e orelhas afogueadas e por ultimo os maltrapilhos, pagos a tanto por hora, alguns velhos frequentadores, pagos a tanto por hora, alguns velhos frequentadores das portas d'egrejas, caras avinhadas côr de terra, embrutecidas, e entre ellas uma mendiga, no meio de um enxame de creanças, cobertas de farrapos e a tasquinhar pão secco.

Sobre um estrado, onde a elevada estatura de Anna de Beuil marcava, com uma batuta de madeira preta, o compasso de um cantico, campeava M.^{me} Autheman, n'uma grande poltrona, correcta e fria como de costume, á frente de uma dupla fileira de romeiras evangelicas, de blusas de lustrina das escolas de Porto-Salvador, com a mancha branca e adiante dos pequenos canticos sobre toda esta escuridão de trajes Elina sentada ao fundo, perto de sua mãe, abriu machinalmente o programma impresso com luxo e onde se lia:

REUNIÃO DAS DAMAS EVANGELICAS

SALA B — 59, AVENIDA DOS TERNOS

I Cantico IV: O precioso sange de Jeeus

Branqueou-me como a neve

II Conferencia *A preguiça da alma*, por Mme Autheman.

III Testemunho do joven *Nicolau*, das escolas de Porto-Salvador.

IV Testemunho de *Watson* de Cardiff. *Uma noite em lagrimas.*

V Cantico IX: — Peccadores, temei a loucura,
Regressae para Chanaan

Acabava ella de decifrar aquella algaravia, quando lhe vieram pedir a ella e á mãe, que passassem para a primeira bancada, o que sobremodo lisongeou a vaidade de M.^{me} Ebsen, muito desvanecida por se vêr entre os chapéus emplumados das senhoras idosas, cujas carruagens ella vira em frente da porta, a seguir á da presidente e dos omnibus de Porto-Salvador. Era o fraco d'aquella pobre mulher, os titulos e a fortuna; repimpava-se, espanejava-se no seu mantelete de seda, lançando sorrisinhos para a direita e para a esquerda, com os modos amaveis de directora do collegio em dia de distribuição de prémios. Elina encostava-se a ella, contrafeita por estar precisamente sob o olhar da presidente.

Acabára a musica, e, authomaticamente acabaram os canticos. Houve na sala um arrastar de pés, a a tossezinha secca de um auditório que se ageita para ouvir; e M.^{me} Autheman encaminhou-se para a beira do estrado, com os cabellos bem presos por debaixo de um chapéu (obra de modista da fama) — porque S. Paulo prohibe ás mulheres que orem ou prophetisem com a cabeça descoberta, — e entrou a falar no marasmo da fé, e da preguiça universal das almas... Já não existem christãos entre os homens e as mulheres do nosso tempo! Já se não lucha já se não soffre, já se não morre por Christo. Julgam-se quites para com elle com o fazerem tão sómente algumas praticas rotineiras: orações á flor dos labios, e sacrificios faceis, que em nada perturbam o eguismo das affeições...

Elina reconhecia no intimo do seu ser, aquella voz que tanto a perturbára apezar de gélica, mas

penetrantes como agulhas de gelo. «E' para mim que ella está falando, pensava, e arrependia-se de ter vindo, sabendo qual o effeito dominador que, sobre a sua natureza, tinha aquella outra natureza de mulher.

... Não, Jesus não quer esta devoção de encomenda, este christianismo official. O que elle exige, é uma renuncia completa dos esplendores, do bem estar, e de todas as affeições mundanas...

Lá fóra, rodavam as carruagens, de parceria com as campainhas dos omnibus, e com as trompas dos tramways. Uma gaita de folles de auvernhez lançava aos ares da cidade as suas cadencias pesadas e estridulas. Mas os rumores da Babel e seus arrabaldes não chegavam aos ouvidos da Evangelista, não a perturbavam mais do que o manducar dos pobresitos que lá no fundo iam roendo o seu pão, á maneira de ratos e o roncar fanhoso d'algumas almas indolentes.

Ereta e serena, apertando com uma das mãos o mantelete contra o busto, e tendo na outra, entreaberto, um pequeno cantico, ella continuava a prégar o desprendimento dos affectos e bens terrestres e terminava por uma citação da Escriptura: «Em verdade, eu vo-lo digo, não ha ninguem que tenha deixado a sua casa, seu pae, sua mãe, e seus filhos por amor de mim e do Evangelho, que não receba cem vezes outro tanto.»

Ouviu-se o órgão e soaram canticos; e escutál-os foi como que um alivio n'esta suspensão da athmosphera, onde pairava uma especie de tensão, uma fadiga por este longo discurso lastimoso. Um dos militares levantou-se e sahiu. Aquillo aborrecia-o. Além d'isso fazia um calor de estufa, lá dentro. «Deviam abaixar o gaz...» dizia devagarinho a gorda M.^{me} Ebsen. Elina, julgando responder-lhe: «Sim... Sim... Está na Biblia... disse ella com vivacidade e como que irritada.

De repente, guinchou uma voz de creança, sobre o estrado, com intonação bairrista e labios torcidos, á guisa de vendilhão de senhas d'espectaculo.

Era o joven Nicolau, das escolas de Porto Salvador. De quinze annos, as faces encovadas, tez da fabrica, cabelos corredios e engordurados, balouçava-se na blusa comprida, sublinhando as palavra com gesto de garôto.

«Gloria a Deus! Estou lavado no sangue de Jesus... Eu servia o demonio, e a minha alma apodrecia na eniquidade... Não, eu nunca me atrevia a dizer-vos a enormidade das minhas culpas...»

Tomou a respiração por um instante, e poder-se-hia julgar que ia esmiuçar os taes peccados. Ora, como antes de entrar para Porto Salvador passára dois annos na Petite-Roquette, o auditorio teria de ouvi-las bonitas; mas, felizmente, passou adiante.

«Agora, tudo é gloria e luz em minh'alma. Jesus tirou-me da torrente de perdição, e tambem, vos tirará a voz, se o chamardes em vosso auxilio. Peccadores que me escutaes, não resistaes por mair tempo.

Dirigia-se ás damas edosas da primeira bancada, com um sorriso finorio e piscadellas d'olhos, como se fallasse aos antigos companheiros da prisão; e intimava-as «a que evitassem as más companhias, que se entregassem a Jesus cujo precioso sangue lava os maiores crimes...»

Depois, encolhendo os hombros, com a cabeça para a frente, com esse pescoço de tartaruga, cheio de rugas e esgrouviado, affastou-se, para ceder o logar a Watson de Cardiff.

Quando a viram, um estremecimento percorreu a sala, como á entrada d'uma actriz de primeira ordem. Era o attractivo do programma, aquella Watson, e para a gente de M.^{me} Autheman,

«um testemunho» esperado havia muito. Elina reconheceu sob a telha de um chapéu inglez, atado com fitas largas, o rosto intumescido e lacrimoso, os olhos encendidos, avermelhados da aparição que tantoa impressionára por ocasião da sua visita a M.^{me} Autheman. Sem duvida que n'aquella manhã lhe haviam feito ensaiar o seu «testemunho» e Lina tinha podido dizer á custa de quantas dores de coração.

«De mau humor ainda, mas lá chegará!...

Mas não! Em presença de toda esta gente, com aquella iluminação, aquelles olhos todos cravados na sua dôr e na sua fealdade, faltou-lhe a palavra subitamente. Via-se arquejar aquelle sobre o peito chato, e duas mãos brancas, de grossas veias, erguiam-se-lhe, até á garganta sibilante, a procurar alli o obstaculo doente que atabafava, e que impedia que sahissem as palavras.

«Watson!...» disse uma voz breve e severa. A catechumena inclinou a cabeça para aquelle lado, para dizer que sim, que ia fallar; e foi tal o esforço, que se ouviu um como estalido, o desandar da corda d'um relógio de parede no seu pescoço.

«Uma noite na lagrima!!! começou ella, com a pronuncia e construcção estrangeira e tão baixo que ninguem a ouvia.

«Mais alto» ordenou a mesma voz de ha pouco. Ella então precipitou-se; e d'um fôlego, com uma formidavel accentuação ingleza:

«Eu tinha soffrido muito pela crença de Jesus e eu queria contar a vós o quanto havia supportado.»

No Palais-Royal, isto faria rir a bom rir. Aqui, perguntavam uns aos outros, admirados: «Que diz ella?» No estrado M.^{me} Autheman e Anna de Beuil cochichavam. Em seguida a presidente chamou: «Elina Ebsen!» e fez-lhe

signal para que se approximasse d'ella. Elina hesitava e olhava para a mãe.

»Anda, vae!...»

Obedeceu, como n'um sonho; percebeu que lhe diziam para ir traduzindo o testemunho, á medida que Watson o fosse pronunciando na sua lingua. Ella, a quem duas pessoas ao pé do piano paralysavam, falar alli, diante de toda aquella gente! «Nunca se atreverá a faze-lo...» pensava a mãe. Mas ella fêl-o, e poz-se a traduzir, docilmente, acompanhando as inflexões da cathechumena, em quanto M.^{me} Ebsen, animada por uma pueril presumpção de mãe, olhava envaidecida em volta de si, para avaliar o effeito que a filha fazia.

Ah! mãe desgraçada! Era para tua filha que tu devias ter olhado, para aquellas faces que se encandesciam n'um rubor febril, com os olhos baixos a principio, sob as pestanas de seda clara e

que se abriam agora em todo o seu brilho e fixidez; terias comprehendido, então, que é assim que se adquirem esses acessos mysticos, como a crise nervosa que derruba, ás vezes, sobre as camas no hospital, toda uma filha de doentes; e verias que aquella demente, desvairada e emmurchecida, de pé ao lado de Elina, roçando-lhe com o gesto, com o halito quente, lhe ia innoculando a pouco e pouco a sua loucura contagiosa.

Era sinistro e feroz, este «testemunho» de Watson.

Um dia, affogára-se-lhe um dos filhos, á sua vista, quasi nos seus braços; e aquella morte lançara-a n'um horrivel torpor de melancholia, que ninguem podia mitigar. Chegou-se então uma mulher e disse-lhe: «Watson, levanta-te e não chores mais. O que te aconteceu é um primeiro aviso de Pae, por teres entregue todo o teu coração affeições terrenas, pois está escripto: Não ameis.

E, se não bastar este primeiro aviso, devo-te advertir outra vez, tomar-te-hei o marido e os outros dois filhos, ferindo-te sem treguas até comprehenderes...

Watson perguntou: «Que devo fazer?

— Renunciar ao mundo e trabalhar para o divino mestre. Ha milhares de almas que a ignorancia entregou ao demonio. Vae liberta-las, leva-lhes a salvação. Depende d'isso a vida dos teus.

— Eu parto... disse Watson: e aproveitando-se de uma ausencia do marido — guarda-mór do pharol de Cardiff e de serviço quinze dias — abandonou a casa, n'uma noite, enquanto os filhos estavam a dormir. Oh! que noite aquella, a da partida; aquella ultima vigilia de pé das duas caminhas, embaladas por um mesmo halito innocente e equal, o agarrar-se desesperada áquellas mãosinhas, aquelles bracinhos lançados em posturas de abandono, pelo somno e a graça

meiga da infancia... Que despedida! Quantas lagrimas! Ainda inundavam, com a recordação d'esse lance, aquelle pobre rosto, nos dois sulcos de lava abrazadora... Mas, com a ajuda de Deus, Watson triumphou das ciladas do espirito maligno.

E agora, ei-la de bem com Jesus, feliz, com o coração a transbordar de alegria... Watson de Cardiff está salva, gloria a Deus nas alturas, salva para a gloria de Deus em Jesus-Christo... E, por ordem dos seus superiores, ella irá proclamar o amor de Jesus contando e prophetizando, ainda que seja o cume da mais alta montanha.

Era horripilante o contraste d'aquelle desespero vivo, de feições queimadas, convulsionadas, com aquella hossana mystica, tentando evolar-se num inglez arrulhado e zezeado — *delicious, very delicious*, como um pobre passaro ferido, que cantasse a sua morte, com as azas ensanguentadas. Terminado o seu

testemunho, ella ficou de pé, no mesmo lugar, inconsciente, anestesiada, a mexer os labios mortos, n'uma oração que se não ouvia.

«Levem-na...» disse M.^{me} Autheman, enquanto o orgão e o côro entoavam na salla despertada:

Peccadores fugi da loucura

Regressae para Channan

Effectivamente, parecia que todos estavam com pressa de se retirar, de fugir d'aquella athmosphera suffocadora e dementada. A' saida, cada qual respira longamente; e os olhos admiravam-se de tornar a ver as ruas animadas, a multidão em volta dos tramways e dos omnibus, as avenidas cheias de trens a rodarem para o Bosque, n'aquella esplendida noite de domingo e de verão, nos grandes raios de luz electrica projectados do Arco do Triumpho, que cegavam os cavallos e faziam reluzir os cartazes dos theatros e as taboetas dos estabelecimentos.

Emquanto que, toda agitada com o exito da sua filha e com os cumprimentos que lhe fizera a presidente, M.^{me} Ebsen diligenciava conversar com Elina, por entre o ruído das rodas e os solavancos do omnibus nas pedras da calçada, esta, sentada ao fundo, não pronunciou dez palavras durante o longo trajecto dos Ternos ao Luxemburgo.

«Hein, Lina traduzir assim, do pé, para a mão, como tu fizeste!... Se Lorie te visse como ele ficaria inchado... mas que calor!... E aquella Watson... Seja como fôr é terrível o que ella fez... O marido e os filhos... Acreditas n'aquillo, que te parece, que Deus mande coisas d'aquellas?...»

Sob a sua intonação, havia o que ella se não atrevia a dizer, o absurdo, o cruel que na sua opinião transpirava d'aquella cerimonia extraordinaria, e o «tudo aquillo são tolices» com que ella teria concluido, se a filha não estivesse

com uma cara tão reservada, e com quem não sentia a mesma confiança habitual.

Institivamente aproximava-se d'ella, procurava a mão da filha que ella achava fria e pesada:

«Que tens tu minha querida?... estás gelada... Levanta a vidraça.

— Não, não, dexa...» dizia Elina beixinho aborrecida pela primeira vez com as palavras inuteis e o zumbido affectuoso de sua mãe além d'isso, aquelle omnibus domingueiro repugnava-lhe. Toda aquella gente vos empurra ao subir e ao descer, a trivialidade d'aquellas caras entrevistadas na sombra, aquellas expansões massadoras e vasias... E apoiando os cotovellos ao caxilho do vidro, forcejava por isolar-se, o assenhorar-se da sua commoção de ha pouco.

Mas o que é que tinha Paris, n'aquella noite, aquelle Paris onde ella por acaso nascêra e que estimava como uma verdadeira patria? Fervilhava

n'um ar pesado á beira de enxurradas nauseabundas, cheio de canções de bebados, de gritos de creanças esfaimadas, de mexericos estupidos diluindo-se á porta da rua. Mais longe o luxo dos bairros opulentos, os cafés a transbordarem até fóra das portas; aquelles homens, aquellas mulheres, aquelle vae-vem insulso, á luz do gaz, entristeciam-na ainda mais. Era como um baile de mascaras, de que se não ouvia a musica, um turbilhão de moscas tontas ao sol, em volta da arvore da morte... Oh! a rica messe d'almas. Como seria bello mostrar ao Salvador a todos aqueles individuo saturados de prazer! E ella tornava a sentir, com esta simples idéa, como além sobre o estrado, alguma coisa que a levantava interiormente, uma encosta suave e poderosa.

Chovia, um aguaceiro de equinoxio, varrendo os boulevards, enchendo os escriptorios e os

alpendres de pessoas surprehendidas pela chuva e patinhando n'agua como formigas afogadas.

M^{me} Ebsen dormia, balouçada pela carruagem, como abandonada sobre as fitas do chapéo. Elina pensava na vulgaridade egoista da vida de toda essa gente. Tinha ella o direito de desdenhar dos outros? Que fazia ella mais e melhor! Como era curto e pueril o bem que ella emprehedia!... Não exigia Deus outra coisa? E se ella o cançasse por preguiça e indifferença. Já elle começára por adverti-la, como fizera á Watson, levando-lhe a pobre da avó, subitamente, sem lhe dar tempo de voltar-se para Jesus. E se elle vibrasse novo golpe ao coração... Sua mãe!... Se d'uma hora para a outra a a mãe, que estremecia, morresse repentinamente!...

Passou em angustias toda a noite...

A impressão d'aquella noite, em vez de se lhe ir dissipando com o correr dos dias, no tráfego

laborioso da sua vida, augmentou, cravou-se n'ella, perseguindo-a nas proprias horas das lições, nas casas amigas e ricas, onde ensinava o allemão e o inglez ás creanças, cujas mães foram leccionadas por M.^{me} Ebsen. Apesar do acolhimento benevelo e do meigo conforto que tão bem se casava com a sua natureza delicada, Elina aborrecia-se agora á mesa de trabalho, circumdada por cabecinhas loiras, de cabellos anellados por sobre grandes collarinhos inglezes e jerseys ornados de ancoras vermelhas. Enfastiava-se com as perguntas importunas, com as distracções de toda aquella creançada, e chegava a olhar, como Henriqueta Briss, embrutecedora a sua tarefa, inferior ás forças que sentia em si.

E os paes!... Que espiritos grosseiros e futeis que não eram aquelles homens!... As mulheres verdadeiras *étageres de bibelots!*

A baroneza Gerspach, uma excelente pessoa, verdade seja, mas tão nulla, sempre na cavallariça do barão, que mandava cavallos ás corridas, preocupada sempre com o nome de effeito para a poldra que iam apresentar, ou com algum remedio para aquella infeliz molestia de pelle, a molestia dos Authemans, que a devorava nas mudanças de estação, como no collegio, quando era apenas Déborah Becker. Por tudo isto, mal acabava a lição, Elina retirava-se achando um pretexto qualquer para não ficar para o almoço, preferindo um bolo e um copo d'agua gelada, á pressa, n'um balcão de uma pastellaria, áquelas copiosas refeições de carnes em sangue e Porto, em que o barão, rindo pesadamente, com os seus labios alambados lhe dirigia gracejos a proposito dos seus planos de casamento.

Estava mais á sua vontade em casa da condess d'Arlot, n'um palacete da rua Vézelay; a

visinhança d'um convento de Bernabitas parecia impregnar-lhe as paredes e as alcatifas de um perfume de incenso e de devoção. Havia alli, por detraz d'aquelle luxo e d'aquelle socego, uma grande dôr bem conhecida por Elina; pois as raparigas, na posição social d'ella, são rapidamente iniciadas nas tristes realidades da vida. Casada, havia alguns annos, com um homem que ella amava profundamente, a condessa, ao receber um dia a visita de nupcias de uma sobrinha, educada em sua casa por ella mesma, adquirira a prova — e que prova, cynica, brutal, n'um amplexo, com toda a pujança dos braços e da bocca, surprehendida entre duas portas — de que aquella pequena fôra e continuava a ser a amante de seu marido.

Por causa do mundo, de um grande nome respeitado, e principalmente por amor de sua filha, de que ella nao queria fazer a filha de uma

divorciada, M.^{me} Arlot evitou o escandalo, manteve as apparencias, as delicadezas, as attenções que tem de ter inimigos obrigados a viver juntos. Mas ella não esqueceu nunca, não perdoou; entranhou-se n'um catholicismo apaixonado, doentio, deixando entregue ás creadas a creança, que n'este abandono presentia já muitas coisas, e cujos olhos pequeninos andavam muitas vezes, á meza, d'aquelle pae excessivamente delicado, para aquella mãe silenciosa, isto com uma curiosidade inquieta e sonsa.

Quantas vezes não se tinham dito M.^{me} Ebsen e Elina que a pobre condessa faria melhor se não gastasse tanto tempo nas egrejas, e guardasse o melhor dos seus affectos para a creança, para casa, para a sua missão de mãe e de mulher, tão consoladora e menos esteril que o seu perpetuo ajoelhar-se. Agora Elina a comprehendia e já lhe não censurava a devoção desmedida, mas sómente

o que esta devoção tinha de egoista e de improductivo, o queixume profano a dominar sempre as suas effusões para Deus. Que differença do proselytismo de uma Joanna Autheman, ou de uma Watson?

«Por onde vae Lina? Eu a levo», dizia a condessa d'Arnot depois da lição; e, na sua carruagem de magnificas molas, entregue inteiramente á sua magoa, embalando-a, respeitando-a, abandonava-se a essas confidencias desalentadas, com que as mulheres se excitam e entristecem mutuamente, prégava a resta rapariga, perturbada já, o tédio, o desprezo pela vida, o desprendimento de todas as alegrias ephemeras, por aquella que só desabrocha no céu. Paravam, ás vezes, e entravam n'uma egreja. Elina fazia-o sem escrupulo, pois estavam fechados os templos protestantes durante a semana, e porque todo o logar de oração conserva

a atmosphera mystica em que se aprazem as almas religiosas. Em Santa Clotilde, deserta, achava-se mais á vontade para se recolher, interrogar perante Deus, do que ao domingo, no culto official e mundano na rua Chienchat.

E' uma das surpresas de Paris, este templo scandinavo, em pleno bairro de Montmartre, a dois passos do Hotel-de-Vents. Passando o boulevard dos Italianos, nada nos impressiona tanto como acharmos-nos de repente, n'esta claridade fria, cahindo de uma aboboda em arcos, meia envidraçada, perante um pastor que traja largo manto preto, e prega n'um dialecto duro, guttural, que resalta anfractuoso como fragmentos de pederneira e vae bater sobre bancos massiços onde se inclinam as alvas nucas revestidas de pesadas tranças fulvas, solidas espaduas de homens; toda a colonia dinamarqueza, norueguesa e sueca, de côres rubras, olhos claros, barba de deuses do

Norte, que tem o nome inscripto no «livro dos scandinavos» no café Regencia, e para quem os padeiros da rua de Santo Honorato cozem um pão especial de centeio e mel.

Por muito tempo fôra isto para Elina um repouso encantador, aquella hora passada alli, ao domingo, acompanhando no orgão os canticos dinamarquezes que lhe falavam da patria desconhecida. Hoje, acompanhava sim, mas distrahida... Que se importaria Deus com aquellas rapsodias, entoadas por vezes indifferentes, n'um tom vulgar, e machinal? Era assim o Christianismo official, com os seus ritos rotineiros e a sua fé algida que tanto indignava M^{me} Autheman. Ha no Japão machinas de orar, movidas á semelhança das sanfonas, desfiando as orações que são por egual, capazes de impressionar corações.

E aquellas moças garridas, reclinando o corpo lindo, onde saltam ondas de cabellos prateados

como a espuma das cascatas, e que não se occupam, mesmo ali, senão de toilettes e vaidades, observando-se umas ás outras e invejando-se de revez. E as boas matronas tranquillias, de faces cheias, verdadeiras «caras de requeijão», como na Allemanha chamam aos dinamarquezes, cumprimentando-se e convidando-se antes de sairem do templo, para jantares e chás succulentos. Até o sachristão, em trajo de mordomo, estendendo a mão para o peditorio, com ar sorna e somnolento, com a sua rede de apanhar borboletas na extremidade de um cabo comprido; até o pastor Birk, com a cabelleira em rolos, a cabeça á banda, olhares langorosos e vorazes, a espreitarem os dotes á sahida. Por toda a parte e em todos reconhecia ella a perguiça d'alma, alastrando-se como bolor no frontão do templo, como ferrugem nos varões da sua grade exterior. E, quando entrava em casa, ella avistava

o velho Aussandon no seu pomarsinho, com o regador ou a tesoura de podar na mão, depois de haver dado tantas provas do seu zelo orthodoxo, tão recto e tão firme em sua fé, Aussandon, o mestre, o decano da Egreja, elle mesmo lhe parecia attingido pela mesma doença, tanto como os outros, e como ella propria. Preguiça da alma!

De todas as pessoas que a rodeiavam, ninguem tinha a minima suspeita d'estas perturbações de Elina, nem da lenta penetração de toda a sua individualidade pela sua idéa fixa. M.^{me}. Ebsen, satisfeitissima com o casamento, que realisaria por completo os seus sonhos — a sua filha junto d'ella e um genro no governo — occupava-se já da instalação e do enxoval. Era em vão que Elina lhe dizia: «mais tarde... temos tempo.» A mãe sem lhe dar cuidado a pouca animação da noiva, porque ella mesma fizera um casamento com o socego de uma razão tranquilla,

remexia os armarios, desdodrava roupas, separava, nu'm montão de velhas reliquias, as joias que havia de dar a sua filha: um broche com o retrato do pae, um fio de perolas, e ornatos engastados em filigrana, como se usa nos paizes do Norte. Media rendas, combinando, procurando obter o melhor efeito das que tinha. «Ora vê, Lininha, tenho aqui para as mangas... se nós achassemos egual para o pescoço... isso é que seria bonito, o teu vestido de noivado guarnecido de rendas de Burges...» Em seguida ia correr as lojas para se fornecer de roupas brancas, de loiças, porque haviam de viver todos juntos, e era preciso não contar muito com o que havia de vir do rez do chão. Tinha ella ido dar uma volta por lá, uma revista d'olhos, com Sylvanira, ao que faltava, e, com a fortuna! Era como n'estes paizes novos de que Lorie falava... muito espaço e tudo por fazer!... Mas, com uma sensata economia, e as

lições e traducções de Lina, o ordenado do ministerio, haviam de governar-se, não falando em que antigo sub-perfeito não perdia a esperança de cahir novamente em graça. Chemineau falára n'isso em casa da baroneza. E ei-los installados n'uma sub-perfeitura de primeira classe, de segunda mesmo que fosse, com um grande jardim á beira-mar, como em Cherchal, cavallos, um trem, um salão com o seu lustre, salão de que M.^{me} Ebsen ajudaria sua filha a fazer as honras!

Era com Lorie, quando elle subia, á noite, certo da sua felicidade, que a mãe fazia todos estes bellos sonhos. Bemdizendo o pretexto da lição, Elina retirava-se evitando aquella tagarelice, que a aborrecia, que a ultrajava mesmo, sempre a mesma coisa, o seu casamento... Casada! Para quê?... E na aflautada monotonia de uma recitação de creança, ella sonhava, longe, com o olhar vago, não se interessando, nem muito nem pouco, com

os progressos da discipula, sem o menos prazer em sental-a n'uma cadeirinha, junto aos seus vestidos, no seu antigo logar aos pés da avó, para lhe ensinar um ponto de tapeçaria ou de costura... Não, ella mesma tinha pressa de se entregar a um novo trabalho de traducção de que a encarregára uma residente:

COLOQUIOS DE UMA ALMA CHRISTÃ COM DEUS
por Madame ***

Desde muito nova, Joanna Autheman tivera conversações com o Salvador. O livro reproduzia-as em respostas; e n'um prefacio exaltado, J. B. Creuzat, director das escolas de Porto Salvador, explicava como estas praticas com o Inaccessivel, antinomicas para os habitos do espirito moderno, nada tinham que não fosse simples e orthodoxo n'aquella que elle chamava *A grande Mystica*.

Com effeito, n'esta alma completamente absorpta em Deus...»

— Linasinha, ouve aqui a boa idéa de M. Lorie... Uma escada interior communicando os dois andares... Elle mesmo traçou a planta...

Lorie approximava-se, e com a extremidade da luneta mostrava um soberbo desenho com aguada de tinta da China, feito no tempo que lhe sobrava do serviço. «A escada vinha por aqui, como está representado»...

— Encantador dizia Elina, sem voltar a cabeça, e absorpta n'aquelle mysticismo sinistro em que a leoneza envolvia, com as brandas brumas do seu paiz natal, todos os rancores da sua mocidade. Como batessem as dez horas em S. Thiago, a pequenita Fanny cingia-a com os braços, apertando-a confiadamente, e dizia-lhe um «boas noites, mamã», cuja graciosa intonação

reconciliava por um minuto a pobre Elina com a idéa do seu casamento.

N'uma tarde em que M.^{me} Ebsen estava sósinha, fazendo contas, em casa, chegou uma visita tão imprevista, tão extraordinaria, que o nariz da boa mulher deixava com a surpresa, os oculos... M.^{me} Autheman em sua casa!... Ella desejava que as paredes da ante-camara recuassem para dar uma passagem digna da fortuna, á mulher do grande banqueiro. Felizmente que a sala estava, como smepre, bem arrumada, corridas as persiannas, brilhantes os metaes da consola, as poltronas no seu logar, e com as suas bellas coberturas de guipure. Ella mesma, que figura, com aquelle vestido usado de trazer por casa, e a touca já safada? «Meu Deus, meu Dens dizia ella n'uma pronuncia estropiada, e Lina que não voltou ainda...»

— Passaremos sem ella, disse M.^{me} Autheman cujo tranquilo sorriso fazia, como a agitação da dinamarqueza, um contraste tão frizante, com o luxo discreto e verdadeiramente mundano da sua toilette de côres sombrias, seda e vidrilhos pretos, em frente das franjas soltas da boa mulher.

— V. Ex.^a vem talvez buscar os *Colloquios*?... A Elina ainda não acabou tudo. A pobre pequena, coitadinha, tem apenas os serões... — E ei-la a contar a vida laboriosa da filha, as suas caminhadas, as suas lições, e a sua teimosia em querer ella propria fazer tudo. — Porque diz ella sempre: «Mamã, tu já trabalhaste bastante, agora precisas de descanso...» Ah! é uma filha modelo... bem vê...

Este «bem vê» sublinhado por duas grossas lagrimas, disse mais que a phrase que ella buscava e que a mulher do banqueiro parecia igualmente buscar, nos cantos da sala, a cujo exame ella

procedia, minuciosamente, com o seu olhar limpido.

— Quanto ganha a sua filha com as lições? perguntou ella quando a mãe se calou.

— Oh! isso é conforme... Havia as temporadas em que ha falta de trabalho, ia tudo para fóra, para aguas, para banhos no mar, villegiaturas afastadas, que a Lina recusava sempre para a não deixar sósinha. Precisamente, n'esta occasião, estava tudo examinando as contas. N'aquelle anno andaria isso por uns quatro mil francos.

— E eu offereço-lhe o dobro se ella quizer dedicar-se ás nossas escolas... — Isto foi dito negligentemente, lançado com um desdem de millionario. M.^{me} Ebsen estava deslumbrada. Oito mil francos! que pechincha para a pequena familia. Mas, reflectindo, pareceu-lhe impossivel. Todos os bons conhecimentos a que seria preciso

renunciar, os Arlots, a baroneza, com quem contavam para a promoção de Lorie. Nunca a filha daria o seu consentimento. M.^{me} Autheman insistiu então nas fadigas de Elina e no perigo que corria uma menina tão nova e tão bonita em andar assim sósinha pelas ruas de Paris, enquanto que, ao seu serviço, o coupé viria busca-la todas as manhãs. Emfim, á força de rogos, a mãe consentiu que a filha fosse tres vezes por semana. Combinaram o preço e as horas. Elina almoçaria em Porto-Salvador e voltaria a casa antes de anoitecer. Em todo o caso, se alguma vez ella tardasse, não faltavam quartos no palacete. M.^{me} Ebsen lançou um brado sublime de indignação:

— Isso não, cathegoricamente não! nunca poderia dormir, não sentindo a filha ao pé...

E a outra, interrompendo subito a conferencia, e levantando-se para ir embora:

— A senhora é muito amiga de sua filha?

— Sim, muito... respondeu a mãe, impressionada, sem saber como, pelo tom sério e profundo d'esta pergunta extraordinaria. Não tenho mais ninguem no mundo a não ser minha filha. Nunca nos separamos, nem nos separaremos.

— No emtanto ella vae casar...

— Oh! mas ficaremos todos juntos. Foi a primeira condição.

Chegavam ao patamar da escada.

— Disseram-me que esse senhor Loric não era da verdadeira egreja... — disse M.^{me} Autheman, segurando-se ao corrimão e parecendo não ligar grande importancia á pergunta. A mamã, que descia atraz d'ella, ficou um tanto perplexa para responder, attendendo á pessoa com quem falava. Effectivamente M. Lorie não era... Mas o casamento celebrar-se-hia no templo. Oh! Elina impozera isso.

— Passe muito bem, disse a mulher do banqueiro, com seccura; e quando M.^{me} Ebsen chegou á porta, muito esbaforida, com a touca a fluctuar, partiu o coupé a trote largo, roubando-lhe a vaidosa alegria de acompanhar até á carroagem a sua importante visita, na presença de toda a rua embasbacada.

IX

No Alto da Costa

Erikshald por Christiania

POIS bem! Minha querida Elina, segui o seu conselho; libertar-me da vida de servidão em que a migalha de pão ganho me parecia tão dura; e, visto que o meu corpo, debil em demasia para as vontades da min'halma, me condemna a vegetar fóra do meu querido convento, com a chamma do sanctuario a arder em mim, eu quiz abrigar esta chamma pura, no recondito do fiord natal, deante d'este mar de Noruega, que não tornára a ver, ha quinze annos.

«O meu rompimento com a princeza? Oh! precipitado e extravagante como devia esperal-o de uma pessoa tão caprichosa. De passagem por

Buda-Pesth encontrára eu um antigo companheiro de Kossuth, patriota convicto, reduzido á miseria mais extrema, mas digno e altivo nos seus andrajos; um heroe, um santo. Para, a um tempo o socorrer e o honrar, sentei-o a meu lado, na meza redonda de um hotel. Que escandalo! todas as damas se levantaram, recusando comer na companhia de um mendigo, como se o divino mestre, que lavava os pés aos pobres, não tivesse dado vinte vezes o exemplo da humildade. A que maior indignação mostrou foi a princeza, imbuida, não obstante as suas pretensões ao christianismo liberal, de todo o despotismo da sua casta e da sun raça.

«Em seguida a uma violenta explicação, abandonou-me sem dinheiro n'aquella cidade desconhecida, obrigando-me a fazer-me repatriar pelo meu consul, com um certificado de indigencia. Esta confirmação ao meu voto de pobreza ter-me-

hia deixado bem tranquilla e serena, se aqui tivesse encontrado o asylo desejado.»

«Ah! minha amiga...»

«A principio uma verdadeira alegria, por tornar a ver esta pequena aldeia maritima, as suas casas de madeira, o campanario, qual atalaya vigiando as ondas, e, á volta da egreja, tendo por vitraes o azul do mar, o cimiterio cheio de hervas sem cultura e de cruces muito juntas, sacudidas, n'um como vae-vem, pelo vento do largo. Um bello retiro para orar e viver em Deus, se a todo o momento se não fosse distrahido pela maldade, pela estupidez, pelo ruido voraz do pobre gado humano que por alli pasta. Nem um reflexo do ceu em todos estes olhos, nem um pensamento sobre a vida futura. Em cima do pequeno e baixo muro do cemiterio brincam as creanças, as mulheres sentam-se para coser, afiando as linguas viperinas; e nas tardes dos domingos, as raparigas

bonitas perturbando a morte com as suas canções profanas, fazem rodas e sacodem com as saias loucas a sombra indecisa d'aquellas cruces de sepultura, que a lua vae alongando pela praia fóra. Mas o que vi lá em casa é mais triste ainda.

«O acolhimento dos meus velhos paes, foi terno á chegada. Uma suave recordação das antigas solitudes pela creança que se tornára mulher, agitava, admirava meu pae e minha mãe que me procuravam os primeiros dias da minha meninice em minhas palavras, nos meus olhos e nas menores actividades da minha vida, no seu lar. Mas á proporção que n'elles se ia operando a tranquillidade, e que elles retomavam os habitos quotidianos, bem via eu que elles não me reconheciam já; e, por minha parte, tambem o afastamento crescia. Qual de nós tinha mudado, elle ou eu?

«Meu pae é carpintelro, e obrigado a trabalhar para viver, apezar da sua idade avançada. Construe d'aquellas casas, com os telhados de bétula, que no inverno, estremecem sob a neve; fabrica tambem os caixões para os defunctos da freguezia, mas sem achar um pensamento piedoso na realisação d'aquelle triste dever. Acompanha-o com grosseiros estribilhos, tratando de se esquecer d'essas melancholicas distrações, que fazem chorar as mulheres. Ha sempre uma grande garrafa amarella debaixo dos cavacos do banco do trabalho. A principio, minha mae lamentou-se, supplicou; depois, como fosse repellida por mãos brutaes, curvou-se sob a injuria e as pancadas, e o invisivel veneno das coisas infiltrou-se n'ella tambem, para lhe destruir o sentimento divino. Já não é mulher, nem mãe; apenas uma escrava em degnidade.

«Sei que a molesto, Elina, com estas confissões, e que acha impio o meu pensar. Mas

multss vezes lh'o disse de ha muito que me evolei da terra, e, nascida pela segunda vez em Deus, gloriu-me de haver perdido todo o sentimento humano. Escute o desenlace d'este drama domestico: hontem de manhã, estava eu encerrada no meu quartinho uma especie de cella, com moveis de madeira, e onde eu a toda a hora me refugiu para orar, meditar, escrever, para viver, ó Jesus, de joelhos perante a tua cruz, guia das almas. E ouvi que meu pae (sao delgadissimas estas paredes) perguntava brutalmente a minha mãe o que viera eu fazer a casa d'elles, uma vez que eu não queria cozer, nem fiar, nem ajudar nos trabalhos domesticos. Elle gritava: — Vae dizer-lhe... vae dizer-lhe.

«Passado um momento, minha mãe subiu devagarinho, girou em volta de mim com o seu ar de terna perplexidade, e me censurou por eu me não occupar em coisa alguma. Minhas irmãs

estavam casadas; a mais nova, em Christiania, lá achava maneira de mandar aos paes algum pequeno auxilio. Eu ia melhorando de saude, por isso era necessario tratar de... ou então... Não a deixei acabar. Tomei entre as mãos aquelle velho rosto, cujos beijos outr'ora eram tão gratos á minha cabeça loira; e banhei-o durante muito tempo com as minhas lagrimas; foram as ultimas.

«E agora, que os meus me repulsaram, para onde hei-de eu ir? E, no entanto, bem pouco me era preciso para não morrer. Offerecem-me um logar em S. Petersburgo. Mais uma educação, isto é, o rebaixamento e a servidão. Mas que importa? A tentativa infeliz da vida em familia, acaba de me convencer que o mundo morreu para mim, a familia como tudo o mais. O meu coração fechou-se para a terra, Elina e não mais o penetrará coisa alguma da ternura humana...»

Foi n'uma turde, á volta de Porto-Salvador, que Elina recebeu esta carta de Henriqueta Briss. Lia-a deante da mesa posta, com os dois talheres, um em frente do outro, o ramo de flores que M.^{me} Ebsen não deixava nunca de pôr no copo da sua querida filha, para esta refeição em commum, uma festa quotidiana. E, enquanto esperava por sua mãe, permanecia immovel, sem mesmo tirar as luvas nem o chapéu, olhando para esta carta aberta, que lhe falava das mesma idéas de morte, de renuncia de aniquilamento em Deus que além lhe prégavam eguaes nas duas religiões, com a differença dos termos. No terrivel combate que n'ella se feria, que fatalidade vir a voz desalentada de Henriqueta Briss juntar-se ás palavras de Joanna Autheman!

Abriu-se uma porta. Era sua mãe que entrava. Escondeu a carta na algibeira, sabendo que d'ella pensaria M.^{me} Ebsen. Para que se hade discutir,

quando não é possível entender-se. De que modo confessar, que, sem ter *evolado da terra*, ella comprehendia agora que havia um dever mais alto, mais perto do céo, que o da familia, e que estas blasphemias já não a indignavam?

Estás ahi, Linasinha? Não te havia visto... Estava em baixo com Silvanira... Chegaste ha muito tempo?... mas põe-te á vontade...»

Elina parecia tão cançada, tão exausta, como sempre que voltava de Porto-Salvador; desembaraçava-se do chapéo com negligencia, sem mesmo lançar um relancear d'olhos para o espelho, para vêr se não ficava despenteada; e á mesa comia tão pouco e tão distrahida, respondendo por monosyllabos aos ternos incitamentos de sua mãe, que esta começou a inquietar-se.

Como sempre faziam no verão, jantavam com a janella aberta sobre o jardim e ouviram-se

gritos, risadas, misturados com o chilrear com que os passaritos dizem adeus ao sol poente.

«Espera! M. Aussandon tem cá hoje os netos! E' uma fadiga para este pobre homem... M.^{me} Aussandon anda viajando... Parece que o major vae casar.»

Aquelle casamento não passava de uma invenção da boa mãe, um meio de saber, se, por acaso, não restava a Elina um pequeno sentimento no fundo do coração. Havia alguns dias a esta parte que se mostrava tão fria com Lorie. Mas ao olhar disfarçado de sua mãe, Elina respondia um «Ah!» repassado de franca indiferença. Não, não era aquillo.

Então M.^{me} Ebsen atormentava-se mais. Examinava aquelles bellos olhos, orlados de um circulo azulado, aquella rosto que se afilava sob o queixo e perdia a sua redondeza adolescente. Decididamente na pequena havia, sem duvida,

alguma coisa de extraordinario. Tentava interroga-la ácerca dos dias de Porto-Salvador, das horas d'aula ou de recreio.

«Então a escola é mui proxima do castello e tu vaes apenas de uma parte para a outra?... mas assim não fazes o exercicio sufficiente, minha querida... E' de extenuar-te, cindo horas de aulas, sem arredar pé... Ao menos tens ido vêr Mauricio á eclusa?...»

Não, ella não fôra lá. E M.^{me} Ebsen divagava em compassivos queixumes acerca do pobre pequeno, um tanto ou quanto abandonado, em meio das alegrias e dos preparativos do casamento...

«O pai acha que está melhor lá por causa dos seus estudos navaes; mas, com franqueza, não vejo que elle tenha alli muito que aprender... Ah! minha filha, que bem tu vaes fazer n'aquella

casa! Que bella missão para uma mulher boa e séria como tu és.

E com effeito bem séria, pois nada a podia tirar d'aquelle entorpecimento, indifferença ou fadiga, que a fazia ficar á mesa, depois de terminado o jantar, olhando ao longe para o movimento ondeado das arvores, e fixando o mesmo ponto do céu, côm de oiro. Um desvaneio que não terminava.

«Vamos sahir um bocadinho, se queres, filha?... Está tão agradável... Levaremos a Fanny, que chamaremos quando descermos...»

Elina recusou a principio; mas, em vista da insistencia da mãe: Se queres? Pois bem! vamos...» disse ella, com o tom de uma resolução tomada, de uma sôrte lançada sobre uma grande decisão.

Nas bellas tardes de verão, o jardim de Luxemburgo, todo o lado do jardim que limita com o antigo viveiro, de que tinha conservado

alguns arbustos, parece um parque verde e bem tratado; regado de novo, para gozo dos passeantes. E o que produz tal semelhança são as plantações em canteiros, á maneira de açafates, as clematites japonezas engrinaldando os cipós e campainhas de purpura em candelabros, com os seus massiços de yuccas e de cactos sahidos das estufas e as suas estatuas vibrantes de alvura. Não ha alli nem a poeirada das grandes alamedas, nem o borborinho do boulevard S. Miguel. Aqui, os pardaes deleitam-se pela areia voando á flôr do relvado em companhia dos grandes melros, familiarizados pelas migalhas das merendas das creanças.

De todas as ruas visinhas, vem, depois do jantar, para estas ruas recurvadas para o colmeal modelo e para as arvores de fructo em ramalhetes, em roçadas ou em latadas ao ar livre, uma população bem differente d'aquella que frequenta os terrenos: pequenos juristas, familias, mulheres

que trazem o trabalho ou o livro, e de costas voltadas para o caminho e o rosto para a verdura, alli aproveitam até á ultima restia de claridade; pessoas que caminham com o nariz em cima do jornal, e revoadas de creanças, chamando urnas pelas outras e perseguindo-se, ou, mui pequeninos ainda, tentando os primeiros passos, e fóra de casa a estas horas ainda, porque as mães d'ellas trabalham de sol a sol.

Lorie, tendo posto o banquinho de M.^{me} Ebsen deante de uma cercadura de lyrios, de cujo matiz assetinado e perfume aquatico ella gostava, propoz a Elina darem uma volta. Ella acceitou com vivacidade, febrilmente, ao contrario dos outros dias em que parecia evitar uma conversa em particular. O pobre homem não occultava a sua alegria. Tomava um andar altivo que o rejuvenescia, enquanto se afastavam no jardim inglez e cruzavam outros pares, noivos talvez como elles.

Gastando o tempo em bellas phrases, notava apenas o mutismo d'ella, que tomava por uma certa reserva, maior agora que estava proximo o casamento. Porque, ainda que por emquanto não tivessem fixado o dia, tinham dito: «Para as férias», porque, ausentes as discipulas, fechadas as repartições, tinham tempo para se installarem. Para as férias! e estava-se em julho....

Ah! que bello julho, radiante de sol e de promessas. O namorado estava deslumbrado, cego, como aquelles vidros, ao pôr do sol, que flammejavam entre os ramos, alem, para as bandas do boulevard, e davam ao seu passeio um horisonte illuminado.

«Não... vae brincar para a frente...» disse Elina á pequenita Fanny, que viera estreitar-se com ella. A creança obedeceu, poz-se a correr no vôo das andorinhas, na gralhada dos pardaes que saltitavam até sob os passos dos passeantes, indo

dos arbustos ás estatuas, sobre a juba do leão de Cain, ou o dedo erguido de Diana. Declinava o dia. Estendiam-se pela terra sombras côr de lilaz. Elina seguia-as com o olhar no chão, e, de repente:

«Soube alguma coisa que me causou magua... Parece que o Mauricio se está preparando para a sua primeira comunhão...»

Effectivamente, o Maurico escrevera ao pae dizendo-lhe que ia á aula de cathecismo em Petit-Port, e que o cura estava muito desvanecido por apresentar n'aquelle anno um alumno á communhão. Mas como podia isso faze-la zangar?

«Deviam ter-me prevenido primeiro» disse ella severamente, «e eu não teria permittdo... Uma vez que eu devo ser a mãe d'estas creanças, uma vez que o senhor quer que eu as guie na vida, entendo que ellas devem ter a mesma religião que eu, a unica, a verdadeira...»

Seria aquella, com certeza, a mesma Lina, a encantadora menina de placido sorriso, que assim falava n'aquelle tom secco e imperativo? Era ella, com effeito, que dizia «vae-te» com um gesto duro, á creança que voltára para elles e estacára, impressionada com a mudança de suas vozes e physionomias? O jardim, em volta, parecia tambem transformado, dilatado, mais vago, com as janellas ao longe, a morrerem umas apoz outras, no crepusculo azul que augmentava. De subito, Lorie sentiu-se invadido por grande tristeza, que difficilmente lhe deixava forças para intentar um debate perante a fria resolução de Elina. Todavia ella era sofficientemente rasoavel para comprehender... Havia um escrupulo, um caso de consciencia... As creanças eram catholicas como sua mãe, e, ainda que não fosse senão pelo respeito devido á defuncta... Ella interrompeu-o seccamente:

«E' necessario escolher... eu não poderia prender a minha vida em semelhantes condições, com diferenças de fé, de culto, e a discordia de futuro.

— Elina, Elina, quando se ama deveras, o coração não está acima de tudo isso?

— Não ha nada acima da crença...»

Cahira a noite e os passaritos emmudeciam nas arvores; os passeantes eram cada vez mais raros; ouviam-se ao longe os ultimos toques de recolher, fazendo-os sahir pela unica porta ainda livre, quando no horisonte se extinguia o esbrazeado na ultima janella. Lorie, apenas reconhecia de Lina os olhos grandes, e isso mesmo com difficuldade, tanta era a differença que ia, da sua fixidez, á doçura do sorriso amigo.

— Não lhe tornarei a falar n'isto... disse ella; o senhor agora conhece as minhas condicções...

A mãe parecendo-lhe que eles se demoravam, abeirou-se delles com Fanny: «Vamos, é preciso voltar. E' pena, porque a noite esta linda...» e continuou a falar sosinha, durante o trajecto que eles iam percorrendo, aparentemente ao lado um do outro, mas na realidade tão longe como desligados de todo.

«Até logo... Vem cá, não é verdade?... disse M.^{me} Ebsen, em baixo na escada. Lorie entrou em casa sem ousar responder-lhe, e deixou que a creança tomasse os livros e subisse sosinha. Quasi no mesmo instante estava ella de volta, quasi sem poder falar, tão afogado pelos soluços estava o seu pequenino coração.

«Querem saber... Já não ha mais lições... A menina Elina, dizia ella gaguejando, mandou-me embora, já não quer ser minha mamã... Oh! meu Deus...»

Sylvanira pegou-lhe, levou-a para o seu quarto, suffucada e debulhada em lagrimas. Cala-te minha

amiguinha... não chores mais... Eu nunca mais te deixarei, eu... Ouves bem?... Nunca...» Dir-se-hia haver uma tal ou qual alegria, no grande abraço e nos ruidosos beijos da creada, feliz por haver reconquistado a creança e presentindo o rompimento como adivinhára o amor.

Passado um momento, chegou M.^{me} Ebsen, afflictissima: »E d'ahi meu pobre Lorie!...«

— Ella disse-lhe, não disse? ... ora vejamos, é possível o que ella pede? ainda eu vá... amo-a tanto que tudo farei para lhe ser agradável... Mas as creanças... Sabendo eu quaes eram as idéas da mãe! Não tenho direito para isso... Não, tenho esse direito... E despedir Fanny como ella o fez... Ainda está a chorar a pobre pequena... Oiçam.

— Elina tambem está a chorar, lá em cima. Fechou-se no seu quarto, para eu lhe não falar. Comprehende isto, impedir-me de entrar? Nós que não tínhamos segredos uma para a outra.

E, revoltada em sua natureza apathica e meiga, a boa mulher não fazia senão repetir: «Mas o que tem ella... Mas o que tem ella?...» Haviam-lhe transformado a filha, disse adeus ao piano, adeus á leitura, uma indiferença por tudo o que d'antes lhe agradava. Custa a resolver-se para sahir um boccadinho «Faça a idéa! esta tarde quasi que tive de obriga-la... e a par d'isto está palida, come pouco, eu creio que é ainda por causa da morte da avó.

— E Porto-Salvador... e M.^{me} Autheman...» disse Lorie com um grande tom de voz.

— Julga isso?...

— Garanto-lhe que é essa mulher, que é ella quem nos rouba a nossa Lina.

— Sim talvez... o senhor tem razão... Mas elles pagavam tão bem, eram tão ricos; e, em vista dos movimentos de cabeça do infeliz enamorado, a quem estas considerações não faziam móssa ella concluia: «Verêmos, verêmos, tudo se hade

arranjar...» como quem quer illudir-se e esperar a desgraça com os olhos fechados.

Toda a noite e no dia seguinte, na repartição, enquanto executava a sua machinal tarefa de subalterno, Lorie firmava-se na resolução de não ceder. Este trabalho consistia em examinar os jornaes, extrahir d'elles o menor artigo, uma palavra que fosse, referente ao seu ministro, escrevendo á margem o nome da folha. N'aquelle dia, entregue completamente ao drama da sua existencia, fazia o serviço á pressa, distrahido por dois ou tres rascunhos d'uma carta a Elina, difficilmente elaborada em meio das banalidades e dos risos que vinham das carteiras dos seus collegas, quando, pela tarde, o chamaram ao gabinete do director.

Já não era Chemineau, desde certo tempo. Continuando na sua rapida carreira ascencional, o antigo prefeito d'Alger tomára no mesmo

ministerio a direcção de segurança, e já mesmo se falava n'elle para a prefeitura de policia. «Chemineau caminha» dizia-se nas secretarias. O que o substituiu, um sub-chefe, muito sanguineo, deu no seu empregado uma espantosa reprimenda... «Vira-se uma coisa assim?... Uma tal falta de respeito para com Sua Excellencia! ...

— Eu?... em que faltei?...

— Mas com toda a certeza. O senhor teve a ousadia de empregar abreviaturas, e assim escreveu *Mon. Univ.* em vez de *Monitor Universal*... Esperava o senhor que o ministro comprehendesse?... Pois não comprehendeu, não senhor. Não podia, nem devia comprehendere!... Ah! tome conta consigo seu antigo dezeseis-de-maio!»

Era o golpe de misericórdia n'um homem já prostrado. Ficou como que aturdido até á noite, dizendo que, com a perda de Lina se lhe ia tambem a sua estrella. E peor foi ainda quando

soube, ao recolher a casa, que Fanny não comêra durante o dia todo, e que ficára collada á vidraça á espera que Elina entrasse, sem esta se dignar de voltar a cabeça, ao menos, quando a creança chamava «Mamã... mamã...»

«Isto, meu senhor, é mau...» dizia Sylvanira indignada. «A nossa menina pôde adoecer...» E depois, hesitando um pouco: «Pensava eu... se o senhor desse licença... iamos passar uns diasinhos na eclusa ... O irmão, o ar livre, deviam fazer-lhe bem.

— Vão, vão... disse Lorie desalentado.

Quando acabou de jantar, entrou no quarto, para tentar um bocado de classificação para se distrahir. Como isto não lhe acontecia desde muito, saccudia o pó ás pastas, sentindo dfficuldade em reconhecer-se n'este systema de numeros e chamadas, com que a administração franceza complica toda a papellada, até á menos importante, e que ele adoptára para as suas

arrumações íntimas. Apesar de tudo, o seu pensamento não podia fixar-se no que fazia, e a todo o momento subia ao andar de cima, até áquella Elina desapiadada, de quem elle seguia os passos ligeiros da janella á mesa do piano, ao logar da avó, a todos os angulos desguarnecidos da casa, onde elle se via a si mesmo a figurar lá em cima, mas adornado, garrido, com aspecto de recrear os olhos.

Sonhava o pobre do homem; e agitando-se-lhe a consciencia com os movimentos do coração, chegava aos compromissos, aos subterfugios. A final era muito justo o que ella pedia: seu marido seus filhos, ella propria, unidos todos perante o mesmo Deus, — uma vez que ha varios, segundo parece — o laço piedoso a consolidar a familia. Além do que o Estado tanto reconhecia uma religião como a outra. E para um funcionario publico era esse um ponto essencial!...

No proprio interesse de seus filhos, onde lhes acharia elle outra mãe mais terna, mais sensata, mais mãe? E se elle renunciasse a um segundo casamento. Ficariam elles para sempre entregues á creada.

De Mauricio, ao menos, havia a certeza, da sua vocação; mas Fanny... E via-a, em espirito, tal qual lhe viera d'Algeria com as mãos vermelhas, um chaile grosso como o de Sylvanira, a touca, a postura humilde, um cheiro de creança pobre...

Desvairado chamou em seu auxilio a memoria de sua querida morta. «Ajuda-me... aconselha-me...»

Mas, por mais que a evocasse não a podia tornar a ver; e, sempre, no seu logar, erguia-se a imagem loura e rosada, juvenil e tentadora de Elina Ebsen. Até isso, a memoria da primeira felicidade, ella lhe tinha roubado. Ah! que má Elina!

Decididamente, n'aquella noite não adiantava a classificação. Lorie veiu encostar-se á janella aberta.

Em frente, do outro lado do jardim, a janella d'Aussandon, illuminada tambem, mostrava-lhe o perfil do decano, inclinado sobre a secretária. Não falára nunca áquelle grande velho, que a miudo encontrava e cumprimentava, firme e aprumado com os seus setenta e cinco annos, os cabellos e a barba emmoldurando-lhe a physionomia espiituosa; porém M.^{me} Ebsen contára-lhe aquella existencia gloriosa, e d'ella sabia elle os minimos pormenores.

Natural das Cevenas, e aldeão sem ambição d'especie alguma. Aussandon, se tivéra sido sósinho, não teria nunca sahido do seu primeiro curato, em Mondardier, no Mezenc. Alli tinha elle o seu templo, de pedra negra do paiz; a sua vinha, flores, abelhas, de que elle gostava de tratar nos intervallos do culto, applicando a mesma doçura d'alma ao sacerdocio e á jardinagem, achando um sermão debaixo da enxada assim como lançava a boa semente do alto do seu pulpito.

Ao domingo, quando terminava os officios da aldeia, prégava um sermão na montanha para os pastores, lenhadores e queijeiros. Bastavam-lhe tres degraus de madeira, para além de toda a cultura, para além dos pinheiros e castanheiros, n'aquella zona elevada, onde se não dá coisa alguma, e onde só vivem as moscas. Os seus mais bellos discursos, familiares e grandes, foram alli pronunciados para os pobres, em vista de um horisonte pastoral de que parecia bem ausente a humanidade civilisada, ouvindo-se os chocalhos dos rebanhos dispersos pelas encostas, a afastarem-se a aproximarem-se, e pendurados ao pescoço dos animaes que pastavam, unicos a responder á voz do prégador.

Aussandon não perdeu nunca aquelle tom das alturas, refrigerante e altivo nem aquella aspereza de palavra onde se destacava não raro, o patois, fazendo as delicias do auditorio... A estas

circunstancias deveu elle, mais tarde, a sua gloria de prégador em Paris. Acabado o sermão, jantava n'uma cabana um prato de castanhas, e descia do monte acompanhado por uma população inteira, cantando versiculos, algumas vezes em meio de uma d'aquellas terriveis tempestades de montanha, da qual estalavam a um tempo sob os pés e sobre a cabeça, os ribombos, o granizo e o fogo, envolvendo-o como ao Moysés da Biblia.

Teria elle querido permanecer ignorado n'aquelle canto da natureza; porém, M.^{me} Aussandon não o permittia. Aquella terrivel mulhersinha, era filha de um recebedor dos arredores, rosada e loura com uns modos activos e desenchovalhados de donzelinha aldeã, olhos vivos, boca saliente com os labios arregaçados, dentes sahidos e aguçados de cachorro patusco, mas que não larga a preza. Era ella quem manobrava com o marido, quem o excitava, quem

o fazia mecher, ambiciosa por elle, e principalmente pelos filhos, numerosos como a lande em carvalho. Arranjou-lhe, primeiro, a nomeação para Nimes, em seguida para Montauban, e mais tarde para Paris onde ella propria o conduziu. A eloquencia e o saber, eram bem d'elle, mas Bonna, assim chamava á mulher quando a queria moderar, Bonna pô-lo em toda a evidencia, e fez-lhe a posição e a fortuna.

Economica por dois — pois Aussandon, na aldeia, dava tudo, roupas, vestuario, e até a lenha da lareira que lançava pela janella aos pobres, quando sua mulher levava a chave da casa — ella creára com mil dfficultades os seus oito rapazes; todavia, não se lhes via nunca as calças ou os sapatos rotos; ella mesma fazia os concertos precisos, trazendo sempre uma costura entre mãos, ou meia, fallando, caminhando ou em wagon ou em deligencia, mais tarde em suas

viagens, para ir vêr os filhos, dispersos por todas as escolas, onde lhes poude obter admissão gratuita. Esta actividade, de que era dotada, exigia-a ella dos outros e só deixou descansar o marido quando viu os oito filhos casados, uns em Paris, e outros em varios pontos da França ou no estrangeiro. Havia sido necessario, para isso, enterros e casamentos, ceremonias mundanas e fatigantes, para as quaes se ia buscar o pastor Aussandon, que soubéra crear um logar á parte entre os Liberaes e os Orthodoxos, acima dos partidos e das rivalidades.

O pobre grande homem teve mais gloria e mais occupações do que, sem duvida, elle quizera suspirando sempre pelas horas livres e amplitude de espaço de que dispunha em Mondarlier, bem como pelos seus sermões, na Montanha. Nomearam-no afinal para a faculdade de theologia, e a mulher permittiu-lhe então

contentar-se com o seu curso, e retomar, na sua casinha da rua de Val-de Grace, a vida tranquilla e contemplativa do Mégenc. «No alto da costa.» Era assim que elle designava o seu bem estar presente, alcançando á custa de tantos esforços, de privações moraes, e de que gosava como guloso da vida, infeliz apenas, quando a sua querida tyranna o deixava e ia por essas estradas fora, de visita a um dos filhos.

Nem distancias, nem fadigas, coisa alguma desanimava a velhinha. Umaz vezes era Paulo, o major, que, por accasião das grandes manobras, a via apparecer em meio do campo, desvincilhando-se bem na confusão do numero dos batalhões, das companhias, correndo ás portas das tendas. Outras vezz era o engenheiro de Commentry, á entrada das negras galerias que a ajudava a descer do cesto dos mineiros. «Que ha de ser? é a mamã...»

N'esta occasião andava a mãe Aussandon viajando. Se não fôra esta circumstacia, nunca o decano trabalharia até áquella hora com a janella aberta. Preparava a lição do dia seguinte, tranquillo, recolhido; e aquella idéa, de que estava só, animou Lorie a vir procura-lo. Teve apenas de atravessar o jardim; bateu de leve na porta, e abria-se o gabinete de trabalho, confortavel, ceberto de brochuras, e, por cima da banca de trabalho, um grande retrato de madame Ausssandon, vigiando com os olhos attentos e o sorriso prestes a desandar em censura, o trabalho do excellente homem.

Logo, e sem rodeios, disse-lhe Lorie a que vinha. Queria converter-se, elle seus filhos, á religião reformada. Pensava n'isso desde muito tempo, e agora era urgentissimo. Que tinha a fazer?... Aussandon sorriu com suavidade, e tranquilisou-a com o gesto. Com respeito ás

creanças, bastava envia-las á «escola do domingo». Quanto a Lorie, devia elle conhecer a fundo as novas creanças, estudar, comparar, habilitar-se a julgar e a vêr com os seus proprios olhos, uma vez que aquella religião da verdade e de luz o permittia e ordenava a todos os seus fieis. O decano apresenta-lo-ia a um pastor, visto achar-se velho e cançado...

Tal se não diria, ao vêr a sua presença aprumada, e ao ouvir aquella voz sã que desorientava o hesitante e fraco Lorie... bem velho bem fatigado, «no alto da costa.»

Houve um silencio, uma perplexidade entre elles. Lorie desviava os olhos, um tanto perturbado pelo passo que déra. O decano, sentado á secretária, olhava para a pagina em branco que o excitava a pensar.

— E' por causa de Elina não é verdade? — disse elle passado um instante.

— Sim.

— Ella exigiu-lhe isso?

— Ella, ou quem a dirige.

— Bem sei... bem sei...

E sabia. Vira parar, frequentes vezes, a carruagem de madame Autheman, deante da porta; conhecia a mulher e os ardis de que ella era capaz. Se Bonna lh'o não houvesse prohibido, teria havia muito tempo, prevenido a mãe. Mesmo agora, penetrando até ao fundo, do drama que Lorie apenas entrevia, elle teria vontade de falar. «Oh! sim, eu conheço aquella Joanna Autheman.»

E' a mulher que despedaça e desliga, o ente sem coração e sem piedade. Por toda a parte por onde ella passa, lagrimas, desuniões e solidão. Adivirta a mãe, pois não é só de si que se trata.

Ella que leve a Lina quanto antes para longe, para bem longe. Arranque-a a essa morta-viva, a

essa devoradora de almas, fria como o vampiro dos cemiterios... Talvez que ainda seja tempo...

Aussandon pensava tudo isto, mas não ousa dizer-lo, por causa d'aquella velhinha que alli estava na sua frente, toda aprumada na moldura, mantendo-o suspenso com o seu olhar prudente de camponeza, e o dente arreganhado de cachorrinho, prompto a saltar-lhe, se elle fallasse.

X

O Retiro

PONTUAL e grave, como todas as occupações do castello, o almoço de Porto-Salvador reúne, todas as manhãs ás onze horas, na ausencia do banqueiro, o pessoal superior da casa religiosa, em volta de Joanna Autheman. Os logares são immutaveis: na cabeceira da comprida mesa a presidente, tendo á direita Anna de Beuil, e á esquerda J. B. Crouzat o professor de faces cavadas, barba curta e dura de hereje, olhos ardentes e fanaticos, de azul globuloso. A testa era aguçada.

Natural de Charente, d'onde tambem era Anna de Beuil, destinava-se á vida ecclesiastica, e seguia os cursos de Aussandon quando uns amigos o levaram a uma das predicas da

Evangelista. Sahiu d'alli n'um d'aquelles estados de emoção exaltada, que certos prégadores vestidos de burel branco produzem nas devotas mundanas; mas uma vez em casa, a impressão tornou-se mais duradoira, e, dentro em cinco annos, abandonára a familia, os amigos, e por aquella modesta collocação de professor primario, que o approximava de Joanna, sacrificára o seu futuro. Dizia-se no sitio que elle era amante da Evangelista porque esses grosseiros camponinios não podiam explicar, sem aquella circumstancia, o fervor do discipulo collado aos labios do apostolo. Mas a Evangelista nunca teve amantes; e as unicas palavras apaixonadas que sahiram de sua bocca cerrada, e de tão puro desenho, ficaram suspensas, crystalisadas, nas agulhas do mar glacial.

Em frente do professor, a directora da escola das raparigas mameselle Hamer, creatura dolente, sempre de olhos no chão e silenciosa,

respondendo a todas as perguntas que lhe faziam, com um fim lastimoso, d'approvação dolorosa, e n'uma pronuncia especial... Ha o quer que seja de esmagada em toda aquella pobre organição, desde os hombros descahidos, até ao nariz mui pequeno, na face franca, que se diria achatado pela queda original. E é n'ella tão profundo o sentimento do primeiro peccado, anniquilla-a por fórma tal, que é com immensas difficuldades que ella consegue, timida e acanhada de espirito, e incapaz de toda a propaganda exterior, dar aula á classe das creancinhas.

No extremo da meza, no logar que ao domingo se reservava para o pastor Birk, está um alumno das escolas rapaz ou rapariga, que tenha merecido as melhores notas na recitação da Sagrada Escripura. Em Porto-Salvador a educação é exclusivamente religiosa, reduzida aos versiculos da Biblia d'onde são extrahidas todas as lições, os

traslados de bastardo e de cursivo até aos abecedarios com imagens.

Tão grande é a fé de Joanna Authernan no Evangelho, que, pensa ella, mesmo incomprehendido actua sobre os neophytos, bem como as transcripções do Alcorão com que os arabes atam a frente, quando estão doentes. E causa pena, vêr o mais admiravel dos livros, estropiado, balbuciado, bocejado por aquellas vozes de pequenos camponios, aquecido e enxovalhado pela porcaria das suas mãos e pelas lagrimas da sua preguiça.

O joven Nicolau, o antigo pensionista da Petite-Roquette, é o producto aperfeiçoado d'este systema de educação; por isso tambem, é quasi sempre elle que occupa o logar de honra, defronte da presidente. Aquelle sabe a Escripura de cór, todos os Evangelhos, segundo S. Lucas, S. João, S. Marcos, S. Matheus, o Deuteronomio, os

psalmos, as epistolas de S. Paulo; e a proposito de tudo, sem que o interroguem, faz em voz alta uma citação inconsciente, inarticulada, que parece sahir da corneta d'um phonographo. Em volta d'elle, calam-se todos e todos se admiram: E' Deus que fala pela bocca d'aquelle adolescente. E que bocca! Quando se pensar em quantas iniquidades e abominações escorriam d'aquella bocca, ha tres annos no pateo da casa da correcção! Não era isto um milagre e a mais deslumbrante prova em favor das escolas evangelicas? Verdade seja que ha ainda em Nicolau uns restos do antigo peccado, mentira, gulodice, prevaricações; e que ás vezes assistem ao edificante spectaculo dos combates que entre si travam, o bom e o mau espirito, n'aquella consciencia ainda não de todo purificada, n'aquella palavra onde o Ecclesiastes com muita difficuldade corrige o calão das prisões.

E' ao lado d'este phenomeno que Elina Ebsen se assenta, nos dias em que almoça no palacete. Todos conhecem a sua situação, bem como o casamento impio que está para fazer. Sabe-se que a cura da alma já começou, mas que o mal vae resistindo a todos os esforços. E' necessaria a brandura de madame Autheman, a sua inalteravel paciencia para continuar o tratamento deante de tão má vontade. Anna de Beuil teria desde muito expulsado do templo, com um azorrague de matilha, aquella creatura destinada ao inferno. «Tu queres arder diabo, pois bem! arde...» Tambem era este o parecer de J. B. Crouzat.

Elina percebe a hostilidade que a rodeia. Ninguem lhe fala, ninguem se digna occupar-se d'ella; apenas lhe deitam, de revez, olhos de colera ou de desprezo. Até sob a face muda do sachristão, que serve á meza, ella curva a cabeça,

intimidada, comprehendendo a sua inferioridade no meio de tão santos personagens.

E, no entanto, ella sente na oppressão d'estes longos almoços de Porto-Salvador, nos pratos conventuaes, carne cozida, caldo de legumes e ameixas cozidas, na solemnidade d'aquella immensa mesa, com os talheres mui afastado, o que quer que seja de austero e de sagrado, que a commove religiosamente, como se assistisse, ella, indigna, á propria ceia do Salvador. Apprecia muito aquella conversação em que ella não entra, aquella diccionario mystico a sacudir de mui alto palavras emblematicas, taes como *vinha, tenda, rebanho*, ou *abstracções, provas, expiação e o vento do deserto e o sopro do Espirito*. Interessa-se por um sem numero de coisas desconhecidas para ella, e de que tratam na sua presença e sem ella dizer palavra no assumpto. *A Obra*, as *Obreiras*, aquella mysterioso *Retiro* onde ella não penetrou nunca, e

tambem a chronica devota do paiz e o estado moral de tal ou tal familia.

«Estou contente com Gelinot... A graça opéra... diz Anna de Beuil que tem os olhos de espião em todos os cantos do logar e em dez leguas em redor... Ou então: «Baraquino vae-se estragando... recomeça a faltar ao culto...» N'isto, uma desanda mestra contra os maus christãos, renegados apóstatas a chafurdarem como cevados no lodo do seu peccado. Elina bem sabe que traz sobrescripto para ella, essa comparação delicada, apesar de ser difficil estabelecer qualquer analogia entre o animal biblico e aquelle meigo perfil, tomado de vergonha, e cujas orelhas se tornam escarlate por entre a onda loira dos cabellos.

— Anna, Anna, não tiremos as esperanças ao peccador... E, com um gesto, madame Autheman acalma a sectaria, com a suavidade infinita com que Jesus advertiu a Simão, o phariseu. Em

seguida, sempre, serena comendo e bebendo com pausa, ella fala muito e por muito tempo, com essa voz persuasiva, que faz arquejar de admiração J. B. Crouzat, embala a pobre Elina transportando-a n'um sonho mystico e n'uma gloria doirada, onde quereria desaparecer e aniquilar-se como um ephemero no sol.

Mas porque é que esta donzella, de apparencia tão maneavel, natureza branda, sensivel, que se commove e chora quando lhe fazem vêr a enormidade do peccado, se conserva por tanto tempo rebelde ás decisões positivas? Vae quasi n'um mez que ella vem a Porto-Salvador, e a presidente admira-se de nada ter obtido ainda. Terá razão Anna de Beuil? O espirito maligno triumpharia acaso d'aquella alma tão preciosa á *Obra* sob tantos aspectos? Madame Autheman começa a receia-lo; e, n'aquella manhã, quando entrando na casa de jantar ás onze horas em ponto,

não vê Elina, humilde e de pé, esperando no seu lugar como do costume, disse consigo mesma:

«Acabou-se... não volta cá...» Mas abre-se a porta, Elina aparece, muito animada; e, apesar de chegar tarde, tem os olhos firmes sobre as palpebras intumescidas de ter chorado muito. Houve impedimento na estrada, a demora de um quarto de hora em Choisy.

Explica isto naturalmente, senta-se, e, sem acanhamento, pede pão ao Sachristão. Conversa-se; intromette-se no que se diz, á vontade, naturalmente; fala de *tenda*, *vinha rebanho*, como um adepto e apenas se perturba quando ouve Anna de Beuil perguntar com a sua carranca de mastim:

— Mas que gente é essa lá da eclusa?... A mulher chegou hontem á tarde na deligencia... Uma descarada... que não tira os olhos da gente... Trazia uma pequenita pela mão a irmã do

Mauricio, segundo parece... Mais rebotalho para o padre cura!

Elina empallideceu, e uma nuvem de lágrimas lhe marejou os olhos. Era Fanny, a sua menina, ali tão perto! E sob as palpebras, quasi fechadas, está vendo aquella cabeça pequenina e enfesada, os cabellos corredios, atados com uma fita, e tão finos, tão macios! Ah! querida... E, de repente, a seu lado, uma voz de forçado rosna d'entre o silencio dos commensaes espantados:

«O fedelho da eclusa?... E' fresco! Já corri esta manhã com esse alma do diabo...

E' o sopro do mal que irrompe da bocca do joven Nicolau. O desgraçado parece elle mesmo assombrado do que acaba de dizer, e sobre a sua face inchada, convulsionada, ar de violeta como se a comida lhe tivesse dado no gotto, observam as circunstantes, com anciedade, a horrenda lucha visivel do bom e do mau espirito. Por fim o juvenil

patusco desembaraça-se bebendo um bom trago, e com uma longa aspiração de alívio, ataca um versículo do Ecclesiastes:

«A minh'alma está repleta de tutano e gordura e a minha bocca engrandece-a com um cantico de reconhecimento...»

Alleluia! O demonio foi esmagado mais uma vez.

Um suspiro de satisfação o manifesta em volta da meza; e, ao estrondear do comboio do meio dia que vae passando, levantam-se todos e dobram os seus guardanapos dando graças a Deus.

«Sério?... pois é verdade? Ah! querida filha, como eu te abraço por esta boa nova...»

E' a fria Joanna Autheman que abraça Elina com alvoroço e a leva comsigo: «Vem depressa contar-me isso tudo...» A' porta da saleta ella considera:

«Não... no retiro... estaremos alli melhor....

No retiro!... Que honra para Lina!...

Na escadaria cheia de sol, onde as romeiras põem sombras duras, Anna de Beuil detém a superiora na passagem:

— Está alli o Baraquino.

— Fala-lhe que eu não tenho agora tempo... e depois, baixinho, e com um sorriso mudo: «Está salva...» e madame Autheman afasta-se pelo braço de Elina, enquanto a sua acolyta interroga o velho marinheiro, que se levantou do banco, onde esperava, com o barrete n'uma das mãos, e coçando com a outra o craneo espesso, humilde e redondo como um calhau da borda d'agua.

— Baraquino, porque não vem você mais vezes ás reuniões? ...

— Eu lh'o digo...

Seguiu com olhos de lastima o vestido preto até desaparecer n'uma volta da alameda, sabendo que mais facilmente a Evangelista lhe daria razão do que este lobo velho da touca branca.

— ... Eu bem sei que a religião de madame Autheman não vale menos do que outra qualquer, e que não ha cura mais competente para dizer a sua missa do que ella mesma... Mas então, que quer a senhora? ... Tudo isto faz escrupulos cá ao velho por amor dos filhos, que são d'um sitio mais longe, onde não ha este culto... E vae ao depois, elles estão sempre a puxar por mim lá para a sua igreja; e, a falar a verdade, no outro domingo, quando entrei para o bom Deus de Juvisy, as vellas os doirados, a Nossa Senhora, tudo isso revolveu o estomago a este pobre pae!...

Não era a primeira vez que o velho Baraquino representava esta comedia, para apanhar os seus quarenta francos e um casaco novo... Anna de Beuil resiste, e nada mais divertido do que vê-los ambos a resgatarem, camponio contra camponio, discutir como no mercado de Sceaux aquella

velha alma endurecida que não vale, com certeza, o dinheiro. Mas que triumpho para o cura se o Baraquino voltasse para a sua antiga igreja! Apezar d'isso ella deixa-o ir-se embora com o dorso dobrado ao meio, lamentando-se, torcido e caminhando de esguelha; uma sahida falsa de mercado. No meio da escadaria Anna de Beuil chamou por ele:

— Baraquino.

— Que é?

E ela sóbe, adiante d'elle, os tres degraus que levam á saleta verde. Ao passar pelo juvenil Nicolau, testemunha muda d'esta scena, o camponio piscou-lhe o olho, e o outro com os olhos em alvo a cabeça inclinada sobre o hombro, com ares beatificos, solta com um versiculo a proposito: «*Eu tirei de cima de ti o peccado e te dei vestidos novos.*» Depois, como ficasse sósinho, tira a mascara hypocrita, e vae assobiando, com as

mãos nas algibeiras, pela alta passerelle da via ferrea, onde, por um momento, se destaca o seu perfil magro e vicioso de garoto.

Elina havia um mez que vinha a Porto-Salvador e não conhecia da propriedade senão o jardim, em canteiros floridos, a escada de Gabriella e a rua arborizada, fazendo um como traço luminoso, para as construcções brancas do templo e das escolas. E' para aquella rua do jardim que M.^{me} Autheman, todos estes ultimas dias a trazia, para a cathechisar e fazer-lhe vêr as consequencias d'aquelle impio casamento.

«Deus castigar-te-ha em tua mãe e nos teus filhos... O teu rosto será como o de Job coberto pela lama de tuas lagrimas...

A pobre rapariga fazia esforços para resistir, invocava a palavra que dera, a compaixão pelas creanças sem mãe, e voltava a casa, extenuada,

indecisa, para tornar a fazer, d'ahi a dias, o lugubre passeio na alameda odorifera e cantante, onde o sol se coava pela ramaria luminosa que os vestidos negros pareciam apanhar, á medida que iam andando, enquanto a Evangelista falava de morte, de expiação celeste e que Lina sentia escapar-se-lhe, pelas veias abertas e despedaçadas, toda a sua vontade e toda a crença na felicidade.

D'esta vez M.^{me} Antheman ultrapassou o seu habitual passeio, atravessou todo o parque de mattas de córte, dispostas em xadrez e ruas varridas e bem tratadas, dilatadas pela opulencia do jardim francez, cujas arvores, curiosamente podadas, alinham porticos, peristylos com o buxo ás bolas, com os teixos do feitio de vasos ornamentaes, e se esforçam por imitar o marmore, enrolando-se-lhe a hera e o acantho. Joanna calava-se, apoiada no braço da neophyta toda commovida por este silencio iniciador, perturbado

apenas pelo ruge-ruge das saias ou pelo estalido dos tronquitos, que a leoneza ia partindo de passagem, com o seu instinto de regularidade.

Deteve-as um gradeamento, cujas ferragens enferrujadas Joanna Autheman fez ranger, e para logo mudou o aspecto da propriedade, tornando campestre e livre, mostrando ruas cobertas de hera, grupos de betulas estremecendo ao canto de campinas roseas de urzes, de sebes vivas, onde chilreavam, os passaros, faias e cavallos de musgoso, rescendendo a velha plantação florestal. No meio de uma clareira, um chalet de pinho, o verdadeiro chalet suiso, com a sua escada exterior, os vidros pequenos encaixilhados, a varanda aberta debaixo do comprido beiral do telhado, muito em escoante e consolidado por grossas pedras; contra os temporaes da montanha.

O Retiro!

Nos primeiros tempos de casada, Joanna mandára construir para si, no segundo parque, longe das officinas e da casa reprovada, este refugio, recordação piedosa de Grindelwald e dos seus primeiros colloquios mentaes com o Inaccessivel.

Instituida a *Obra*, alli abrigou as suas *obreiras*, as escolhidas, destinadas á vulgarisação do Evangelho, e das quaes exigia que estivessem alguns mezes sob as suas vistas immediatas.

Em baixo, na *sala de orações*, rebaixada e triste como as entre-cobertas d'aquelles barcos-missões, que levam a Escripura aos baleeiros inglezes no mar do Norte, exercitavam-se na prédica. M.^{me} Autheman ou J. B. Crouzat davam-lhes algumas lições de theologia e de musica vocal. O resto do, tempo, passavam-no em meditações nos seus quartos, até ao dia em que,

julgadas aptas, Joanna as beijava na testa e as enviava com as palavras biblicas:

Vae, minha filha, e trabalha na minha vinha.

E ellas, as desventuradas, lá se iam cair n'algum dos grandes centros manufactureiros, como Leão, Lille, Roubaix, logares onde o peccado produz maiores devastações, onde as almas são mais negras que a pelle dos selvagens africanos, negras como as viellas estreitas, o chão das minas carboniferas e a ferramenta do trabalho.

Installavam-se em pleno arrabalde e começavam a obra da graça, de dia ensinando as creanças, segundo o methodo excellente de P. S., e á noite prégando a boa-nova. Mas a vinha era dura e penhascosa, e a vindima não abundava.

Por quasi toda a parte falavam ellas no frio das salas quasi sem ninguem, onde tinham de supportar as zombarias dos operarios, grosseiras até ao ultraje, aggravada ainda esta circumstancia

pelas embirrações da administração das empresas, de que nem sempre as podia defender a influencia dos Authemans, a tal distancia de Paris.

Sem desanimarem, lançavam a palavra divina ao acaso do mau terreno, cheias de confiança, porque está escripto que na alma, ainda a menos preparada, um pouquinho de fé, *do tamanho de um grão de mostarda* póde fructificar e crescer. Convencidas, deviam-no ellas estar, para acceitarem, mediante a mensalidade de cem francos, aquella existencia solitaria e abandonada, que lhes arranjava M.^{me} Autheman, despedaçando todos os laços affectuosos á volta d'ellas, com o mesmo gesto indifferente com que ella ia partindo, de passagem, os rebentos importunos da vegetação. Era o mesmo desprendimento do claustro sem as grades, mas com eguaes exigencias; as partidas por uma simples ordem, as mudanças de

residencia e aquelle regresso, todos os annos, ao Retiro, para se retemperarem em Jesus.

Acontecia, ás vezes, que á obreira se lhe deparava no caminho um homem digno, e então deixava a prédica pelo casamento. Uma, uma só, fugira com o dinheiro destinado ao seu sustento, á renda da casa e ao resgate das almas. Mas, em geral, dedicavam-se á causa, fazendo convergir toda a sua actividade para um fim unico, mysticas até ao extase, até á loucura predicante e de propaganda, que a miudo se encontra nas mulheres da religião reformista, e que, ás vezes, se alastra epidemicamente, como aconteceu na Suissa, ha trinta annos, quando as praças publicas e as estradas no campo regorgitavam de vistonarias e de prophetisas.

Entre as *obreiras* de M.^{me} Autheman eram raras as raparigas bonitas, como Elina Ebsen. Quasi todas avelhentadas, doentes, mal feitas, refugo de

celibato, destroços da onda da miseria, reputando-se felizes por virem encalhar alli, e por trazerem, ao Deus da Evangelista, o que os homens não haviam querido para si. Tambem, era essa a unica vantagem da *obra* tão pouco franceza, que facilmente se prestaria ao riso, se não fossem as magoas e lagrimas que bastas vezes causava. Quem não ria, eu vo-lo juro, era o guarda Watson, sósinho no seu pharol a scismar: «Onde estará ella?... Que será dos pequenos?» E tambem não ria a patrôa do *Esfomeador*, no seu luto perpetuo, a soluçar deante do forno, em meio das alegrias da taberna, com o marido doido e a filha morta.

Pobresinha Damour, tão formosa e com tanto juízo! M.^{me} Autheman prendêra-a nas suas escolas, encerrando-a em seguida no Retiro, com o consentimento da mãe que não conhecia bem aquillo de que se tractava. Os sermões, a musica e a morte, sempre a morte, como esperança e ameaça,

em breve acabrunharam, n'uma tristeza atrofiadora, aquella natureza do ar livre, n'uma idade de pleno crescimento. A pobre creança dizia:

«Estou aborrecida... quero ir para casa... Anna de Beuil ralhava com ella, aterrorisava-a e não a deixava sahir.

E, de golpe, a neophyta cahiu n'uma singular fraqueza, com crises nervosas, com visões em que se lhe revelavam os mysterios do céo e do inferno, o supplicio dos condemnados, a alegria dos escolhidos á mesa divina, umas vezes inundando-a d'extaticas delicias, e outras fazendo-lhe bater os dentes com terror. A rustica pré-gava, prophetisava, erguia na cama o corpo magro, convulcionado por desordens interiores e com gritos que enchiam todo o parque. «Eu ouvia cá de fóra os seus gemidos» dizia a pobre mãe, que matinham a distancia, com o pretexto de emoção perigosa para o doente. Deixaram-na entrar quando a filha já não podia

conhecer ninguém. Começou a agonia, muda, titanica, com os dentes cerrados, com a dilatação extraordinaria das pupillas que esclareceu de repente o medico sobre a causa d'aquella morte extraordinaria. Ella devia ter colhido no parque bagos de belladona, e te-los comido, tomando-os por serejas.

«Com que então a minha filha não conhecia as *ginjas*...» clamava a mãe com desespero; e, apesar da opinião do medico, e do relatorio do procurador de Corbeil, uma obra prima de ironia judiciaria e de fina troça, a mãe ficou persuadida de que lhe haviam medicado e assassinado a filha, querendo virar-lhe a cabeça para os extases. Foi opinião corrente na terra; e continuava a permanecer a má fama d'aquelle chalet, mysterioso, cujas madeiras recortadas se viam, no inverno, por entre os troncos nús do arvoredos.

Em meio da relva rosada, illuminada e vibrante, no silencio e no esplendor d'aquella tarde de verão, o Retiro, n'aquelle dia, nada tinha de sinistro e fez sobre Elina uma impressão mystica de bem estar, podendo definir-se em tres palavras: doçura, repouso e luz. Oh! Principalmente doçura...Vozes sussurrantes de mulheres n'uma toada supplicante de prece recitada, baforadas de orgão, á mistura com a toada estridula das cigarras na herva, e com o vôo dos mosquitos revolteando mui alto no azul, como nos dias mais lindos... Em frente da porta uma corcundita varria, sem fazer bulha, os degráus d'entrada.

«E' Chalmette... disse Joanna em voz baixa, e fazendo gesto á *obreira*, para que lhe viesse falar.

Chalmett regressava de Creuzot, depois de mil vexames. Á noite, os mineiros, vinham em bandos á sua prédica trazendo arenques e vinho,

tratando-a por tu, e abafando-lhe a voz com algumas coplas da *Marselheza*. As mulheres, principalmente, encarniçavam-se contra ella; na rua injuriavam-na, atiravam-lhe pedaços de carvão e escorias das forjas, sem contemplação pela sua configuração de aborto. Não importa, ella estava prompta a recommençar.

«Quando quizerem... quando quizerem...» dizia com brandura; mas, sobre a sua cabeça fina com o queixo aguçado, nas mãos compridas de estropiada a sahirem da romeira, e sustendo a vassoura mais alta do que ella, crispava-se uma vontade de ferro.

«São todas assim!» observou M.^{me} Autheman subindo a escada exterior do chalet, e fazendo assentar Elina a seu lado, debaixo da varanda formada pela saliencia do telhado... «Todas! mas tenho apenas vinte; e precisaria de milhares para salvar o mundo...» Animando-se com esta idéa de

resgate universal, ella explicava o fim, o pensamento da *Obra*, e o seu desejo de o dilatar. Por emquanto não se passava de França; mas havia de tentar-se lá fóra, na Alemanha, na Suissa, na Inglaterra, onde os espiritos estão mais bem dispostos ás religiões liberaes. Tinha partido a Watson e outras a seguiriam depois.

Calou-se, receiando haver dito demais; mas Elina já não a ouvia. Como acontece nas horas decisivas, ella estava toda em si, recolhida n'uma embriaguez ineffavel e altiva, que a embalava e a arrebatava. Deante da varanda, no alto de um salgueiro, cantava um passarinho, balouçado na extremidade do ramo que vergava sob o seu peso ligeiro. Aquelle passarinho era a alma d'ella...

«Como que então acabou-se?

Completamente acabado? . . .

Madame Autheman tomára-lhe as mãos e interrogava-a.

«... Como tínhamos combinado, não é verdade?... A communhão do pequeno. Bem... muito bem. Evidentemente o pae não podia consentir... As cartas sem resposta, e acabou com as lições á Fanny?... bem, perfeitamente...»

Mas enquanto Elina contava a sua resistencia ás ciladas do demonio, ao chamar da pequenita, de mãos postas, com desespero, arrasavam-se-lhe os olhos d'agua, como n'aquella manhã, ao almoço.

«Estimava-a tanto, se a senhora soubesse! Era para mim, como uma, filha... O sacrificio foi bem forte...

«Que está ahi a falar, em sacrificios... Christo lhe exigirá outros, e ainda mais terriveis.»

Elina Ebsen curvou a cabeça, estremecendo sob o dominio d'aquella voz severa, mas não se

atrevido a perguntar o que mais poderia Christo
exigir d'ella.

XI

Um Rapto

O comboio! ... Chegou a tempo...» disse M.^{me} Ebsen muito esfalfada, sobraçando guarda-chuvas; levava um par de tamanquinhos n'um jornal, e parou nas vedações da chegada, no momento em que o comboio entrava na gare.

Estava em casa, mui tranquillá, pondo a meza para o jantar, quando estalou uma trovoada subita, a ultima trovoada de verão jorrando em cataractas; e a idéa da filha, que partira de manhã para Porto-Salvador, com vestidos leves e calçado fino, como todas as parisienses n'aquelle dia, precipitou-a para fóra de casa e lançava-a estafadissima n'um omnibus para a gare d'Orléans. Agora estava á espera, encostada ás grades, diligenciando avistar

o chapéu de Elina sobre as suas tranças, n'aquella multidão de gente azafamada, esbaforida trazendo na mão cestos e ramalhetes, com os guardas-chuvas a pingarem ou com os vestidos n'um trapo e ensopados pelo aguaceiro, dando-se encontrões a vêr quem primeiro chegava ás carruagens, e dando gritos estrangulados: «Segura o cão... pega na creança.»

Mas, por mais que ella se inclinasse para a porta, se pozesse nos bicos dos pés e olhasse por cima do gradeamento ou de um braço de um guarda da alfandega, até ao caes onde se alinhavam os wagons luzidios e sem ninguem, o chapéu preto de Elina continuava invisivel. A principio a mãe não se assustou, explicando o atrazo com o imprevisto diluvio. Sem dúvida a filha chegaria no comboio seguinte; um pouco tarde, porém, pois d'alli até ás oito horas apenas havia o expresso que não parava em Ablon.

Decidiu-se a esperar, de bom grado, e pôz-se a caminhar ao longo da sala deserta, onde o gaz, que acabavam de accender, sacudia a chamma com o vento humido, reflectindo-se no chão inundado. Por um momento o silvo do expresso agitou a gare com um ruido de passos, vozes e de carrinhos de mão a rodarem; depois, nada mais ouviu além do ecco do seu lento passeio, o escorrer da chuva interminavel, ou, dentro dos compartimentos envidraçados, o ruido que produz o roçar d'uma pesada folha a virar-se, ou um nariz invisivel a assoar-se com estrondo.

M.^{me} Ebsen aborrecia-se de esperar assim, com o estomago vazio, os pés enregelados e, para se consolar do seu longo quarto de sentinella, começou a pensar que pouco faltava para se sentarem ambas, ella e a filha uma defronte da outra, no seu ninho confortavel, deante de uma boa sopa á moda da sua terra, quentinha... Oito horas!...

Já se ouvem os apitos e os resaltos das rodas sobre as plataformas girantes á entrada na gare. Abrem-se as, portas, não apparece Elina. Decididamente haviam-na retido no pazelete; e a mãe encontraria um telegramma em chegando a casa. Deixa-lo, ainda assim não era bonito, uma vez que M.^{me} Autheman sabia como era unida e terna a existencia d'ambas. E por sua parte Elina tambem não devia ter cedido. A pobre senhora resmungava sósinha, ao voltar da estação, debaixo de chuva e patinhando nas poças d'agua, por aquellas extensas avenidas, que vão da gare ao Val-de-Grace, marginadas por grandes construcções deshabitadas, com cinco andares de estuque novo e buracos negros em lugar de janellas.

«Vocemecê tem algum telegramma para mim, tia Blot!...»

— Não, senhora, tenho apenas o jornal... Mas então que é isso vem sósinha?

Ella não teve forças para responder, invadindo-lhe o animo, mil terrores, que lhe percutiam a frente, a um tempo. Estaria Elina doente? mas n'esse caso te-la-hia prevenido, se é que o palacete era habitado por creaturas humanas... Partir. Pôr-se a correr as estradas áquella hora da noite, e com um tempo d'estes!... Era melhor esperar pelo dia seguinte de manhã... Que tristeza de noite, que lhe lembrava quando regessaram do enterro da avó, a mesma sensação de vacuo e de adeus eterno, com a differença que d'esta vez faltava Elina, e M.^{me} Ebsen estava só, inteiramente só, para supportar a sua dôr e as angustias da sua inquietação.

Não havia luz em casa de Lorie... Desde que mandára Sylvanira e as creanças para a eclusa, o pobre homem só recolhia muito tarde, porque evitava uma visinhança que se lhe tornára dolorosa, visto a deliberação de Lina em não

responder a nenhuma das suas cartas, nem mesmo áquella em que elle se submettia e acceitava as suas condições orthodoxas, tanto para elle como para os seus.

E de repente, M.^{me} Ebsenque não descia a casa d'elles havia dois mezes, sentia remorsos n'aquelle isolamento, por haver abandonado, com tanta facilidade, aquelle excellente homem á crueldade caprichosa de Elina. Não ha como o soffrer para comprehender bem todas as commoções do soffrimento!

Não se deitou e conservou o candieiro acceso, contando as horas, expiando os ruidos e a approximação de uma ou outra carruagem, com as, esperanças loucas da expectativa e as suas superstições febris. «A terceira que passar é que pára á porta...» Mas aquella passava adeante e outras, até ás rodas estrepitosas dos carros dos leiteiros, ao romper d'alva. Então, com a reacção

ordinaria ás noites mal passadas, reclinou-se na poltrona com o somno que segue a noite em que se velou um cadaver. Tinha a bocca aberta, as feições entumecidas, uma verdadeira syncope de embriaguez, d'onde, arrancaram violentas campainhadas e os berros energicos da tia Blot, que chamava por ella:

« M.^{me} Ebsen... M.^{me} Ebsen... Isto acaba de chegar; cuido que é da sua menina...»

Na claridade esbranquiçada que inundava a saleta, correu a apanhar o sobscripto mettido por baixo da porta... Elina escrevia é porque não estava doente. Que novidade havia, então?... Isto:

«Minha querida mãe, receiosa de te affligir, tenho recuado, até aqui, perante uma resolução, tomada de ha muito, em meu coração. Mas soou a hora. E' Deus que chama por mim; vou para elle. Quando esta carta te chegar ás mãos estarei

bem longe. Ignoro se a nossa separação ha de ser por muito tempo e o quanto teem de durar os dias de provação; terei, todavia, o cuidado de te dar noticias minhas e de te proporcionar occasião de me enviares novas tuas. Fica descansada que não me esquecerei de ti, e que pedirei ao Salvador misericordioso que te abençõe e dê a paz, consoante ás promessas do teu amor.

Tua filha muito dedicada,

ELINA EBSEN.»

A principio não comprehendeu bem, e tornou a lêr com attenção, em voz alta, phrase por phrase, até a assignatura... Elina... era Elina que escrevêra isto, a sua filha, a sua Linasinha... Não podia ser!... Todavia, a lettra parecia-se muito com a da filha, ainda que um pouco tremida... Sim, aquellas

desvairadas d'além haviam-lhe pegado na mão e tinham-lhe dictado aquellas phrases monstruosas, de que ella não pensava nem uma unica palavra... D'onde vinha aquella carta? O carimbo era de Petit-Port, com a fortuna! Elina ainda lá estava, e a mãe nada mais tinha do que apressar-se para mudar aquella resolução horrivel!... Fosse como fosse, aquillo era uma feia acção: querer raptar-lhe a filha, a sua Linasinha adorada... Com que então aquella M.^{me} Autheman tinha por officio despedaçar os corações... Em lá chegando, saberia como isso era!

Todas estas idéas que brotavam em voz alta, ou que traduzia por um simples gesto de colera, accudiam-lhe enquanto se arranjava para sahir, penteando-se á pressa e mal refrescando a cara, afogueada pelas lagrimas da vigilia. Tomou bilhete, e, assentada no wagon, tranquillizou-se um tanto, e considerou com presença d'espírito o

assédio traidor e progressivo em redor de sua filha, desde a primeira visita de Anna de Beuil, de cujas investigações curiosas ácerca das pessoas que ellas conheciam em Paris, a pobre mãe se lembrava, sem duvida com o fim de obter a certeza de que podiam manobrar impunemente — até á reunião dos Ternos, a sua filha no estrado ao pé d'aquella idiota... oh! que horror!... até ás palavras de M.^{me} Autheman, quando veio buscar Elina para as suas escolas: «A senhora gosta muito da sua filha?... » e a intonação perfida e fria d'aquella bocca linda, de um desenho severo.

Mas como não tinha ella visto aquillo mais cedo? Que cegueira e que fraqueza!... Porque realmente era, ella a causa de tudo. Aquellas traducções, aquellas insanias religiosas com que, lentamente lhe haviam intoxicado a filha, Elina não as quizera, como tambem não desejava assistir áquellas reuniões de preces.

Fôra a mãe que o tinha querido, por interesse, por vaidade, para se relacionar com os Authemans, pessoas tão ricas. Ah! tola, grandissima tola.... Amaldiçoava-se, invectivava-se com as palavras mais asperas.

Ablon!

Desceu sem reconhecer a gare, sem se recordar do bello passeio que alli tinham dado na primavera. Por fórma tal se transformam os logares em harmonia com as nossas impressões pessoases, e tanto é o que provém dos nossos olhos, nas paisagens e nas pessoas para quem olhâmos! Sómente lhe occorreu que Elina costumava ir de omnibus para Porto-Salvador. Informou-se... Não havia omnibus á chegada d'aquelle comboio; mas indicaram-lhe um atalho por onde chegaria directamente ao palacete, em meia hora, pouco mais ou menos.

O tempo estava delicioso, clarissimo, algodoado pelo nevoeiro que se evolava dos terrenos encharcados pelo diluvio da noite, e que esperava a hora do meio dia para se resolver em chuva ou se evaporar com o sol. A principio foi caminhando ao longo de muros de quintas, cortadas de longe a longe por altas portas de grades, por onde se viam taboleiros de relvêdo, canteiros floridos, em fórma de açafates, e laranjeiras enfileiradas na frente das escadarias. Era um perfeito verão, surprehendido e tirando na bruma, como os vestidos claros dos parisienses, na vespera. Subitamente, M.^{me} Ebsen achou-se em campo largo; encostas de vinhedo e de beterraba, revoadas de corvos, em grandes extensões lavradas, terras de batatas onde saccos alinhados e ás pilhas, e os perfis d'homens e de mulheres, se destacavam n'uma egualdade de manchas

pardacentes e pezadas, n'aquelles vapores alvos que fluctuavam á flôr da terra.

A mãe sentia-se influenciada por aquella tristeza das coisas, como por uma oppressão physica, que augmentava á proporção que se ia approximando de Porto-Salvador, de que ella avistava, a meia encosta, os telhados vermelhos e as grandes sombras. Depois de ter caminhado ao longo do interminavel muro de um parque a trasbordar de hera e de vinha purpurina, atravessou a via ferrea n'uma passagem de nivel e achou-se á beira do Sena, em frente do palacete. Lá estava a meia-laranja, coberta de relva, com as correntes de ferro em frente da porta, a casa comprida e aquelle portão de grades monumental, disfarçado com persianas muito apertadas, pelas quaes em vão procurava distinguir alguma coisa, que não fossem os cimos das arvores... Era alli, com toda a certeza.

Tocou a medo, tornou a tocar, e, enquanto se demoravam a abrir-lhe a porta, preparava a sua phrase de entrada, curta e attenciosa. Mas quando lhe abriram a porta, esqueceu tudo e precipitou-se, numa grande afflicção:

«A minha filha!... onde está ella?... eu quero vê-la immediatamente...

O creado, com avental de serviço, com o P. S. de prata na golla de panno preto, respondeu, segundo as instrucções recebidas, que mademoiselle Elina se retirára na vespera; e, como visse um gesto de furiosa negativa, accrescentou «Emfim, a Senhora está em casa... se lhe quer fallar...» Atraz d'elle, percorreu varias ruas, uma escadaria, subiu degraus sem vêr coisa alguma e achou-se n'uma saleta verde onde M.^{me} Autheman escrevia, aprumada na sua secretária. Aquelle semblante conhecido,

aquelle sorriso imponente e affavel diluiram-lhe a colera.

«Oh! Minha senhora, minha senhora... Lina... Esta carta... Que quer dizer isto?...

E rompeu n'um soluçar convulsivo, saccudindo e acabrunhando a sua corpulencia, lamentosa.

M.^{me} Autheman julgou que facilmente se tornaria rasoavel aquella fraqueza lacrimosa, e suavemente, com uncção, sentada no mesmo sophá: «Ora vamos, não era preciso entregar-se assim á dôr, mas, pelo contrario, rejubilar e glorificar a Deus que se dignava illuminar a sua filha, e tirar-lhe a alma do negro sepulchro...» Este penso mystico, sobre o coração ulcerado e mais humano do que nunca, produziu o effeito d'uma queimadura... A mãe, levantou-se de subito, com os olhos enxutos:

«Tudo isso são palavras... A minha filha!...
Eu quero-a...

— Elina já aqui não está... disse M.^{me} Autheman com um suspiro de tristeza, perante aquella revolta sacrilega.

— Então diga-me onde está... Eu quero saber onde está a minha filha...

Sem perder a serenidade, habituada como estava áquelle genero de explicações, a presidente respondeu que Elina Ebsen deixára a França, na intenção de diffundir o Evangelho. Que talvez estivesse na Inglaterra, ou póde bem ser que na Suissa; com certeza não se sabia. Que em todo o caso ella mandaria noticias a sua mãe, para a qual conservava sempre os sentimentos de uma filha christã e delicada.

Era a carta de Elina, pouco mais ou menos nos mesmos termos, pausadamente minuciada, com gravidade, n'um tom implacavel de brandura que

fazia enraivecer M.^{me} Ebsen, despertando-lhe uma colera de assassino a presença d'aquella mulher correcta e apertada no seu vestido preto, que mais fazia sobresahir a pallidez das suas faces estreitas, com a fronte saliente, os olhos grandes e limpidos, sem pupillas quasi, e onde se percebia a frialdade e a dureza do marmore, e o aniquilamento de toda a ternura e de toda a compaixão feminina.

«Oh! Vou esmaga-la...» pensava M.^{me} Ebsen. Mas as mãos que se lhe haviam crispado nervosamente, juntavam-se n'uma supplica: «M.^{me} Autheman, restitua-me a minha Linasinha... Não tenho mais niguem senão ella n'este mundo. Sem ella acabou-se-me tudo... Meu Deus! E nós que eramos tão felizes... A senhora viu a nossa casinha, tão bem tratada, tão bonita. Nem havia meio de nos zangarmos lá dentro. Não havia logar para amúos. Por força nos havíamos de abraçar a toda a hora.»

Voltavam-lhe os soluços, como vagas n'uma tempestade, suffocando-a, n'um chôro que lhe abafava as phrases implorativas. Pedia apenas uma coisa, uma só: vêr a sua filha, falar-lhe, e, a ser verdade tudo aquillo, e que Elina lh'o dissesse por sua propria bocca... n'esse caso ella cederia, com certeza, promettia-o.

Uma entrevista! E' precisamente o que Joanna Autheman não podia permittir. Ella preferia, para convencer a mãe, empregar phrases de sermão, excertos christãos dos seus livrecos... *Consolação em Jesus... Afflicção que dispõe para a oração...*

E a pouco e pouco, exaltando-se com o movimento de sua prédica: «Mas é a si, desgraçada mulher, é a sua alma que Elina quer libertar; e a sua dôr é o principio d'esse livramento».

M.^{me} Ebsen ouvia, com os olhos no chão, mas com o espirito e o coração em guarda. De repente, com a firmeza de uma deliberação assente: «Pois

bem... A senhora não quer entregar-me a Lina... Eu vou dirigir-me á justiça. Veremos se são permittidas similhantes abominações».

Não obstante as ameaças que lhe não faziam móssa nenhuma, M.^{me} Autheman reconduziu-a até á escadaria e fez signal ao creado para que a acompanhasse, magestosa sempre, e impessoal como o destino. A meio caminho a mãe voltou-se, deteve-se um minuto n'aquelle terraço onde sua filha talvez passeasse na vespera, ou n'aquella manhã. Envolveu n'um relance d'olhos o grande parque silencioso, dominado pela cruz de pedra branca, a emergir do nevoeiro, como no alto d'um cemiterio.

Oh! arremetter para aquelles bosques densos, para aquelle jazigo mortifero, que ella sabia encerrar-lhe a filha, emparedada alli viva, arrojarse com tal impeto que fizesse desconjunctar a porta, e com um grande e terrivel brado chamar: «Lina...» agarra-la, leva-la para louge, restitui-la á

vida... Tudo isto atravessou a sua pobre cabeça como um jacto vermelho. Mas deteve-a a vergonha, o sentimento da sua impotencia em presença de todo aquelle luxo e d'aquella boa ordem que, apesar de tudo, a impressionavam.

A justiça! Nada mais tinha a fazer do que socorrer-se á justiça.

Resoluta, decidida, caminhou para o logar, tendo o seu plano assente; era mui simples. Ir procurar o *maire*, expor-lhe a sua queixa e voltar com um soldado, um guarda campestre; alguém, enfim, que lhe fizesse restituir a sua filha ou obrigasse aquella mulher a dizer a que era feito d'ella. Não duvidava do bom resultado dos seus passos, perguntando a si mesma, se, antes de chegar a este escandalo, ella teria esgotado todos os meios de conciliação. Sim, tinha chorado, supplicado com as mãos erguidas e não a tinham

querido ouvir. Tanto peor. Isto serviria de lição áquella ladra de creanças.

Na rua unica do logar, por cuja encosta ella ia subindo, nada se movia nas casitas alinhadas com uniformidade, tendo, á frente, uns quintalinhos esguios.

Toda a gente devia estar para o campo, n'aquella estação de colheitas.

Só de tempos a tempos, se arregaçava alguma cortina e um cão vinha fariscar os passos estranhos; mas a cortina tornava a cair logo, e o cão não ladrava mais. Coisa alguma perturbava aquelle silencio melancholico de caserna ou penitenciaria.

Lá em cima, n'um largo sombreado por velhos olmeiros dispostos em xadrez, e com os reflexos da pedra limpa de fresco, destacava-se, n'um ceu encoberto, o templo, ladeado por duas escolas evangelicas. Deante das altas janellas

entreabertas, da escola das raparigas, M.^{me} Ebsen parou a fim de ouvir um tumulto de vozes infantis que recitavam em cadencia, compassando as syllabas e sem respirar:

Quem é igual ao Eterno no ceu. Quem é semelhante ao Eterno entre os fortes... Pancadas com uma regua, sobre a meza, apressavam ou retardavam a leitura.

Se ella entregasse!

Era alli que Elina dava as suas lições... Quem sabe mesmo se ella a não ia encontrar alli installada, dando aula, mui singelamente... Empurrou a porta e viu, entre quatro paredes brancas, cheias de versiculos, curvadas sobre mezas com estantes, longas filas de blusas pretas e touquinhas tambem pretas, apertadas á volta de cabeças crestadas de camponezas. Ao fundo, uma rapariga alta, pallida e balofa, presidia, com a Biblia n'uma das mãos, e uma comprida regua na

outra, adiantou-se ao vêr entrar M.^{me} Ebsen. O exercicio interrompeu-se e todas aquellas cabecinhas se voltavam curiosas.

— Queira desculpar menina... Eu sou a mãe de Elina...

— Continuem! ... gritou ás creanças tão de rijo quanto lh'o promettia sua voz humilde, mademoiselle Hamer, espavorida. E toda classe continuou unisona: *O' eterno Deus dos exercitos...* Era preciso realmente, que a pobre Hammer estivesse bem perturbada, para se animar assim, e repellir M.^{me} Ebsen, para a porta da rua, dando como resposta a todas as perguntas o seu sim... sim...» dolente, consternado, onde se sentia o desespero e a confusão que lhe causavam, depois de tantos milhares de annos, a funesta aventura de Adão e Eva, debaixo da macieira.

— A menina conhece a minha filha?

— Sim.

— Aqui é que ella dava a aula?

— Sim.

E' verdade que ella se ausentou, por quem é diga-me...

— Sim, sim... não sei nada... pergunte no castello.

E aquella mulher timida que tinha a força de pulso d'um frade *ignorantino*, empurrou a mãe para fóra da aula, e fechou a porta, enquanto a classe ia continuando furiosamente, n'um syllabar recitativo: *Os caminhos do eterno são direitos; os justos caminharão por elles*

Avista-se do outro lado da praça a bandeira tricolôr da *marie* e, sobre o cinzento das paredes o R. F. em grandes letras pretas, que M.^{me} Autheman não ousava ainda substituir pelo seu P.S. Um homem gordo, com a cara palida bedel, escrevia por detraz de uma vidraça do rez do chão.

Era o secretario da *maire*; mas M.^{me} Ebsen desejava falar ao *maire*.

— Não está cá... disse o homem sem voltar a cabeça...

— A que horas se lhe póde falar?

— Todos os dias das seis ás sete no castello.

— No castello? mas então é ? ...

— Sim, o sr. Autheman.

Nada tinha a esperar por este lado. Pensou então no cura, que devia ser inimigo d'aquella gente, e do qual esperava encontrar conselho e auxilio. Indagou onde era o presbyterio e desceu a passos largos para a borda d'agua. No caminho estavam atrelando um pequeno omnibus do campo, deante de um escriptorio: *Correspondencia do caminho de ferro trens á escolha*. Aproximou-se do conductor, perguntou-lhe se conhecia uma formosa menina alta e loira, de lucto carregado, e, para ajudar o rustico a recordar-se escorregou-lhe para a mão uma moeda de

prata... Se a conhecia, ora essa! Pois se era elle que tres vezes por semana a conduzia.

— E hontem foi assim tambem? ... e n'aquella manhã? ... Faça por se lembrar, peço-lh'o eu. E teve a infelicidade de accrescentar: E' minha filha... e tiraram-ma...

O homem começou logo a tartamudear... Já se não lembrava de nada... Se ella viera hontem?... No castello é que lhe podiam dizer isso... Sempre o castello! E a casa comprida e pardacenta, subia, crescia no espirito da mãe como se fôra uma bastilha, uma fortaleza uma d'aquellas immensas construcções feudaes, cobrindo com a sombra dos seus torreões e minando com os seus alicerces e fossos toda a região circumvisinha.

A' beira d'agua, em frente de uma pequena enseada, onde umas mulheres acoradas lavavam roupa, o presbyterio parecia uma

cabanita de pescador, com os seus barquinhos amarrados á base dos degraus, e as grandes tarrafas que estavam a enxugar entre duas varas, estendidas como redes de regalo. Para logo o cura lhe inspirou confiança pela sua configuração robusta, as suas feições menineiras sumidas na amplidão das suas feições avermelhadas e cheia de covinhas. Mandou entrar aquella visita, convenientemente vestida, para a sua salinha, onde penetrava a frescura humida do rez-do-chão e do rio, e sobresaltou-se um tanto com a primeira phrase que lhe ouviu: «E' uma desgraçada mãe que lhe vem pedir auxilio e soccorro...» porque o pobre homem não tinha um vintem que desse; e mais ainda se admirou das restantes palavras:» M.^{me} Autheman acaba de me roubar a minha filha...

Não deu ella pela indifferença e frieza subitas que immobilisavam aquelle semblante de

homem jovial, e começou fogosamente a sua historia. O padre, esse, é que se lembrava das palavras do seu bispo ácerca dos banqueiros, o que acontecera a soror Octavia, e achava inutil ir arriscar por amor de estranhos uma campanha tão perigosa. Ao cabo de algumas phrases interrompeu-a com vivacidade.

— Perdão, a senhora é protestante? Então como é que quer que eu intervenha n'isso? São negocios de familia que os seus pastores deslindarão com mais facilidade...

Mas, sr. cura isto é uma questão de humanidade, mais ainda que de religião ... E' uma mulher, uma pobre mãe que se dirige a si... E o senhor não deve pô-la fóra, pois não?...

Elle comprehendeu que falava com demasiada aspereza, e que devia, ao menos, envolver a sua recusa, n'uma tal ou qual compaixão... E, sem duvida, a historia d'aquella

pobre mulher era muito commovente, e as suas lagrimas diziam bem a verdade. Sem duvida, a pessoa em questão — era inutil, não é verdade, precisar mais — punha, ao serviço das suas convicções religiosas um ardor cego, um zelo de propaganda reprehensivel... Elle mesmo fôra o primeiro a soffrer-lhe as consequencias... De mais, em todos os cultos, as mulheres lançam-se sempre ávante e ultrapassam a razão e o fim que se propõem. Os padres catholicos bem conhecem estas exaltações das devotas, que, a pretexto de tratarem d'um altar, de renovar-lhe as flôres, se intromettem em coisas de sacristia. E' necessario acalma-las a cada momento. Mas os pastores não tinham taes meios de auctoridade... Que quer fazer n'uma religião de critica, de livre exame, uma religião sem disciplina, onde cada qual entra como n'um

moinho, acredita o que quer, e, se lhe apeteecer, póde mesmo fazer de padre?...

— Por isso, veja que baralhada de seitas, de crenças!...

Animava-se, pois tinha no coração grande antipathia contra Luthero e Calvino, e orgulhoso por mostrar a sua erudicção n'um assumpto que elle havia especialmente estudado nas horas vagas do curato, ennumerava a alluvião de seitas, que, fóra da grande scisão entre liberaes e orthodoxos, dividem a Reforma:

— Deite as contas, dizia elle, levantando uns após outros os dedos grossos onde os remos e as redes haviam feito calos... Tem os Irvingianos, que pretendem o regresso ás primeiras idéas do seculo apostolico, os Sabbatistas pedindo o Sabbat como os Judeus, os Peageros cuja devoção consiste unicamente em baterem no peito grossos murros, os Darbystas rebeldes a toda e qualquer

organisação ecclesiastica, não aceitando nenhum intermedio entre Deus e o seu orgulho, os Methodistas, os Wesleyanos, os Mormons, os Anabaptistas, os Sarradores os Quakers...Eu sei lá quantos mais!...

A pobre senhora ouvia, pasmada, aquella nomenclatura theologica e, como se todos aquelles cultos levantassem outras tantas barreiras entre ella e a sua filha, poz as mãos sobre os olhos e murmurou: Minha filha! minha filha...n'um tom cheio de tanta magoa, que o padre condoído no fundo do coração, sahiu da sua reserva:

«Mas emfim, minha senhora, ha leis... E' necessario ir a Corbeil... entregar a sua queixa no tribunal... Eu bem sei que tem adversarios poderosos, e que ha uns annos, em circumstancias identicas, começado o inquerito...uma pedra em cima...Mas era no Dezeseis-de-Maio; e sem

duvida será mais feliz, n'um regimen sinceramente republicano.

Sublinhou estas ultimas palavras com uma certa malicia, que lhe restituiu a expressão natural às suas feições prazenteiras.

«E é longe, Corbeil?» perguntou a mãe, atalhando-o.

Que não, Corbeil não era longe. Não tinha mais do que seguir as ribas do rio até Juvisy, onde encontraria o comboio que a punha lá em vinte minutos.

Ei-la pelo estreito caminho que leva a Jusivy, de que poderia distinguir, a distancia, as casas brancas agrupadas na curva que alli faz o Sena, se a bruma, espessa ainda, não a impedisse de vêr coisa alguma a cincoenta passos de distancia.

O rio, pesado sob aquelle nevoeiro, parecia coalhado entre as fórmias d'arvores que o

marginavam. De longe a longe, um barco immovevel, com um perfil de pescador, aprumado, de vara em punho. E pairava um silencio, uma expectativa, uma angustia do ar, que invadia a mãe tão fraca já, porque nada tinha comido desde a vespera, alquebrada, abatida por tanto chorar, amollentada como o caminho pouco frequentado cheio deervas e limos, por onde ella escorregava a cada passo.

O seu pensamento ainda a cançava mais, correndo adeante d'ella, fazendo o caminho dez vezes, como as creanças traquinas. Imaginava já a sua entrada em casa do procurador da republica, o que elle lhe diria, o que ella responderia. Quando, de repente, ao vêr-se isolada, patinhando n'essa lama deserta, indo em busca dos soldados, para que elles á força lhe trouxessem a filha, sentiu-se anniquilada por immenso destino... Para que serviam os juizes, os soldados, uma vez que a sua

filha não a estimava já?... Repetia, de si para si, palavra por palavra, a terrível carta tantas vezes relida desde pela manhã... *Deus me chama, vou para elle...tua filha muito dedicada...*

Lina!... Sua filha muito dedicada!... Não que sempre ha coisas... E então, ao mesmo tempo que a ingratitude de Lina, subia-lhe ao coração tudo o que havia feito por ella...Tantas vigílias, tanta azafama para que nada lhe faltasse, para que fosse instruida e creada como uma fidalguinha... Trazer ella, em cima de sí, farrapos e remendos, para fazer á filha um enxoval novo, de collegial!... E, quando, ao cabo de tantas privações e trabalhos, se apanha crescida, bella e instruida...Adeus, boas noites.

«Deus me chama, vou para elle!»

Vergavam-lhe as pernas. Teve de sentar-se n'um montão de pedras avermelhadas, que tinham descarregado alli para alguma construcção, entre

as ortigas e aquellas grandes plantas que guardam a agua da chuva, em seus calices verdes, como em taças de veneno. Poz os pés ensopados em cima d'uma prancha, cuja extremidade ainda ia mergulhar na agua do rio, offerecendo um declive bem liso e bem convidativo ao seu cançasso e ao seu desespero. Mas ella não pensou n'isso um instante, toda entregue a uma idéa, uma idéa terrivel que a invadia...

E se aquella mulher tinha dito a verdade, a ser certo que fôra Deus que se lhe apoderára da filha, praticando assim aquelle roubo!... Porque, enfim, aquella Joanna Autheman não era agora nenhuma feiticeira, e para enloquecer assim raparigas de vinte annos, era preciso alguma coisa sobrenatural. Fragmentos de phrases ouvidas nas prédicas, palavras de livros santos, tomavam de repente, em seu cerebro perturbado, o acento ignenuo das ameaças biblicas... *Não ameis... Aquelle que deixar*

pae e mãe... Mas então nada podia prevalecer contra Deus... O que ia ella buscar a Corbeil?... A Justiça?... Contra Deus!...

Prostrada sobre aquelle montão de pedras, olhando, sem se mover, para o Sena oleoso e pesado, estrellado aqui e além de grandes manchas lodosas, ella já não existia senão pela ebulição de todas aquellas idéas, que faziam na sua pobre cabeça como que um ruido surdo de caldeira a trasbordar... A chuva agora, uma chuva miudinha, penetrante, toldando o céu e a agua entre as suas malhas apertadas... Quiz erguer-se para continuar a caminhada; mas tudo lhe andava á roda, o rio, as arvores e por fim cahiu nas hervas molles e lamacentas, com os olhos fechados e os braços inertes.

XII

Romão e Sylvanira

E sempre aquelle ruido surdo de caldeira, approximando, augmentando, mui perto d'ela. Comtudo, a sua cabeça está desanuviada e já lhe não zumbem os ouvidos. Abre os olhos e admira-se de já não vêr nem a riba nem o montão de pedras. Mas o que vem a ser este grande leito em que está deitada e aquelle quarto para onde entra a claridade, através de cortinas amarellas, onde ondulam reflexos no tecto e nas paredes, como nas casa á beira mar? M.^{me} Ebsen já viu aquelle tapete com flores côr de rosa, aquella ingenua exposição de cromos de lojas; mas o que acaba de a orientar, são os toques de apito por baixo da janella e os gritos; Olá! Romão...» a dominarem o rumor da onda espumosa e além no vão da porta, uma

lourinha com gabão de camponeza, que olha para ella e de repente se retira, chamando com a voz de Fanny:

«Sylvanira, ella accordou...» E ei-las a ambas, Sylvanira e Fanny, installadas á sua cabeceira; e reanima a pobre mãe, e ao vêr ao pé de si aquella physionomia leal e sentir junto ao rosto os cabellos assetinados da creança. Mas, Deus meu, que tinha acontecido? Como é que ella se encontrava alli?... Sylvanira pouco mais sabe. Hontem, ao voltar do catecismo, Mauricio encontrou Ebsen como morta á beira do rio. «Uma congestão...» foi o que disse o medico d’Ablon; tanto que teve a sangrar por duas vezes, e pela maneira porque o sangue espirrava, logo viu que não teria maiores consequencias.» No entanto, Sylvanira telegraphou immediatamente a mademoiselle Elina... E’ commodo, alli na barreira, porque têm o telegrapho dentro de casa.

A mulher de Romão deteve-se, perturbada, ao vêr M.^{me} Ebsen a soluçar, e a esconder-se nos travesseiros, mais branca do que elles. O nome de Elina despertou-lhe de subito o desespero, erecto e forte, após o curto somno do cerebro doente... «Já não tenho a Elina... foi-se embora... M.^{me} Autheman...» N'estes suspiros soluçados, Sylvanira percebe a catastrophe e não se admira. A dama de Porto-Salvador já tem praticado d'aquellas más acções; raptou aquella, como raptára a filha dos Damours, a dos Gelinot, dando-lhes coisas a beber.

— Coisas a beber?... parece-lhe? perguntou-lhe a mãe, acreditando essa lenda que deixa aos Authemans a responsabilidade inteira de seu crime.

«Com toda a certeza...se não fosse assim, como queria a senhora?... Mas não tem duvida, M.^{me} Ebsen, os bons dias voltarão. Hão de

entregar-lhe a sua menina... Mas tem que dirigir-se a algures, que não aqui pois os Authemans cá na terra são uns verdadeiros reis. E' necessario ir a Paris, fazer encontrar n'isso gente grauda. O meu senhor conhece alguns ministros hade falar-lhes... Em pouco tempo tornára a vêr a sua querida filha...

Este olhar firme, esta cordealidade sincera, é uma como transfusão de coragem e de esperança nas veias abertas da mãe. Pensa nos seus amigos, poderosos e ricos nos d'Arlots, na baroneza. Irá ter com todos; será um levantamento geral contra aquella mulher sem coração. Se não fossem os esforços de Sylvanira, levantar-se-hia e partiria n'aquelle mesmo instante. Mas haviam-lhe prescripto alguns dias de repouso, sob pena de uma recahida. Emfim, como é para o bem da sua filha, é preciso ter juizo.

Como lhe pareceu longa a convalescença e crueis as horas de espera no quarto da eclusa, a medir o tempo pelas passagens regulares do reboque, a contar os lanchões, as séries fluctuantes de madeira que boiavam á tona d'agua, com um andamento dormente, vendo-se o piloto de barrete de algodão, todo curvado sobre o remo comprido. Ao anoitecer começou de brilhar uma chamma vermelha na frente das jangadas, luz que o reflexo duplicava. Ella via extinguir-se a luz na bruma; viajava com ella? pensava: «Agora vai em Ablon... No Porto da Inglez... em Paris...» Na actividade devoradora do seu pensamento, aquella agua, aquella gente, aquelles barcos a desfilarem com lentidão exasperavam-na como uma zombaria; regulava a sua convalescença por periodos; tantos dias de cama, tantos na poltrona, alguns passos em casa para enrijar as pernas, e

depois a caminho! Era a febre do prisioneiro que vê chegar o fim do seu tormento.

Na reclusa tratavam-na o melhor possível. Romão, cheio de alegria, por ter em companhia sua mulher e por estarem ambos juntos deixava de cantar e de rir, em atenção á pobre mãe; e quando ella vinha colocar sobre a commoda um d'aquelles grandes ramalhetes de caniços, de lirios, de penachos aquaticos como só elle os sabia fazer, preparava-se, antes de entrar n'aquelle quarto, onde havia lucto, fazendo por pensar em coisas tristes: por exemplo que Sylvanira tivesse adoecido, ou que o Senhor a chamasse com os meninos...

Mas o seu gesto contrafeito, e os seus olhitos hypocritamente baixos, o «co'a bréca, M.^{me} Ebsen» que elle murmurava sem convicção, irritavam e incommodavam Sylvanira, que mandava retirar bem depressa, para que fosse evaporar lá fóra, no ar vivo da barreira, a

embriaguez da sua felicidade, egoista como todas as grandes felicidades.

Era com a pequenita Fanny que a pobre mãe se comprazia mais; installava-se, com um trabalhinho qualquer ao seu lado, e durante o dia todo lhe falava de Elina: «E' certo, pois não é, que tu eras muito amiga d'ella?... Não é verdade que tu a querias para mamã?...» E na penugem d'aquellas faces frescas achava ella um pouquinho das caricias de sua filha, o vestigio de sua dôce mão. De outras vezes, ao vêr a transformação da creança, o grosso lenço que lhe fazia desaparecer o pescoço, a coifa, os tamancos, as mãosinhas vermelhas e geladas como maçãs d'outono, sentia a tristeza que nos invade, na esperança de uma degradação moral ou physica.

Isto mais se accentuava em Mauricio. Do futuro aspirante de marinha, que tão brilhantemente

apresentavam nas salas da sub-prefeitura, nada mais restava do que um bonnet esfrangalhado numa cabeça de camponio, embrutecido e vermelhaço. Continuava destinando-se á Escola naval; mas, na occasião, achava-se desembaraçado dos estudos por estar em vespervas da primeira communhão, e levava fóra das horas do catecismo uma deliciosa existencia de vadio de borda d'agua, existencia perturbada apenas pelas montarias que lhe fazia o joven Nicolau de Porto-Salvador, todas a vezes que sahia do presbyterio... Oh! aquelle Nicolau... Sonhava de noite com elle, a pobre creança, e, de dia, contava coisas terriveis á irmã, que se indignava por vê-lo tão medroso, a elle, um futuro official.

«Eu lh'o diria, se fosse commigo!...

Toda a gente, na eclusa, falava d'aquellas montarias d'onde Mauricio voltava offegante, aniquilado.

«Ai d'elle se um dia eu entro na contenda!...»
dizia Sylvanira; mas, por felicidade para o joven Nicolau, detinham-na em casa numerosas occupações. Primeira, o telegrapho de que Romão lhe ensinára a manobra, em seguida a cosinha, a roupa do marido e a das creanças e tambem a de Baraquino; pois o renegado fazia parte da familia, dormia alli, comia com elles, o que muito os incommodava para falarem do castello e de Elina, á meza e ao serão. Não que Baraquino fosse um mau homem; mas, com uma pinga de aguardente era capaz de vender os seus amigos, a propria pelle, a sua alma, tão facilmente como um casaco de ir á communhão. Era por isso que Sylvanira desconfiava d'elle e esperava que elle se ausentasse para exprimir a sua idéa.

A idéa de Sylvanira é que a menina se não retirára do palacete, e todos os dias mandava Romão espiar no seu barco por deante da grade,

emquanto ella mesma se informava dos fornecedores, no açougue evangelico: MORRE AQUI PARA VIVERES ALÉM ou então na tenda: AFEIÇOAI-VOS ÁS COISAS QUE ESTÃO LÁ EM CIMA. Elina não apparecêra em parte alguma; no entanto sabiam bem de quem ella queria falar. Quanto a encarregarem-se de uma carta ou de algum recado, o mesmo era que perguntar-se-lhes pelas suas opiniões politicas, ou por quem votariam nas proximas eleições. Palavras vagas, piscadellas de olhos, risinhos que pareciam maliciosos.

Uma noite, a tia Damour entrou um momento em casa de Romão. E aquella aldeã, de sinistra figura, com o seu lucto desalentado, a especie de resignação embrutecida e selvagem com que falava de sua desgraça, encheram M.^{me} Ebsen de pavor.

«Tudo o que fizerem é o mesmo que nada, acreditem...» repetia a patrôa do *Esfomeador*, n'um tom de voz soturno, e com as mãos apoiadas

nos joelhos... «A mim os Autheman mataram-me a filha, e encerraram o meu homem no hospital dos doidos... Mas nada pude... Como eu disse ao juiz, ainda que me podessem ter prendido por amor d'isso, aquelles são muito ricos, e para gente d'essa não ha justiça!

Por mais que Romão lhe dissesse que o caso não era o mesmo, que M.^{me} Ebsen moveria em seu favor amigos e empenhos muito poderosos, ministros e commissarios de policia, a tia Damour continuava inabalavel. «Não ha nada a fazer... Aquillo é gente muita rica...» E por causa d'isto não a deixaram entrar mais. No entanto M.^{me} Ebsen ía melhorando, já se levantava, dava alguns passos na riba, e, ao cabo de oito dias retirava-se devorada pelo desejo de começar a manobrar.

Sylvanira não se enganava. Elina era vigiada no Retiro, onde M.^{me} Autheman a preparava para a missão, isolada de toda a influencia e do perigo

dos terrenos vinculados. Nunca a deixavam um instante só. Depois da theologia de J. B. Crouzat e das conferencias de Joanna, vinham os cantos religiosos, meditações, orações em commum e em voz alta; entrementes, alguns passeios pelo braço de Anna Beuil ou de Chalmette, cuja palavra ardente a exaltava.

As mais das vezes passeiavam debaixo da varanda por causa das chuvas d'outono, que banhavam as folhagens enferrujadas, mais claras já, e que faziam com que se envolvessem em seus grandes water-proofs de viagem as cinco ou seis obreiras do Retiro; e os seus perfis encapotados e negros juntavam uma nota de tristeza, um reflexo de miseria de cidade, á melancolia dos bosques. Mas para a neophyta, as boas-horas eram no rez-do-chão do chalet, na sala de oração, que permanecia meia escura pelo grande avanço da escada.

Alli, embalada pelo estribilho monotono dos canticos, abandonava-se a um delicioso hipnotismo, que a pouco e pouco lhe perturbava a cabeça fraca, até á inconsciencia de uma ligeira vertigem.

Preparavam-se a orar por uma meditação de joelhos, com a fronte encostada á parede; uma absorpção de todo o ser immobilisava aquelles corpos de mulher, em differentes attitudes, n'um arremesso impetuoso, affrouxadas, torcidas pelo esforço da vontade, ou então, cahidas n'um abandono, dando a illusão de que nada havia já sob aquelles vestuarios sem fórmãs. De repente, aquella que sentia prompta, inspirada, vinha collocar-se deante da mesa, e, de pé, retesada e vibrante, improvisava a oração em voz alta. Eram mais clamores do que phrases, arrebatamentos, e sempre as mesmas invocações: «Jesus, Jesus, meu Salvador, meu doce e bem amado Jesus!... Gloria,

gloria!... Socorro, compaixão para a minha alma!» Mas havia n'estes improvisos um ardor, uma espontaneidade de effusão, que falecem nas orações aprendidas, e as palavras transfiguravam-se alli como n'um sonho, esplendidas, banhadas de materia luminosa.

N'aquelles momentos, Elina esquecia as suas miserias e o arrancar horrivel dos affectos despedaçados. Perdida em Deus, aniquilada n'um immenso amor acima de todos os amores, um estremecimento apaixonado lhe mudava a voz, tornando a mais segura e mais forte. As suas feições juvenis, a suavidade de loura exaltavam-se ao falar, cingidas por sombras voluptuosas, e as suas lagrimas, lagrimas torrencias, lavando-lhe a côr de rosa da deliciosa carnação, semelhavam-lhe o verdadeiro baptismo regenerador a onda salutar por sobre o limo do peccado.

As outras *obreiras*, camponesas subtilizadas pela nervose, experimentavam o mesmo arrebatamento da sua oração improvisada; mas o «arroubo» extactico não as formoseava a todas como a Elina. A marrequita tornava-se terrível, com os olhos ferozes e fixos, e o com o corpo disforme, saccudido por estremecimentos spasmodicos, e a sua grande bocca a chamar por Jesus, com uns esgares acompanhados de urros e gemidos. Aquella rapariga era uma verdadeira convulsionaria, porque a hysteria não distingue entre os cultos; do que dão testemunho os historiadores dos *revivals* e dos *camps meetings* de Inglaterra e d'America. Nos *revivals*, especie de assembléas religiosas e de prégação, semelhantes aos «Jubileus» e a que, na Suissa, chamam «Reveils» não são raros os accessos convulsivos. «Em Bristol, por occasião dos sermões de Wesley, bastantes mulheres cahiam

como fulminadas, feridas no coração pelas palavras do pastor. Viam-nas por terra, promiscuamente e semelhantes a cadáveres.»
iv(*)

E esta visita a uma igreja presbyteriana de Cincinnâti: (**)

«D'aquelle montão confuso de creaturas humanas, estendidas por cima do lageado, sahiam arrancos hystericos, soluços, gemidos surdos, gritos inarticulados, agudos, rapidos...Uma formosissima rapariga, ajoelhada adeante de nós, na attitude da Magdalena de Canova, depois de, por muito tempo, haver recitado uma quantidade incrível de algaravia methodista, desfez-se em lagrimas, exclamando: «Anathema! Anathema sobre os apostatas!... Ouve, ó Jesus... Quando eu

(*)*Histoire des Revivals Chretiens*, par e Dr. John Chapman — Londres, 1860. (N. do A.)

(**) *Mistress Trollope*, Moeurs Américaines (N. do A.)

tinha quinze annos, morreu minha mãe e eu apostatei. Junte-me a minha mãe, ó Jesus, pois eu estou bem fatigada. O John Mitchell!»

E' a «doença do *revival*» como se diz em Irlanda. Todas as obreiras de Porto-Salvador haviam sido atacadas da molestia. Elina Ebsen mais perigosamente do que as outras, por uma natural disposição nervosa, excitada pela morte da avó e pelos manejos de Joanna Autheman. Verdadeira doença com accessos e intermittencias. Quando á noite voltava a casa, na solidão da sua modesta alcova sentia ella bater-lhe o coração, normal e filialmente. Por mais que ella repetisse de si para comsigo, que para salvar a mãe se tornava necessaria aquella separação, que era necessario aquelle tempo de provação para a approximar de Jesus, por mais que ella chamasse em seu auxilio os versiculos da Escriptura; a recordação dos dias

tranquillos na affeição natural dominava-a por completo, e não a deixava rezar.

Oh! as horas sem fé, sem effusão, martyrio dos bons pastores, hora em que as palavras cahem geladas dos labios seccos e duros, em que Santa Thereza se lamenta aos pés do crucifixo, buscando a emoção do sacrificio divino, contando, a frio, as chagas que se destacam, vermelhas, do marfim... Era então que M.^{me} Ebsen se apresentava a sua filha e lhe estendia os braços, a chorar:

«Vem sejamos feliz... Que mal te fiz eu?...»

Com esta percepção atormentada das coisas, que dá a noite e a cama, Elina via sua mãe, ouvia-a, e por sua vez chamava por ella, falava-lhe a soluçar, até que, extenuada por essa lucta horrivel, estendia a mão, ás apalpadellas, em busca do copo que Anna de Beuil lhe preparava todas as noites; adormecia por fim até de manhã e accordava sem pensamento, sem vontade propria, e até sem mais

lagrimas para chorar. N' aquelles dias não sahia da sua cella, e por detraz dos vidros pequenos do chalet, revestidos por uma camada de vapor humido, via ella passar, por entre as arvores, os longos waterproofs da *Obra*, agitados por gestos extacticos, suspensões sonhadoras, como se vêm nos pateos da Salpêtrière. Revolteavam as folhas das arvores no céu melancholico; nuvens, renovadas sempre no mesmo ponto do horisonte, acastellavam-se, dispersavam-se, desgrenhando-se n' uma chuva miudinha. Seguia com os olhos uma d' aquellas nuvens, e as suas transformações de sombra e luz. Talvez fosse a mesma para que sua mãe olhava, bem perto d' alli, sentada na sua poltrona de convalescente; e, ás vezes, por aquella commoção magnetica a distancia, por aquella troca de pensamento e de atmospherá humana, tão poderosa entre os que se amam, Elina tinha um como pressentimento d' essa visinhança.

Uma manhã, M.^{me} Autheman encontrou-a lavada em lagrimas.

«Que mais tens?...» perguntou-lhe ella com aspereza.

«Minha mãe está doente bem perto d'aqui...»

«Quem lh'o disse?»

— Sinto-o.

Pelo dia adiante soube-se, com effeito, da presença de M.^{me} Ebsen na eclusa. A presidente suppoz que fosse indiscrição de algum creado; pois não ha ninguem menos credulo nos sentimentos da commoção transcendente do que essas crentes orthodoxas. Sem duvida se acabaria a sua influencia se a mãe e a filha se encontrassem.

«E' necessario partir, Ebsen... Está prompta?»

— Estou prompta... diz a pobre Ebsen, diligenciando tornar firme a voz.

Em breve lhe concluíram o seu pequeno enxoval de *obreira*, menos complicado e sem duvida menos

cuidado do que aquelle, para o qual a mãe remexêra as suas rendas velhas e as suas melhores reliquias. Um enxoval de governanta pobre, onde principalmente avultavam embrulhos de biblias e de *Horas matutinas*, que cheiravam a impressão recente... Atrellada a carruagem, Anna de Beuil subia, em quanto Ebsen abraçava M.^{me} Autheman, e todas as suas companheiras, e Mll.^e Hammer e J. B. Crouzat, a sua verdadeira familia, emfim, a unica permitida á obreira de Porto-Salvador.

Agora vae, minha filha, e trabalha na minha vinha.

A carruagem voltou contra o muro do parque, devagarinho, por causa da azinhaga ser estreita e ingreme. Uma pequenita descia, com um cesto na mão; encostou-se ao muro para a deixar passar, e olhando para o interior do vehiculo reconheceu Elina, e deu um grito enorme:

«Mamã!...» Respondeu-lhe um grito mais suave, terminando em queixume, mas, para logo, o cavallo espertava com o chicote e partia de corrida. Fanny, sem largar o cesto, poz-se a correr com toda a força das suas perninhas, gritando sempre:

«Mamã!... Mamã!...» Mas não a podia acompanhar, estorvada pelos vestidos grossos e pelos tamancos que lhe deformavam os pésinhos. Por ultimo, n'um impulso desesperado, ella cahiu, mordendo a terra com violencia. Quando se ergueu, magoada, com as mãos e os cabellos sujos de lama, mas sem uma lagrima e segurando com força o cabazinho, a carruagem havia já galgado a encosta. A creança viu-a correr, por um minuto. Estava immovel e grave, franzindo a teste como n'uma interrogação; e de repente, tomada de assombro como se tivesse comprehendido adivinhado o que quer que fosse de terrivel, fugiu a toda a pressa para a eclusa.

XIII

Ricos de mais

ERA no rez-do-chão do palacio Grespach, na rua Murillo. A creadagem estava toda na ante-camara, enluvada, a pé firme, alinhada. O guarda-portão; na sua banca, emproado e arrogante, respondia pela vigessima vez:

«A senhora baroneza não recebe.

— «No emtanto é o seu dia.» Com effeito, era o seu dia, mas uma indisposição subita... E, a esta palavra — indisposição, um alegre estremecimento perpassava por sobre todos aquelles queixos azulados e barbeados. Era a fabula da ante-camara, aquella doença de pelle, que voltava com todas as estações.

«Mas recebe-me a mim... condessa d’Arlot... Tenho apenas uma palavra a dizer-lhe...»

Houve toques de campainhas, amortecidos pelas tapeçarias, um vae-vem discreto e de etiqueta e quasi immediatamente, com admiração dos creados, veio ordem de mandar entrar nos aposentos aquella visita que, no emtanto, não era pessoa de intimidade. Na sala do pimeiro andar, onde M.^{me} d’Arlot esperou durante alguns minutos, ardia um lume brando, por debaixo de um alto espelho sem aço, emoldurando o parque Monceau, os seus taboleiros de relvêdo, á ingleza, as suas ornamentações penhascosas, e o templosinho como que a tiritar no céu escuro, em meio da nudez das arvores despojadas. Era uma paizagem de inverno parisiense, cuja tristeza tornava mais penetrante o interior florido, rutilando com obras de charão, de cobre, de porcellana, grande quantidade de bugigangas caras e de estofos matizados de côres vivas como uma palheta, biombos baixos ao pé das janellas,

cadeiras aos grupos, em volta do fogão, espaçadas para o cavaco.

Leonia, vendo esta sala de uma parisiense da moda, recordava-se dos tempos em que ella tambem recebia, com a tafularia do seu dia reservado e da sua casa, antes do abandono, do funesto «para que serve isso?» desalentado, com que ia arrastando a vida: o marido, entretanto, no seu club ou na camara, e ella sempre mettida na igreja, não recebendo nem fazendo visitas. Fôra necessario um motivo bem poderoso para que ella fosse a casa de Déborah, uma das suas amigas de collegio, preferida desde muito tempo, não obstante viverem ambas em meios bem afastados. Leonia não a tornára a vêr, desde a sua renuncia de tudo e de todos.

«Se a senhora condessa quer ter o incommodo...»

Entrou na meia escuridão de um quarto, com tapeçarias claras e cortinas corridas.

«Por aqui,» disse uma vozinha infantil e lamentosa, vinda de um leito immenso, de estedo e sobrecéo...

«Vamos lá, que é por seres tu!»

E os seus olhos, affeitos á escuridão, distinguiam, no meio de um verdadeiro arsenal de espelhos de mão, de pinceis, de caixas de pó e de unguento, que faziam do escarparate de velludo de Genova, a mesa d'um toucador d'actriz, a infeliz Déborah estendida, com os cabellos ruivos desgrenhados. Tinha o rosto um tanto deslavado, de judia oriental, a luzir de pomada, e bem assim as mãos e os braços soberbos, que sahiam de tufos de renda.

«Bem vês, é como no collegio... E aqui me tens presa por uma semana, sem ir a parte nenhuma, sem vêr ninguem. Uma lástima, um

horror sobre a pelle... Veiu de manhã, de repente, precisamente no meu dia... E a minha venda, amanhã, para os inundados de... qualquer coisa. E o meu vestido feito na Véroust... Bem vês que sou muito infeliz!

Corriam-lhe as lagrimas por sobre o unguento diluido das faces, e deixavam vêr as borbulhas ensanguentadas do acne, muito insignificante, afinal, mas que ultrajava a sua vaidade de formosa mundana, em evidencia. O que não tinha ella feito para se vêr livre d'aquelle mal! Louèche, Pougues, os lodos de Santo Amandio. «Sim, cinco horas até ao pescoço, n'um charco de lodo negro e quente, com fios d'agua a correrem-lhe dentro, e que giram pela pelle d'uma pessoa, como vermes... Mas sem resultado... Está no sangue, é hereditario...

E' o oiro dos Authemans, como dizia aquella figurona da Clara.

Leonia reconhecia a Déborah do collegio de Bourbon, o raparigão de craneo pequeno, coberto por uma ganforina fulva, como um guizo n'um chapéo de loucura, e tão bella, tão nulla e expansiva, como no tempo da enfermaria.

«Mas vê... aqui estou eu a chorar-me e a dizer mal á minha vida, em lugar de te pedir noticias tuas... Ha que tempos que nos não viamos!... Acho-te mais espairecida... E's agora mais feliz?

— Não... disse M.^{me} d'Arlot simplesmente.

«O mesmo desgosto, sempre?...»

— Sempre.

— Oh! comprehendo isso, minha querida... Se me tivesse acontecido semelhante coisa, não digo já com o barão... mas emfim com alguém que eu tivesse amado... Oh! meu Deus... E com o espelhinho bem direito, apagava com aponta do lenço o vestigio das suas lagrimas. «Por

felicidade, tens a tua religião para te consolares...»

— Sim, a minha religião... disse a condessa, sempre com a sua voz grave.

E' verdadeiro o que Paulo de Lostande contava outro dia, que tua sogra acabava de te dar duzentos mil francos para a fundação de um orphanato?...

— Minha sogra é mui boa para mim...

O que ella não dizia, é que estas generosidades verdadeiramente reaes, com a ajuda das quaes a velha marquiza julgava desvanecer os effeitos das má acções de seu filho, cada vez mais avivam o mal que ella queria curar.

«E aquella pobre Lostande... Mais uma que tambem não é feliz...» replicou Déborah, que no seu desespero se apprazia em revolver tristezas... «Soubeste que o marido d'ella morreu de uma queda do cavallo abaixo, nas grandes manobras?...

Não tem podido consolar-se... mas, para se esquecer d'essa fatalidade, recorreu ás picadellas... sim, tornou-se... como é que se diz?... morphinomaniaca... Ha uma sociedade de pessoas assim... Quando se reúnem, cada uma d'aquellas senhoras traz o seu estojinho de prata, com a agulha, o veneno... e depois, zás! no braço, na perna... Não que aquillo adormeça, mas fica-se bem... Infelizmente o effeito vae-se annullando, e por isso é preciso ir augmentando a dose.

O que me succede com as minhas orações... murmurou Leonia, e, de subito, n'um tom plangente: «Não, não ha como ser-se amada... Ah! se meu marido tivesse querido...»

E calou-se, tão estupefácta quasi como a sua amiga, por este grito de angustia, por esta confissão intima, que a obrigou a cobrir, durante um minuto, os olhos com a mão.

«Olha, minha linda» disse Déborah com um gesto affectuoso, immobilizado, de repente, pela camada de unguento dos seus braços nús; e lembrando-se da sua propria miseria: «Ah! a vida não é alegre... Não se vê. por toda a parte, senão desgraças...Sabes o que aconteceu á nossa pobre Ebsen?...»

Ao ouvir o nome de Ebsen, Leonia enxugou as lagrimas immediatamente:

«E' por amor d'ella que eu cá vinha...» Animava-se. Acredita-se n'uma coisa d'aquellas!... Sem lhe dizerem sequer, onde está a filha... Mas é um monstro a tal Joanna Autheman.

— Não mudou, depois que sahiu do collegio. Lembras-te da sua physionomia bonita, o seu ar aprumado e trazendo uma bibliasinha no avental, onde nós trazia-mos o relógio?... Pois fez-me andar a cabeça á roda, por algum tempo. Eu teria

partido com ella para Africa... Imagina-me feita missionaria dos pretos...

Realmente era difficil imagina-la em tal situação, ao vê-la com os seus unguentos, os seus pinceis, que ella perpassava devagarinho, como n'uma caricia, pelo seu collo de estatua.

«Mas, emfim, o teu primo Autheman o que diz a isso?... Como deixa elle commetter semelhantes atrocidades?... Corta o coração ouvir aquella pobre mãe, quando ella conta... Ainda a não ouviste?... Ha particularidades inauditas... Mas espera, ella está lá em baixo no meu trem... Não se atrevia a subir, julgando que tivesse visitas; mas se queres...

— Não, não, peço-te... disse Déborah espavorida... o barão prohibiu-me que me intromettesse n'essa questão...

— O barão?... E porque?... Eu, que precisamente contava contigo, com o teu salão,

com aquelle Chemineau que vem tantas vezes a tua casa.

— Não, minha filha, peço-te encarecidamente... Tu não sabes o que é, no mundo bancario, ter o Autheman contra si... Ficar-se-hia esmigalhado como vidro, mas tu mesmo, teu marido... Elle agora é deputado... E um deputado na opposição obtem tudo quanto quer.

— Eu não posso pedir nada a meu marido... disse a condessa levantando-se. Déborah deteve-a por simples formalidade; porque a debil creatura receiava um debate em que antecipadamente se sentia vencida, e tremia sobretudo que vissem M.^{me} Ebsen em sua casa, no seu vestibulo.

«Tenho muita pena, acredita... por ti e por aquella pobre creatura... tu voltarás a vêr-me, sim?... Adeus minha flôr... E não nos podemos beijar.»

E racahiu na sua cama, acommetida por um novo accesso de desespero, e ficou para alli com

o seu aspecto de enferma, com o esmalte do seu peito e dos seus braços mortos, a sahirem dos setins e das rendas, sem lagrimas, e sem gestos, apenas com uns lamentos inarticulados, como uma boneca das grandes, que se offerecem no dia de anno bom.

Em quanto descia a escada, coberta por um tapete claro, Leonia d’Arlot ía pensando:

«Se estes têm medo, que dirão os outros!»

O negocio parecia-lhe mais complicado do que inda ha pouco. Já na escadaria em quanto a carruagem se chegava, occorreu-lhe um nome... Sim, era uma idea. Ao menos, alli, ter-se-hia sempre um bom conselho... Deu ao cocheiro uma direcção, e subiu para junto de M.^{me} Ebsen, que a respreitava febril, como se esperasse vê-la voltar com a sua Elina...

«E d’ahi?...

— Oh! como sabe, sempre a mesma, esta Déborah, uma grande indolente... Em primeiro lugar está com a erupção cutanea, o que nos fazia perder muito tempo... Nós vamos a casa de Raverand.

— Raverand?

A dinamarqueza nem mesmo de nome conhecia o mais sabio, o mais subtil advogado de Paris, duas vezes bastonario da ordem.

«Um advogado!... Com que então vamos ter uma demanda?...»

Os olhos d'ella arredondavam-se-lhe de terror. Durante tanto tempo, era preciso tanto dinheiro. Leonia tranquilisava-a: «Talvez não... vamos a vêr... E' um amigo.» Um velho amigo de seu pae, a quem ella devêra o ter ficado com o conde, salvaguardada a honra da familia, na derrocada da sua felicidade.

Rua de S. Guilherme. Uma casa antiga, poupada pelos demolidores d'aquelle canto do bairro S. Germano, e conservando a tradição da velha França, nos arcos do seu portão de argolões e na sua larga rampa de pedra.

Reverand chegava do tribunal, e mandou immediatamente entrar a condessa, sem passar pela sala onde o esperava a clientela, tão numerosa e impaciente como a do consultorio de um medico da moda.

— Então que temos minha filha?... não é nenhuma desgraça pois não?

— Minha não... pelo menos... Mas d'alguem que eu estimo bastante...

E apresentou M.^{me} Ebsen, que o advogado interrogava mudamente com os seus olhos negros, de grande vivacidade e esquadrinhadores. A pobre mãe estava muito impressionada. Aquelle vasto gabinete, aquelle

silencio, aquella cabeça de homem de lei, seria e fina sob a lampada... Ah! miserias, tantas historias para uma coisa tão justa e tão simples, rehver a filha que lhe haviam roubado.

«Vejamus a questão...» disse Raverand, e como M.^{me} Ebsen ficára desde a congestão um tanto surda, elle repetiu mais alto: «Vejamus a questão...»

Ella começou a narrativa; mas a colera e a indignação suffucavam-na. Todas as palavras queriam sahir ao mesmo tempo, em todas as linguas que ella sabia, em dinamarquez, em allemão, e que ella tivesse por mais expressivamente familiares ao seu coração. E o esforço que lhe custava o seu francez, e as articulações do norte a sibilarem, apesar de tudo, por entre os seus labios, faziam ainda mais incoherente e atrapalhada aquella historia invorosimil, que ella atacava por todos os lados...

A sua Linasinha... tão gentil... Não tinha mais ninguém no mundo... E a avó, a presidente, o relógio electrico, as orações a tres soldos, as coisas que davam a beber á sua filha... V. Ex.^a comprehende...

«Não comprehendo lá muito bem!» murmurou o advogado. Leonia ia falar, elle deteve-a. «Diga-me senhora... a menina abandonou a sua casa?...»

— Não, não abandonou... Tiraram-m'a, roubaram-m'a... o seu coração, a minha filha toda.

— Mas como?... Quando foi isso?...

E arrancava-lhe esclarecimentos a um e um, mandava recitar a terrivel carta gravada na memoria da mãe, como por um mordente indestructivel...

Tua filha muito dedicada, Elina Ebsen.

— E depois que partiu, recebeu d'ella mais cartas?

— Duas... Uma de Londres, a ultima de Zurich...

Mas ella não está n'uma parte nem n'outra.

— Deixe-me vêr a carta de Zurich...

Ella tirou da algibeira, o seu dedal, os oculos, um retrato da filha, do qual se não separava nunca, e em seguida a carta que ella desdobrava com os seus dedos tremulos, e passou-a ao advogado. Leu-a elle em voz alta, muito devagar, afim de lhe buscar o sentido intimo, pois começava a interessa-lo aquella infeliz senhora:

«Minha querida mãe, como é tenção minha essencial, o dar-te noticias, não quero demorar por mais tempo o escrever-te. Mas fiquei profundamente magoada por saber quão pouco hesitas nos teus manejos e tuas mentiras...»

M.^{me}Ebsen soluçava.

«Quão pouco tu hesitas em accusar injustamente pessoas que apenas nos fizeram

bem. Collocas-me assim na impossibilidade de te dizer onde me cunduziu o serviço de Deus e de te exprimir todo o respeito da tua filha muito afeiçoada em Jesus. — Elina Ebsen.»

Depois de um silencio: «Nevrose religiosa...» disse Raverand com voz grave: E' Bouchereau que trata d'isto...

Nevrose, Bouchereau, palavras vasiaas de sentido para a mãe; mas bem sabia ella que sem os venenos que lhe faziam beber, nunca a sua querida filha lhe teria escripto semelhante carta. E surprehendendo o sorriso incredulo do advogado, despejou mais uma vez a algibeira, estendeu-lhe um papel carregado de fórmulas chemicas, de nomes de alcaloides, *hyoxianin*, *aatropina*, *estrychnina*, e trazendo o carimbo de uma das principaes pharmacias de Paris. Depois da partida de Elina, ella tinha encontrado nas gavetas d'ella

uma caixa de pilulas e um frasquinho cujo conteúdo a analyse mostrou ser um extracto de belladona e uma decocção de favas de Santo Ignacio, estupefiantes e tetanicas, com que perturbar ou aniquilar o cerebro.

«Diabo! «disse Raverand... «Em 1880!... E' grave... Que idade tem a sua filha?» acrescentou elle, erguido na sua poltrona, com a cabeça pequenina, lançada para a frente, a farejar a questão, com a dilatação achatada de um furão á entrada da toca.

«Tem precisamente vinte annos...» disse a mãe, n'um tom desesperado, que esta palavra esplendida, esta festa dos vinte annos, tornavam mais lamentosa ainda.

«E' uma bella causa...

Leonia d'Arlot triumphava:

«Sabe o que mais? Não é este o primeiro crime d'aquella mulher... Teremos de mencionar mais

victimas, e outras mães ainda mais infelizes do que esta...»

— Quem é?... Como se chama a tal senhora?... perguntou Raverand, que se ía enthusiasmando. M.^{me} Ebsen abriu uns olhos mui grandes, admirada por o advogado não ter adivinhado. E Leonia?

— Mas é M.^{me} Autheman...

Para logo o gesto do advogado cahiu, desanimado.

— Oh! n'esse caso...

A sua presença de antigo bastonario da ordem o impediu de concluir a sua phrase; mas o fundo do seu pensamento dizia bem que nada havia a fazer alli. Pelo contrario, tratava-se de despersuadir a pobre senhora, d'um processo perigoso e inutil. Os Authemans eram muito fortes, fóra de todo o alcance, como reputação, como moralidade e como fortuna. Era necessario proceder com astucia, ter paciencia... Em

primeiro lugar, a optar pela demanda, com as delongas da acção Elina attingira a sua maioria; e naturalmente...

— Então, não ha justiça!... disse M.^{me} Ebsen, com o mesmo tom de desalento da camponeza de Petit-Port, cujo lucto se erguia em face do seu desespero. Raverand, a quem acabavam de entregar uma carta, tinha-se levantado:

— Talvez mediante uma palavra do chanceller, por um inquerito officioso se podesse saber onde estava a pequena... Mas como decidir o ministro a um passo tão delicado?... a não ser que... a senhora é estrangeira, dinamarqueza, não é assim? Exponha a questão ao seu consul.

Em seguida disse baixinho á condessa, enquanto as reconduzia:

— Afinal de contas a filha não é infeliz.

— Não, mas é ella, coitada.

— Ella é mãe... e todas as mães são martyres... E mudando de tom: «E lá em casa da senhora condessa?... Como vae seu marido?...»

— Não sei de nada...

— Implacavel, sempre?

— Sempre...

— No entanto vae figurando na politica... O seu ultimo discurso na camara...

— Adeus, meu amigo...

No trem, M.^{me} Ebsen disse que tinha frio. Batiam-lhe os dentes e pediu a Leonia que a levasse para casa.

— Não, não... Vamos primeiro a casa do consul. Onde é?

— No arrabalde Poissonnière... M. Desnos.

Desnos, grande fabricante de moveis, mandava vir as madeiras da Noruega e da Dinamarca, e, no interesse do seu negocio, havia solicitado este logar de consul. Todavia,

ignorava tudo do paiz que representava, os costumes, a lingua, e até a posição geographica. O escriptorio ficava á direita de um pateo illuminado pelas vidraças de uma officina immensa, occupando todo o fundo e enchendo o ar d'uma bulha enorme de martellos, serras e tornos, sustentados pela tonalidade vibrante de uma machina a vapor. A mesma actividade no interior, trahida apenas pelo ranger de pennas, pelo movimento alternado dos pesados folios commerciaes, e o crepitar do gaz por cima das frentes curvadas.

Aqui, como no advogado, o nome do conde de Arlot abreviou a espera; e Desnos recebeu immediatamente as senhoras no seu gabinete opulento e vasto, separado da officina dos desenhadores por uma porta envidraçada, que deixava vêr filas de homens de blusa, sentados ou de pé, a trabalharem em silencio.

«Ha luz lá em cima?» perguntou o fabricante, imaginando que estas senhoras vinham comprar mobilia. Quando soube que ellas apenas procuravam o consul, arrefeceu-se-lhe o sorriso, e a sua physionomia de parisiense bonacheirão tornou-se séria.

«Para o consulado é das duas ás quatro... Mas, emfim, minhas senhoras, uma vez que já cá estão...» Com as mãos cruzadas sobre o seu colete, confortavel e cheio, de commerciante de primeira ordem, ia ouvindo o que lhe diziam por entre o barulho longinquo da sua machina de vapor, que fazia estremecer o soalho e as vidraças.

Deus do céu, o que é que lhe estavam contando? Veneno, rapto, mas era para o theatro do Ambigu que deviam levar coisas d'aquellas. Em pleno Paris, com um telephono em casa, com as officinas illuminadas por lampadas de Edison, como havia de acreditar em taes aventuras? De

repente, em meio narrativa alternada que lhe faziam as duas senhoras, pois M.^{me} Ebsen estava tão perturbada, que a condessa tivera de a auxiliar, Desnos levantou-se indignado. Não podia ouvir mais. Autheman era seu banqueiro... A casa mais rica e a mais segura, a mais immaculada honestidade... Nunca se poderiam passar taes infamias em casa dos Authemans.

«Aredite-me, minha senhora,» e dirigia-se á condessa, como se a outra não merecesse que um homem da sua importancia se occupasse d'ella... «Não se faça echo de semelhantes calumnias. A honra dos Authemans é a honra de todo o commercio parisiense.»

E cumprimentou. O tempo é precioso no commercio, principalmente no fim de cada dia e no fim de cada semana. De resto, que estava sempre á disposição da senhora condessa. Para o

consulado das duas ás quatro. Queria perguntar pelo secretario, M. Dahrelupe.

Roncavam as officinas no pateo escuro. Carrinhos de mãos e carroças rolavam pesadamente na calçada, vibrando como um trampolim, enquanto as duas senhoras faziam diligencia por chegar ao seu trem. M.^{me} Ebsen falava, gesticulando, no meio d'aquella bulha: «Pois bem, serei eu sósinha, visto que todos têm medo!»

Uns operarios que andavam na faina de descarregar madeira, empurram-na. Ella quiz afastar-se, roçou pela roda de um carrinho, e, surda, pesada, atabalhoada, n'um desvario, dava gritos de creança, quando Leonia a veiu buscar pela mão, pensando no que aconteceria á pobre creatura, se deixassem que ella se debatesse sósinha na sua desgraça. Não, ella não a abandonaria. Far-se-hia o tal inquerito de que falava Raverand; no dia seguinte — Mr.d'Arlot

procuraria o ministro.».. Oh! como é boa, minha menina» e, na escuridão do carro, as lagrimas da mãe escaldavam-lhe as luvas.

Era um verdadeiro sacrificio que Leonia d'Arlet fazia á sua velha amiga, dirigiu-se, por causa d'ella, a seu marido, um extranho debaixo dos mesmos tectos, a quem não devia ser conhecida coisa alguma de sua vida intima.

Pensava n'isso ao voltar da rua de Val-de-Grâce, e occorriam-lhe successivamente as particularidades sinistras do seu rancor, sangrando sempre, como se datasse da vespera: aquella casadinha, toda rosada no seu vestido de visitas, o seu rir ingenuo, as suas confidencias em voz baixa, como a uma irmã mais velha, e em seguida: «Eu vou vêr o tio...» e como elle tardasse em voltar, ella, advertida de subito por um baque no coração, surprehendendo o adulterio entre duas portas, ignobil e baixo como um ladrão de que

tinha as hesitações, o suor pallido, as mãos interdictas e trémulas.

Que existencia tivera o seu marido, depois d'esse caso? Que esforços empregou para alcançar o seu perdão? Sempre no seu club ou por casa de mulheres de vida airada. Sómente ha uns seis mezes a esta parte cançado da amante, uma velha actriz que tinha um armazem de quinquilherias na Avenida da Opera, tendo um quarto interior para o amor, lançára-se na politica, ainda um armazem de bugigangas em cima d'um subterraneo de vilezas e traições; e ei-lo agora tentado pelo seu lar, que se lhe tornava preciso para reunir os seus amigos e as suas influencias. Não ousava pedi-lo, mas bem quizera elle que sua mulher tornasse a receber, a sahir, e que se esquecesse o passado... Não, não, isso não. Nunca mais. Separados até á morte!...

Após este juramento de colera, ella interrogava-se, olhava para o seu aborrecimento, para o vacuo pungente dos seus dias, que os officios religiosos não enchiam sufficientemente, nem as idas para os prégadores notaveis, nem as longas estações, horas e horas, sobre as alcatifas de Santa Clotilde. Tinha a crença para a livrar de cahir em qualquer falta; mas não fazer mal, bastará na existencia?... «Ah! Raverand tem razão... Eu sou implacavel...»

No entanto, havia algumas horas que o estava menos, como se as lagrimas que vira chorar áquella mãe a tivessem enternecido, humanizado no seu calor vivo; em todo o caso o drama das Ebsens agitava-a, tirava-a d'aquelle torpor mystico, em que apenas entrevia a morte como fim e como livramento final.

«O senhor conde está na sala com a menina...»

Pela primeira vez, desde muito, que a sala do palacio estava illuminada; e diante do piano vertical, aberto, estava a pequenita sentada no banco alto, e vigiada pelo perfil acarneirado de sua velha mestra. Tocava um trecho de estudo. O conde olhava para os dedinhos de sua filha muito abertos sobre o teclado approvava em candencia toda esta scena intima, circunscripta no circulo luminoso de um grande candieiro de abat-jour.

«Um boccadinho de musica, antes de jantar...» disse o marido, saudando com meio sorriso que lhe franziu a barba loira e curta, grisalha aqui e acolá, e com o seu grande nariz de homem jovial, e que ía ser transformado pela tribuna parlamentar em passa-culpas e pomposo.

Ella, na perturbação em que a collocavam estas apparencias de interior rehavido, começou umas explicações, e de subito:

«Tenho alguma coisa que lhe pedir, Henrique.» Henrique!... Havia annos que elle não ouvia aquelle nome; porque na Avenida da Opera, o sr. conde chamava-se Biquette. A mestra levou a creança; e, enquanto ía descalçando as luvas e desatando o chapéu que a creada de quarto levou para ir guardar, Leonia contava os passos que dera por amor de M.^{me} Ebsen, o medo horrivel que a todos causava o nome dos Authemans, o conselho de Raverand para que se dirigissem ao ministro. Ella estava de pé, deante do fogão; esbelta e encantadora, animada pela agitação que tivera durante o dia e pelos reflexos roseos da chamma, a que ella aquecia, um após outro, os pésinhos arqueados e mimosos; mas o que ella pedia, aquella palavra ao ministro, offerencia muitas difficuldades n'essa occasião. Estava-se em guerra e guerra aberta. Os decretos, a lei sobre a magistratura... Ella deu um passo, approximou os

seus lindos olhos de um verde aureo. «Peço-lh’o eu...»

— Tudo o que quizer minha querida.

Teve um impulso para a abraçar, chega-la ao coração, quando pela porta, aberta com violencia, uma voz de authomato annunciou que a senhora condessa estava servida. Henrique d’Arlot deu o abraço a sua mulher: e, passando para a casa de jantar, d’onde os espiava a carinha intrigada da creança já á meza, elle julgou sentir aquelle braço flexivel e roliço apoiar-se e estremecer alguma coisa.

Foi o unico resultado dos passos de M.^{me} Ebsen.

XIV

Ultima Carta

O orgulho, não ha senão orgulho n'aquella mulher; nem coração, nem entranhas. A peste anglicana devorou tudo. Dura e glacial como este marmore.

O velho decano, sentado em frente do fogão, bateu com violencia no pano d'este com a tenaz que Bonna lhe tirou das mãos, sem dizer nada. Mas elle não deu por isso, tão animado que estava; e continuou a contar a sua visita ao palacio Autheman:

«Discuti com ella, pedi-lhe, ameacei-a. Apenas obtive phrases de sermão, a tibieza da fé, a necessidade dos grandes exemplos. O facto é que fala bem, aquella cara de poucos amigos. Muita algaravia de Chanaan, mas eloquente,

convencida. Não me admira que tivesse perturbado aquella cabecita. Vê lá o que ella fez de Crouzat. Ah! mas tambem, co'a fortuna, disse-lhe tudo o que pensava d'ella.

Tinha-se levantado e passeava a passos largos... «Em fim, quem é a senhora? Em nome de que fala? de Deus? Não é Deus quem a guia... Apenas a vejo a si mesma nos seus actos, na sua alma fria e má, que quer mal não sei porque á vida e que parece ter sempre alguma coisa para vingar.

— O marido estava lá?... perguntou a velhinha admirada... E não dizia nada?...

— Nem palavra. Sorria de revéz com aquelle olhar que escalda como se fôra uma lente ao sol.

— Mas senta-te... Estás n'uma tal excitação!...

Por detraz da cadeira onde repousava, emfim, o seu grande homem, M.^{me} Aussandon enxugava-lhe a fronte, uma fronte ampla de pensador, larga

e cheia. E tirava-lhe o lenço de seda do pescoço, que conservára quando entrou.

— Tu excitas-te demais, ora vamos...

— Mas que queres? Uma desgraça d'estas, uma injustiça! Faz-me dó, aquelle pobre Lorie.

— Oh! esse... disse ella com um gesto odiento, contra o homem que haviam preferido a seu filho.

«Mas a mãe!... Aquella mãe que nem mesmo pôde saber onde está a filha... Imagina-te, tu, em frente d'aquella mulher e do seu silencio consentido pela cobardia dos homens? Que farias tu?...»

— Eu? Eu trincava-lhe a cabeça...

E expelliu isto com um gesto tão terrivel da mandibula, que o decano se poz a rir, e, animado pela colera de sua mulher:

«Oh! mas eu é que os não largo... Nada me impede de falar, de os denunciar á consciencia publica... Ainda que eu perdesse o meu logar...»

Uma phrase infeliz e que, de repente, chamava a dona da casa para o lado serio da questã. Ah! lá isso mais devagar. Desde que arriscava o logar...

«Tu vaes dar-me o prazer de ficares quieto... ouves-me bem, Alberto?

— Bonna... Bonna... supplicou o pobre Alberto.

Bonna não queria ouvia coisa alguma. Ainda se elles fossem sósinhos, vá, arriscariam. Mas havia os rapazes, Luiz que ia passar a sub-chefe, Frederico a recebedor, o major que estava a ser condecorado com a cruz da Legião de honra. Poderosos como elles eram, bastar-lhes-hia fazer um signal...

«E o meu dever?...» murmurou o decano.

«Já cumpriste o teu dever, e foste mesmo além... Imaginas acaso que os Authemans te perdoarão nunca os teus ditos asperos de hoje... ora escuta...»

Ella pegou-lhe nas mãos e discutiu com elle. Ser-lhe-hia agradável, já n'aquella idade, andar n'uma fona á cata de casamentos e de enterros?... Elle dizia sempre: No alto da encosta... Mas bem se devia ainda recordar de quanto lhe custára a trepar até lá cima. E aos setenta cinco annos, desandar de escantilhão por alli abaixo e ficar como o carrapato na lama, seria muito duro de roer!

«Bonna...»

Era a ultima resistencia por honra da firma; pois os raciocinios de sua mulher vinham confirmar os dos seus collegas, ainda ha pouco, na Faculdade, emquanto elles passeiavam em volta do claustro rectangular, menos triste e menos frio que o implacaval egoismo humano. Oh! sim, aquella idéa de tornar a subir pela encosta acima, com as suas pernas alquebradas, amedrontava-o, principalmente pela perspectiva das scenas, dos terriveis cyclones que lhe acarretaria para dentro

de casa o rasgo audacioso que elle meditava, depois da sua visita aos Authemans.

Mas que desculpa daria á pobre mãe? Dirigia-se-lhe ella com tanta confiança, não tendo outro apoio na cobardia universal. E eis que elle fugia, como os outros, obrigado a evitar aquella dôr, ou a illudi-la com promessas mentirosas: «Espere... é apenas uma crise, Deus não permittirá... Ai que famoso dos hypocritas e dos cobardes!

Desde aquelle dia, não houve mais repouso nem feliz trabalho, para o velho Aussandon. O remorso, este importuno, installava-se-lhe á mesa, acompanhava-o por toda a parte, subindo com elle o bairro sordido de S. Jayme, esperando-o ao canto do boulevard Arago, á sahida dos seus cursos; e até mesmo o pastor se não atrevia a vir ao seu jardim, apesar de ser o tempo das novas sementeiras, porque alli o seu remorso tomava uma fórma visivel, o rosto pallido, os olhos

vermelhos da mãe que respeitava da sua janella o que a religião poderia fazer, por aquella a quem a religião havia tomado tudo.

Presentiu ella, em breve, que tambem aquelle a abandonava; e não se admirou, pois todos os seus amigos faziam o mesmo. O medo levava-lhe uns; a outros o dó, porque nada podiam fazer por ella, e soffriam inutilmente com a sua dôr. Havia ainda os scepticos, a quem esta aventura de Anna Radcliffe parecia inverosimil, na luz do Paris moderno, e que saccudiam a cabeça, duvidosos quasi: «Quem sabe o que haverá no fundo de tudo isso!»

Sim, Paris é luminoso, agitado pelo progresso e por idéas generosas, mas superficial. As aventuras precipitam-se alli, sobre uma onda curta e repentina como a do Mediterraneo, cobrindo a onda seguinte de destroços, para logo submersos. Coisa alguma de profundo e de duradoiro. «Pobre

M.^{me} Ebsen!... Ah! é terrível...» Mas o incendio dos armazens do *Universo*, a mulher cortada em pedaços e encontrada em um numero do *Tempo*, onde cahia á vontade, o suicidio das duas pequenas Cazarés, tinham em breve alcançado mais recentes direitos á compaixão. A unica residencia onde continuaram a recebe-la com infatigavel benevolencia, misturada com muito reconhecimento pessoal, que era o palacio da rua Vézelay, fechava-se de repente, porque os fidalgos partiam para Nice com sua filha, depois de ter obtido a communicação d'um relatorio confidencial sobre o inquerito do tribunal de Corbeil.

A este relatorio, formulado com vivacidade e espirito como o do caso Damour, e offerecendo uma descripção circunstanciada do palacete, das escolas, do retiro, estavam juntos os nomes das obreiras, — palavra esta que o joven Nicolau estropeava — domiciliadas actualmente em Porto-Salvador.

Sophia Chalmette 36 annos, natural de La Rochelle — Maria Souchotte, 20 annos, Petit-Port — Sebastianna Gelinot, 18 annos, Athismous — Luiza Braun, 27 annos, Berne — Catherina Loth, 32 annos, Estados Unidos.

Quanto a Elina Ebsen viajava pela *Obra*, na Suissa, na Allemanha, na Inglaterra, sem residencia fixa e correspondendo-se sempre com sua mãe.

Effectivamente, desde certo tempo, e graças ao pastar Birk, M.^{me} Ebsen podia escrever a sua filha mas como que ás cegas; em Porto-Salvador é que escreviam as direcções. Furiosas a principio, e desesperadas, entremeadas de apellos afflictissimos, de injurias e até de ameaças contra os banqueiros, as cartas da mãe modificaram-se em breve, visto Elina se recusar a responder áquelles ultrajes, assacados contra amigos respeitados e dignos de estima. Desde

então, os lamentos maternos tornaram-se mais humildes, mais tímidos, limitando-se principalmente a pintar-lhe os quadros da sua existencia solitaria e consternada. Mas isto não conseguia enternecer o tom resolutivo e frio de Elina, impessoal como a sua escripta, reduzida agora a uma letra ingleza, comprida e regular, sem gossos nem finos: noticias da sua saude, phrases exaltadas e vagas ácerca do serviço de Deus e sempre alguma invocação mystica, de affectuosos sentimentos em Jesus, a substituirem a effusão, o beijo final.

Nada mais extraordinario do que este dialogo epistolar, este contraste de palavriado predicante, methodista, com a expressão das ternuras naturaes; a terra e o céo communicavam, mas a grandissima distancia, para se comprehenderem, rotas as fibras sensitivas e fluctuantes no vacuo.

A mãe escrevia:

«Minha querida filha, onde estás? que fazes tu? eu penso em ti e choro... Hontem foi dia de finados; fui, além, ao cemiterio, e sobre a sepultura da avó fiz um raminho que te envio...»

A filha respondia:

«Agradeço muito a tua lembrança; porém, mais doce me é ainda a possuir um Salvador vivo para a eternidade, do que estas miseraveis flores. E' junto d'este Deus, querida mãe que eu desejo ardentemente que encontres o perdão, a paz e a consolação que elle tão gratuitamente quer dispensar-te...»

E, apesar de tudo, eram estas cartas desalentadas e glaciaes, o que a mãe obtinha de

melhor; não enxugava as lagrimas senão para as lêr, e achava na expectativa d'ellas, na primeira esperança do sobrescripto aberto a tremer, a coragem de ainda viver, de resistir ás resoluções supremas, ás cabeçadas, que o bom M. Birk tanto receiava para a sua «pobre amiga» como o ir esperar a carruagem de M.^{me} Autheman á sua porta, agarrar-se-lhe aos pés, e gritar sob as rodas: «A minha filha?... onde está a minha filha?... ou então partir para Londres, Bâle, Zurich, fazer ella mesma o seu inquerito, como lhe haviam aconselhado na repartição das informações.

«Pobre amiga, pobre amiga... Mas não pense n'isso... Seria a ruina, uma viagem d'essas e n'uma tal incerteza; mais perigoso seria ainda qualquer acto violento em Paris, que a exporia á prisão ou a alguma coisa ainda peor. Birk não dizia o que, mas o mysterio de seus grandes olhos e as pontas erguidas das suas barbas de apostolo,

exprimiam um assombro comunicativo. E tomando-lhe as mãos entre as suas, pesadas e humedecidas, cheirando á pomada dos seus longos cabellos, de cujos rolos elle tratava sempre, acalmava-a, adormentava-a:

«Deixe-me proceder... Eu cá estou e fico por sua causa... Tem confiança em mim... hão de restituir-lhe a sua filha...»

Como nos enganamos com as pessoas! Aquelle homem que tanto lhe desagradava, de quem ella desconfiava, de pé atraz contra os seus gestos adocicados, as suas manobras de caçador de dotes, só aquelle é que não a abandonava; vinha vê-la, punha-se ao facto da sua vida, dos seus passos; mas elle convidava-a a comer o *Risengroed* nacional, no seu garrido aposento de rapaz, cuidado e guarnecido com os presentes das suas devotas. E sempre que o acompanhava a

casa, acrescentava: E' necessario distrahir-se, pobre amiga...»

Mas como havia de se distrahir, com aquella angustia que a assediava, com aquella idéa fixa, rediviva por tudo quanto a rodeava?

Quando Elina partiu, não tinha levado nem fato, nem roupa branca, ficando por conseguinte a casa muito cheia d'ella; e do armario e da gaveta aberta, sahia o ligeiro perfume que ella usava; a menor phantasia de toilette dava á mãe uma expressão viva de sua filha. Estava ainda em cima da mesa o comprido caderno verde, em que Elina assentava todas as noites as suas pequenas despezas, em frente das lições a receber. Este caderno ordenado, bem tratado, com linhas de algarismo regulares, contava a existencia de sua filha, dia a dia, a sua vida honesta e corajosa, tão cheia de trabalho, tão occupada do bem-estar dos outros... *Uma capinha para Fanny... Emprestado*

á *Henriqueta*... No dia de Santa Izabel, anniversario natalicio de M.^{me} Ebsen, ao lado de *ramos e surpresa*, uma linha terna e infantil seguia a margem: *gosto muito da minha querida mamã*.

Um verdadeiro livro de Razão, como d'antes havia nas familias, e que ao velho Montaigne pareciam: «agradaveis á vista, muito apropiados a mostrarem as magoas...» Aqui, pelo contrario, a magoa era agravada por aquella leitura; e, quando, á noite, M.^{me} Ebsen folheava o caderno verde, com Lorie, arrasavam-se-lhes os olhos de lagrimas, e não se atreviam a encarar um com o outro.

Era quasi uma segunda viuvez, que vinha ferir o pobre Lorie, um lucto que elle não trajava, mas talvez mais cruel que o outro, tendo á mistura a humilhação de não ter sabido occupar aquella coração de donzella, na apparencia tão tranquilla, mas na realidade a sentir a avidez de uma paixão que tinha ido buscar mais alto. A desaparição de

Elina, sem que elle o confessasse, acalmava a ferida do seu amor proprio; não era elle o unico abandonado, e, approximados pela dôr commum, a mãe e elle haviam retomado as suas relações affectuosas. Quando voltava da repartição, subia a saber noticias, passava horas e horas ao canto do fogão, a ouvir contar sempre a mesma historia, acompanhada das mesmas phrases, com as mesmas explosões de soluços. No socego da salinha, a immobilidade das coisas á roda d'elles, o silencio da rua interrompido por clamores do boulevard, procurava elle instinctivamente Elina e a avó no seu canto favorito, aquelle canto que o riso claro da sua filhinha por muito tempo alegrára, e onde agora se accumulavam as trevas e o esquecimento, tudo o que após si deixam a morte e as partidas.

Sosinha, durante o dia, M.^{me} Ebsen não ficava em sua casa; e, assim que acabava as voltas da

casa, sahia, visitava algumas pessoas amigas, as antigas *talhas japonezas* dos domingos, cuja complacencia se não cançava de ouvir contar o rapto e as favas de Santo Ignacio. Depois, torturada permanentemente por aquella agitação que acompanha a idéa fixa, como se o corpo se encarregasse de restabelecer o equilibrio normal do individuo, partia ao acaso, atravez das ruas, tornava-se mais um d'aquelles innumerados errantes da ociosidade parisiense, que param em todos os ajuntamentos, em frente de todas as lojas, que se acotovelam nos parapeitos das pontes, olhando com igual indifferença tanto para a agua que corre, como para o omnibus derrubado, ou para a exposição de modas novas. Quem sabe quantos inventores, quantos poetas, quantos apaixonados, quantos criminosos ou loucos se não encontram no meio d'aquella gente, que assim prosegue deante de si mesma, para fugirem do remorso ou

para seguirem a sua chimera! Somnambulos de uma ideá, solitarios no meio de grandes multidões, aquelles passeantes são os mais occupados de todos os homens, e coisa alguma os distrahe, nem a nuvem que fitam, nem o transeunte acotevelado, nem o livro folheado com os olhos n'outra parte.

Dos seus giros errantes atravez de Paris, M.^{me} Ebsen voltava sempre ao mesmo ponto, o palacio Autheman, onde, a principio, tentára entrar ou obter alguns esclarecimentos dos creados. Mas faltava-lhe, para esclarecer a impassibilidade d'aquellas caras mercenarias, o reflexo indispensavel da gorgeta. Agora, contentava-se em rondar, attrahida por um insticto, certa mesma de que sua filha não estava em França; e installando-se durante horas inteiras, ao longo da paliçada de um terreno que defrontava com o palacio, olhava para o fundo do pateo e lá via as

altas paredes as janellas deseguaes nos seus capiteis esculpidos. Havia trens parados á porta; entrava gente e sahia, pastas com correntes de aço, dorsos carregados com saccos de escudos.

Pela grande escadaria estacionavam figuras graves. Tudo isto sem embaraço e sem ruido; apenas o telintar suave do dinheiro a passar pelas mãos, um murmurio argentino, velado, como de uma fonte invisivel, inofensiva, que se alimentava de sol a sol e se espalhava por Paris, pela França e pelo mundo, tornando-se aquelle grande e impetuoso rio de revessas terriveis, a que chamavam a fortuna dos Authemans e que assustavam os mais altos, os mais fortes que abalava as consciencias mais firmes.

A's vezes M.^{me} Ebsen via abrir-se o portão deante dos cavallos molhados e do coupé escuro. Reconhecia tudo, ainda mesmo sem o perfil auctoritario e cruel, que passava como uma

aparição sob a vidraça clara e lhe dava por um segundo a tentação de alguma loucura, detida pelas ameaças do pastor Birk, pelo receio da prisão ou d'aquella outra e terrivel coisa que elle se não atrevia a designar. E quando ella recolhia a casa, extenuada por aquellas caminhadas, por aquellas esperas, depois de ter andado por fóra todo o tempo que podia, para deixar ao imprevisto o tempo de chegar, como lhe batia o coração, com que ardente angustia ella perguntava sempre: «Não tem nada para mim, tia Blot?...» E o que ella encontrava, ah!... era frigidissima, *mui dedicada*; mas nunca o que ella esperava sem ousar dize-lo.

Todavia, uma campainhada violenta, ruidosa, deu-lhe um dia um estremeimento quasi mortal. Tremia ao abrir a porta. E logo a cingiram dois braços affectuosos; as flôres de um chapéu de verão, escorrendo neve que estava cahindo, molharam-lhe a face... Henriquetta Brisse!...

Acabava de abandonar o seu logar em Copenhague, em casa do embaixador da Russia... Excellentes creaturas, mas tão vulgares... E d'ahi, ella não podia estar, por muito tempo, longe de Paris, não obstante o que lhe escrevia o seu antigo superior do Sacré-Coeur, que pretendia ser Paris, para ella, como uma navalha de barba na mão de uma creança de dois annos...

E, á medida que hia falando, Henriqueta entrava pela pequena residencia tão sua conhecida, installava-se como em sua propria casa, sem reparar — distrahida e satisfeita — na physionomia triste da mãe. De repente voltou-se, com um dos seus movimentos vivos, de cabra adulta: «Elina?... onde está?... Não se demora, não?...»

Respondeu-lhe um soluço. Ah! sim, Lina, a boas horas. Já não tenho Lina. «Foi-se... roubaram'ma, levaram-na... Estou só...» Foi necessario um momento para Henriqueta

compreender; e, mesmo depois de ter compreendido, não podia acreditar que Lina tão rasoavel, tão pratica, com a sua grande affeição pelos seus... Ah! aquella Joanna Autheman era mestra na tarefa de avassalar as almas... e, com curiosidade, em quanto a mãe chorava, poz-se a mirar dois ou tres livrinhos dobrados por folhas, cumplices perfidos do grande crime, e que haviam ficado em cima da mesa como peças de convicção... *Horas matutinas... Coloquios de uma alma christã...* Não, realmente aquella malher não era uma creatura vulgar. Se não fosse protestante dir-se-hia irmã de Antonieta Bourigron.

— Quem era a tal Bourigron?... perguntou a mãe enxugando os olhos.

— O que? não a conhece? Uma prophethisa do tempo de M.^{me} Guyon... Escreveu mais de vinte volumes...

— Pois que lhe fizessem muito bom proveito... disse M.^{me} Ebsen, gravemente. «Se também essa fez chorar mães, não era muito boa, e mais vale não falarmos n'isso mais.»

Advertia-a um instinto, de que Henriqueta não participava da sua magoa, e que não ousava exprimir tudo o que queria borbotar dos lábios, e fazia brilhar as suas pupillas mortças e estremecer-lhe os dedos a folhearem os mysteriosos livrinhos.

«Se me pudesse emprestar esse?» perguntou a desvairada do Sacré-Coeur, ardendo no desejo de lêr aquelles *Colloquios*, para lhe refutar as heresias.

«Oh!... tome leve tudo...» Henriqueta abraçou-a com alvoroço, disse, despedindo-se, a sua morada na rua de Sévres em casa de Magnabos, armador, pessoas muito serias, n'um bairro de conventos... «Venha visitar-me... Isso ha de distrahi-la...»

Esta visita, com todas as boas recordações, evocadas por ella, das antigas discussões em que Lina se mostrava tão boa, tão sensata, foi para M.^{me} Ebsen uma dolorosa provação, como certas datas comemmoraveis; outr'ora festejadas ou choradas em comum, a *Juleaften* sem arvore do Natal nem *risengroed* n'aquelle anno, o anniversario da morte da avó, a triste peregrinação e o regresso para casa ainda mais triste.

Não fôra no anno passado, que, ao voltarem do cemiterio, Elina lhe jurára «de a amar muito, e de nunca a deixar?»

E, sob a impressão d'aquella lembrança, escreveu á filha uma carta pungente e de supplica:

«Se ao menos eu podesse trabalhar dar lições para me distrahir; mas a dôr enfraqueceu-me muito, tenho os olhos requeimados e oiço com difficuldade, depois, que estive doente. Por mais

que faça o dinheiro esgotta-se tambem; d'aqui a uns mezes não terei nenhum; e então que será de mim? O' minha querida filha, espero por ti de joelhos. Não é tua mãe que t'o pede, é uma pobre velha bem desgraçada.»

Teve como resposta um bilhete postal, com o carimbo de Jersey, aberto para quem o quisesse lêr:

«Muito senti querida mãe, as noticias que me dás de tua saude; mas consolo-me, pensando que estas provações te approximam de Deus, de dia para dia.

«Quanto a mim, é da tua salvação eterna e da minha que me occupo. E' preciso que eu viva longe do mundo e que evite o mal.

Crueldade das crueldades, este testemunho ao Evangelho, franco de porte! D'essa maneira acabavam-se a intimidade permittida, as palavras

ao ouvido, as lagrimas surdas. Ah! o que esses infames tinham feito de sua filha. *Eu evito o mal.* Logo sua mãe era o mal.

«Paciencia, não lhe tornarei a escrever... Está perdida para mim. E, com a sua grossa letra a mãe escreveu, atravessando a direcção: *Ultima carta da minha filha.*

«M.^{me} Ebsen!... M.^{me} Ebsen!...»

Chamavam-na do quintalinho. Enxugou os olhos, foi abrir a janella, e viu M. Aussandon que levantava para ella a sua bella cabeça, branca e altiva.

«Sou eu ámanhã o prégador no Oratorio... E' para si... Vá e ficará contente...»

Cortejou, levantando com o dedo o seu barretinho e continuou a inspecção ás suas rozeiras onde despontavam rebentos verdes; e bem se via que M.^{me} Aussandon não estava em casa, ao vêr assim o velho decano fóra de casa, por

um tempo agreste e arriscado, o do principio de
março.

XV

No Oratorio

ERA no guarda roupa onde se vestem os prégadores, dois quartos com grandes armarios, mettidos na parede, cadeiras de palhinha, mesa de madeira branca, fogão de faiança, como o de um posto fiscal.

Aussandon, rodeado de pastores, de collegas da faculdade, conversa a meia voz, aperta mãos que se lhe extendem. Ouve-se entretanto o rodar das carruagens, que vêm parando nos dois portões do templo, e como uma onda crescente penetrando-se por todas as entradas, espalhando-se pelos corredores de paredes sombrias e cheias de fendas.

O velho decano, prestes a apparecer no pulpito, envergou a sua vestimenta preta, o cabeção com volta, branco, aquelle traço severo,

mais de tribunal do que de igreja, ficando bem ao sacerdocio do ministro, considerado pela Reforma como um simples advogado de Deus. E é esse exactamente o papel de Aussandon, hoje, e mesmo advogado geral; porque os apontamentos que elle manuseia sobre a extremidade da mesa, formam um terrivel requisitorio contra os Authemans. Ha cinco mezes que elle pensa n'isso e hesita, por amor das consequencias que d'ahi lhe podem advir e aos seus, e porque Bonna está sempre de atalaia.

Finalmente, sua edosa esposa foi chamada a Comentry, por causa do nascimento de um neto; e o decano, vendo n'isso a compaixão divina pela sua fraqueza de pobre homem e pelo repouso da sua consciencia, poz, immediatamente, mãos á obra. Prompto o seu discurso, concluido em dois serões — ha tanto tempo que essas ideás lhe fervilham na cabeça, capazes de o

enlouquecerem! — pediu a um dos prégadores inscriptos na porta do Oratorio, que lhe cedesse o seu domingo; e, havia oito dias, todo o Paris protestante se dispunha a vir ouvir o illustre decano, trovejando uma voz suprema, como Bossuet na profissão de M. Il^e de la Vallière.

«Depois de um silencio de tantos annos, aquella voz que os pulpitos já não conheciam.»

E as carruagens succedem-se, com o bater ruidoso das portinholas, o piaffé luxoso das grandes librés; nos corredores não cessa o ondular da multidão, e a todo o instante se abre a porta do vestiario para um diacono antigo, um collega ou algum membro do consistorio.

«Bons dias»... cá nos tem.

— Bons dias, bons dias, monsieur Arlés.

— Não vi o annuncio. Qual o thema do sermão?

— O Evangelho do dia... O Sermão da montanha.

— Então vae suppôr-se em Mondardier, entre os seus matteiros.

— Não, não... E' para Paris que hoje falo. Tinha alguma coisa a dizer, antes que me chegue a morte...»

Baixinho, junto d'elle, um dos seus collegas de Faculdade de theologia segredou-lhe, retirando-se:

— «Tome cuidado, Aussandon...»

O decano abanou a cabeça sem responder; elle conhecia estes discursos prudentes, pelos ter ouvido desde muito tempo. Não voltára elle mais uma vez ao palacio Autheman, pedindo apenas uma coisa áquella desapiedade mulher, que o informasse da residencia de Lina? Guardava para si o ir elle mesmo em busca d'aquella pobre alma desgarrada e restitui-la ás ternuras maternas. M.^{me} Autheman deu-lhe sempre a mesma resposta: «Não sei... chamou-a Deus para si...» E como o pastor a ameaçasse de a denunciar em

publico, n'um dia de culto, ella respondeu:
«Quando quizer, sr. decano, iremos ouvi-lo...»

— Pois bem, minha velhaca, has de ouvir-me.
E foi n'um arranco de colera que elle subiu ás
apalpadelas a escadinha escura, de caracol, que ia
ter ao pulpito. Empurra uma porta baixa, e entra
na atmospherá luminosa da immensa nave.

A velha igreja dos congregados do Oratorio,
cedida aos protestantes pela Concordata, é o
templo mais vasto e imponente de Paris. Os
demais, e principalmente os de construcção
recente, não despertam, como deveriam, idéas
religiosas. O templo aristocratico da rua
Rouquépine, caracterizado pela sua rotunda,
cahindo-lhe a luz do alto sobre as paredes brancas,
assemelha-se ao mercado dos trigos. A sala de
Santo André, a igreja dos liberaes, com as suas
largas tribunas em fórma de galeria, faz lembrar

um café concerto. O Oratorio, em si, resume e symboliza todo o dogma da Reforma e do puro christianismo, cirios apagados, ausencia de imagens, grandes paredes núas, tendo, emmoldurados, fragmentos de canticos e versiculos. Nos arcos das capellas, disfarçadas quasi todas as paredes, reservaram algumas tribunas, supprimiram o côro, e no logar do altar-mór pozeram o orgão. Toda a vida do templo se agrupa em frente do pulpito, á volta de uma comprida meza, coberta ordinariamente de um tapete, e, nos domingos de communhão, cheia de açafates e de taças de prata doirada.

E não tem outro aparato religioso. E esta simplicidade, engrandecida pela altura das abobadas e pelo mysterio dos vitraes, torna-se solemne quando o templo está cheio, como hoje: o negrume da multidão a atulhar os bancos, as tribunas regorgitando, bem como os degraus

irregulares das entradas. Por cima da porta principal, flammeja uma enorme cruz na transparencia do crystal, uma cruz enorme da Legião de Honra, com a larga fita de purpura, recordação do primeiro pastor condecorado, após a Concordata. Irradia orgulhosamente por sobre templo todo, avermelhando as paredes, os tubos do órgão e as taças da communhão ao pé do pulpito, onde se fitam os olhos de todos em buscar do pastor.

Invisível ainda, cosido com o angulo escuro, Aussandon deixa acalmar-se-lhe a emoção que aos baques lhe sacode o peito, sempre que vem advogar a causa de Deus. Com aquella faculdade que os oradores e os actores possuem de distinguir os rostos na sala, nota elle a ausencia de Autheman no banco dos anciãos; mas vê, mesmo na sua frente, e como natural ponto de mira do seu discurso, a figura erecta da mulher do banqueiro, a sua cabeça pequena e palida, cujo olhar

voluntarioso, magneticamente o queima a distancia. Além, na tribuna, aquelle dorso curvado, aquelle pesado montão de veus pretos. E' a mãe, pontual ao convite, e commovida, oh! Tão commovida...

Sabe ella que finalmente soou a hora da justiça, e que esse grande orador é por amor d'ella que subiu ao pulpito; e por amor d'ella toda a multidão de ricos, de gloriosos, aquellas flas de carruagens paradas á porta, e aquella musica de que as suas lagrimas seguiam o suave crescendo, por amor d'ella aquelle Evangelho, que o *leitor* começa, e aquelles admiraveis versiculos do *Sermão da Montanha*, a passarem-lhe como brisa fresca pelas palpebras requeimadas... *Bemaventurados os tristes, porque elles serão consolados... Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos... Oh! sim, fome e sede de justiça... E a cada allusão da*

Bíblia, aperta a mão de Lorie, sentado a seu lado e quasi tão tremulo como ella. Em seguida, um côro feminino entôa, com o acompanhamento do orgão, o psalmo de Marot.

Senhor, escuta o meu bom direito:
Ouve a minha voz quando por ti clamo...

E' o apello da sua consternação a subir para as altas abobadas, sobre aquellas vozes frescas e juvenis como a da sua Elina.

Mas Aussandon acaba de emergir da sombra; e apezar dos setenta e cinco annos, apruma-se-lhe a cabeça magestosa, salientada pelo cabeção branco sobre a toga de juiz, e com voz forte accentua os versiculos que tomou para texto: *Senhor, Senhor, não prophetisámos nós em teu nome não expulsámos demonios em teu nome, não realisámos muitos milagres em teu nome? ... em*

seguida começa, em voz mais baixa, de homem que fala depois de Deus.

«Meus irmãos, ha trezentos annos, Pero Ayraut, advogado no parlamento de Paris, um sabio e um justo, teve dôr de perder o seu unico filho, que fôra descaminhado pelos jesuitas que o alistaram na sua ordem, e não consentiram que elle tornasse mais a vêr os seus. O desespero d'aquelle pobre pae foi immenso, e por fórma tão eloquente, que o rei, o parlamento, e o proprio papa intervieram na questão, para fazerem com que lhe restituissem o filho, que nunca mais appareceu. Pedro Ayrout escreveu então o seu bello tratado sobre a *Auctoridade Paterna*. Em seguida deitou-se e morreu, com o coração despedaçado... A tres seculos de distancia, protestantes, christãos reformados, acabam de renovar este abominavel attentado...»

N'isto, esboça o caso em grandes traços, o desaparecimento da donzella, a dôr incuravel da mãe. Oh! aquella não escreveu tratados, não incommodou reis nem parlamentos. E' uma d'essas humildes, de que nos fala a escriptura. Tem apenas as suas lagrimas, mas essas derrama-as sempre, e sempre copiosas...

Até aqui nem uma allusão que designasse os culpados, nenhuma personalidade. Busca-se e duvida-se ainda. Mas quando elle fala de uma mulher de coração empedernido, ao abrigo de um nome respeitavel e de uma fortuna colossal, todos reprehenderam o ataque directo a M.^{me} Autheman, que mantinha sempre a fonte erguida para o orador, sem que o mais leve rubor lhe maculasse a tee de cera. E, no emtanto, a voz de Aussandon troveja, retumbando como o temporal na montanha, repercutido pelo echo.

Havia muito que no templo do Oratorio, habituando ás phrases arredondadas, repisadas, do cliché ecclesiastico, se não ouviam semelhantes vôos de eloquencia, ousados e simples, taes imagens da natureza, agitando pela neve aromas balsamicos, murmurios de folhagem que fazem voltar o espirito para a Sagrada Escripura, para o livro dos nomadas e do ar livre, á sua graça e ao seu esplendor iniciaes.

E com que bello desprezo elle envolve, sem a nomear a *A Obra das Damas Evangelistas*, e todos os piedosos institutos do mesmo genero, a que chama excrescencias da arvore christã, parasitas que a devoram e a atabafam! Para que a arvore conserve a sua força e a sua seiva, é preciso cortar fundo por aquellas vegetações; e elle assim o fez, o velho padre, deitando a terra com terrivel energia as demonstrações publicas, as representações mysticas e extacticas, aquellas

sessões d'*Aissa-Onas*; não menos comicas, mas mais ferozes que os sabbats, d'aquelle «*Exercito de Salvação*» que cobre Paris de cartazes gigantescos, pondo á beira dos passeios raparigas vestidas de knickerboker a distribuirem, ás folhas, reclamos para Jesus.

E de repente, com um gesto largo e soberbo que parece querer ultrapassar o pulpito e o templo, rasgar as pedras da abobada e o mysterio das nuvens:

«Deus bom, Deus de caridade, de piedade de justiça, pastor dos homens e das estrellas, vê a caricatura que elles fazem da tua divindade mascarando-a á imagem d'elles. Apesar de os haveres renegado e amaldiçoado do alto do teu sermão da montanha, o orgulho dos falsos prophetas e dos vendilhões de milagres commette sempre crimes em teu nome.

As suas mentiras envolvem n'uma atmosphaera nebulosa a tua religião de luz. Eis aqui

porque o teu velho pastor, vergado ao peso dos annos e tendo entrado já na escuridão da noite, onde todos nos recolhemos e calâmos, sóbe hoje a este pulpito para denunciar estes attentados á consciencia christã e fazer de novo ouvir a tua maldição: *Retirae-vos da minha vista, eu jamais vos conheci.*»

As palavras do pastor cahem n'aquelle silencio attento e comprehensivo, que é o applauso das assembléas religiosas. Ha por toda a parte olhos rasos d'agua respirações anhelantes, e lá em cima, a um canto da tribuna, a pobre mãe a soluçar, com o rosto occulto entre as mãos. Eram lagrimas calmantes, as que d'esta vez chorava, sem amargor e que não a queimavam. Ei-la vingada, e sobre tudo livre da angustia que n'ella pesava, de que Deus poderia estar do lado d'aquelles perversos. Mas não, não, o Deus de justiça está de seu lado, elle protesta, elle ordena.

Sem duvida Elina o escutará e regressará para junto de sua mãe.

O decano, que descêra do pulpito, está agora de pé adiante da comprida mesa onde o vinho treme nas taças, entre açafates cheios de pão. E enquanto recita as bellas orações que precedem a communhão: *ouvi, meus irmão, a maneira porque Jesus-Christo instituiu a Sagrada Ceia...* estremece, ao ver a mulher do banqueiro, immovel e aprumada no seu banco. Que faz alli aquella orgulhosa depois do que ella acaba de ouvir? Porque não sahiu, quando o pastor abençoou e pediu que se retirassem *em bôa ordem* aquelles que não commungavam? Teria ella realmente a audacia!... E sublinhando intencionalmente o texto liturgico, disse em voz alta: *Examine-se bem cada um a si mesmo, antes de beber d'essa taça e de comer d'este pão, porque, todo aquelle que beber de uma, ou comer*

de outro indignamente, comerá e beberá sua condenção...

Ella não se moveu. E na apertada fila de cabeças, que se apinhavam até ao fim do templo, Aussandon vê apenas aquella, o enigma d'esse olhar claro voltado com obstinação para elle. Pela segunda vez, consoante o rito, elle repete com lentidão e solemnidade: *Se ha alguém entre vós que se não tenha arrependido, e não esteja prompto a reparar o mal que tiver feito ao seu proximo, eu lhe devo declarar que se deve afastar d'esta mesa afim de não a profanar.*

Todos estes christãos estão conscios de si mesmo; nem um só que estremeça ou perturbe a imponente immobilidade d'aquella multidão erguida expectante. Então o pastor disse com voz grave:

Approximae-vos agora, meus irmãos, da mesa do Salvador.

Ao *rhythmo* largo e poderoso do órgão, moveram-se as primeiras filas, e vêm formar-se em semicirculo no espaço vazio em volta da mesa. Não existe ordem hierarchica; o creado ao lado do amo; o chapéu inglez das governantas entre as *toilettes* aristocraticas; um espectáculo amplo e frio, casando-se com as paredes núas, o verdadeiro pão nos açafates, a singelleza na exterioridade, mais approximada da igreja primitiva do que os ágapes catholicos sobre a toalha bordada de symbolos.

Após breve oração mental, o pastor, erguendo a cabeça, vê junto de si M.^{me} Autheman, á direita. E' por ella que deve começar a communhão; os seus labios comprimidos, a sua pallidez provocadora, dizem sufficientemente que ella vem alli rebelde e não constricta, defrontando-se com aquelle que não recebeu denuncia-la em publico. Tambem Aussandon está pallido. Partiu

o pão, mantem-no por cima do açafate, enquanto o orgão a extinguir-se, se afasta como as ondas, ao vazar da maré, deixando ouvir o murmúrio bem distinto das palavras consagradas:

O pão que partimos é a comunhão do corpo de Jesu-Christo, Senhor Nosso.

Extende-se uma delicada mão, sem luva, e tremula. Parece que elle a não vê; e baixinho, sem um movimento, sem olhar para ella:

«Onde está Lina?»

Não obteve resposta.

«Onde está Lina?... tornou ele a perguntar.

«Não sei... Foi Deus que a chamou...»

Então, brutalmente:

«Retire-se... a Senhora é indigna... A' mesa do Senhor não ha nada para si.

Todos ouviram as suas palavras, e todos comprehenderam o seu gesto. Enquanto o açafate circula em volta da mesa, de mão em mão, Joanna

Autheman, um tanto perturbada, orgulhosa e aprumada sob o ultraje, desaparece por entre as filas que se afastam, e sem duvida menos commovida do que o pastor, esmagado pelo abalo da sua emoção. E' com muito custo que o pobre homem tem forças para erguer o calix, a escorregar-lhe por entre os dedos, e, terminada a communhão e alliviada a mesa das reservas piedosas, estrangula-se-lhe a voz ao recitar a prece d'acção de graças, e as suas velhas mãos, que tremem, não podem firmar-se para deitar a benção.

De ordinario, após o culto, a sacristia enche-se de amigos, de cathechumenos, que manifestam o seu enthusiasmo ao pregador. Aussandon está sósinho hoje n'aquella vasta sala, onde campeiam os retratos e os bustos dos grandes reformadores da Egreja; e o que elle acaba de observar, quando atravessou a multidão, o contrafeito e os signaes de reprovação que transpareciam nas

physyionomias, deram ao seu isolamento uma significação. E' uma coisa tão grave o recusar-se a commnuhãõ! Ultrapassou o seu poder de pastor, e aquelle abuso ha-de custar-lhe bem caro. N'um caso identico, em Lyon, ha alguns annos, fecharam o templo e exoneraarm o ministro... E, emquanto asssim pensava tristemente, olhou o decano para uma velha e ingenua gravura, que lhe está na frente, na parede da sacristia, e que representa o *pastor do deserto*. Era no tempo das perseguições; um povo inteiro estava de joelhos, burguezes, camponios, creanças, velhos, e o pregador, trajando de preto, na sua pequena guarita, acanhada e movediça, guardada ao fundo por uns vultos de sentinella.

Aquella paizagem alpestre, aquellas rochas de basalto entre os castanheiros frondosos, lembram-lhe o seu tempo de pastor Mézenc, em meio dos pobres de espirito. Pois bem! demittam-no,

recusem-lhe mesmo um modesto lugar de cura, como em Mondardier, e elle irá pernoitar nas cabanas dos carvoeiros, celebrará o culto ao ar livre, por entre os rebanhos e os pegureiros...

Sim, mas Bonna!...

Não pensava ainda n'esse ponto... A Bonna estará de volta dentro em dois dias. Que scena!... E elle, o decano da Igreja, elle o justiceiro de Deus, que não recuou perante a gravidade da acção que praticou, perante a vingança dos Authemans, trême á simples idéa da pequenina senhora encolerizada, e prepara já, na sua cabeça perturbada, a carta que lhe vae escrever para attenuar o choque da chegada.

Caminha-se na sacristia, em volta d'elle. O guarda do templo e sua mulher arrumam os objectos sagrados, arranjam a casa de Deus sem falarem com o pastor, como se receiassem comprometter-se. E' sempre pelos humildes que a

decadencia começa a presentir-se: Vamos...» levanta-se a custo para ir despir-se no guarda-roupa. Paira no templo deserto, um rumor fluctuante, que é tudo o que a multidão deixa após si de vibrações diminuidas, á maneira dos balanços que ainda saccodem os paquetes, quando pára a machina e o helice deixou de bater. Extendem-se as sombras, recortam-se em preto as tribunas; os pesados tapetes, que se haviam collocado entre a santa meza o banco dos diaconos, enrolaram-se, estão amontoados; e é sinistra, aquella toilette solitaria de egreja, como se fôra um theatro, cujo panno houvesse cahido.

Aussandon estuga os passos, entra no guarda-roupa, e estaca no limiar estarecido. Está alli sua mulher. Ella viu tudo, ouviu tudo; precipita-se com o chapéu á zamparina, sobre os cabellos grisalhos.

«Bonna...» balbuciou o pobre decano, aniquilado. Ella não lhe deu tempo:

«Ah! meu amigo... meu querido amigo... verdadeiro homem de bem!...

E lança-se-lhe nos braços a soluçar.

«Mas como... tu sabes?» Sim, sim, foi bem feito, a ladra de creanças tem apenas o castigo merecido.

Magia da voz e das palavras! Foi com a sua palavra que elle revolveu aquelle pequenino ente, todo interesse, mas tão maternal, ferido na sua corda sensível.

«Bonna... Bonna...» Muito commovido ainda para poder falar, estreitou a velhinha contra o seu coração, apertou-a, envolvendo-a toda nas grandes prégas da sua garnacha preta.

Ah! sim, podem demitti-lo agora manda-lo para onde quizerem, agora que a Bonna estava contente. Tornarão, juntos, a galgar a escabrosa encosta, com muita pausa, n'um passo miudinho

de velho; mas encostados um ao outro, animados pela força e pela satisfação do dever cumprido.

XVI

O banco de Gabriella

M MUITO antes da hora habitual, em que voltava do ministerio, Lorie-Dufresne entrava, precipitava-se para casa de M.^{me} Ebsen. A sua pallidez, as suas precauções em fechar a porta, impressionaram a boa senhora.

«Que ha de novo?»

— M.^{me} Ebsen, é necessario esconder-se, partir... Vão prende-la.

Ella fita-o.

«A mim?... a mim?... mas porque?»

Lorie abaixava a voz, como espantado dos sons que articulava...

«Loucura... sequestro... collocação official...»

— Encerrarem-me!... mas eu não estou doida...

— Ha um certificado de Falconnet... vi-o eu...

— Um certificado?... Falconnet?...

— Sim, o alienista... A senhora jantou com elle...

— Eu jantei... Deteve-se, deu um grito. «Ah! Deus meu...»

Um dia em casa de Birk, aquelle ancião condecorado, tão attencioso, que tanto a fizera conversar ácerca de M.^{me} Autheman e das favas de St. Ignacio Ah! que tratante! eis alli aquella coisa mysteriosa e terrivel com que Birk a ameaçava... Fechada com as doidas, sequestrada como o marido d'aquella mulher, d'além... E de repente, tomada por subito pavor, um pavor tremendo de creança perseguida:

«Meu amigo, meu amigo... defenda-me, por quem é, não me abandone...»

Lorie tranquillizava-a o melhor que podia. Certamente elle não abandonoria, e, para começar, ía leva-la comsigo, esconde-la em casa de uma amiga. Lembrára-se de Henriqueta Briss, desequilibrada, mas obsequiadora.

Comtanto que ella se não houvesse retirado de Paris... Enquanto mandava buscar um trem, M.^{me} Ebsen, desvairada como n'um incendio, quando tudo está rubro e que os vidros entram a estalar, apanhava alguns objectos do seu uso, tirado dos armarios, algum dinheiro, o retrato de Elina e as cartas d'ella. Apressava-se suffocada, sem dar palavra. O seu terror redobrou, quando a tia Blot, de volta com a carroagem, lhe contou como viéra um individuo n'aquella manhã, interroga-la ácerca da sua inquilina, a que horas sahia, quando recolhia... Lorie interrompeu-a:

«Se esse homem voltar, diga-lhe que a senhora partiu para uma pequena viagem...

— Ah! é verdade... e ao vêr a agitação de M.^{me} Ebsen, aquelle embrulho mal atado, no meio do chão, a velha porteira perguntava baixinho: «Então ella vae ter com a filha?»

Lorie, encantado com o pretexto, faz um gesto affirmativo, pondo um dedo sobre os labios. Na rua, temendo ser catrafilado — pois o antigo sob-prefeito estava habituado ás tricas policiaes — gritou ao cocheiro: «Estação de Leste...» Este com a morosidade em partir, propria de um cocheiro que tem de fazer longa caminhada, amesendou-se, ageitou o pingalim, sem contemplação pela impaciencia de M.^{me} Ebsen, encolhida a um canto, com o embrulho em cima dos joelhos, em frente de Lorie, que não estava menos impressionado do que ella.

Elle tinha as suas razões para isso. De manhã, em quanto, na repartição, cortava com uma grande thesoira d'alfaiate, os artigos do dia ácerca do seu ministro, vieram chama-lo para ir ao gabinete de Chemineau. Serviço algum no ministerio do interior, ou em qualquer outro ministerio, é tão complicado como o de

segurança. E' preciso haver alli classificação, cartões para tantas attribuições diversas... *Policia dos cultos... Vigilancia dos estrangeiros... Busca dos malfeitores... Autorisação de gravuras... Reuniões... Associações... Refugiados... Força policial...* Era provavelmente ás suas relações com os militares de policia, que Chemineau devia a sua nova physyonomia: laconismo no falar, bigodes retorcidos, e o monoculo encravado no olho. Lorie-Dufresne ficou embaçado; a sua copia já se não parecia.

«Isto não vae bem, meu amigo,» disse-lhe o director, guardando metade das palavras no cosmetico do bigode...»

Sim, sim, você bem sabe... o escandalo do Oratorio... Viram-no com a tal doida...»

Lorie protestava a favor da sua velha amiga, victima de uma das mais flagrantes injustiças...

Mas o outro correu brutalmente, interrompendo-o:

«Doida, archi-doida, perigosa... certificado medico... ferrar com ella em Ville-Evrard, e prende-la bem curto... Quanto a Aussandon, que voltou á meninice, não ha que vêr, a demissão na folha *Official*, antes de oito dias... E você mesmo, meu amigo, se não fossem as nossas antigas relações...»

Acalmado por aquella recordação. Chemineau postou-se deante do seu antigo collega, censurando em voz baixa, mesmo na cara d'elle. Ora veja, senhor Lorie, se não é uma formidavel asneira, atacar o que ha de mais solido em Paris, de mais elevado, de mais integro: a fortuna dos Authemans!... E era um *dezeseis de maio*, a quem o passado devia impôr muita prudencia! Não lhe bastará a lição, queria recommençar a morrer de fome com a filharada... O desgraçado *dezeseis de maio*

ia-se tornando livido a cada palavra. Via-se já a copiar, outra vez, peças de theatro, e só voltou um pouco a si, quando o director da segurança o despediu com esta phrase algida e incisiva: «Se asneia, retiro-lhe a minha protecção!...»

Durante o longo trajecto que vae da rua de Val-de-Grâce á residencia de Henriqueta, rua de Sèvres, ao passar pela gare de Leste, Lorie contava este episódio á sua amiga, e por tal fórma o impressionára o novo Chemineau, que reproduzia involuntariamente todas as suas palavras, as suas intonações incisivas e sibilantes. Só não disse a M.^{me} Ebsen: «Retiro-lhe a minha protecção» mas repetiu-lhe que os Authemans eram muito solidos, e que era preciso não fazer tolices. Não tinha vontade d'isso, a pobre senhora, esmagada, aniquilada, toda trémula com aquelle terrivel pensamento: ser encerrada na companhia dos doidos!

Chegavam a casa de Henriqueta quando já declinava o dia. Trepavam a escada de um predio operario, de pedras molles, impregnadas de uma variedade de cheiros, dos quaes eram unicamente confessaveis a farinha quente, evolando se de uma padaria, a pintura e a resina, que no segundo exhalava uma porta, na qual se lia:

MAGNADOS – *Armador*

Uma mulher de apparencia juvenil, com um grande avental de collegial, e tendo na testa, atada, uma ligadura embebida em agua sedativa, veiu abrir-lhes a porta, tendo em uma das mãos a palheta e na outra uma faca de dourar:

«Mil.º Briss?... E' aqui... Não tarda... Foi buscar o jantar». Na ante-camara um raio tenue de claridade penetrava pela porta aberta de um comprido atelier, onde centenaes de estatuetas

ostentavam o dourado e o colorido dos altares. Ao lado e sob a mesma chave, o quarto de Henriqueta, para onde os mandaram entrar. O desordenado da alcova, a cama por fazer, coberta de jornaes; aquelle talher em cima da madeira da mesa, ao lado do tinteiro; papeis cheios de uma escripta desordenada, com grandes salpicos de lama; as grossas contas do rosario penduradas no espelho, por cima de um pequeno S. João, com o seu cordeirinho branco enroscado no pescoço; tudo empoeirado e jamais sacudido, revelavam bem a existencia desorientada e extravagante que viera naufragar n'esta especie de cubiculo, que deitava para um xaguão pequeno afunilado, que, á noite, se iluminava pelo sub-solo envidraçado e flammejante da padaria. Em frente da janella e á distancia de um braço, erguia-se uma parede sinistra, cujas cicatrizes musgosas traçavam hieroglyphos regulares, facilmente decifráveis, e

dizendo de alto a baixo e de lado a lado: doença, miseria... doença, miseria... miseria e doença.

«Olha quem ella é... Mas que boa ideá!...»

Henriqueta vinha entrando com um pão e o pratinho que o padeiro lhe punha a cozer no forno. E assim que soube do que se tratava, offereceu o seu quarto e a sua cama... Ella dormia no sofá, e a fazia passar por uma das suas tias de Christiania: «E verá como aqui se está bem e que excellentes creaturas são estes Magnabos... O dono da casa é livre pensador; mas uma cabeça, um fogo... A gente discute... e olhe que não ha creanças, sabe? E, em quanto ia conversando, atirava á tóa, para uma gaveta da commoda, os objectos que M.^{me} Ebsen trouxéra. Accendêra o candíeirinho de petroleo, e punha na mesa, no meio da papelada, mais um talher de estanho e um prato partido. Lorie deixou-as quando iam jantar, a mãe um tanto mais tranquilla, sentindo-se abrigada, e

Henriqueta sempre tagarela, menos excitada pelos acontecimentos, do que pelo ar de Paris, violento em demasia e barulhando para aquella pobre cabeça anemica.

A elle assutava-o Paris agora. Nunca lhe havia sondado o fundo e a perfidias, como hoje. Depois de jantar, voltava de vagar para a rua do Val de Grâce, e julgava sentir o solo abalado, minado por baixo dos seus pés. Eram possiveis, portanto, as coisas que se lêm. Todavia bem sabia elle que M.^{me} Ebsen não estava louca. Realmente atrever-se-hiam a sequestra-la, ou aquillo fôra apenas uma ameaça para a conservar quieta?... Alguem esperava por elle sentado na pedra da porta. Pensou no homem da vespera e com vivacidade perguntou, sem se approximar: «Quem está ahi?...» Respondeu-lhe a voz de Romão, rouca, baixa, angustiosa... Romão em Paris, áquella hora! Que mais haveria?... Eis o que se passára:

De manhã fôra-lhe intimada a demissão por irregularidade de serviço. Corrêra logo á repartição das Pontes e Calçadas, julgando haver engano; não pôde, todavia, obter outro esclarecimento, além que o despediam por irregularidade de serviço. Baraquino era nomeado para o substituir. Calcule-se como devia ser regular o serviço regulado por Baraquino!... Lorie tinha o nome á flor dos labios, nome que Romão lhe evitou de pronunciar. Tudo isto, vê, senhor, foram os Authemans... má gente, peor do que artilheiros...

Parece que, desde certo tempo, se declarára guerra entre o castello e a eclusa. Até o Nicolausinho, em uma das suas correrias, tendo-se aventurado no territorio inimigo, recebêra de Sylanira uma tal bofetada, que ficou a zunir uns oito dias, sem poder bulir comsigo. Seguiu-se a competente autuação do guarda campestre e

citação perante o tribunal de Corbeil. Entretanto isto não constituia um delicto para Romão, menos afflicto pela perda do logar, do que pelo facto de «não continuarem a viver juntos.» Os meninos voltariam para o senhor, e era inevitavel que Sylvanira voltaria com elles. Bem sabia elle, e antecipadamente se resignava; mas ainda assim... E como estavam dando horas, em S. Jayme, e como não queria perder o comboio, Romão despediu-se, comprimindo os olhinhos humidos e resumindo a seu modo a grande magoa que o atormentava: «Co'a breca monseur Lorie!...»

Em casa dos Magnabos era bem triste, bem isolada a vida de M. ^{me}Ebsen. Henriqueta passava os dias a percorrer conventos, sacristias, muito agitada pelos famosos decretos sobre as congregações, cuja proxima execução se annunciava. A pobre mãe, não se atrevendo a sahir, enregelava n'aquelle quarto, que todos os

seus cuidados não podiam tornar habitavel, e onde a sua turbulenta companheira, dez vezes por dia, entrava e sahia como um furacão. Que differença d'aquillo á casinha da rua de Val-de-Grâce! Não havia outra distracção além de decifrar as fendas da parede do xaguão... doença... miseria... ou então ir passar uma hora no atelier do visinho.

Magnabos, de Ariêge, homem gordo e atarracado, barbudo, entre os trinta e cinco e os cincoenta, palpebras de batrachio e voz grave de baixo cantante, era uma celebridade das reuniões publicas. Contava campanhas na sala da rua d'Arras, mas destacava-se, principalmente, na oração funebre. Não havia enterro civil, de certa importancia, em que Magnabos não pronunciasse um discurso; e, como estas cerimoniaes se não repetiam tanto quanto elle desejava, filiára-se n'uma loja maçonica, na liga dos livres pensadores, conservando-se á espreita em ambas

as sociedades, vigiando bem as pessoas de idade, os doentes, tomando-lhes a medida de uma oração funebre como se fôra de um caixão de pinho, sabendo precisamente o que poderia dar cada um, sob o aspecto do panegyrico. Com uma flôr de prepetua na flapella, a larga fita azul a tiracollo, ao vento, á chuva ao sol dos enterros de todas as estações, Magnabos trepava, pomposo, solemne, para cima do cômoro dos coveiros, e dizia alguma coisa. Grande coisa, não, mas alguma coisa em todo o caso.

Suavemente, isto descambava em sacerdocio. A sua linguagem tomava uncção, o seu gesto, auctoridade; elle o inimigo dos padres, tornava-se padre, padre do livre pensamento, cujos ritos seguia, bem como o formulario, e de que recebia as prebendas: bons almoços á custa dos parentes, indemnisações para transporte, porque Magnabos viaja para a oração-funebre, até Poissy, Montes,

Verno. Ah! se os livres pensadores soubessem o verdadeiro officio do seu pontifice, pintor de emblemas religiosos, e colorindo toda aquella estatuaria de cartão-pedra, que se ostenta nas frentes das lojas clericas das ruas Bonaparte e S. Sulpicio! Mas que querem, se é preciso fazer pela vida? Além disso, Magnabos occupava-se tão pouco dos seus «manitús» como elle lhes chamava. O verdadeiro decorador era sua mulher, que sabia do officio tão bem como elle.

Typo de operaria parisiense, de rosto lindo, estragado pelas vigílias e por atrozes dôres de cabeça, augmentadas pelo cheiro da resina e das grossas tintas que era preciso empregar, M.^{me} Magnabos ficava todo o dia e ás vezes bem tarde, pela noite dentro, deante de uma procissão de santos e de madonas, que chegavam com os olhos mortos e os labios brancos, como as suas cabelleiras e roupagens, e que ella dotava de

olhos azues em extase, com tunicas variadas, com aureolas d'oiro, rodeando lisos cabellos de acajú, e com todas as costuras constelladas de estrellas. Muitas vezes M.^{me} Ebsen installava-se junto da cadeira d'ella; divertia-se a vê-la colorir, recortar as suas grandes folhas de oiro para os ornatos, os emblemas applicados com mão leve sobre as estatuetas, untadas de resina e de oleo.

Ao mesmo tempo que ia despachando o trabalho, a operaria conversava do ultimo discurso de Magnabos, á beira da sepultura de um irmão, do seu triumpho e dos jornaes que falavam d'elle. E tão bom, sempre contente e do mesmo humor, até quando entrava com uma pinguita a mais, nos dias de enterro grande. Não, lá isso não havia mulher tão feliz como ella... E dizia isto, a valente, apoiando a cabeça na mão esquerda e fechando os olhos de dôr, emquanto

retocava a tiára de Santo Ambrosio... não, lá isso, mulher tão feliz não houvera nunca.

Só lhes faltava um filho; um rapaz, não, porque isto de rapazes safam-se sempre, mas uma menina que se chamaria MATHILDE, com os cabellos frisados como S. João, que estaria junto d'ella de manhã até á noite, na officina, onde ella se achava muitas vezes sósinha. Mas quê! na mais bella existencia ha sempre um desgosto...

«A senhora nunca teve filhos?» perguntou ella um dia á supposta tia de Henriqueta...

«Sim...» disse M.^{me} Ebsen baixinho.

«Uma filha?»

Não obtendo resposta voltou-se e viu a pobre mãe a suluçar, com o rosto entre as mãos.

«E' por isso que ella está sempre tão triste... e que não quer nunca sahir...»

E julgando que a filha da sua vizinha havia falecido, nunca mais, desde esse dia, M.^{me} Magnabos falou da sua *Mathildinha*.

Á noite vinha Henriqueta Brisse e ás vezes Magnabos, quando o trabalho apertava e que não havia reuniões por fóra. Na pequena officina, atravessada pelo tubo de cotevello do fogãozinho, rubro sempre, e roncando, não obstante haver passado o rigor do tempo, mas para que a tinta secasse mais depressa, o nosso homem, gordo, coloria ao lado de sua mulher, com os cabellos alizados, á força de pomada, a sua barba muito negra cahindo por sobre uma comprida blusa cinzenta, que elle enchia com a magestade sacerdotal de um padre russo, de rito grego; mas apesar do seu aspecto grave e pontifical, não deixava de gracejar... «Ora venha cá vocemcê para eu lhe colar uma auréola!» dizia a algum bispo, empunhando o baculo, e que punha deante

de si comicamente; a mesma zombaria repetida provocando a mesma gargalhada nos labios de sua mulher, e motivando o mesmo protesto de Henriqueta. «Oh! senhor Magnabos...» E começava a discussão.

O baixo profundo do orador funebre, a vozinha esganiçada da antiga boa irmã de caridade subiam, desciam, interrompiam-se; e, pelas altas janellas abertas para a rua populosa, onde rodavam os omnibus e as carroças, as palavras *Eternidade... Materia... Superstição... Sensualismo...* saham como pelas vitraes de uma igreja, com aquellas melopéas de prédica, em que a ultima syllaba se dilata. Ambos elles, o atheu e a crente, se serviam do mesmo dictionario, faziam citações dos santos padres da Igreja ou da Encyclopedia; com a differença que Magnabos se não exaltava como Henriqueta. Negava pontificalmente a existencia de Deus, pintado de

amarello de chromo, e enquanto o seu largo pincel tinha tinta, a barba de S. José ou as tranças da Santa Perpetua.

Lorie-Dufresne punha, ás vezes a sua nota pacificadora n'esse concerto. Tendo sondado, havia pouco, o protestantismo, tinha sobre aquella religião conhecimentos mui recentes, que elle exprimia com as reservas da sua linguagem administrativa, as suas intonações condescendentes, que exasperavam ambos os partidos contrarios, quando os pretendia acalmar.

Sentada a um canto escuro, para que não a vissem chorar, tão muda e tão inerte como as filas de santos que alinhavam, na parede branca, os seus perfis resignados, M.^{me} Ebsen pensava, tristemente, quão pouco importam as differenças de religiões, uma vez que os homens se sirvam d'ellas, todas indifferentemente, para acções más e injustas; e, como n'um mau sonho, ella ouvia

trovejar a voz de Magnabos, annunciando que haviam chegado os dias, em que os privilegios tinham acabado.

Magnabos enganava-se. Sobre a derrocada dos velhos privilegios, um só ficou de pé, que vale por todos elles, uma tyrannia mais alta que as leis e as revoluções, engrandecida com o formidavel derribar feito á volta d'ella: é a fortuna, a verdadeira força moderna, nivelando tudo, inconscientemente, e sem esforço. Oh! sem o menor esforço. E a pobre mãe, obrigada a esconder-se como uma criminosa, e o velho decano demittido, e o bom do Romão expulso vergonhosamente da eclusa, não suspeitam a que ponto os Authemans são alheios á sua desgraça. Tudo isso se realizou exterior e inferiormente a elles, pela força natural das coisas, pelo peso do dinheiro, o universal rastejar perante o idolo; e

emquanto se executam em seu nome estes actos vis e crueis, elles continúam a sua vida honrada e pacifica, M.^{me} em Porto-Salvador, na installação dos primeiros dias bonitos, e o banqueiro por detraz da sua rede metallica, na origem da onda crystallina, contínua, inexgotavel, que mantem o grande rio de oiro ao nivel das suas altas ribas.

Todos os dias, ás cinco horas, o coupé d'Authenan o vem buscar e a toda a velocidade o leva para sua mulher. Nada ha mais pontual que esta partida, pela qual os empregados acertam os relogios, despem a physionomia do ar sombrio que lhes impunha a presença do patrão. Por isso foi grande a surpresa, n'uma tarde de junho, ao vê-lo retirar do escriptorio logo após as assignaturas das tres horas. Vou para cima, disse ao passar deante dos caixeiros. Previnam-me quando Pedro tiver atrelado.

— O patrão não está doente?» Não, o senhor não está mais doente que nos outros dias. Devagar, com o gesto preocupado que taceia e atormenta o inchaço da face, elle sobe a escadaria cujos echos de velha igreja lhe devolvem o seu passo; arrastado e cheio de desanimo, entra no quarto cujas persianas fechadas e a ausencia de alcatifa e de guarnição tornam ainda mais vasto e solemne, atravessa o parlatorio das reuniões devotas, todos aquelles bancos empilhados ao longo das paredes cobertas de inscrições biblicas, em seguida o escriptorio onde se archivam cartões verdes bem arrumados, o salão pomposo, guarnecido de moveis do primeiro imperio, cobertos por capas semelhantes a vestidos d'aquelle tempo e pára, emfim, deante d'uma porta alta emoldurada com severidade.

A alcova de sua mulher!...

Ha quatro annos que esta porta se fechou, sobre uma felicidade que obstinadamente se lhe recusa. A principio pozeram formalidades, pretextos, fadigas, miserias femininas, que as mulheres invocam, quando já não querem; depois uma simples recusa inexpicada e o ferrolho corrido, bem solido n'aquellas piredes de d'outr'ora. Elle não protestou, não a querendo dever senão a ella mesma. Mas quantas vezes, de noite, não se deixou enregelar n'aquella grande sala, como além nos corredores de Porto-Salvador, a escutar a respiração igual e tranquilla da sua Joanna. E pensava de si para comsigo: «Está farta de mim... horrorisou-se... é o tédio...» e renovando as tentativas da sua mocidade, entregou a face aos cirurgiões; e a terrivel mancha rebelde a todo e qualquer medicamento. Não deram melhor resultado as operações. Escavado, extirpado, o mal renascia

cada vez mais hediondo e extendia-se, como enorme aranha livida, por todo um lado do rosto. Então, cheio de raiva, humilhando no seu coração o amor que já o não queria, Autheman resolveu-se a experimentar a devassidão.

Quando se soube, cá for a, que Autheman, o rico, se dispunha a ir á caça, não faltou quem batesse mato, o beijinho das reaes tapadas. Mas, a este delicado amator de uma mulher casta, faltava a iniciação do vicio. A primeira que lhe trouxeram, dezoito annos, succulenta e firme como um bello fructo, tomou-se de um terror, occultando o rosto nos braços nús, á vista do homem que era preciso amar.

«Tenho medo...» dizia ella em voz baixa e a tremer. E elle, movido de piedade por aquella carne branca de escrava, n'um bazar, disse: «Torna a vestir-te... receberás o dinheiro da mesma maneira.» Uma outra lançou-se lhe ao

pescouço envolvendo-o n'uma caricia apaixonada. A esta, te-la hia assassinado... Decididamente não ha para elle mais do que uma unica mulher, no mundo, a sua; e ella já não quer. Eis porque elle se decidiu a morrer.

Sim, a morte que é o supremo recurso dos desherdados; e uma morte enraivecida, feroz, vingadora, um d'estes suicidios de colera, pelos quaes é ensaguentado de restos humanos o angulo duro dos passeios das ruas e das cornijas, as grades de ferro em fórmula de lança das columnas commemorativas, expelindo a vida envenenada de miserias demasiado crueis, de padecimentos incuraveis n'um grunhido e n'uma blasphemia. Foi esta a morte que elle escolheu. Hade matar-se n'aquella mesma tarde, além, ao pé d'ella. Mas, antes disso, quiz, vêr ainda aquella alcova, pela ultima vez.

E' um quarto grande, forrado de seda alvadia um cambiante entre os revestimentos de madeira, com filetes entre doirados. Adivinha-se a immaterialidade da que alli vive, pela nitidez d'aquella tapeçaria, d'aquelles moveis acharoados da mesma côr, e tão frescos como na noite do casamento, ha onze annos... Pobre Autheman, sem pernome, que ninguem, nem mesmo sua mãe, pensou jamais em tratar por Luiz, pobre Autheman o rico, o pobre feio. Lançando-se impetuosamente sobre o leito dos seus amores, guarnecido como leito mortuario, que gritos de colera e de paixão elle não abafa, mordendo o travesseiro e agatanhando o cortinado! E quem julgaria, ao vê-lo chorar alto, como uma creança, que é o mesmo Autheman enluvado, correcto e glacial, que o seu creado encontra, passado um momento, na antecamara, em frente da gaiola do papagaio.

Todos os annos a gaiola e o passaro faziam a viagem para Porto-Salvador, com grande escandalo de Anna de Beuil, furiosa por ouvir aquelle bico recurvado de velha heretica a chamar «Moysés... Moysés...» sob as sombras evangelicas. D'esta vez, voluntaria ou involuntariamente, o papagaio fôra esquecido; e ei-lo deitado n'um canto da gaiola, com a cabeça pendida, os pés convulsos e inteiriçados, deante do espelhinho partido que reflecte o bebedeiro sem agua e comedeiro vazio. Já não chama por Moysés; já nada resta d'Israél, na casa do renegado. Autheman contempla isto por um momento, passa sem colera, e, friamente, disse para o cocheiro, olhando para o relógio:

«Tenho pressa Pedro...» O coupé roda, fere fogo nas pedras da calçada, nas ruas, nos caes, e no triste arrabalde de Ivry, ennegrecido todo com as suas carvoeiras, com os seus casebres

operarios, e com o fumo pesado das officinas. Bairro de miseria e de revolta, onde as raras carruagens, que passam, recebem pelas portinholas mãos cheias de esterco e de lama. Mas o coupé do banqueiro, bem conhecido do povo d'Ivry, desde muito que faz o trajecto, nada tem a receiar do exterior. Vão corridos os stores, o trem fechado como um cobiculo de leproso, até mesmo quando o caminho se estreita entre as cazas e os trigaes, as planicies ondelosas e doiradas, sob um sol esplendido de junho. E' assim que elle viaja este ricaço, liberto apenas quando o portão de grades gira sobre os gonzos e que pode aspirar então o aroma de mel paulonias a fluctuar no silencio entorpecido de Porto-Salvador.

— Onde está a senhora?... — perguntou elle, enquanto o cavallo sopra pelas ventas, luzidio e altivo, prateando a barbella de espuma.

— No parque... No banco de Gabriella...

N'aquelle banco musgoso, circular que junta, no alto as duas rampas da escadaria, e que se occulta, como um ninho, entre os ramos de uma velha tilia, sem duvida que a bella Gabriella fallou de amôr, e suspirou os gorgeios e phrases enamoradas, por tardes como aquella, em que se sentia o zumbir das abelhas e em que tudo transudava quentes efluvios. Para Joanna Autheman é um simples observatorio. Quando ella não está no Retiro, em colloquios com Deus, vigia d'alli, por entre a ramaria, o serviço domestico o alinhamento correcto das ruas do jardim, dos alegretes em flôr e a horta, cujas campanulas de vidro luzem ao longo do caminho. Os creados sabem isto, e quando a «Senhora está na sua arvore» o palacio parece ainda mais ordem, mais severo que de costume.

«A alma que se quer unir com Deus deve esquecer todas as coisas creadas, todos os entes mortaes...»

E' a voz fria de sua mulher que o banqueiro escuta ao subir os altos degraus, que vão formando curva. Respondem-lhe os soluços da Watson, da pobre Watson, que voltára da sua missão com maior magoa e mais dolorosa que nunca, oppressa pela saudade dos filhos, que no seu coração se enraiza e clama. Joanna indigna-se e reprehende, sem se comover com essas lagrimas, porque ella recebeu de Christo o *dom da força*.

— Bons dias, disse ella ao marido, dando-lhe a face muito depressa para continuor a conversação em que estava; mas elle, em tom auctoritario:

— Tenho que lhe dizer, Joanna...

Pelo brilho extraordinario dos olhos, pela maneira nervosa com que elle lhe apertou a mão, comprehendeu ella que soára a hora da explicação, tantas vezes adiada.

— Vae, minha filha disse ella á Watson; espera com a expressão fatigada e de assombro da mulher que não ama e sabe que lhe vêm falar de amor.

Sentado ao lado d'ella no mesmo banco, Autheman murmura:

— Porque é, Joanna, que me retira a sua mão? Porque retoma o que me havia dado?... Sim, bem comprehende... Não deite para mim esses olhos que mentem... Era minha, porque se recusa agora?

Em seguida, com palavras precipitadas e ardentes, procura fazer-lhe comprehender o que ella foi na existencia d'elle. Após uma infancia solitaria e enferma, a mocidade sem alegria, acompanhado pelo receio de ser visto; e nas horas em que emergia o desejo de amor e de conquista a sensação atroz do insecto hediondo que foge por baixo das pedras, receioso de que os esmaguem.

Finalmente, appareceu-lhe ella um dia, e era tanta a luz que irradiava, que se sentiu reanimado

vivificado. Até mesmo os seus tormentos de amor, a angustia — quando a via sob as arvores das ruas do jardim, com Déborah — a angustia de pensar: «Nunca ella me aceitará...» até mesmo isso lhe parecia de grande suavidade, pois emanava d'ella.

— Lembras-te, Joanna, quando minha mãe te foi pedir?... Passei a tarde, aqui, n'este banco, a esperar por ella. Oh! sem impaciencia e muito tranquillo. Simplesmente dizia de mim para comigo: Se ella recusar, eu morro... Eu sabia como: e as minhas disposições estavam tomadas... Pois bem, olha para mim. Bem sabes que não faço phrases... Aqui me tens, deante de ti, como ha onze annos, muito firme na minha vontade de morrer por uma recusa, escolhida a hora, o sitio... Decide.

Bem vê Joanna, que elle está serio e sincero, e foge de pronunciar o que no entanto, póde lêr na decisão dos seus olhos, na contracção instinctiva

de todo o seu ser. Ella chamava-o, com brandura, aos sentimentos christãos á fé que acalma, á lei de Deus que acalma, á lei de Deus que prohibe attentar contra nossos dias...

— Deus!... Mas o meu Deus és tu...

E elle, brotando-lhe dos labios mais beijos do que palavras, n'um balbuciar apaixonado:

— Deus é a tua bocca, o teu alito, os teus braços que me cingiam, os teus hombros nús, sobre os quaes eu dormi... N'aquelle templo onde me levaste, lidando com aquelles algarismos que me têm queimado os olhos, nunca pensei senão em ti. Eras a minha coragem no trabalho, o meu fervor na oração. E agora não queres saber de mim para nada... Como queres tu que eu viva?...

Ella ergue-se, indignada por ousarem, blasphemar assim na sua presença. Sobe-lhe a côr ao rosto, o fogo d'aquella ira santa, permittida pela Escriptura...

Encolerisae-vos e não pequeis.

— Basta, nem mais palavra... Julgava que me tinha compreendido... Deus e a minha obra!... O resto não existe já para mim...

E está assim formosa, estremecendo toda, ella que nunca se commove; ramusculos pallidos de tilia tinham-lhe cahido sobre os cabellos negros, n'uma desordem que lhe ficava bem.

Elle admira-a por um momento; crava n'ella os olhos, terriveis d'uma ironia que deslisa sobre a faixa de seda preta, que lhe occulta parte do semblante. Era Deus realmente o obstaculo? ou a sua monstruosa fealdade?... Em todo o caso elle conhece-a, E' um «não» implacavel.

— Bem sabia disse elle erguendo-se e volvendo ao seu tom habitual, pensando e frio, o tom dos negocios. Bem sabia que era inutil este passo; mas que que entre nós não houvesse um mal entendido.

Deus dois passasos para se retirar em seguida pára:

— Então nunca mais?...

— Nunca.

Onde vae elle?... Viu o relógio e apressou-se a caminho de casa, como quem receia faltar a uma entrevista... Pois bém deixa-lo ir. Deus castiga o espirito rebelde... Sem mais se importar com elle, reza para acalmar o seu estremecimento intimo, e para desvanecer a macula que deixou, em sua alma, aquelle brutal appello para a terra. Reza e tranquillisa-se, enquanto cae a noite, em calafrios, sobre os ramos; e os vóos das grandes phalenas substituem as sphinges, sobre os gremios do jardim, extinctos a pouco e pouco, desaparecidos em uma noite em que não ha lua, ainda. Era apenas visivel a linha ferrea, recta e lisa sob o clarão retumbante de dois globos de fogo, que se viam na curva do Sena.

O expresso da noite!... Passa trovejando, como um relampago; e Joanna, para quem elle é o signal de jantar e que desce os degraus muito devagar, quando chega ao ultimo versiculo de sua oração, vê-o desaparecer nas trevas sem suspeitar que elle acaba de a fazer viuva.

Encontraram-no, n'aquella mesma noite, n'um vaevem de lanternas azafamadas, entre os comboios ascendentes e descendentes. O seu chapéu, a sua bengala e as suas luvas estavam cuidadosamente collocados na rampa do terraço. O corpo fôra arrastado para longe, esmagado, espalhado para todos os lados da via; só a cabeça ficará intacta, e fóra da faixa protectora, mais visivel e mais espantosa do que nunca. E o mal immundo, a aranha de compridas patas ávidas, e sempre viva, encarniçava-se sobre a sua victima.

XVII

Amemo-nos muito... e nunca mais nos separemos

MADAME Ebsen começava a sahir e a tranquilisar-se. Os Arlotos tinham voltado a Paris e lhe seviriam de protectores, admittindo que alguém pensasse, em mette-la no hospital dos doidos. Bastava que se conservasse bem tranquilla, pois o terrivel caso do banqueiro, a coragem digna de sua mulher, a sua intelligencia superior em retomar a direcção dos negocios, como verdadeira nora da velha Autheman, tudo isto abalava a opinião publica em seu proveito. Além d'isso, a pobre mãe estava transformada agora, abatida pelo medo e por aquella especativa misturada de esperança que durára mezes; de boa vontade diria como a camponhia d'além e no mesmo tom fatidico:

— Não ha nada a fazer...

Não se atrevendo ainda a voltar para a rua de Val-de-Grâce, continuava a habitar sósinha o quarto de Henriqueta, que exausta de recursos, acabava de partir para Podolia. Ella mesma, gastas, quasi de todo, as suas pequenas economias, tivera de tornar a encarregar-se d'algumas lições antigas. Era a sua distracção, durante o dia; mas, as longas noites, quasi lhe faziam suspirar pela sua turbulenta amiga, principalmente depois da doença de Magnabos. O orador funebre, tendo apanhado um resfriamento no ultimo enterro, estava com uma forte constipação, acompanhada de febre e de tosse cavernosa, saccudindo, com os seus violentos accessos, os santos nas suas peanhas. Prohibiam-lhe que falasse; e M.^{me} Magnabos, ao mesmo tempo que doirava e coloria, devia soffrer o genio furioso do seu doente, enraivecido

pela idéa de que os confrades iam morrendo e se enterravam sem elle.

Tristeza por tristeza, M.^{me} Ebsen deixava-se ficar no seu caminho, deante das taes fendas da parede, que abriram cada vez mais; e o pensamento da filha, que n'ella penetrára despoticamente, desde que já não receiava a jaula dos doidos, a persegue sem cessar. «Onde está ella? Que fará?» Não recebendo já cartas d'ella, relia as antigas, tão friamente crueis, aquelle bilhete postal, atravez do qual escreveu: *Ultima carta da minha filha*. Com isso mesmo ella se contentaria, com uma linha, com uma palavra: Elina.

Tambem Lorie lhe faltava, porque fôra chamado, havia dias, a Amboise, por amor de herança dos Gailletons, fallecidos ambos com duas semanas de intervallo. Na ausencia, ella ia a occutlas saber, a casa da tia Blot, se havia noticias; mas não se demorava, privava-se de subir até aos

seus aposentos, e até mesmo de beijar Mauricio e Fanny que tinham ficado em Paris, com Sylvanira. Sempre o receio de pessoas embuscadas, para a prenderem, a faziam olhar para traz uma duzia de vezes na rua deserta.

Um dia, como abrisse uma fisga da porta com o seu eterno e triste: «Não ha nada para mim, tia Blot?...» a porteira acudiu impetuosamente com uma expressão desusada:

«Sim senhora... sim senhora... a sua filha está lá em cima... Chegou agora mesmo...»

Onde achou forças a pobre mãe para subir, para dar volta á chave que ficará na porta, e para se arrastar até á sala?...

«Minha filha... minha querida filha...»

Estreitára-a nos braços, chorava devagarinho, nos cabellos d'ella, sem falar, enquanto Elina se deixava abraçar, branca e fria, e tão magra, o seu miseravel e fluctuante waterproof.

«Oh! A minha Linasinha» murmurava a mãe, afastando-se um pouco para a vêr «mudaram-m'a a completamente não parece a mesma».

E agarrando-se-lhe novamente ao pescoço, com a aspiração soluçada do afogado que bebe o ar e a vida:

«Não te vás embora outra vez... Isso faz-me muito mal...

Chegada á filha, para que as suas censuras fossem attenuadas por caricias, contava-lhe ella a sua grande mágoa, as suas desvairadas correrias, e como a tinham querido prender por doida.

«Cala-te, cala-te» dizia Elina... Permitti-me Deus que voltasse; dêmos-lhe graças sem nos lamentarmos...»

— Sim, sim, dizes bem...

Como tinha a filha ao pé de si, esquecia tudo o mais. Até o infame Birk, se entrasse alli, ella o teria abraçado, e seria capaz de lhe beijar essas

barbas de Judas... Imaginem! Tê-la, possui-la, ouvir-lhe os passos na casa resuscitada, com todas as persianas abertas; segui-la de quarto para quarto, no reboliço caseiro da chegada, abriram ambas as malas e as gavetas, sentaram-se diante do jantarinho improvisado, a cruzarem-se as mãos e os olhares, como d'antes, apertando-se por cima da mesa. Haveria, acaso, rancor ou colera que se não desarmasse em presença de tamanho enlevo!

No jardim, doirado por um bello sol poente, ouviam-se as risadas e as brincadeiras dos pequenitos Lories, que se entretinham a forragear as guarnições e as platibandas em volta dos canteiros, desde que um grande letreiro: «Aluga-se» pendia sobre a casa fechada do pastor. Mas Elina não pensava n'elles, não distinguia mesmo os gritos dos pardaes do arvoredado; e M.^{me} Ebsen, ignorando as intenções d'ella, não ousava fallar-lhe do passado, com receio de a assustar, de

quebrar aquella fragil e imprevista felicidade. Ha transes d'estes, nos sonhos demasiadamente bellos.

Apenas se tratou do decano. Pobre homem! Que dôr d'alma não devia ter sido, o arrancar-se áquelle canto pacifico, áquelle jardim plantado por suas mãos, abandonar as suas queridas rosas dobradas e a sua cerejeira, da qual elle colhia, com tantas precauções, alguns fructos um tanto azedos, verdadeiras cerejas de Paris, cobertas de poeira negra e que era preciso enxugar e lavar antes de pôr na mesa! E M.^{me} Ebsen imaginava vêr o velho casal caminhando atraz da mobilia, tambem já gasta do serviço, e pedindo apenas repouso; via-o acampando em qualquer parte, na provincia, em casa dos filhos casados, enquanto esperava encontrar um modesto curato, e todas as privações dos primeiros annos. Tudo isto por causa d'ella, por ter ousado, sósinho, em Paris,

levantar a voz contra a crueldade e contra a injustiça.

«Ah! Linasinha, se tu o ouvisses n'aquelle templo! Como era bello, como o sentiamos bem com Deus... Terias voltado bem depressa, minha má...» E receiando tê-la feito zangar, pegava-lhe na mão, que graciosamente beijava por cima da mesa: «Isto é brincadeira, bem sabes...»

Elina, sem responder, continuava distrahida, absorta, estampando-se-lhe no rosto pallido o soffrimento e o cançasso. A mãe pensava: «E' da viagem...» E, não obstante o seu mutismo, interrogava-a, curiosa de saber d'onde vinha a sua filha, mas obtendo apenas palavras vagas, embaraçosas... Em Zurich tinha estado um mez doente... Em Manchester havia feito muito bem... E de vez em quando proferia uma phrase da Biblia, uma exhortação piedosa: «Soffrâmos em Christo, minha mãe, e reinaremos com elle.»

E a mãe a pensar outra vez: «O' a minha Linasinha, mudaram-m'a, não parece a mesma.»

Emfim, o essencial era tê-la alli, bem perto na sua alcovasinha para onde Lina se recolhia muito cedo, pretextando a fadiga, enquanto M.^{me} Ebsen velava, pelo contrario com pressa de tornar a installar-se, de voltar aos seus habitos na querida casa abandonada havia tanto tempo, e parava a todo o instante, no meio das suas arrumações, com o sentimento delicioso da paz, que recuperára de novo, da casa cheia, ao cabo de tantas horas de desespero e de solidão.

A rua dormia. Por cima das arvores dos jardins, Saint-Jacques-du-Haut-Pas enviava a grave toada das horas, e Bullier os retornellos entrecortados dos seus violinos. Mais nada se movia no quarto de Elina. Todavia, lá dentro ainda havia luz.

«Quem sabe se se esqueceu de apaga-la...»
pensou M.^{me} Ebsen, que entrou nas pontas pés. Elina estava de joelho no chão da alcova, com a cabeça curvada, os braços abertos n'um rígido movimento de invocação. Ao ouvir a porta ranger, disse com aspereza, sem se voltar:

— Minha mãe, deixe-me com Deus...

A mãe correu para ella, e abraçou-a como louca.

— Não, não, isso não, minha querida filha... não te agastes... tornavas a ir-te embora outra vez...

E de repente desligando-se d'ella, cahiu de joelhos com todo o peso do seu corpo volumoso:

— Aqui tens! eu rezo contigo... Dize em voz alta o que é preciso dizer...

Quando o sol dá em cheio n'um predio, chega a todos os andares. Aconteceria o mesmo com a felicidade? Dois dias depois da chegada de Elina, recebia M.^{me} Ebsen uma carta de Lorie,

communicando-lhe que, decididamente, herdava dos primos Gailletons.

Os rendimentos d'elles eram vitalicios; mas ficava-lhe a casa e a vinha com a fazenda, onde ia instalar as creanças, Romão e Sylvanira. Era de lá que elle escrevia, do quarto da sua martyr, dando para a enorme torre do castello. Mauricio continuaria os seus estudos para a escola naval, no pequeno collegio de Amboise. Pobre alumno do Borda, victima da vocação! Depois d'estas noticias, dadas timidamente, n'um post-scriptum Lorie-Dufresne accrescentava:

«Tornou a encontrar sua filha. Penso que, se n'essa immensa alegria que teve agora, houvesse um pouquinho para mim, a senhora m'o teria communicado. Mas desejo que saiba e que lhe diga que o meu coração não mudou e que os meus filhos continuam sem mãe.»

Eis aqui, na sua terna ingenuidade e no seu phrasear estrangeiro, a resposta de M.^{me} Ebsen:

«Lorie, meu amigo, é e não é já a minha filha. Docil e submissa, prompta a tudo o que se quizer, mas fria, desprendida, como se n'ella tivesse quebrado alguma coisa. E' o seu coração que parou. A's vezes agarro-a, e conservo-a nos braços d'encontro ao meu corpo, para aquecer, e grito-lhe:

«Mas eu só te tenho a ti, minha querida filha... E o que é a vida, se já nos não amamos? Ella não responde, ou me diz que é preciso que nos amemos em Deus e que a salvação das nossas almas é sómente o que tem importancia. E não se occupa de outra coisa, e em nossa casa todo o seu tempo se passa em rezas e leituras edificantes.

«Nos primeiros dias, ella foi visitar todas as nossas amigas, e appareceu por toda a parte; mas agora já não sahe e não fala em recommençar as suas lições. Não sei o que ella tenciona fazer, e,

entretanto, vou trabalhando por duas. Oh! enquanto ella quizer, Deus meu; tenho vinte annos desde que ella cá está... Com respeito ao sr. Lorie, tambem as coisas não correm bem. Quando recebi a sua carta, fui buscar Fanny, que ella ainda não tinha visto. Esperava abrir-lhe o coração, com as graças da creança, a sua gentileza infantil, os seus finos cabellos que ella tanto gostava de pentear. Pois, bem! acolheu-a como se fosse uma extranha, com um d'aquelles beijos glaciaes, que ella me dá; não tem feito senão falar de Deus, da necessidade do Evangelho, á pobre pequenita, a tremer de medo...

«Todavia, ainda não perdi toda a esperanza de curar a minha filha d'aquella terrivel doença, de já não amar coisa nenhuma; é questão de tempo e de ternura. Veja: a noite passada, eu estava a chorar baixinho, na cama, porque, emfim, isto de perder uma filha, estando ella viva, custa muito, lá isso custa. Julguei ouvir um lamento, no quarto ao lado.

Levanto-me, corro para Lina, deitada, ás escuras, e sem dormir.

«Que tens tu, meu amor?... «Não tenho nada, absolutamente nada...» e beijando-a, sentia-lhe as faces molhada de lagrimas frias.

«Ah! meu amigo, haverá coisa mais triste do que esta mãe e esta filha, chorando sem dizerem nada uma á outra, com as trevas da noite entre ambas?... Seja como fôr, ella chorou; talvez seja o coração que lhe revive. E se ella me restituisse o seu coração, ella o daria ao senhor e aos seus filhos tambem...»

Estava-se a 15 de julho, cerca de tres semana depois do regresso de Elina a casa de sua mãe. M.^{me} Ebsen, acabando de dizer adeus á ultima das suas alumnas que ainda ficava em Paris, dera uma volta para saber noticias de Magnabos.

«Mal, muito mal... murmurava, agonisante do fundo da sua poltrona, o orador funebre que estava

aphonico; e voltando-se, a custo, para sua mulher que inundava de lagrimas silenciosas o manto azul de S. Rigoberto: «Sobretudo, peço-t'ó eu, nada de discursos á beira da minha sepultura... Não quero lá d'isso... Não ha nenhum ahi que saiba falar.»

Em seguida, exaltando-se a proposito da festa nacional da vespera.

«Hein, M.^{me} Ebsen, viu?... Era bello... Gritaram!... Estavam contentes!

«Sim, eu ouvia isso de longe, mas não vimos nada... A Lina não quiz sahir de casa...»

— Magnabos indignava-se:

«Não quiz sahir... todavia é a nossa festa, a festa dos pequenos, a festa do povo, o fim das superstições e dos privilegios...

— Meu amigo... meu amigo...» dizia a pobre M.^{me} Magnabos, receiando ver-lhe sangrar o seu ultimo pulmão. E os seus olhos supplicantes

despediam M.^{me} Ebsen, que tornava a passar pelas ruas empavezadas de bandeiras, emblemas, grinaldas folhudas, molhadas por um aguaceiro de trovoadas.

Talvez fosse pela vista d'aquelle moribundo, a magua de sua corajosa mulher, talvez tambem a tristeza d'aquelle dia seguindo-se a outro de festa; o que é certo é que M.^{me} Ebsen se sentia invadida por um mau estar, com as pernas flaccidas da fadiga que ficava no ar entorpecido. Luxemburgo que ella atravessou pareceu-lhe immenso e sinistro, com o madeiramento desguarnecido dos seus estrados, grandes postes verdes fendidos e ennegrecidos, d'onde pendiam os candelabros tricolores das tigelinhas de azeite. Grossos balões de papel, côr de laranja, rolavam por terra ao pé das arvores calcinadas, n'uma poeirada de baile campestre, que fluctuava ainda... Caminhava apressada; tardava-

lhe o fugir a essa tristeza da rua, e vêr-se em casa, aos abraços á sua rica filha.

«Lina!... Lina!...»

O quarto de Elina, fechado á chave, só se abriu quando chamou pela segunda vez, apparecendo-lhe a filha, de pé, já prompta para sahir e mais branca ainda de que costume, na larga fita preta que lhe atava o chapéu por baixo da barba. Junto d'ella, e em cima de uma cadeira, a pequena mala e varios objectos de viagem.

— Elina... Que vem a ser isso?...

— Deus chama por mim, minha mãe... vou-me para elle.

Oh! d'esta vez a mãe não teve um grito, nem sequer uma lagrima. Comprehendia a comedia infame, e como, para responder á accusação do velho Aussandon, tinham consentido em que Elina viesse alguns dias para sua casa, apparecendo perto

da porta, afim de provar que era livre, e não estava sequestrada nem coacta.

Depois obtida a impressão, com o risco de matar a mãe, ala! a caminho!...

Era demasiado, afinal...

«Pois bem, vae... já não tenho filha...»

Ella disse isto, em voz soturna, com uma expressão terrível. Depois, as duas permaneceram erectas, sem dar palavra, sem olharem uma para a outra, á espera da carruagem que tinham ido chamar...

Foi longo, foi rapido, foi incommensuravel como o minuto em que se morre.

«Adeus, minha mãe... eu te escreverei... » disse Lina.

E a mãe apenas respondeu: «Adeus.»

Machinalmente, as suas faces roçaram uma pela outra, n'um beijo fugidio e glacial, como a lage de um templo. Mas n'este leve contacto, alvoroçou-se

a carne, chamou, e lá muito no fundo de Elina, no que n'ella ainda restava de sua filha, a mãe percebeu o arranco abortado de um soluço.

«Então, fica!...»

E extendia os braços para ella, a mais não poder. Mas Elina, desvairada com a voz rouca:

«Não, não, pela tua salvação, pela minha... eu, salvo-te, despedaçando-nos...»

...M.^{me} Ebsen, immovel, no mesmo sitio, ouve aquelles passos ligeiros, que se afastam pela escada abaixo.

E sem a filha se debruçar á portinhola, nem a mãe erguer a cortina, para trocarem um ultimo adeus, o trem segue rodando, torneja a rua, e perde-se entre mil outros, no burborinho de Paris.

E não tornaram mais a vêr-se... Nunca mais.

FIM

ISBN: 978-1-387-47625-1